



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

TAIS FRANCISCON

**OS ROMANCES DE MARIA EDGEWORTH: DO REINO
UNIDO AO BRASIL NO SÉCULO XIX**

**CAMPINAS,
2018**

TAIS FRANCISCON

**OS ROMANCES DE MARIA EDGEWORTH: DO REINO
UNIDO AO BRASIL NO SÉCULO XIX**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em Teoria e
História Literária, na área de História e
Historiografia Literária**

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu

**Este exemplar corresponde à versão
final da Dissertação defendida pela
aluna Taís Franciscon e orientada pela
Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu**

**CAMPINAS,
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

F847r Franciscon, Taís, 1992-
Os romances de Maria Edgeworth : do Reino Unido ao Brasil no século XIX / Taís Franciscon. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Márcia Azevedo de Abreu.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Edgeworth, Maria, 1768-1849 - Crítica e interpretação. 2. Ficção inglesa - Séc. XIX - História e crítica. 3. Livros - História. 4. Escritoras inglesas - Séc. XIX - Historiografia. 5. Escritores e leitores - Brasil. I. Abreu, Márcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Fiction works by Maria Edgeworth : from the United Kingdom to Brazil in the 19th century

Palavras-chave em inglês:

Edgeworth, Maria, 1768-1849 - Criticism and interpretation

English fiction - 19th century - History and criticism

Books - History

Women authors, English - 19th century - Historiography

Authors and readers - Brasil

Área de concentração: História e Historiografia Literária

Titulação: Mestra em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Márcia Azevedo de Abreu [Orientador]

Alexandro Henrique Paixão

Leonardo Pinto Mendes

Data de defesa: 28-02-2018

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária



BANCA EXAMINADORA:

Márcia Azevedo de Abreu

Alexandro Henrique Paixão

Leonardo Pinto Mendes

**IEL/UNICAMP
2018**

Ata da defesa, com as respectivas assinaturas dos membros da banca, encontra-se no SIGA - Sistema de Gestão Acadêmica.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, pela inspiração em sua trajetória e por guardar tanto amor dentro de si; à minha irmã, pelo companheirismo e admiração recíproca; ao meu pai, pelo incentivo e apoio.

Aos membros do Projeto Temático “A circulação transatlântica de impressos – a globalização da cultura no século XIX”, aos que ainda estão pelos corredores do instituto e aos que já se foram. São muitas pessoas queridas, obstinadas, e apaixonadas pela pesquisa que me acompanham desde a graduação – agradeço especialmente Beatriz Gabrielli, William Tognolo e Larissa Assumpção. Obrigada pela leitura dos textos, pela paciência e por compartilhar seus resultados e experiências comigo. A pesquisa acadêmica é menos penosa e bem menos intimidadora tendo um time como esse. À professora Márcia Abreu, pela disposição, pelo amparo nas crises criativas e por ser tão prestativa sempre (tenho muita sorte por tê-la ao meu lado nesses anos todos).

Aos funcionários e às instituições que tanto me ajudaram nessa pesquisa: biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (da Unicamp), Real Gabinete Português do Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Edgard Leuenroth. À equipe que trabalha no desenvolvimento do banco de dados CiTrIm e da ferramenta DLNotes2. Aos responsáveis pelo British Fiction Database, Women Writers Review, Internet Archive e Hemeroteca Digital Brasileira. Sem dúvidas, iniciativas e instituições como essas são indispensáveis para o desenvolvimento da pesquisa científica e para a disseminação de informações.

Aos professores do Instituto de Estudos de Linguagem e da Universidade Estadual de Campinas como um todo: a educação pública, gratuita e de qualidade é um dos ideais mais bonitos e vocês ajudam a torná-lo realidade todos os dias.

Às agências de fomento *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES*; e *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP*, pelos auxílios financeiros oferecidos, essenciais para a realização desta pesquisa.

Resumo

Embora tenha sido uma célebre autora de romances e contos, além de ensaios políticos e educacionais, as obras de Maria Edgeworth (1768-1849) permanecem frequentemente ignoradas ou menosprezadas pelas historiografias mais tradicionais. Seus romances chegam ao Brasil em língua francesa e inglesa, constando tanto em bibliotecas destinadas a públicos amplos, como na Biblioteca Fluminense, quanto em bibliotecas reservadas à elite, na coleção da Família Imperial Brasileira. Além disso, a figura de Maria Edgeworth aparece nos jornais brasileiros como “célebre romancista” e “educadora inglesa”. *Educação familiar*, livro de contos infantis, é a única tradução brasileira das obras de Edgeworth. Vinculado ao Projeto Temático “A circulação transatlântica de impressos – a globalização da cultura no século XIX”, esta pesquisa analisa o movimento de produção e circulação das obras de Edgeworth entre Reino Unido e Brasil – bem como da circulação de discursos sobre a autora. Com o uso da ferramenta DLNotes2, há uma análise de algumas das críticas literárias que as obras de Maria Edgeworth receberam no Reino Unido.

Palavras-chave: Maria Edgeworth. Romance. Século XIX. História do livro. Literatura britânica.

Abstract

Even though she was a well-known author of novels and tales, along with political and educational essays, conservative historiographies frequently ignore or overlook the work of Maria Edgeworth (1768-1849). Her novels were available in Brazil in English and in French, both in popular libraries, such as the Biblioteca Fluminense, and in collections reserved to the elite, the Imperial Family of Portugal. *Educação Familiar*, a collection tales for children by Edgeworth, is the only Brazilian translation of her work available. Besides that, she was portrayed as a “famous novelist” and as “a british educator” in Brazilian newspapers. As part of the research group “The international circulation of books – the globalization of culture in the 19th century”, this research aims to analyze the movement of production and circulation of works by Edgeworth between the UK and Brazil. This work also explores her critical reception in the UK, by using DLNotes2, a database that helps to analyze her critical response.

Keywords: Maria Edgeworth. Novel. 19th century. History of books. British literature.

Sumário

Introdução	10
-------------------------	-----------

Capítulo 1. A Circulação de Romances no Século XIX: Revisão Bibliográfica e Biografia de Maria Edgeworth

1.1. A circulação transatlântica de impressos: do Reino Unido ao Brasil, uma ponte francesa e portuguesa.....	24
1.2. Mulheres e romances, questões de gênero.....	28
1.3. “Escravas do vício”: romances, moralidade e a crítica literária.....	32
1.4. Uma biografia de Maria Edgeworth.....	44

Capítulo 2. Maria Edgeworth, a “Favorita dos *Literati*” e “Excelente Mulher!”

2.1. Os romances de Maria Edgeworth.....	52
2.2. Análise das críticas literárias britânicas das obras de Maria Edgeworth via DL Notes 2: avaliação dos críticos	70

Capítulo 3. Uma romancista britânica no Brasil

3.1. Presença de romances de Maria Edgeworth no Brasil93

3.2. Menções a Maria Edgeworth nos periódicos brasileiros102

Capítulo 4. A Educação pelo Romance: A Circulação Transnacional da Literatura Infantil Britânica

4.1. A literatura infantil e a noção moderna da infância: ideias transnacionais ...118

4.2. Os livros infantis de Maria Edgeworth125

4.3. Análise de *Educação Familiar*130

Considerações finais140

Referências Bibliográficas150

INTRODUÇÃO

Franco Moretti abre seu ensaio “O matadouro da literatura” listando os romances que aparecem na primeira página do catálogo de 1845 da *Columbell’s circulating library*, um tipo de biblioteca que aluga seus romances por um preço fixo no lugar de vendê-los, sendo uma opção mais acessível do que constituir acervos privados para os leitores de então. Entre os 41 títulos com as letras A e B, encontramos, por exemplo, *Augustus and Adelina*, *Arabian Nights*, *Adventures of a French Sarjeant*, *Astrologer*, *An Old Family Legend*, *Bridal of Donnamore*, *Beggar Girl*.¹ Sobre eles, Moretti conclui: “atualmente, apenas alguns desses títulos soam familiar. Outros, nada. Acabaram”.²

A sensação de estranhamento diante da lista descrita por Moretti é corriqueira a qualquer pesquisador que se dedique à história do livro e da leitura. Quem se propõe a investigar fontes como catálogos de livrarias, bibliotecas, gabinetes de leitura e leilões, ou anúncios de livros à venda em jornais, perceberá que todos parecem, em certa medida, compilações de nomes desconhecidos. Ilustres desconhecidos, sendo mais precisa; basta analisar com atenção para ver que há nomes que se repetem. Alguns persistem por anos; certamente marcaram diversas gerações de leitores. Outros têm uma explosiva proliferação e depois desaparecem; sinais de que foram aproveitados por gerações específicas.

Moretti adapta o aforismo de Hegel “o mundo é o matadouro do mundo” para a literatura. Afinal, “mesmo se nós elegermos 200 romances para o cânone literário britânico do século XIX, o que é um número alto, eles ainda representariam apenas 0,5% de todos os romances publicados no período. E os outros 99,5%?”.³ O projeto temático “A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX”, coordenado por Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier, interessou-se por 100% dessas obras.

¹ MORETTI, “The slaughterhouse of literature”, 2000.

² IDEM, p. 207. Tradução minha de: “But today, only a couple of titles still ring familiar. The others, nothing. Gone”.

³ IBIDEM. Tradução minha de: “(...) if we set today’s canon of nineteenth-century British novels at two hundred titles (which is a very high figure), they would still be only about 0.5 percent of all published novels. And the other 99.5 percent?”.

Com o intuito de conhecer melhor os materiais de leitura que circularam entre Inglaterra, França, Portugal e Brasil no “longo século XIX” (de 1789 a 1914, conforme a proposta de Hobsbawm),⁴ os pesquisadores identificaram a produção de obras literárias, sua recepção (seja por parte da crítica especializada, seja por parte do público leitor) e circulação.

Por conta do volume de materiais explorados pelos pesquisadores do projeto, bancos de dados e pesquisas quantitativas têm sido úteis para encontrar vestígios de bibliotecas esquecidas e compreender seu sentido – é o caso do CiTrIm, o banco do Projeto Temático, e o Digital Library Notes 2 (conhecido como DLNotes2), desenvolvido por pesquisadores da UFSC e que conta com colaboração dos membros do Projeto. A compilação de dados não é um propósito em si mesmo; ela serve de auxílio para entender o que foi produzido, comercializado, lido, comentado e traduzido no âmbito da literatura, e evita generalizações baseadas em impressões. Como lembra Robert Darnton:

Nós imaginamos a literatura de cada era como um corpus agrupado ao redor de um núcleo de obras clássicas; e nós derivamos a nossa noção de clássico dos nossos professores, que herdaram de seus professores, que herdaram dos seus, e assim sucessivamente, até chegar em algum ponto desaparecido (...). A história literária é um artifício, cujas peças são montadas ao longo de muitas gerações, reduzidas aqui e expandidas ali, desgastadas em alguns lugares, remendadas em outros, e costuradas em anacronismos por todas as partes. Ela tem pouca relação com a experiência real da literatura do passado.⁵

De fato, os indícios recolhidos por pesquisadores da história do livro e da leitura têm mostrado que, de um lado, determinadas obras, pertencentes ao “núcleo de obras clássicas”, nem sempre tiveram impacto em seu próprio período, sendo redescobertas e valorizadas em momentos posteriores. Ao mesmo tempo, livros com grande penetração em sua época muitas vezes desaparecem, sem deixar vestígios nas histórias literárias. Além disso, as histórias literária têm “pouca relação com a experiência da literatura do

⁴ Para Eric Hobsbawm, o “longo século XIX” se opõe ao “breve século XX”, de forma que o primeiro compreende um período mais longo, de 1789 a 1914, do que o segundo, de 1914 a 1991. Para tanto, o autor divide o “longo século” em três eras: a Era das Revoluções (1789-1848), a Era do Capital (1848-1870) e a Era dos Impérios (1870-1914). Ver: HOBBSAWM, 1995, 2009-a, 2009-b, 2009-c.

⁵ DARNTON, 1991, p. 1. Tradução minha de: “We envisage the literature of every era as a corpus of works grouped around a core of classics; and we derive our notion of the classics from our professors, who took it from their professors, who got it from theirs, and so on, back to some disappearing point (...). Literary history is an artifice, pieced together over many generations, shortened here and lengthened there, worn thin in some places, patched over in others, and laced through everywhere with anachronism. It bears little relation to the actual experience of literature in the past”.

passado” ao centrarem sua atenção em um único território nacional, quando, na verdade, havia uma grande disseminação de obras de diversas nacionalidades.

Tendo essa ideia em vista, a presente pesquisa pretende contribuir para a reflexão sobre a circulação internacional de romances e sobre a presença de obras ficcionais britânicas no Brasil, a partir da análise da circulação de romances de Maria Edgeworth (1768-1849), por conta da pouca atenção que essa autora tem recebido aqui, apesar da importante presença de suas obras no Brasil no século XIX. Este trabalho demonstrará não só a presença de romances ingleses, mas também a diversidade de autores, focando em uma escritora pouca conhecida entre nós.

Em sua longa trajetória literária de 53 anos, Maria Edgeworth tornou-se uma célebre autora de ensaios, romances e contos: seus livros não só eram verdadeiros sucessos de vendas, esgotando rapidamente nas primeiras edições, mas também foram bem avaliados pela crítica literária do final do século XVIII e ao longo do XIX. Seu sucesso não foi exclusivo ao contexto britânico: suas obras estavam presentes no Brasil em gabinetes de leitura, bibliotecas variadas, e até sob forma de folhetim.

Conforme os indícios recolhidos, a maioria de seus romances chegou ao Brasil em língua inglesa e francesa – por isso, o debate sobre a relevância da ponte francesa para a literatura internacional desse momento também será abordado. Romances de origem britânica circulavam internacionalmente tanto na língua original quanto por meio de traduções francesas, a partir das quais, muitas vezes, eram preparadas novas traduções para outras línguas. Segundo levantamento feito por Márcia Abreu em *Caminhos dos Livros*, um dos romances de maior frequência em pedidos de licença à censura no Rio de Janeiro, *Scènes de la vie du grand mond*, uma tradução para o francês do livro *Tales of Fashionable Life*, de Maria Edgeworth – ninguém registrou o pedido do livro em língua original entre 1808 e 1822.⁶

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos aponta a presença de obras de Maria Edgeworth em bibliotecas destinadas a públicos amplos (como no Real Gabinete Português de Leitura e na Biblioteca Fluminense). Nessa mesma pesquisa, Vasconcelos revela que um ensaio e ao menos dez romances de Edgeworth estavam disponíveis em

⁶ ABREU, 2003, pp. 26-27.

idioma original na *Rio de Janeiro British Subscription Library*, uma biblioteca dedicada especialmente aos livros vindos do Reino Unido.⁷

Mais recentemente, a pesquisa de monografia de Larissa Assumpção, *O lugar do romance em bibliotecas oitocentistas: a presença de obras ficcionais em livros sobre a formação de bibliotecas e nos catálogos da Biblioteca Fluminense e da Biblioteca Imperial*,⁸ indica que Edgeworth provavelmente fosse lida pela realeza: seus romances constam no catálogo da Coleção Teresa Cristina, entre os livros da Família Imperial Brasileira. No mesmo sentido, Moizeis Sobreira identificou um exemplar de Leonora, romance de Maria Edgeworth, na biblioteca da rainha D. Carlota Joaquina, conforme relatado em seu artigo “Vendus à sa majesté la Reine: Romans acquis par Carlota Joaquina au Brésil (1808-1821)”.⁹ Os romances de Edgeworth estão no Brasil desde a chegada da imprensa em terras nacionais, circulando tanto em bibliotecas de acesso amplo quanto na biblioteca da família real. A autora também foi apresentada em jornais brasileiros de diversos estados como “célebre romancista”¹⁰ e “educadora inglesa”,¹¹ além de ser mencionada no enredo de pelo menos três folhetins.¹²

Há também duas traduções de obras suas para o português: “Um credor”, tradução de Carlos de Koseritz de um texto de Maria Edgeworth, publicado em folhetim em um periódico do Rio Grande do Sul¹³ e uma tradução de seus contos infantis, intitulada *Educação familiar, ou série de leituras para os meninos*, feita por Francisco de Paula Araújo e Almeida em 1837, a partir dos dois primeiros volumes da edição francesa *Éducation familière, ou Séries de lectures pour les enfants, depuis le premier âge jusqu'à l'adolescence*, com tradução de Louise Swanton Belloc, lançado entre 1828-1830.

Redescobrir a história do livro e da leitura do século XIX estando no século XXI é coabitar o passado, o presente e o futuro. Robert Darnton discorre sobre esse emaranhado temporal em *The Case for Books: Past, Present, and Future* – um tratado de

⁷ VASCONCELOS, s/d.

⁸ ASSUMPÇÃO, 2015, p. 51.

⁹ SOBREIRA, 2017.

¹⁰ *Mercantil*, dia 12 de novembro de 1887, Petrópolis, p. 2.

¹¹ *A Província de Minas*, dia 8 de abril de 1886, p. 3.

¹² Nos folhetins: “O romance religioso de Roselly de Lorgues”. In *A Instrução Pública*, dia 22 de março de 1874, Rio de Janeiro, p. 7. “Memórias d'uma Cosaca, pela Princesa Olga de Elanina”. In *O Espírito-Santense*, dia 17 de dezembro de 1874, Vitória, p. 1. “Estudos Críticos: Os Reis no Exílio, Affonso Daudet”, de Sylvio Dinart. In *Gazeta de Notícias*, 30 de junho de 1880, p. 1.

¹³ ESTIMA & FLORES, 2010, p. 82.

amor à república das letras impressas, e uma espécie de saudação à nova república das telas.¹⁴ Os pesquisadores da história do livro e da leitura, vasculhando os escritos, auxiliam a historiografia do futuro ao disponibilizar diversas fontes primárias e secundárias na *web*. Os periódicos diários que circulavam de mão em mão na rua do Ouvidor no XIX estariam hoje com folhas amareladas e gastas se não tivessem sido armazenados nos duradouros suportes das microfímagens, depois digitalizados nos computadores, e então disponibilizados na *web*. Assim sobrevivem na atualidade, assim sobreviverão no futuro: os dispersos indícios de leitura agrupados em bancos de dados; as publicações descontinuadas perdidas nos sebos disponibilizados na íntegra; as palavras críticas de jornais, que não se projetavam para um futuro além da próxima edição, hoje estão salvas em páginas da internet.

Iniciativas públicas como a Hemeroteca Digital Brasileira¹⁵ têm enriquecido a possibilidade de realizar pesquisas em impressos brasileiros de diversos estados, desde o período de 1808¹⁶ até os dias atuais – além de jornais, há no acervo revistas, anuários, boletins e outras formas de publicação seriada. Além de consultar as páginas dos periódicos e poder imprimi-las, a Hemeroteca permite que os usuários realizem busca por palavras, graças ao uso da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (Optical Character Recognition – OCR). Apesar de o OCR eventualmente não conseguir identificar todas as ocorrências das palavras pesquisadas, a ferramenta tem sido cada vez mais aperfeiçoada.

As universidades também têm investido nessas plataformas: desde 1988, o Women Writers Project – resultado de uma parceria do grupo de estudos literários da Brown University com o grupo de estudos de plataformas digitais da Northeastern University – disponibiliza diversos materiais sobre mulheres escritoras do período pré-Vitoriano (antes de 1837), incluindo críticas literárias.¹⁷ Quanto às críticas, elas podem ser divididas no site do projeto em diversas categorias, como por obra, por periódico, por tema (as críticas de Maria Edgeworth possuem as seguintes marcações: educação, circulação literária, classe socioeconômica, religião, identidades raciais, mulheres enquanto escritoras e enquanto leitoras, identidades de gênero, impactos morais da

¹⁴ DARTON, 2009.

¹⁵ Pode ser consultada em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> (acesso em 02/10/2016).

¹⁶ Há também um jornal de Lisboa de 1745, o *Folheto de Lisboa: Entre Douro e Milho*.

¹⁷ Pode ser consultada em: <http://www.wwp.northeastern.edu/review/about> (acesso em 02/10/2016).

literatura, lugar/espço/geografia, cultura crítica, escravidão e abolição), formato (artigo ou ensaio, anúncio de vendas, lista de trabalhos publicados, excerto de texto), por gênero (crítica literária, notícia, biografia, história literária, crítica de teatro, outros), por lugar de publicação (Inglaterra, Escócia, norte da Irlanda), e, por fim, pela avaliação geral da obra (muito positivo, um pouco positivo, neutro ou sem avaliação, um pouco negativo, muito negativo).

A Brown University também é responsável pela página Victorian Web Search,¹⁸ a versão online de uma publicação chamada Context 61, em que se recolhiam textos e artigos sobre os impressos produzidos na era vitoriana.¹⁹ Além dele, a página Internet Archive²⁰ possui um invejável acervo de obras.

Estes sites contribuíram de maneira decisiva para a elaboração deste trabalho. O acesso às edições oitocentistas dos livros de Maria Edgeworth, inclusive das primeiras edições, só foi possível por meio do site Internet Archive. E essas iniciativas não foram aproveitadas apenas no contexto britânico; o acesso às menções a autora em periódicos brasileiros foi feito por meio da Hemeroteca Digital Brasileira. Além desses sites, bancos de dados (CiTrIm, DLNotes2 e o British Fiction Database) permitiram comparar as informações sobre a produção, circulação e recepção das obras de Maria Edgeworth no Brasil e no Reino Unido do século XIX.

O CiTrIm, banco de dados do projeto temático “A Circulação Transatlântica de Impressos: a globalização da cultura no século XIX”, surgiu da necessidade de agrupar dados de maneira uniforme e estabelecer uma metodologia para a coleta de informações. O banco é dividido em dois blocos: o primeiro é voltado para as “Formas de Publicação” (no qual se registram as Publicações, Traduções, Adaptações e, no caso do teatro, Encenações de obras), enquanto o segundo diz respeito aos “Indícios de Circulação” (por exemplo, há Anúncios de Livros à Venda, Crítica, Censura, Catálogo de Biblioteca ou Gabinete, Leilões, entre outros). Os cadastros devem ser efetuados em três etapas. Primeiro, faz-se um Registro geral da obra em questão, informando o Título, Autor e Língua Originais. Depois, em “Formas de Circulação”, dados mais específicos das edições ou encenações desses textos são cadastrados. Em “Indícios de Circulação” são registradas informações sobre a presença de certa obra em determinado lugar e época. A

¹⁸ Pode ser consultada em: <<http://www.victorianweb.org/>> (acesso em 02/10/2016).

¹⁹ Pode ser consultada em: <<http://www.victorianweb.org/misc/credits.html>> (acesso em 02/10/2016).

²⁰ Pode ser consultada em: <https://archive.org/> (acesso em 02/10/2016).

Figura 1 demonstra as categorias dos Índícios de Circulação na página do CiTrIm. Consultando os dados inseridos pela equipe do projeto no CiTrIm, consegui reunir as informações sobre a circulação dos livros de Maria Edgeworth nos catálogos das bibliotecas do Brasil.

#	Categoria
9	Prosa ficcional
12	Prosa ficcional
13	Poesia
19	Poesia
22	Prosa ficcional
25	Prosa ficcional
26	Prosa ficcional

Figura 1: Página do CiTrIm, aberto em “Índícios de Circulação”. Ao fundo, a página de “Registros”, em que constam as obras cadastradas.

Para agregar informações sobre o contexto dos romances britânicos nesse período, utilizei o “British Fiction, 1800-1829: a database of production, circulation, and reception”, ou apenas British Fiction Database,²¹ produzido no Centro de Pesquisa Editorial e Intertextual da Universidade de Cardiff (Inglaterra), pelos pesquisadores Prof. Dr. Peter Garside, Dra. Jacqueline Belanger e Dr. Sharon Ragaz. Com uma proposta semelhante ao CiTrIm, o British Fiction Database disponibiliza registros bibliográficos de todas as obras de ficção publicadas pela primeira vez entre 1800 e 1829 – ou seja, reedições de romances cujas primeiras edições são anteriores a 1800 não são considerados, por mais numerosas que tenham sido. O banco não se restringe às publicações inglesas, disponibilizando também dados sobre traduções para o inglês, publicadas no Reino Unido pela primeira vez no referido intervalo. Os registros bibliográficos dizem respeito a anúncios de livros à venda, registros de publicação, informações anedóticas, críticas e resenhas literárias, presença em catálogos de

²¹ Pode ser acessado em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/> (acesso em 02/08/2016).

bibliotecas e subscrições para bibliotecas circulantes – todos foram devidamente aproveitados para realizar as análises sobre a produção e recepção de obras de Edgeworth.

O DLNotes2 possui um funcionamento bem diferente dos três bancos supracitados, mas foi parcialmente integrado ao CiTrIm para que pudesse importar as críticas literárias ali cadastradas. Essa ferramenta permite que os pesquisadores façam anotações semânticas no corpo da crítica a partir de um conjunto pré-estabelecido de elementos, que podem ser de avaliação textual (adequação, descrição, diálogo, enredo, humor, imitação, ironia, linguagem, moral, narrador, originalidade, personagem, plágio, verossimilhança, tradução), elementos extra-textuais (autoria, comentário sobre o gênero romanesco, edição, efeito de leitura, imaginação, nacionalidade, público leitor, paratexto), recursos discursivos (citações, menções a outros autores/outras obras, dados bibliográficos e de materialidade) e até comentários sobre temas gerais (como política, história, sociedade, religião, etc.).²² É possível ver as anotações semânticas na Figura 2.

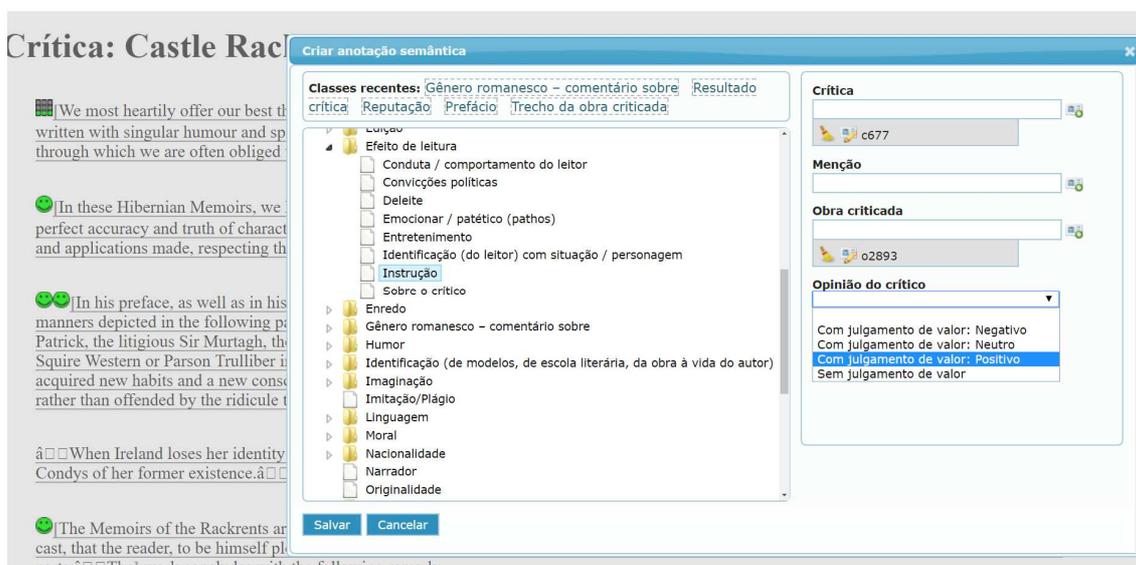


Figura 2: Página do DLNotes2, aberto nas anotações semânticas (Efeito de Leitura/Instrução/Com julgamento de valor: positivo) em uma crítica de *Castle Rackrent*, de Maria Edgeworth. O funcionamento da ferramenta será descrita detalhadamente no Capítulo 2.

As anotações desses elementos são feitas manualmente pelos pesquisadores, e não de maneira automática, de forma que elas dependem de interpretações desenvolvidas para cada crítica específica. Feitas as anotações, os pesquisadores podem realizar consultas

²² Para saber mais sobre o uso do DLNotes2 em análises de críticas literárias, cf: ABREU & MITTMANN, 2017.

diversas em grandes quantidades de textos – e assim prosseguir com uma análise em tabelas, gráficos e porcentagens. E mesmo esses gráficos dependem da interpretação dos pesquisadores: não é feita apenas uma soma de todas as anotações, o que se analisa é como esses elementos são mobilizados pelos críticos e como eles dialogam com as produções literárias de então. Com isso, é possível “compreender os textos a partir de critérios e convenções próprios à época de sua primeira circulação”, evitando assim anacronismos nas análises, como analisa Márcia Abreu em “Problemas de História Literária”.²³

Apesar das potencialidades dos recursos digitais, não são poucas as críticas direcionadas ao uso de banco de dados para análises literárias. Em *Reading By Numbers: Recalibrating the Literary Fields*, Katherine Bode, pesquisadora da Australian National University, traz um quadro geral sobre as críticas que as pesquisas quantitativas têm recebido na área de humanas, listando artigos que vão desde a década de 1920 até os anos 2000.²⁴ O livro aborda algumas reflexões que Bode desenvolveu a partir da criação de um banco de dados com informações sobre a história do livro e da leitura na Austrália, o *AustLit*.²⁵ Um dos mais relevantes apontamentos feitos por esses críticos listados por Bode reside justamente na tendência em tratar os dados como dispositivos capazes de desvendar toda a realidade de um período de maneira evidente e objetiva. Sobre o livro *Graph, Maps and Trees*, de Moretti, o professor da Texas State University, Robert Tally, tece comentários sobre esse aspecto considerado problemático:

Ao confiar demasiadamente em fontes secundárias, dados bibliográficos objetivos e leituras superficiais para extrair os ‘traços’ relevantes, os historiadores da literatura negligenciam, ou deliberadamente omitem, as particularidades que fazem o estudo da literatura ser crítico. Essa prática leva a, e até mesmo incentiva, generalizações que a crítica normalmente evita.²⁶

A análise de Tally é importante para lembrar que dados não são transparentes; estão revestidos de opacidade e subjetividade. Os bancos de dados apenas recolhem indícios, e não capturam realidades, de forma que é preciso ter em mente que as

²³ ABREU, 2014-a, p. 42.

²⁴ BODE, 2012, pp. 7-21.

²⁵ Banco de dados disponível em: <<http://www.austlit.edu.au/>> (acesso em 02/10/2016).

²⁶ TALLY, 2007, p. 134. Tradução minha de: “By relying heavily on secondary resources, objective bibliographic data, and cursory readings to extract the relevant ‘trait,’ the literary historian will overlook, or deliberately elide, the particulars that make the study of literature critical. The practice leads to, and even encourages, generalizations that critics would normally eschew”.

informações ali presentes não são respostas prontas para problemas da história da literatura, mas sim indícios de complexidades maiores. Apesar de explicitar a dimensão material da literatura, inferências sobre leituras e interpretações feitas no período devem ser cuidadosas: a compra de livros não é suficiente para pressupor a leitura dos mesmos, assim como livros com baixas tiragens podem ter intensa circulação em bibliotecas e gabinetes.

Entretanto, parece-me que Tally, no trecho acima, recorre a uma inversão: os historiadores da literatura não negligenciam e omitem informações ao buscar fontes diversas para embasar suas pesquisas, mas sim os “estudos de particularidades”, que tendem a utilizar exceções para generalizar a produção literária de todo um período. As pesquisas quantitativas têm sido úteis justamente para ampliar o *corpus* literário, incluindo obras que até então não eram contempladas, em oposição ao modelo que impõe um grupo seletivo de obras e de autores para, a partir dele, recorrer a análises sobre determinados períodos históricos.

Outro ponto bastante criticado nesse tipo de abordagem seria o de que haveria em curso uma substituição da leitura literária pela leitura de dados, ignorando os livros em si. Katie Trumpener, professora de Literatura Comparada na Universidade de Yale, pondera que o método desenvolvido por Moretti “reduz os livros a meras *commodities* (...), como se o conteúdo dos livros (e a irredutibilidade do estilo do autor) fosse virtualmente irrelevantes”.

Tanto a livraria quanto a biblioteca pública, certamente, são usualmente organizadas em designações e subdesignações genéricas: não-ficção, ficção, mistério, poesia. Ainda assim, a introdução de pistas tão genéricas dentro dos próprios títulos se parecem com violações da individualidade dos textos para mim.²⁷

A crítica de Trumpener é muito bem estruturada, pois ela não visa a abolição do uso desse tipo de metodologia (uma vez que ela mesma trabalhou em um grupo de ciência social voltada a estatística na Universidade de Stanford), mas reforça a importância da leitura para além da estatística:

(...) novas formas de bibliografias e de histórias literárias podem de fato ajudar a demarcar as condições sociais e materiais em que

²⁷ TRUMPENER, 2009, p. 160. Tradução minha de: “(...) reducing books to mere commodities (...) as if the book’s content (and the irreducibility of authorial style) was virtually irrelevant. Both the bookstore and the public library, to be sure, are regularly organized around generic designations and subdesignations: nonfiction, fiction, mysteries, poetry. Yet the introduction of such broad generic cues into the title itself seemed to me to violate the individuality of the text”.

a literatura é produzida, posta em circulação e transformada. Ainda assim, é igualmente importante que nós avancemos para além da contagem numérica, para que nos mantenhamos, afinal, em bibliotecas.²⁸

Um bom exemplo de conciliação entre contagem numérica e análise literária são as reflexões desenvolvidas por Bode a partir dos dados cadastrados no *AustLit*. Uma das novidades diz respeito à participação feminina na literatura da Austrália – possibilitada por conta de os dados cadastrados no *AustLit* incluírem a indicação do gênero dos autores das obras. Em “Graphically Gendered: A Quantitative Study of the Relationships between Australian Novels and Gender from the 1830s to the 1930s”, Bode apresenta a presença de autoras em circulação no país. “A redescoberta, recuperação e revisão da escrita das mulheres tem sido uma das principais características da crítica literária feminista desde os anos de 1970, especialmente nos de 1980 e 1990”,²⁹ afirma Bode neste artigo. Seja como autoras, personagens ou leitoras, o papel da mulher na literatura tem sido objeto de estudo e análise; e, para compreender a abrangência da participação dessas mulheres, as pesquisas quantitativas têm se mostrado interessantes para mudar a ideia de que “os acadêmicos nos (...) estudos literários rotineiramente encontraram uma dominância masculina no campo de autoria”³⁰ – e inclusive em outros campos, como público leitor e como personagem ficcional. O mesmo recurso de indicação de gênero da autoria se faz presente no CiTrIm, no British Fiction Database e no DLNotes2.

Abranger os livros celebrados nas histórias literárias, ter em perspectiva um quadro mais abrangente da produção, circulação e recepção de obras em determinados períodos históricos: essas são algumas mudanças de perspectivas que o uso dessas ferramentas possibilita – e que tornaram possível a realização deste trabalho. Em minha análise, utilizarei como recorte temporal o período de produção de romances de Maria Edgeworth, de 1795 a 1848, no Reino Unido, e de 1808 a 1887 no Brasil, tempo que coincide com o início da presença de Maria Edgeworth no Rio de Janeiro e a última menção a uma de suas obras localizada em jornais nacionais.

²⁸ TRUMPENER, 2009, p. 171. Tradução minha de: “New forms of bibliography and publishing history can indeed help demarcate the material and social conditions within which literature arises, circulates, and changes. Yet it is equally important that most of us forego counting to stay in the library”

²⁹ BODE, 2008, p. 435. Tradução minha de: “The rediscovery, reclamation and revisioning of women’s writing have been major features of feminist literary criticism since the 1970s, especially in the 1980s and early 1990s”.

³⁰ BODE, 2008, p. 436. Tradução minha de: “whereas scholars in (...) literary studies routinely view the male dominance of authorship”.

No primeiro capítulo, “A circulação de romances no século XIX: discussão metodológica e revisão bibliográfica”, faço uma apresentação sobre assuntos afins aos romances de Maria Edgeworth, como o romance britânico e as relações do gênero literário romance com o gênero feminino. Demonstrarei que havia um recorrente discurso de que a presença de mulheres no meio literário, seja como autoras ou leitoras, seria algo negativo. Esse discurso não era exclusivo ao Reino Unido, pois estava presente também nos discursos brasileiros: há similaridade na ideia de que os romances, supostamente desprovidos de qualidade literária e de moralidade, eram populares entre mulheres e perigosos a sua conduta. A discussão sobre a moralidade e os romances é um tema importante de ser abordado neste trabalho por ser uma característica marcante em boa parte da produção literária de Maria Edgeworth.

Analisando as críticas literárias britânicas³¹ e os periódicos brasileiros,³² percebi que há muitas menções à figura da autora, evocando sua vida pessoal, o que me permite

³¹ As críticas literárias britânicas em questão constam em: *Monthly Review*, maio de 1800, pp. 91-92; *Flowers of Literature*, fevereiro de 1801, p. 448; *The Monthly Magazine*, 1802, p. 659; *Critical Review*, fevereiro de 1802, pp. 235-237; *Flowers of Literature*, 1804, p. 461; *The Monthly Magazine*, 1804, p. 667; *The Monthly Anthology*, 1804, pp. 470-471; *The Monthly Magazine*, 1805, p. 595; *Flowers of Literature*, 1806, p. 75; *Annual Review*, 1806, pp. 539-542; *Annual Register*, 1806, p. 372; *Universal Magazine*, 1806, pp. 241-245; *Monthly Review*, agosto de 1807, pp. 435-436; *Flowers of Literature*, 1808, p. 72; *The British Critic*, 1809, pp. 73-74; *Quarterly Review*, 1809, pp. 146-154; *Gentleman's Magazine*, 1809, p. 937; *Edinburgh Review*, 1809, p. 400; *Critical Review*, outubro de 1809, pp. 181-191; *Monthly Review*, maio de 1810, pp. 96-97; *Quarterly Review*, 1812, pp. 329-342; *The British Critic*, 1812, pp. 412-414; *Eclletic Review*, 1812, pp. 979-1000; *Critical Review*, agosto de 1812, pp. 113-126; *Monthly Review*, julho de 1813, pp. 320-321; *Annual Register*, 1814, p. 365; *Edinburg Review*, 1814, pp. 416-434; *Quarterly Review*, 1814, pp. 301-322; *The British Critic*, 1814, pp. 159-173; *Critical Review*, janeiro de 1814, pp. 168-177; *Critical Review*, fevereiro de 1814, pp. 168-177; *La Belle Assemblée*, março de 1814, pp. 139-141; *Monthly Review*, maio de 1814, pp. 109-110.

³² Em ordem cronológica, as menções a Maria Edgeworth em jornais brasileiros constam em: *Jornal do Comércio*, 31 de julho de 1837, p. 3; *Jornal do Comércio*, 17 de outubro de 1837, p. 4; *Jornal do Comércio*, 19 de outubro de 1837, p. 4; *Jornal do Comércio*, 25 de outubro de 1837, p. 4; *Jornal do Comércio*, 27 de outubro de 1837, p. 4; *Jornal do Comércio*, 2 de novembro de 1837, p. 4; *O Universal*, 17 de fevereiro de 1838, p. 4; *O Universal*, 3 de março de 1838, p. 4; *O Universal*, 4 de abril de 1838, p. 4; *O Universal*, 18 de maio de 1838, p. 4; *O Universal*, 23 de maio de 1838, p. 4; *O Universal*, 28 de maio de 1838, p. 4; *O Universal*, 8 de junho de 1838, p. 4; *O Universal*, 18 de julho de 1838, p. 4; *O Universal*, 30 de julho de 1838, p. 4; *O Universal*, 24 de agosto de 1838, p. 4; *O Universal*, 29 de agosto de 1838, p. 4; *O Universal*, 5 de setembro de 1838, p. 4; *O Universal*, 20 de setembro de 1838, p. 4; *O Universal*, 5 de outubro de 1838, p. 4; *O Universal*, 19 de outubro de 1838, p. 4; *O Universal*, 25 de outubro de 1838, p. 4; *Correio Mercantil*, 26 de abril de 1838, p. 4; *Correio Mercantil*, 30 de abril de 1838, p. 4; *Correio Mercantil*, 2 de maio de 1838, p. 4; *Correio Mercantil*, 5 de maio de 1838, p. 3; *Correio Mercantil*, 9 de maio de 1838, p. 3; *Correio Mercantil*, 10 de maio de 1838, p. 4; *Correio Mercantil*, 19 de fevereiro de 1847, p. 4; *Correio Mercantil*, 20 de fevereiro de 1847, p. 4; *Correio Mercantil*, 21 de fevereiro de 1847, p. 4; *Correio Mercantil*, 3 de março de 1847, p. 3; *Jornal do Comércio*, 9 de agosto de 1848; *Jornal do Comércio*, 14 de agosto de 1848; *Revista Popular*, junho de 1858, Rio de Janeiro, pp. 4-5; *A Instrução Pública*, dia 22 de março de 1874, Rio de Janeiro, p. 7; *O Espirito-Santense*, dia 17 de dezembro de 1874, Vitória, p. 1; *Gazeta de Notícias*, 30 de junho de 1880, p. 1; *Jornal da Tarde* (São Paulo), 22 de dezembro de 1880, p. 2; *A Província de Minas* (órgão do partido conservador), 8 de abril de 1886, p. 2; *Mercantil* (Petrópolis), 12 de novembro de 1887, p. 2.

concluir que não só as obras de Edgeworth tiveram difusão internacional: houve também uma circulação de ideias sobre a própria autora. Há diversos debates acadêmicos quanto ao surgimento das “celebridades literárias” ao longo do século XVIII³³ e um crescente interesse do público leitor pela vida dos autores no decorrer do XIX³⁴. Nesse período, a imagem dos escritores passa a ser tão conhecida quanto (ou até mais do que) suas obras; e o interesse pela vida privada de Maria Edgeworth demonstra as etapas deste processo. Por conta disso, apresentarei uma breve biografia de Maria Edgeworth – para contextualizar as informações presentes nessas críticas e nessas menções em jornais.

No segundo capítulo, “Maria Edgeworth, a ‘favorita dos literati’ e ‘excelente mulher!’”, apresento os dados sobre a recepção dos romances de Maria Edgeworth no Reino Unido. Utilizei a ferramenta DLNotes2 para analisar as críticas literárias que as obras de Maria Edgeworth receberam no Reino Unido, a partir da observação de diversos critérios. Por conta da vastidão de sua produção literária, abordarei com mais detalhes as obras mais célebres da autora: *Castle Rackrent* (1800), *Belinda* (1802), *Popular Tales* (1804), *Leonora* (1806), *Tales of Fashionable Life* (1809) e *Patronage* (1814). Mas, apesar da produção literária de Edgeworth ser abundante, o mesmo não pode ser dito quanto às fontes oitocentistas da recepção crítica dessas obras; há poucos dados sobre as obras *Ormond* e *Harrigton* (1817), *Tomorrow* (1823), *Helen* (1834) e *Orlandino* (1848), cujas críticas não foram analisadas pelo DLNotes2, e, por esse motivo, elas serão comentadas brevemente.

Em “Uma romancista britânica nos trópicos: circulação de discursos e livros de Maria Edgeworth no Brasil”, trago os dados referentes à circulação e à recepção dos romances de Maria Edgeworth no Brasil: quais obras estavam disponíveis ao público oitocentista em catálogos de bibliotecas e gabinetes de leitura. Maria Edgeworth também foi mencionada em periódicos brasileiros, tanto em notas biográficas sobre a autora quanto em enredos de folhetins.

Por fim, o Capítulo 4, “A educação pelo romance: a literatura infantil de Maria Edgeworth”, trata especificamente a produção literária de Maria Edgeworth para crianças. A literatura infantil britânica se tornou um sucesso do mercado editorial, seja com os romances morais, com os livros religiosos ou com os contos de fadas. As discussões sobre

³³ Por exemplo, o trabalho DONOGHUE, 1996.

³⁴ Por exemplo, o trabalho MCDAYTER, 2009.

enredos, elementos fantásticos e construções de personagens propícios ao público infantil eram frequentes no século XIX, inclusive no Brasil. Com o intuito de expor esses fatores, tratarei da literatura infantil europeia, contextualizando as questões históricas que envolvem crianças, famílias, escolas e literatura. Também farei uma análise de *Educação familiar, ou série de leituras para os meninos* (1837), tradução brasileira dos contos infantis de Maria Edgeworth, feita a partir de uma edição francesa. Trarei informações sobre o tradutor, o editor e a tipografia responsável pelo lançamento do livro, e farei uma análise do texto.

Com isso, pretendo mostrar que: 1) embora houvesse grandes diferenças entre o Reino Unido e o Brasil no século XIX, algumas obras, como as de Maria Edgeworth, eram simultaneamente lidas nos dois lugares, estabelecendo pontes entre os leitores britânicos e brasileiros; 2) em geral, a importância dos romances ingleses no Brasil só é ressaltada a partir de um grupo seleto de autores (no caso da primeira metade do século, principalmente Walter Scott); contudo, o interesse dos leitores incluía uma significativa diversidade de autores de língua inglesa; 4) apesar de hoje ser desconhecida no Brasil, Maria Edgeworth foi considerada uma autora relevante no século XIX, segundo os critérios da crítica literária de então; 5) além das obras literárias, havia um crescente interesse pela própria figura de Maria Edgeworth, tanto no Brasil, quanto no Reino Unido, o que revela indícios do surgimento da cultura de celebridade literária nos países.

Capítulo 1

A CIRCULAÇÃO DE ROMANCES NO SÉCULO XIX: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E BIOGRAFIA DE MARIA EDGEWORTH

1.1. A circulação de impressos: do Reino Unido ao Brasil, uma ponte francesa

A presença de romancistas britânicos no Brasil foi uma importante descoberta de Marlyse Meyer. Escrevendo *Folhetim, uma história*,³⁵ encontrou um enigma que já havia despertado a curiosidade de outro estudioso brasileiro, Raimundo Magalhães Jr.: uma obra chamada *Saint-Clair das Ilhas*,³⁶ sempre indicada sem autoria, mas que aparece nas mãos de personagens de Machado de Assis (D. Tonica e Major Siqueira, em *Quincas Borba*)³⁷ e Guimarães Rosa (Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*),³⁸ além de ser citado em *Como e porque sou romancista*, de José de Alencar.³⁹ Para descobrir a autoria dessa obra, a empreitada não foi simples: Meyer teve que consultar a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional de Portugal, a Bibliothèque Nationale de France e a British Library. Atualmente, os recursos digitais auxiliam bastante as pesquisas da área da história do livro e da leitura: é possível consultar o catálogo dessas bibliotecas pela internet, e diversos acervos digitais colocam à disposição edições integrais de obras dos séculos anteriores (principalmente se estiverem em domínio público).

Meyer descobriu que a misteriosa autora do romance é Elizabeth Helme, que trabalhou como professora, tradutora e romancista no século XVIII e XIX na Inglaterra. Além do sucesso *St Clair of the Isles* (1803), seu romance *Louisa; or the Cottage on the Moor* (1787) também circulou no Brasil com a tradução portuguesa *Luiza, ou a cabana*

³⁵ MEYER, 1996.

³⁶ MAGALHÃES JR. “O que é ou quem foi Sinclair das Ilhas”, 1978, apud MEYER, 1996, p. 23.

³⁷ ASSIS, p. 673.

³⁸ ROSA, p. 358.

³⁹ ALENCAR, p. 132-133.

no deserto (1806 e 1816)⁴⁰, assim como *Albert, or The Wilds of Strathnavern* (1799), traduzido para o português como *Alberto, ou o deserto de Strathnavern* (1827).⁴¹

O percurso feito por Meyer para descobrir a autoria é também o percurso que *St Clair of the Isles* percorre para se tornar um livro tão apreciado por renomados autores brasileiros: para chegar ao Brasil, partindo da Inglaterra, *Saint-Clair das Ilhas* passou antes pela França e por Portugal, fechando o circuito explorado no projeto “A Circulação Transatlântica de Impressos: a globalização da cultura no século XIX” (no caso, os países Brasil, Inglaterra, Portugal e França). Esse caminho é recorrente entre os escritores britânicos – o mesmo que *Educação familiar, ou série de leituras para os meninos*, tradução brasileira dos contos infantis de Maria Edgeworth.

Tanto *St. Clair of the Isles*, de Elizabeth Helme, e *Early Lessons*, de Maria Edgeworth, foram impressos pela primeira vez em Londres, sob a responsabilidade dos editores da Longman e Rees, em 1803, e Joseph Johnson, em 1800. Passaram pelo canal da Mancha e chegaram às mãos de Mme. Isabelle de Montolieu e Louise Swanton Belloc, que os vertem para o francês, lançando-os em 1808⁴² e em 1832, respectivamente. Ao chegar no Brasil, conhecem tradutores e editores diferentes: *Saint-Clair das Ilhas* é publicado no Rio de Janeiro com Silva Porto, português que abarcou diversas atividades do ramo dos impressos no Rio de Janeiro (tradução, tipografia, livraria, jornalismo),⁴³ em 1835, ao passo que *Educação Familiar* foi traduzido por Francisco de Paula Araújo e Almeida, baiano que trabalhava como tradutor no Rio de Janeiro, e publicado por Villeneuve e C., em 1837.

Sobre esses circuitos, é necessário tecer algumas considerações críticas sobre as noções de estudos de fontes e influências, já tidas como conservadoras desde 1978 por Silviano Santiago. *O entre-lugar do discurso latino-americano* subverte a lógica de pensar os percursos literários como tendo um ponto fixo de fonte originária, europeia, central, que passaria aos países da periferia através da influência e da cópia, para pensar

⁴⁰ *Luiza, ou a cabana no deserto*. Traduzida em português. Lisboa, Tip. Rollandiana, 1806 & 1816. Presente nos seguintes catálogos: Biblioteca Fluminense, Gabinete Português de Leitura do Maranhão, Gabinete Português de Leitura RJ e Laemmert (1841).

⁴¹ *Alberto, ou o deserto de Strathnavern*, vertido em português da segunda edição da tradução francesa de Lefèvre, por J.M.C.B., Lisboa, Tip. Rollandiana, 1827. Disponível nos catálogos: Biblioteca Fluminense, Gabinete Português de Leitura RJ e Laemmert (1841).

⁴² MEYER, 1996, p. 52.

⁴³ IDEM, pp. 38-43.

que em cada ponta do processo, as obras são afetadas e transformadas.⁴⁴ Sobre a passagem dos primeiros textos, originais, para os segundos, traduções, Santiago comenta:

O segundo texto [a tradução] se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original em suas limitações, suas fraquezas, em suas lacunas, desarticula-o e o rearticula de acordo com suas intenções, segundo sua própria direção ideológica, sua visão do tema apresentado de início pelo original. (...) Como o signo se apresenta muitas vezes numa língua estrangeira, o trabalho do escritor, em lugar de ser comparado ao de uma tradução literal, propõe-se antes como uma espécie de tradução global, de pastiche, de paródia, de digressão.⁴⁵

“Tradução global” é um termo bastante interessante: pensar que em países tão distintos como a França revolucionária (pré, durante e pós), o Reino Unido industrializado, a Portugal colonialista e o Brasil escravocrata comercializavam uma grande quantia de romances em comum só se explica pela criação de uma cultura comum. Os mesmos romances terem presença tão marcada nestes locais, seja por meio de traduções ou na própria língua francesa, foi um fato observado em pesquisas feitas com fontes variadas. Por exemplo, a pesquisa em anúncios de leilões em periódicos brasileiros desenvolvida por William Tognolo em *A tiro de martelo! – estudo de anúncios de leilões de livros no Correio Mercantil (1848-1868)*;⁴⁶ a pesquisa sobre os anúncios de livros à venda em jornais brasileiros de Regiane Mançano em *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*.⁴⁷ Essa presença marcante pode ser verificada até nos primeiros livros que saíram no Brasil pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro, segundo consta em *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*, de Simone Cristina Mendonça de Souza.⁴⁸ Esses aspectos também foram observados nos livros *Leituras no Brasil*⁴⁹ e *Leitura, História e História da Leitura* (2000).⁵⁰

A França tem sido apresentada como o centro cultural mais relevante no século XIX, pela difusão mundial dos livros ali escritos, pela importância dos editores e livreiros

⁴⁴ SANTIAGO, 2000, pp.17-19.

⁴⁵ IDEM, pp. 20-21.

⁴⁶ TOGNOLO, 2015.

⁴⁷ MANÇANO, 2010.

⁴⁸ SOUZA, 2007.

⁴⁹ ABREU (org.), 1995.

⁵⁰ ABREU (org.), 2000.

franceses na produção e divulgação de impressos, bem como pelo peso que a avaliação da crítica francesa teria para a consagração de obras e autores – aspectos elencados por Pascale Casanova em *A República Mundial das Letras*. Essa presença marcada em diversos países faz com que o francês sofra “uma estranha desnacionalização (pelo menos aparente)”, nos termos de Casanova:

É uma dominação menosprezada como nacional e reconhecida como universal. Não se trata nem de um poder político, nem de uma influência cultural a serviço de uma potência nacional, mas de uma dominação simbólica cujo peso perdurará por muito tempo.⁵¹

A língua francesa ter sido bastante difundida mundialmente é um dos elementos centrais para a hegemonia cultural francesa, segundo Franco Moretti em *Atlas do Romance Europeu*, pois a familiaridade com o idioma permite que os romances franceses possam “viajar mais rápido e mais longe, ocupando nichos culturais antes de seus rivais”⁵² – em sintonia com a ideia de desnacionalização e universalismo do francês, como aponta Casanova. Elaborando os circuitos dos livros, Moretti também se surpreende com a hegemonia cultural francesa. A Grã-Bretanha também foi, para Moretti, um relevante polo de exportação de livros – “é o signo de uma luta entre as duas literaturas nucleares, que divide o sistema europeu em zonas de influência simbólica: uma luta pela hegemonia cultural, na qual a França parece ter claramente prevalecido”.⁵³ E apesar de suas análises serem centradas na Europa, diversos elementos permitem concluir que “fora da Europa, [há] as mesmas relações de poder”.⁵⁴

Moretti e Casanova dão atenção a uma evidência curiosa: a “dominação simbólica” da França não está à serviço do “poder político”, pois não se trata de uma potência a impor seu modelo cultural a países subordinados. Como lembra Moretti, a França perde a Batalha de Waterloo para a Inglaterra; e, ainda assim, a presença dos romances franceses é mais relevante do que os ingleses em diversos países, tanto europeus, conforme as análises de Moretti,⁵⁵ quanto americanos.

⁵¹ CASANOVA, 2002, p. 93.

⁵² MORETTI, 2003, p. 195.

⁵³ IDEM, p. 195.

⁵⁴ IBIDEM, p. 200.

⁵⁵ Observar os gráficos das páginas 193 e 194 em MORETTI, 2003.

A França ocupa lugar de destaque não apenas como berço de romances nacionais que viajariam o mundo, mas também como centro de produção de traduções que, igualmente, ganhariam o mundo, como aconteceu com os romances de Maria Edgeworth. Na França, Louise Swanton Belloc desempenha um papel importante na tradução e divulgação de seus livros, envolvendo-os em discussões sobre a importância da educação na infância. Ela foi responsável pela tradução francesa dos contos infantis de Edgeworth: *Petits Contes moraux, à l'usage des enfants*,⁵⁶ *Petite Galerie morale de l'enfance*,⁵⁷ *Les jeunes industriels, ou Découvertes, expériences, conversations et voyages de Henry et Lucie*,⁵⁸ *Éducation familiale, ou Séries de lectures pour les enfants, depuis le premier âge jusqu'à l'adolescence*,⁵⁹ e o romance *Hélène*.⁶⁰

1.2. Mulheres e romances, questões de gênero⁶¹

Além de seus estudos em *Folhetim, uma história*, Marlyse Meyer desenvolveu o artigo “Mulheres romancistas inglesas do século XVIII”, presente no livro *Caminhos do Imaginário do Brasil*, em que afirma que dificilmente alguém suspeitaria “o alcance dessa onda romanesca”, trazendo informações sobre as listas dos catálogos brasileiros e as autoras ali presentes:

Uma Internacional Romaneira, em suma. Novelas sem fronteiras. Obras de Fanny Burney, das irmãs Lee, das mrs. Inchbald, Opie, Radcliffe, Roche, Helme e tantas outras chegaram em contínuas levadas aos livreiros que foram estabelecendo-se no Rio de Janeiro após a chegada da corte e a abertura dos portos e, daí, se espraiando pela província. Dado esse fácil de verificar: a ocorrência desses livros em listas e listas que os cada vez mais numerosos livreiros – muito dos quais também anunciavam seu gabinete de leitura – iam anunciando nos jornais a partir de 1810. Listas que vão também integrando os catálogos das bibliotecas públicas que se iam abrindo, destacando-se, a partir de 1836, os diferentes Gabinetes Reais Portugueses de Leitura, na corte e na província. E foi entrando bem adiante no século XIX – tanto lá

⁵⁶ Paris, A. Eymery and L. Colas, 1821, 2 vol.

⁵⁷ Paris, A. Eymery, 1825, 4 vol.

⁵⁸ Paris, Fortic, 1826, 4 vol.

⁵⁹ Paris, Alex. Mesnier, 1828–34, 12 vol.

⁶⁰ Paris, Ad. Guyot, 1834, 3 vol.

⁶¹ Uma versão alterada e preliminar deste item foi publicada como artigo na revista *Caderno Espaço Feminino*: ver FRANCISCON, 2017-a.

quanto cá – a onda romanesca que vinha rolando desde meados do século XVIII.⁶²

Meyer também afirma que abordar a questão das mulheres e dos romances constituem uma “complexa empreitada”, uma vez que necessariamente também abordaria um “secular preconceito moral: os perigos da imaginação, associados aos próprios padrões morais da época”.⁶³ Em um período em que o gênero romanesco era visto com suspeitas e ressalvas, tanto por sua “inferioridade” artística quanto por sua suposta moralidade corrompida, o caminho para a aceitação pública e a difusão dos romances residia na moralização: personagens que encarnam o bom ou mau comportamento, o enredo que premia ou pune as decisões morais tomadas pelos personagens, as digressões que explicam o caminho da virtude ou do vício. O recurso da moralização foi utilizado com maestria por Maria Edgeworth – algo que contribui decisivamente para sua intensa circulação.⁶⁴

Dale Spender, acadêmica feminista, sempre se interessou em pesquisar questões de linguagem e mulheres. O seu livro *Mothers of the Novel* nasceu de um acidente de percurso – já no prefácio, deixa claro que “esse não é o livro que tinha me proposto a escrever. Na metade da pesquisa, mudei de ideia”.⁶⁵ Convencida previamente de que Jane Austen era o grande marco da entrada das mulheres na literatura em prosa ficcional britânica, Spender começou a investigar autoras que publicaram antes dela, suspeitando que seriam escassas. Entretanto, a partir de fontes como o *Dictionary of British and American Women Writers 1660-1800*, de Janet Todd, lançado no ano anterior,⁶⁶ descobriu um material muito mais vasto do que poderia supor: mais de 600 romances significativos que datavam o século XVII.

Assim, percebeu que Austen não foi a fundadora, mas herdeira de uma tradição de mulheres romancistas – uma herdeira de qualidades literárias impressionantes, evidentemente. Spender defende, ao longo do livro, que o cânone literário não é apenas um matadouro da literatura, como disse Moretti; é um matadouro de mulheres na

⁶² MEYER, 2001, p. 49.

⁶³ IDEM, p. 53.

⁶⁴ A questão da moralidade, e como esse elemento se articula com a crítica literária oitocentista, será melhor abordado no segundo capítulo.

⁶⁵ SPENDER, 1987, posição 108. Como utilizei um *e-book* para este trabalho, não tenho acesso às páginas do livro, mas às posições do texto. Tradução minha de: “This is not the book I started to write. Half-way through my research, I changed my mind”.

⁶⁶ TODD, 1985, apud SPENDER, 1987

literatura.⁶⁷ Apesar de não compartilhar a ideia de Spender de que a maioria das autoras foi apartada das historiografias tradicionais exclusivamente pelo fato de serem mulheres, conforme explicitarei melhor adiante, é inegável que a maciça presença de mulheres romancistas no período ainda é um fato pouco discutido, e quase sempre menosprezado nas análises sobre romances britânicos dos séculos XVIII e XIX.

Maria Edgeworth é uma das autoras contempladas pelo levantamento de Spender. No capítulo em que discorre sobre Edgeworth, acompanhada por Frances Burney (1752 – 1840), afirma que “elas não desapareceram completamente da herança literária – apesar de serem pouco estudadas – e não é necessário apresentá-las como desconhecidas”⁶⁸, diferentemente do que ocorre no Brasil (que nunca foi contemplada por histórias literárias brasileiras). As comparações entre Frances Burney e Maria Edgeworth são recorrentes, constando até mesmo na biografia literária feita por Marilyn Butler:

para ambas as mulheres, a escrita de romances de sucesso as levou ao sucesso social e a garantia de um bom lugar na sociedade de Londres. À época, a arte de ambas foi levada a sério e por juízes – isso porque elas eram, em larga escala, as melhores romancistas disponíveis no período”.⁶⁹

A importância de Maria Edgeworth já havia aparecido em pesquisas anteriores sobre a presença de romances nos anúncios publicados pelo jornal *The Times* (fundado em 1785 – ainda ativo) entre 1800-1820. Algo semelhante ao caso descrito por Dale Spender em *Mothers of the novel* aconteceu quando analisei os resultados: foi uma surpresa descobrir que, neste período, mulheres romancistas não eram exceções no meio literário – inclusive, havia mais obras escritas por mulheres anunciadas do que por homens. Dos 391 autores identificados (algumas obras são de autoria desconhecida) nas páginas do jornal londrino, 201 eram mulheres e 188 homens.⁷⁰ Entre os autores mais anunciados, as cinco primeiras são mulheres: Anna Maria Porter, Jane West, Jane Porter,

⁶⁷ Como o termo “matadouro” é forte, gostaria de ressaltar aqui que encaro o processo de exclusão de diversas obras literárias do cânone como parte natural de sua própria constituição, não sendo um problema em si; apenas se torna problemático quando passa a ser restritivo à análise de qualquer livro que não seja contemplado por ele.

⁶⁸ SPENDER, 1987, posição 5672. Tradução minha de: “(...) they have not completely disappeared from the literary heritage - although they are rarely studied - and it removes the necessity of introducing them as ‘unknowns’”.

⁶⁹ BUTLER, 1972, p. 1. Tradução minha de: “For both women success in novel writing led to social success and a place in London Society. At the time the art of both was taken seriously and by good judges - for they were by a large margin, the best novelists available”.

⁷⁰ FRANCISCON, 2014.

Amelia Anderson Opie e Maria Edgeworth. Os dados fornecidos pelo British Fiction Database confirmam a tendência: dos 1920 romances com autoria identificada publicados no Reino Unido pela primeira vez entre 1800 e 1829, 1000 foram escritos por mulheres e 920 por homens.⁷¹ O British Fiction Database também atesta a popularidade das cinco autoras supracitadas em anúncios de livros à venda de outros dois jornais, o *The Star* (1788 – 1840) e o *Morning Chronicle* (1769 – 1865).

Diversos aspectos da produção novelística britânica só estão sendo resgatados em pesquisas desenvolvidas nos últimos cinquenta anos – tanto do momento de formação, quanto do de amplo acesso ao longo do XIX. Sandra Guardini T. Vasconcelos comenta o fenômeno do desaparecimento desses primeiros romancistas das histórias literárias, lembrando inclusive a presença de “mães-fundadoras” nesse processo:

É desse período de formação que datam os primeiros prefácios que aparecem em obras que praticamente desapareceram da maioria dos manuais de história literária e que só encontram registro nos catálogos de levantamento da ficção publicada no período. Ao lado dos chamados ‘pais-fundadores’ (Richardson, Fielding, Smollett e Sterne), há um sem número de escritores marginalizados, ou simplesmente esquecidos, cujo esforço e contribuição foram fundamentais para consolidar e transmitir a tradição, seja pela renovação, seja pela repetição. Estes romancistas de ‘segundo time’, para usar a expressão de Marlyse Meyer, são importantes justamente porque nos permitem trazer à luz os elos esquecidos no processo de constituição do gênero. Destes, muitos foram mulheres.⁷²

Entretanto, é possível fazer algumas ressalvas ao trabalho de Dale Spender, que afirma que suas “pesquisas levantaram mais de cem mulheres romancistas antes de Jane Austen e não mais do que trinta homens”.⁷³ Ao se focar em bibliografias voltadas às produções literárias feitas por mulheres, Spender não traz números muito precisos sobre a produção de homens romancistas. De acordo com o *New Cambridge Bibliography of English Literature*, há pelo menos 120 autores do gênero masculino, com romances publicados a partir de 1660, que não alcançaram prestígio e se mantêm como desconhecidos.⁷⁴ Em um cenário de vasta produção romanesca, autores homens e

⁷¹ Incluindo os romances de autoria desconhecida, o número total de romances sobe para 2245 (325 romances com autoria desconhecida).

⁷² VASCONCELOS, s/d.

⁷³ SPENDER, 1987, posição 231. Tradução minha de: “(...) my researches have turned up more than one hundred women novelists before Jane Austen and no more than thirty men”.

⁷⁴ Levantamento feito por ROGERS, 1986, pp. 11-12.

mulheres necessariamente seriam apartados dessa seleção no inevitável processo do matadouro da literatura, nos termos de Moretti.

Minha intenção com essas ressalvas não é justificar o fato de que alguns autores foram esquecidos, outros celebrados, tampouco atestar que as mulheres eram romancistas melhores e mais relevantes do que os homens – mas sim ressaltar que as mulheres tiveram um papel relevante na propagação do romance, seja no discurso de que elas eram a maioria dos leitores do gênero (algo bastante questionável, mas que foi amplamente difundido no período), seja na participação ativa da escrita.

1.3. “Escravas do vício”: romances, moralidade e a crítica literária

No texto “Uma comunidade letrada transnacional” (2014), Márcia Abreu demonstra que as semelhanças entre Inglaterra, França, Brasil e Portugal não eram restritas aos romances presentes nas prateleiras de bibliotecas e livrarias; elas também estavam nas ideias sobre o gênero romanesco. Ao ler textos críticos publicados nos quatro países em que se condenam a inutilidade e a falta de moralidade dos romances, publicados mais ou menos no mesmo período, percebemos que o aumento da oferta de romances não foi recebido com muito entusiasmo.⁷⁵ Hipólito José da Costa, autor brasileiro que publica o *Correio Braziliense* de Londres, fez a seguinte observação em 1812:

A imensidade de novelas que se tem publicado durante o século passado, e neste, a insipidez, inutilidade, e muitas vezes depravações destas publicações, tem feito caracterizar essa sorte de composições como uma leitura somente própria de espíritos frívolos, e como um emprego inútil, quando não seja de consequências funestas à moral do leitor.⁷⁶

Esse texto recorre a frequentes argumentos contrários ao sucesso dos romances: existem em maior quantidade do que se gostaria, não são parte da boa literatura, não têm utilidade, e geralmente são lidos por pessoas indignas de atenção, que podem ter sua moral corrompida. O romance, encarado como um gênero menor, desprovido de tradição e de qualidades estéticas, preocupava tanto pelo rápido aumento de sua produção quanto

⁷⁵ ABREU, 2014-b, p. 95. Inglaterra, 1787; França, 1810; Brasil, 1812 e Portugal, 1817.

⁷⁶ COSTA, Hipólito, outubro de 1812, p. 590, apud ABREU, 2014-b, p. 95

por sua disseminação – ainda que a quantidade de leitores fosse bastante distinta entre os quatro países no período. O jornalista brasileiro certamente leu opiniões similares na Inglaterra desse período: como bem lembra Abreu, a sintonia “não se explica apenas pela circulação dos livros e dos periódicos, mas também pelo trânsito de pessoas entre Europa e América”.⁷⁷

Maria Edgeworth demonstra plena consciência da má fama que os romances obtiveram em seu prefácio de *Belinda*, de 1801. Temos a impressão, num primeiro momento, de que ela só poderia estar se referindo a um gênero no qual jamais teria escrito, apesar de salvaguardar os romances de Madame de Crousaz,⁷⁸ Elizabeth Inchbald, Frances Burney e Dr. Moore: “Tanta insensatez, erros, e vícios são divulgados em livros classificadas sob essa denominação, que se espera que o desejo de assumir outro título será atribuído a sentimentos que são louváveis, e não exigentes”.⁷⁹

Assim a autora justifica a preferência em nomear seus romances como *Tales*, e não como *Novels*. Algumas críticas literárias de *Belinda* não concordam com a terminologia. O crítico de *The Monthly Magazine* considerou que Edgeworth foi “um pouco arrogante”⁸⁰ em suas colocações; já o do *The Critical Review*, apesar de concordar que os romances têm propagado vícios e insensatez, pondera que as obras devem ser julgadas por sua própria qualidade, e não pelo mérito de todas as outras:

É de todo necessário descartar o título de ‘romance’ de sua própria posição e lugar pelo motivo de existirem muitos romances ruins? ou não seria considerado tolo se o Dr. Moore e o Sr. Coxe tivessem rejeitado a denominação de romance de viagem para as suas publicações, apenas porque os romances de viagem de sir John Mandeville estavam cheios de mentiras e extravagâncias?

Senhorita Edgeworth fez menção honrosa aos trabalhos de De Crousaz, Inchbald, Burney e Moore. Muitas outras pessoas poderiam ter sido adicionadas a esta lista, em quem virtude e talentos são eminentemente visíveis. Há um número muito maior, nós somos sensíveis ao fato, de

⁷⁷ ABREU, 2014-b, p. 102.

⁷⁸ Um dos pseudônimos adotados por Jeanne Pauline Polier de Bottens (também utilizava o pseudônimo Madame de Montolieu), autora de *Caroline de Lichtfield* e tradutora de Jane Austen para a língua francesa: *Raison et Sensibilité, ou les Deux Manières d'Aimer*, tradução de 1815 de *Sense and Sensibility*, e *La Famille Elliot, ou L'Ancienne Inclination*, tradução livre de 1821 de *Persuasion*.

⁷⁹ EDGEWORTH, 1810 (prefácio assinado em 1801), p. iii e iv. Tradução minha de: “Were all novels like those of madame de Crousaz, Mrs. Inchbald, miss Burney, or Dr. Moore, she would adopt the name of novel with delight: But so much folly, error, and vice are disseminated in books classed under this denomination, that it is hoped the wish to assume another title will be attributed to feelings that are laudable, and not fastidious”.

⁸⁰ Crítica de *Belinda*, em *The Monthly Magazine*, volume suppl. 13 (1802-1807): 659. Disponível em: <<http://www.wvp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.belinda.monthlymagreview.1>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “(...) the author, with a little superciliousness”.

autores que muitas vezes lamentamos o fato de que suas produções não possuem nada de louvor. Mas o que isso tem a ver com os outros autores? Seus livros devem ser julgados por seus próprios méritos, não pelos méritos de qualquer um que se dedique a esta classe. Deixe um escritor publicar sua obra com o título que melhor convém a ele; e o público vai determinar se a sua classificação é adequada.⁸¹

Um dos motivos para o receio da popularização dos romances, segundo Abreu, é seu público leitor: “destacando-se alguns grupos específicos: mulheres, jovens e pobres. Quando as três características se somavam, ou seja, no caso das jovens mulheres sem recursos financeiros, as críticas eram ainda mais mordazes”.⁸² “Mordazes” é realmente um termo pertinente para as condenações dirigidas às jovens mulheres leitoras recolhidas por Jacqueline Pearson em *Women's Reading in Britain, 1750-1835: a dangerous recreation*. A autora garante que “a literatura anti-romance é volumosa e repetitiva, recorrendo aos mesmos estereótipos, como a vulnerabilidade da jovem leitora de romances à sedução, e até mesmo com as mesmas palavras, como ‘veneno’ e ‘suavidade’ (...)”.⁸³ Ou seja: além dos perigos da leitura aliada à falta de instrução, a corrupção sexual da mulher era uma das mais temidas consequências.

Pearson afirma que as críticas reforçavam “uma estável – e negativa – associação entre romances e mulheres”, de forma que seu público leitor “era recorrentemente mais representado como feminino do que os leitores implícitos de gêneros de renome”.⁸⁴ Perigosos gêneros em consonância: o feminino e o romance. Para exemplificar, selecionei

⁸¹ Crítica de *Belinda*, em *Critical Review*, 2nd ser. 34 (Feb 1802): 235–37. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/beli01-24.html>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “Is it at all necessary to discard the title of novel from its own rank and place, because many bad novels are in existence? or would it not be deemed silly in Dr. Moore and Mr. Coxe to have rejected the appellation of travels for their publications, because sir John Mandeville’s travels were filled with lies and extravagances? Miss Edgeworth has made honourable mention of a De Crousaz, an Inchbald, a Burney, and a Moore. Many other persons might have been added to this list, in whom virtue and talents are eminently conspicuous. There are a far greater number, we are sensible, and we have often lamented it, of whose productions nothing can possibly be said in commendation. But what has this to do with other authors? Their books are to be judged by their own merits, not by the merits of either of these different classes. Let a novelist publish his work under the title that best befits it; and the public will determine where is its proper classification. That much error and folly have been disseminated in novels, is an indisputable truth; but we doubt if it will appear so clearly that vice has been equally disseminated, at least intentionally”.

⁸² ABREU, 2014-b, p. 95-96.

⁸³ PEARSON, 1999, p. 196. Tradução minha de: “The anti-novel literature is voluminous and repetitive: the same stereotypes, like the vulnerability of the novel-reading girl to seduction, and even the same words, like 'poison' and 'soften', recur compulsively”.

⁸⁴ IDEM. Tradução minha de: “A stable – and negative – association was drawn between women and fiction, and in reviews novel-readers were 'commonly... figured as female' rather than the implied reader, the 'gentle-man or the scholar' of traditionally sanctioned genres”.

dois exemplos longos e mordazes em que abundam estereótipos negativos de mulheres, de romances e de classes sociais baixas:

Mulheres de todas as idades, em todas as condições, contraem e retêm um gosto por romances. (...) A depravação é universal. Minha visão é ofendida em toda parte por estes livros tolos, e ainda assim perigosos. Eu encontro-os em toaletes da nobreza, e na bolsa de trabalho das costureiras; nas mãos de uma senhora descansando no sofá, e nas mãos da senhora que se senta no balcão. Das amas dos nobres, eles descendem às amantes em lojas de tabaco – das belas que os leem nas cidades, às sirigaitas que os soletram no campo. Eu já vi mães em miseráveis sótãos chorando pelo sofrimento imaginário de uma heroína, enquanto seus filhos choravam de fome; e mulheres de família perderem horas com romances na sala, enquanto suas criadas, emulando o exemplo, trabalhavam de maneira parecida na cozinha. Eu vi moças ajudantes de cozinhas com o pano de prato em uma das mãos e o romance na outra, soluçando as dores de Julia ou de Jemima.⁸⁵

(...) E o que é de longe de maior importância, a castidade – a pura e imaculada CASTIDADE – será em breve apenas um atributo desejável às mulheres. Se essa depravada moda estivesse circunscrita à alta sociedade, eu acho que dificilmente teria dificuldades em lidar com os meus sentimentos (...). Mas como todas as modas, em poucos dias isso chegou a marca de milhões, e hoje em dia a palavra mulher é sinônimo de infâmia. Eu tive alguma dificuldade em traçar a fonte dessa grande calamidade nos setores médios da sociedade (...) e aqueles primeiros que fizeram da leitura de romances um ramo indispensável na formação das mentes de jovens mulheres têm muito o que responder. Sem esse veneno inculcado nas veias, como tem sido, as fêmeas da vida comum não teriam se tornado tão escravas do vício. (...) “E foi a leitura de romances culpada por isso? ”, pergunta-me alguma mulher gentil e sensata que, se tivesse contato com esse tipo de entretenimento, dificilmente existiria; “foi a leitura de romances a responsável por condutas tão fracas? ”. Eu respondo que sim! É nessa escola que as pobres mulheres iludidas absorvem seus princípios errôneos, e dali seguem uma flagrante linha de conduta viciosa.⁸⁶

⁸⁵ *Sylph* no. 5., 6 de outubro, 1796, Pp. 36-37, apud VOGRINČIČ, 2008, p. 104. Tradução minha de: “Women, of every age, of every condition, contract and retain a taste for novels (...) The depravity is universal. My sight is every-where offended by these foolish, yet dangerous, books. I find them on the toilette of fashion, and in the work-bag of the sempstress; in the hands of the lady, who lounges on the sofa, and of the lady, who sits at the counter. From the mistresses of nobles they descend to the mistresses of snuff-shops – from the belles who read them in town, to the chits who spell them in the country. I have actually seen mothers, in miserable garrets, crying for the imaginary distress of an heroine, while their children were crying for bread: and the mistress of a family losing hours over a novel in the parlour, while her maids, in emulation of the example, were similarly employed in the kitchen. I have seen a scullion-wench with a dishcloth in one hand, and a novel in the other, sobbing o’er the sorrows of Julia, or a Jemima”.

⁸⁶ “Novel reading, a cause of female depravity”. In *The New England Quarterly Magazine*. No. 1, abril - junho, 1802. Pp. 173-174. Tradução minha de: “(...) and what is of far greater importance that chastity – pure and spotless CHASTITY – will once mere be the darling attribute of women. Had fashionable depravity been confined to the higher circles of life I think I should hardly have troubled you with these my sentiments (...). But, like every other fashion, a little day hands it down to the million and woman is now but another name for infamy. I have been at some trouble to trace to its source this great calamity in the middling orders of society (...) and I find those who first made novel-reading an indispensable (sic) branch in forming the minds of young women have a great deal to answer for. Without this poison instilled as it

O segundo texto citado, “Leitura de romances: a causa da depravação feminina”, foi bastante explorado pela imprensa, constando em pelo menos quatro jornais: sua primeira aparição foi, segundo Vasconcelos (2007, p. 582), no *Monthly Mirror*, vol. IV., em novembro de 1797; depois, numa publicação estadunidense que replica textos da imprensa britânica, *The New England Quarterly Magazine*, no. 1, abril-junho de 1802; no jornal dedicado ao público feminino *La Belle Assemblée*, em maio de 1817, com alterações no texto; e por fim, na *The Atheneum, Or, Spirit of the English Magazines*, vol. 1, abril-outubro de 1817, outra publicação dos Estados Unidos formada “pelo melhor dos escritos” do Reino Unido.⁸⁷

Em *Practical Education*, Maria Edgeworth e seu pai comentam como é nociva a veiculação de discursos sobre a inferioridade feminina e sobre a ideia de que o estudo e o conhecimentos são impróprios às mulheres:

Noções confusas em publicações da moda, desde periódicos a comédias, que reaparecem em conversas cotidianas e ganham a aparência de autoridade, têm sido extremamente desvantajosas para a educação feminina. O sentimentalismo e o ridículo têm participado na conspiração de se representar a razão, o conhecimento e a ciência como impróprios ou perigosos às mulheres; ao mesmo tempo, a sagacidade e o conhecimento superficial de literatura têm sido objetos de admiração em nossa sociedade; dessa forma, uma perigosa dedução tem sido feita de que conhecimento superficial é mais desejável às mulheres do que conhecimento real, sem que se aponte a falácia dessa ideia.⁸⁸

No Brasil, também se temia a propagação da “infâmia” e da “depravação”, especialmente nos efeitos que teriam nas mulheres. Márcia Abreu traz uma fala do padre pernambucano Miguel do Sacramento Lopes Gama que relembra que “o que estraga os costumes, o que perverte a moral é, por exemplo, a leitura de tanta novela corruptora,

were into the blood females in ordinary life would never have been so much the slaves of vice (...). ‘And was novel reading the cause of this?’, inquires some gentle fair one, who, deprived of such an amusement, could hardly exist; ‘was novel reading the foundation of such frail conduct?’. I answer yes! It is in that school the poor deluded female imbibes erroneous principles and from thence pursues a flagrantly vicious line of conduct (...).’

⁸⁷ *The Atheneum, Or, Spirit of the English Magazines*, Vol 1., 1817.

⁸⁸ EDGEWORTH, 1798, p. 550-551. Tradução minha de: “Confused notions from fashionable publications, from periodical papers, and comedies, have made their way into common conversation, and thence have assumed an appearance of authority, and have been extremely disadvantageous to female education. Sentimentalism and ridicule have conspired to represent reason, knowledge, and science, as unsuitable or dangerous to women; yet at the same time wit and superficial acquirements in literature, have been the object of admiration in society; so that this dangerous inference has been drawn almost without our perceiving its fallacy, that superficial knowledge is more desirable in women than accurate knowledge”.

onde se ensina a filha a iludir a vigilância de seus pais para gozar de seu amante, à esposa a bigodear o esposo, etc. etc.”.⁸⁹

Se o interesse das mulheres pela leitura de romances já era amplo e surtia efeitos em suas leitoras, nesse momento se percebe o potencial do romance como formador moral e instrutivo. Não podendo evitar sua dispersão, havia a possibilidade de discriminar seu conteúdo. Márcia Abreu mais uma vez observa uma “notável homogeneidade nos critérios de avaliação”, sendo a “aferição da moralidade do texto” um dos mais empregados. Para combater os romances sórdidos, nada como os romances morais.⁹⁰

A crítica do final do século XVIII e de todo o século XIX dedica-se a avaliar a qualidade dos romances em circulação na certeza de que a literatura produzia efeitos em seus leitores – portanto, havia um forte elo entre a crítica, que separava o “joio do trigo, identificando romances bem-sucedidos ou, ao menos, toleráveis”,⁹¹ o público-leitor, que muitas vezes não tinha amplo acesso à educação, e romancistas, que sabiam das exigências direcionadas enfaticamente ao seu gênero literário. Ironicamente, o valor estético mais utilizado para incluir mulheres romancistas no rol de grandes autores nos séculos XVIII e XIX, a moralidade, foi utilizado posteriormente para excluí-las, a partir do século XX, segundo Cheryl Turner:

Considerações morais são parte da teia de ideias em que se baseiam tais avaliações de valor literário, e tem sido usado por alguns historiadores para justificar a sua rejeição da ficção desenvolvida por mulheres – particularmente a do começo do século XVIII – na base de que seria lúbrica. Desaprovação ou indiferença à escrita das mulheres, sustentadas por razões estéticas ou morais, tem contribuído para um alto nível de ignorância sobre o alcance e a dimensão da participação das mulheres no mercado literário (...).⁹²

Turner ainda faz um apelo: se no passado alguns historiadores acreditavam que a permanência de determinados livros e o desaparecimento de outros se davam em bases evolutivas (ou seja, os melhores iriam sobreviver e os piores, perecer), hoje sabemos que

⁸⁹ GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. 14 de janeiro de 1840, apud ABREU, 2014-b, p. 96.

⁹⁰ ABREU, 2014-b, p. 97.

⁹¹ IDEM.

⁹² TURNER, 2002, p. 1. Tradução minha de: “Moral considerations are part of the web of ideas underlying such assessments of literary worth and these have been used by some historians to support their rejection of women's fiction – particularly their early eighteenth-century fiction – on the grounds that it is lubricious. Sustained disapproval or indifference to women's writing, for aesthetic or moral reasons, has contributed to a high level of ignorance about the scope and scale of women's involvement in the literature market (...).”.

critérios de avaliação estética são mutáveis, de forma que livros antes excluídos podem vir a ser resgatados.⁹³

A relação entre literatura e moralidade também era feita no Brasil. Valéria Augusti, em sua dissertação de mestrado, *O Romance como Guia de Conduta: A Moreninha E Os Dois Amores*,⁹⁴ revela que havia no Brasil uma grande demanda por guias de conduta. Baseando-se no conceito de literatura prescritiva elaborado por Michel Foucault,⁹⁵ Augusti identifica esse tipo de livro por sua intencionalidade de ensinar ao leitor como agir e qual comportamento seria adequado. De 1769 a 1822, as “listas de pedidos de envio dos livros dirigida à Real Mesa Censória”⁹⁶ para envio de livros para o Brasil incluem obras como *O amigo da juventude, obra didática sobre moral e religião, Thesouro de meninas, Livro dos meninos, Amigo das mulheres, Instruções de uma mãe a seus filhos, entre outros afins*, de claro teor moralizador. O prefácio de *Thesouro de meninos*, que circulou no Brasil ao longo do século XIX, afirma que a obra tem como propósito desenvolver:

A moral, ou necessidade em que estamos de não fazer o mal, e de retribuir a outrem o bem, que nos tiver jeito. A virtude, ou o valor para fazer o bem gratuitamente, e ainda mesmo contra o nosso próprio interesse. A civildade, ou as formas exteriores do homem na sociedade.⁹⁷

Augusti demonstra que esse tipo popular de literatura deitou raízes na atividade dos romancistas brasileiros. Analisando *A Moreninha e Os Dois Amores*, de Joaquim Manuel de Macedo (1820 – 1882), percebe-se que estes romances lançam mão de “procedimentos narrativos que teriam por objetivo conduzir o leitor a identificar-se com determinados valores e padrões de conduta considerados, no contexto da narrativa, virtuosos”.⁹⁸

No entanto, a moral não era o único quesito levado em conta pela crítica literária. Márcia Abreu demonstra que mesmo os organismos da censura examinavam as obras levando em conta o enredo, as personagens, o estilo de linguagem e a temática.⁹⁹

⁹³ IDEM.

⁹⁴ AUGUSTI, 1998.

⁹⁵ FOUCAULT, Michel. 1984, p. 16, apud AUGUSTI, 1998, p. 9.

⁹⁶ Documento recolhido por Márcia Abreu, apud AUGUSTI, 1998, p. 14.

⁹⁷ AUGUSTI, 1998, p. 15.

⁹⁸ IDEM.

⁹⁹ ABREU, 2014-b, p. 97.

Descrições e incidentes deveriam ser bem dosados para não enfadar os leitores e garantir mais fluidez na leitura. A consonância nos quatro países aparece mais uma vez com os seguintes critérios, que garantiam que bons romances eram dotados de:

(...) estilo (elocução) e linguagem corretos, uma boa invenção (escolha do incidente) e belas descrições, cenas que provocassem emoção (patético), uma adequada disposição da matéria (ordem, nexos e dedução), uma boa construção de personagens, um enredo atraente com um desenlace interessante e, sobretudo, plausível, evitando os arrastamentos (longueurs). (...) Além de instruir, deleitar e moralizar.¹⁰⁰

Instruir e deleitar, outro aspecto positivo para o público leitor dos romances. A moral passou a ser defendida como fundamental para evitar a propagação de vícios – o romance que fosse capaz de educar e ensinar seus leitores era considerado vantajoso. Seja com ensinamentos sobre outros países, com os romances de viagens, ou sobre tempos remotos, com os romances históricos, os subgêneros passaram a ser valorizados pelas possibilidades de instrução. Todos os aspectos citados aparecem nas críticas publicadas acerca das obras de Maria Edgeworth, como veremos no Capítulo 3.

Os romances, tidos como capazes de corromper a moral das mulheres, eram percebidos como um risco para a sociedade puritana oitocentista; daí a importância da “CASTIDADE”, colocada em letras maiúsculas no artigo publicado pela *Monthly Mirror*. Se o puritanismo corrente condenava a sexualidade como perversão, a sexualidade feminina era particularmente insidiosa. Marlyse Meyer cita um longo trecho proveniente do livro *A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna* em que o Leites explica esse duplo padrão:

Os homens ainda deveriam ser virtuosos, (...) mas podiam ser menos e ainda assim verdadeiros homens. O valor exemplar da masculinidade não era procurado na perfeição moral, mas na vontade de comando. As demandas da consciência eram distribuídas, dentro de certa extensão, entre as mulheres.¹⁰¹

Segundo Kathryn Hughes, historiadora da Universidade de Oxford, em seu ensaio para o site da *British Library*, “Gender roles in the 19th century”,¹⁰² a educação feminina passa a ser desejável para que as mães tenham capacidade de educar seus filhos de

¹⁰⁰ ABREU, 2014-b, p. 99-100.

¹⁰¹ LEITES, Edmund, 1987, apud MEYER, Marlyse, 2001, p. 63.

¹⁰² HUGHES, s/d.

maneira adequada. Governantas e internatos eram especializados em fornecer uma educação específica às garotas (chamada de “accomplishment”), como a aquisição de leitura e escrita, conhecimento de línguas, de música e de desenho. Entretanto, todos esses ensinamentos eram acompanhados de restrições comportamentais, como moderação do tom de voz e expressões corporais.¹⁰³ Em *Practical Education*, Maria Edgeworth e seu pai tecem uma série de críticas a essa forma de educação feminina:

A educação feminina é, ao que parece, valiosa como objetos de admiração universal. Mas algumas formas dessa educação têm outra espécie de valor, pois funcionam como bilhetes de admiração para as companhias da moda. A educação feminina tem ainda outro frequentemente estimado valor, de supostamente aumentar a chance de uma jovem dama de um prêmio na loteria matrimonial.¹⁰⁴

Como os Edgeworth colocam no trecho anterior, a problemática de se oferecer uma educação específica às garotas é que esses ensinamentos estão revestidos de vontade de tornar as filhas mais propícias ao casamento – ou à loteria dos casamentos, como eles mencionam. Hughes enfatiza que mulheres acusadas de serem *blue-stocking* (ou seja, uma mulher culta e inteligente, que ocupa a maior parte de seu tempo estudando, cujo comportamento é reprovado por alguns homens) dificilmente conseguiriam se casar. A expressão nasce de um dos primeiros salões literários que permitiam a participação de ambos os gêneros, a *Blue Stockings Society*, cuja primeira anfitriã fora a crítica Elizabeth Montagu (1720 – 1800), para designar “mulheres desprovidas de feminilidade e exibicionistas, de tal maneira que tentavam usurpar a superioridade intelectual ‘natural’ dos homens”.¹⁰⁵ Seus membros incluíram Hannah More (1745 – 1833) e Frances Burney – o que nos lembra que, embora hoje sejam apontadas como autoras mais conservadoras, ainda assim tiveram que romper paradigmas para serem mulheres de letras.

As chacotas ao *Blue Stockings Society* eram frequentes na imprensa e não cessaram com o passar dos anos, persistindo até o século XIX, como vemos a seguir na Figura 3. Nessa ilustração, de 1815, vemos muitas mulheres (aproximadamente dez delas)

¹⁰³ HUGHES, s/d.

¹⁰⁴ EDGEWORTH, 1798, pp. 522-523. Tradução minha de: “Accomplishments, it seems, are valuable, as being the objects of universal admiration. Some accomplishments have another species of value, as they are tickets of admiration to fashionable company. Accomplishments have another, and a higher species of value, as they are supposed to increase a young lady's chance of a prize in the matrimonial lottery”.

¹⁰⁵ HUGHES, s/n. Tradução minha de: “Blue-stockings were considered unfeminine and off-putting in the way that they attempted to usurp men's ‘natural’ intellectual superiority”.

se agredindo, atacando umas às outras com selvageria em um cômodo fechado, dentro de uma residência: onde os móveis estão virados e os objetos quebrados. Uma associação clara entre mulheres e histeria; como se mulheres de letras não fossem capazes de serem amistosas umas com as outras, e como se esses salões literários fossem marcados pela agressão e selvageria.



Figura 3: Thomas Rowlandson, “O rompimento do Blue Stocking Club”. Londres, UK: *The Carl H. Pforzheimer Collection of Shelley and His Circle*, 1815.

Edgeworth defende a educação das mulheres e sua inserção no meio literário desde sua primeira publicação, *Letters for Literary Ladies*, de 1795, além de refletir sobre os papéis sociais designados às mulheres no Reino Unido na virada do século XVIII. A recepção crítica desta obra serviu para trazer à cena literária o debate dos direitos das mulheres. Como consta no *The Critical Review*, o livro de Edgeworth traz uma “originalidade viva na observação de um tópico que tem sido muito discutido nesses dias de inovação e liberdade – os direitos das mulheres”.¹⁰⁶ Ao realizar a crítica literária do

¹⁰⁶ *The Critical Review*, n. 19, 1795. Tradução minha de: “(...) a sprightly originality of remark on a topic which has been greatly discussed in these days of innovation and liberty, -the rights of woman”.

livro, os críticos mencionam as desigualdades entre homens e mulheres. A crítica abaixo demonstra que Edgeworth conseguiu acender uma faísca na discussão dos direitos das mulheres:

No atual estado de conhecimento e civilização, é surpreendente que os direitos, os deveres e os interesses das mulheres sejam tão mal entendidos, a ponto de ainda ser objeto de disputa se as mulheres devem ser tratadas como iguais aos homens, ou se devem ser escravas – se elas podem gozar, enquanto metade de nossa espécie, dos benefícios e dos prazeres do intelecto, ou se devem ser eternamente mantidas no estado de subjugação por consequência de sua ignorância. As cartas diante de nós, evidentes produções de uma mente iluminada e elegante, são adaptadas para alegremente corrigir alguns desses erros e preconceitos a respeito da personalidade feminina, que por tempo demais tem entretido tanto homens quanto as mulheres; e particularmente para alertar o belo sexo contra algumas loucuras ridículas e erros perigosos com que o atual modelo de educação as trai.¹⁰⁷

A primeira parte do livro consiste da troca de cartas entre dois pais de meninas; um deles, AN, quer convencer o outro de que a vasta educação que ele oferece a sua filha é perigosa, enquanto o outro se defende das acusações. A segunda parte também é epistolar; duas amigas, Caroline, a razão, e Julia, a sensibilidade; um tipo de contraponto que será exaustivamente explorado ao longo do XIX. Julia está tão afetada por uma sensibilidade mórbida, em que associa o casamento ao sacrifício, mais do que à felicidade, e a paixões à morte, que morre no final da história de maneira trágica.

Essas cartas trazem uma interessante compilação sobre os perigos da educação feminina, que possivelmente Edgeworth teve que responder ao longo da vida, dizendo que “mulheres de letras serão, eu receio, perdedoras no amor e também na amizade por conta de sua superioridade”,¹⁰⁸ e que “uma senhora que aspira os sublimes prazeres da filosofia e da poesia irá menosprezar os deveres da vida doméstica”,¹⁰⁹ e que serão exibicionistas inconvenientes de suas sabedorias (“como você espera, meu caro amigo,

¹⁰⁷ *The Analytical Review on Edgeworth's Letters for Literary Ladies*, vol. 23, 1796. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.litletters.analyticalreview.1>> (acesso em 05/05/2017). Tradução minha de: “In the present state of knowledge and civilization, it is surprising, that the rights, the duties, and the interests of women should be so imperfectly understood, as still to leave it a subject of dispute, whether they should be treated by the men as equals, or as slaves;—whether they be to enjoy, in common with the other half of the species, the benefits and pleasures of intellect, or to be for ever kept in that state of subjugation which is the necessary consequence of comparative ignorance. The letters now before us, evidently the production of an enlightened and elegant mind, are happily adapted to correct some of those errors and prejudices, which have been long entertained, both by men and women, concerning the female character; and particularly to caution the fair sex against some ridiculous follies, and dangerous mistakes, into which their present mode of education frequently betrays them”.

¹⁰⁸ EDGEWORTH, 1795, p. 34.

¹⁰⁹ IDEM, p. 36.

que sua filha, como toda essa genialidade e conhecimento que você a fornece, irá se abster de imprudentes exhibições?”).¹¹⁰ A conclusão é no sentido de que uma mulher, seja na vida doméstica, seja nas aparições públicas, está mais sujeita a perigos e enganos se não tiver o mínimo de conhecimento sobre como a sociedade funciona.

Apesar de ter escrito diversos textos em que critica a condição subalterna da mulher na sociedade, Maria Edgeworth seria resgatada pelo crítico literário Samuel Hall, em 1877, como uma autora que seria contrária à ascensão do movimento feminista – segundo a crença de Hall, visto que Edgeworth falecera anos antes da organização do movimento.

É motivo de profundo pesar, de intensa tristeza, de fato – “que seja dito, para a sua vergonha” – que as mulheres tenham inaugurado recentemente um 'movimento' pela criação do que elas chamaram de 'Direitos das Mulheres', e entre seus zelosos e impensáveis defensores constam algumas – muito poucas – Mulheres das Letras. (...) Eu acredito que esta 'organização' está grávida de um perigo incalculável não só para os homens, mas especialmente para as mulheres; e que, se essa 'reivindicação' seja atendida e as mulheres sejam deslocadas de suas esferas próprias, a sociedade, alta e baixa, receberá um choque que não apenas convulsionará, mas rasgará seu tecido.¹¹¹

Neste mesmo livro, Hall ainda diria que Edgeworth compartilhava as mesmas ideias que Hannah Moore, autora bastante conservadora (que, mesmo assim, teve que enfrentar o preconceito para participar da *Blue Stockings Society*): “as verdadeiramente grandes e essencialmente boas mulheres que descrevi aqui teriam feito seus protestos se tivessem vivas para ver esse perigo representado por certas lutadoras tolas empenhadas em distorcer seus sexos”.¹¹²

Para sustentar essa posição, Hall teve não só que ignorar toda a obra *Letters for Literary Ladies*, como também a última obra escrita pela autora, *Helen*, onde há passagens em que se afirma que:

As mulheres são hoje em dia tão bem instruídas, e os assuntos políticos são de tanta importância no presente, de tão grande interesse para todos os seres humanos que vivem juntos em sociedade, que você dificilmente

¹¹⁰ EDGEWORTH, 1795, p. 41

¹¹¹ HALL, 1877, p. 132. Tradução minha de: “It is matter for deep regret, for intense sorrow indeed – 'be it spoken, to their shame' – that women have recently inaugurated a 'movement' for the creation of what they call 'Woman's Rights', and that among its zealous, but unthinking advocates are a few – very few – Women of Letters. (...) I believe this 'movement' to be pregnant with incalculable danger to men, but especially to women; and that, if the " claims" be conceded and women be displaced from their proper sphere, society, high and low, will receive such a shock as must not only convulse, but shatter, its fabric”.

¹¹² IDEM. Tradução minha de: “the truly great and essentially good women I have described would have ‘entered their protests’ if they had lived to see the peril in which certain foolish brawlers are striving to place their sex”.

pode esperar, Helen, que você, uma criatura racional, poderá passar pelo mundo tal como ele é atualmente sem formar nenhuma opinião sobre os pontos importantes do debate público. Você não pode, eu compreendo, satisfazer-se com a frase pequena, piegas e lugar-comum que diz “as senhoras não têm nada a ver com política”.¹¹³

Helen é considerado um dos grandes romances de Maria Edgeworth, sendo o escolhido por Spender para o “cânone” do *Mothers of the Novel*, e possui trechos em que personagens femininos defendem que as mulheres devem se envolver em debates políticos e ter os mesmos direitos que os homens, conforme vemos na citação acima. Embora o livro de Hall tenha sido escrito 57 anos depois do recorte histórico promovido pela pesquisa, a relutância de Hall em aceitar a luta pela conquista dos direitos das mulheres e sua cobrança para que as mulheres de letras sejam contrárias à iniciativa são exemplares do pensamento conservador de todo o século.

1.4. Uma biografia de Maria Edgeworth

Conhecer a biografia de Maria Edgeworth se mostrou importante para este trabalho, pois elementos sobre a vida pessoal da autora têm destaque nas críticas literárias que as obras de Maria Edgeworth receberam na Inglaterra e nas menções em periódicos do Brasil, como demonstrarei nos Capítulos 2 e 3. Conforme será possível concluir adiante, muitos desses indícios fazem referência a figura da escritora em si: como viveu, qual sua relação com a família, com quantos anos começou a escrever, etc. Não apenas suas obras circularam entre os países: a *persona* de Edgeworth foi motivo de investigações e de curiosidades por parte do público leitor. No século XIX, o interesse pelas *personas* literárias parece derivar da curiosidade que o público tinha sobre a vida de escritores. Também nesse período, há a ideia de que vida e obra formam um todo e que a boa compreensão de uma obra requer o conhecimento da vida.

E o interesse pela vida de Maria Edgeworth não ficou circunscrito ao século XIX. Depois de quase meio século de silêncio sobre a autora, a preocupação ressurgiu com

¹¹³ EDGEWORTH, 1893, p. 260. Tradução minha de: “Women are now so highly cultivated, and political subjects are at present of so much importance, of such high interest, to all human creatures who live together in society, you can hardly expect, Helen, that you, as a rational being, can go through the world as it now is, without forming any opinion on points of public importance. You cannot, I conceive, satisfy yourself with the common namby-pamby little missy phrase, 'ladies have nothing to do with politics'”.

Marilyn Butler, autora de *Maria Edgeworth: a literary biography*,¹¹⁴ Brian Hollingworth, com *Maria Edgeworth's Irish writing: language, history, politics*,¹¹⁵ e Julie Nash, com *New essays on Maria Edgeworth*,¹¹⁶ além de outros trabalhos historiográficos e estudos feministas, como *Laughing Feminisms*, de Audrey Bilger,¹¹⁷ e os já mencionados *Living by the Pen: Women Writers in the Eighteenth Century*, de Cheryl Turner, e *Mothers of the Novel*, de Dale Spender. No Reino Unido e Estados Unidos, o resgate dessa autora tem sido efetivo; mas não é o caso do Brasil, onde Maria Edgeworth permanece desconhecida.

Como esses trabalhos procuram realizar uma revisão da história da literatura com o intuito de incluir mulheres, havia um interesse em entender como Edgeworth conseguira se firmar como mulher de letras em uma sociedade tão pouco receptiva. Virginia Woolf, ainda em 1929, já afirmava que “uma mulher tem que ter dinheiro e um teto todo seu se ela quiser escrever ficção”,¹¹⁸ reconhecendo assim que questões de dependência financeira e social as separavam da possibilidade da escrita. Por conta disso, diversas abordagens feministas consideram importante compreender as maneiras que as mulheres de letras viviam.

Anos antes da biografia literária de Marilyn Butler, outros dois materiais biográficos de Edgeworth haviam sido publicados. Augustus J. C. Hare lançou *The Life And Letters Of Maria Edgeworth* em 1894. No prefácio, o autor conta que quando requisitaram a Maria Edgeworth uma biografia para inserir nas edições de suas obras, ela teria respondido: “Como uma mulher, minha vida, totalmente doméstica, não oferece nenhum tipo de interesse ao público”.¹¹⁹ Hare escreve apenas nove páginas sobre Edgeworth, fornecendo informações sobre sua infância: do nascimento, no dia 1º de janeiro de 1768, na Inglaterra, onde morou até os cinco anos de idade, até sua mudança para Edgeworthstown, na Irlanda, na ocasião da morte de sua mãe. Daí em diante, a vida da autora é contada nas 324 páginas seguintes por meio de suas correspondências. Como o próprio nome da cidade indica, Edgeworthstown era administrada pela família

¹¹⁴ BUTLER, 1972.

¹¹⁵ HOLLINGWORTH, 1997.

¹¹⁶ NASH, 2006

¹¹⁷ BILGER, 2002.

¹¹⁸ WOOLF, 1929, p. 1. Tradução minha de: “(...) a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction”.

¹¹⁹ HARE, 1894, p. I.

Edgeworth. Eles eram proprietários das terras em que havia um considerável número de arrendatários, subordinados a Richard Edgeworth, pai da escritora.

Em 1907, Maria Edgeworth ganha uma nova biografia, escrita pela Honorária Emily Lawless¹²⁰ para a coleção “English Men of Letters”, lançada pela editora Macmillan.¹²¹ Lawless fornece mais relatos da trajetória de Edgeworth, incluindo detalhes dos conturbados eventos que Edgeworth vivenciou quando já residia na Irlanda: a Rebelião Irlandesa, “escrita com sangue e horror em uma parte considerável do país”,¹²² em 1798, no qual um grupo revolucionário, inspirado pela Revolução Francesa, tentou organizar a tomada da cidade de Dublin, mas acabou massacrado pelas tropas britânicas; o Ato da União de 1801, quando Irlanda e Inglaterra se juntaram, tornando-se o Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda, que, “apesar de ser um evento muito importante, afetou apenas as classes mais altas e os cidadãos de bem de Dublin”;¹²³ e a Grande Fome de 1845–1849, um terrível período marcado pela contaminação das batatas, principal alimento consumido pelos irlandeses no período, o que resultou em um número de mortes ainda mais alto do que o da rebelião.

Lawless, ela mesma irlandesa, ressalta que esses “três eventos trouxeram um resultado muito desastroso à vida social” da Irlanda, e que esses fatos não podem ser ignorados ao tratar da trajetória de Maria Edgeworth.¹²⁴ Apesar de ressaltar o envolvimento de Maria Edgeworth na vida social e política do país, sobretudo na cidade de Edgeworthstown, Lawless compartilha a ideia de que a biografada teve “uma notável vida tranquila, na maior parte; uma vida, aliás, tão exclusivamente doméstica, que seria

¹²⁰ “A Honorária”, como consta em sua assinatura, por ser filha de Edward Lawless, o 3º Barão de Cloncurry (região da Irlanda).

¹²¹ Dezoito autores foram contemplados nesta coleção: George Crabbe, por Alfred Ainger; Edward Fitzgerald, por A.C. Benson; Dante Gabriel Rossetti, por A.C. Benson; William Hazlitt, por Augustine Birrell; Andrew Marvell, por Augustine Birrell; Robert Browning, por G. K. Chesterton; Fanny Burney, por Austin Dobson; Samuel Richardson, por Austin Dobson; Jeremy Taylor, por Edmund Gosse; Thomas Moore, por Stephen Gwynn; John Ruskin, por Frederick Harrison; Adam Smith, por F. W. Hirst; Maria Edgeworth, pela Hon. Emily Lawless; Alfred Tennyson, por Sir Alfred Lyall; Matthew Arnold, por Herbert Paul; Sydney Smith, por George W. E. Russell; George Eliot, por Leslie Stephen; e Thomas Hobbes, por Leslie Stephen.

¹²² LAWLESS, 1905, p. 44. Tradução minha de: “wrote itself in blood and horror across a considerable part of the country”.

¹²³ IDEM, p. 45. Tradução minha de: “The Union again, although a much more important event, chiefly affected the upper classes, and the well-to-do citizens of Dublin”

¹²⁴ IBIDEM, p. 43. Tradução minha de: “(...) all three in several respects a very disastrous, effect upon that social life”.

diffícil ser mais ou menos monótona”¹²⁵, ainda que diversas passagens da biografia atestem o oposto.

Richard Lovell Edgeworth, o pai, era um conhecido homem de letras formado em Oxford, membro de diversos grupos filosóficos, como a “Lunar Society” e a “Academia Real Irlandesa”, da qual era co-fundador, e políticos, que defendiam os interesses da Irlanda frente à Inglaterra, principalmente depois do Ato da União. Maria foi a segunda filha do casal formado com Anna Maria Elers (1743–1773) – que, como já mencionado, faleceu cinco anos depois do nascimento da autora. Richard Edgeworth se casou mais três vezes, incluindo com duas irmãs da família Sneyd, Honora (1751–1780) e Elizabeth (1753–1797), algo consideravelmente polêmico no período, inclusive do ponto de vista legal.¹²⁶

Honora e Elizabeth Sneyd não cresceram juntas. Depois da morte da mãe delas, Elizabeth continuou a viver com seu pai, mas Honora, então com seis anos, passou a morar com a família Seward. Foi muito próxima de Anne Seward, poeta renomada e defensora dos direitos das mulheres, autora de *The Female Right to Literature* (1748). Honora Sneyd frequentava a “Lunar Society”, onde conheceu o patriarca Edgeworth, sendo descrita como uma intelectual por Butler.¹²⁷ Ela compartilhava as ideias progressistas de Seward: nas memórias que Maria Edgeworth escreveu de seu pai, há diversas passagens em que sua madrastra defende os direitos das mulheres (como direitos igualitários no casamento e o direito à educação), e que ela “não admitia que seu marido tivesse controle de suas ações; ela não achava que as mulheres deveriam ser reclusas da sociedade para manter suas virtudes feminina, nem para assegurar a felicidade doméstica”.¹²⁸ Ela estimulou a disciplina e o gosto por estudos de Maria Edgeworth.

O relacionamento mais duradouro de Richard Edgeworth foi com Frances Anne Beaufort (1769–1865), uma artista e botânica, com quem Maria desenvolveu uma profunda amizade e a quem chamava de “mãe”, apesar de ser um ano mais velha do que

¹²⁵ LAWLESS, 1905, p. 213. Tradução minha de: “she lived for the most part a remarkably quiet life; a life, moreover, which was so exclusively domestic, that it could hardly have failed to be a more or less humdrum one”.

¹²⁶ Até 1907, com aprovação do “The Deceased Wife's Sister's Marriage Act” pelo Parlamento do Reino Unido, era proibido que um homem se casasse com alguma irmã da ex-esposa morta.

¹²⁷ BUTLER, 1972, p. 42.

¹²⁸ EDGEWORTH, 1820, p. 160. Tradução minha de: “Miss Honora Sneyd would not admit the unqualified control of a husband over all her actions; she did not feel that reclusion from society was indispensably necessary to preserve female virtue, or to secure domestic happiness”.

ela. Depois da morte de Maria Edgeworth, em 22 de maio de 1849, a madrasta, já com 80 anos de idade, escreveu um livro em memória da enteada com cartas selecionadas, mas que apenas circulou entre pessoas mais próximas à família, sem ser impresso por uma editora, como explica Hare.¹²⁹ Frances Anne Edgeworth conheceu a família quando foi convidada a ilustrar a terceira edição de *Parent's Assistant*. Eles se casaram em meio à Rebelião Irlandesa, em 1798. Os tempos de fato não eram tranquilos em meio à rebelião: quando voltavam para Edgeworthstown da igreja em Dublin, onde ocorrera o casamento, a roda da carruagem quebrou e o sr. Edgeworth passou por apuros para conseguir encontrar uma roda nova, já que não havia ninguém pelas ruas e nas pousadas no caminho. Quando conseguiram ajuda em uma pousada, a atendente sussurrou que os rebeldes estavam próximos, e que eles deveriam tomar cuidado. Eles encontraram carruagens reviradas e um homem enforcado pelo caminho.¹³⁰

O envolvimento político com a Irlanda e a negligência da Inglaterra em relação ao seu país foi algo caro à autora, como observam Lawless e Butler. Durante a Grande fome de 1845–1849, ela comenta o quanto a situação era desesperadora, e critica os proprietários ingleses que, longe da devastação da Irlanda, não poupavam os camponeses:

Há tanta dificuldade nesta temporada para os pobres inquilinos para fazer as suas rendas: gado, aveia, manteiga, batatas, todas as coisas têm afundado consideravelmente no preço. Nestas circunstâncias, não é apenas humano, mas absolutamente necessário, que os proprietários devem dar mais tempo do que o habitual para os camponeses acertarem as contas. Alguns não podem pagar as feiras até o início de novembro, de forma que tenho que ficar aqui para ajuda-los em todos os eventos.¹³¹

As doenças causadas pela praga, a fome por ausência de alimentos e a emigração em massa causada pelo desespero diante da situação fez com que a população da Irlanda diminuísse de 20 a 25% no período. Ativa no movimento a favor dos camponeses, Edgeworth dedicou a renda do livro *Orlandino* ao fundo de ajuda aos famintos. A questão da Irlanda no Reino Unido foi um tema bastante explorado pela autora, como se vê: daí a alcunha de que ela seria “o Walter Scott irlandês”.

¹²⁹ HARE, 1894, p. I.

¹³⁰ Carta de Maria Edgeworth à Sophy Buxon, 31 de maio de 1798. In HARE, 1894, p. 54-55.

¹³¹ Carta de Maria Edgeworth, Edgeworthstown, dezembro de 1842. In HARE, 1894, p. 646. Tradução minha de: “There is such difficulty this season for the poor tenants to make up their rents; cattle, oats, butter, potatoes, all things have so sunk in price. In these circumstances, it is not only humane, but absolutely necessary, that landlords should give more time than usual. Some cannot pay till after certain fairs in the beginning of November that I must have stayed for, at all events”.

Richard e Maria Edgeworth desenvolveram uma parceria na escrita e no engajamento político – inclusive, o alcance da interferência paterna na criação literária da filha foi motivo de discussão, como indica a biografia de Lawless:

A história da família Edgeworth, especialmente no que diz respeito à figura marcante de Richard Lovell Edgeworth – seus casamentos complicados, sua relação com sua filha Maria, a submissão dela às suas concepções literárias, e o questionamento adicional do quanto que sua submissão prejudicou, ou não, a sua própria posição enquanto autora – tem sido tema de alguns trabalhos bons e capazes.¹³²

Juntos, escreveram dois ensaios: *Practical Education*, educacional, que conta também com a colaboração de Honora Sneyd, e *Essay on Irish Bulls*,¹³³ político. Seu pai ao mesmo tempo estimulava e cerceava suas produções literárias: por um lado, incentivou o gosto pelos estudos e as habilidades literárias da filha com afincos desde quando ela era criança, apoiando os seus escritos e defendendo publicamente seus livros, mas por outro, revisava todas as obras e impunha suas preferências à filha. Havia na figura paterna um misto de proteção e autoridade. No prefácio de *Tales of Fashionable Life*, Edgeworth-pai revela que sua filha, apesar de colecionar uma boa recepção literária, ainda se sentia mais julgada por seu gênero do que por suas qualidades como escritora:

Minha filha me pediu para prefaciá-los os volumes a seguir; tomada por uma fraqueza perdoável, ela pede proteção parental a mim; mas, de fato, o público deveria julgar cada trabalho não a partir do sexo do autor, mas a partir de seu mérito.¹³⁴

Entre as influências que Edgeworth-pai teria exercido sob sua filha, menciona-se sobretudo o caráter moralista presente nas obras dela – tanto na biografia de Lawless quanto na biografia de Butler. Nesse ponto, as semelhanças entre Frances Burney e Maria Edgeworth, mencionadas anteriormente, reaparecem, uma vez que elas teriam sido “guiadas por seus pais, que nem sempre lhes forneciam os melhores conselhos, e a

¹³² LAWLESS, 1905, p. 1. Tradução minha de: “The history of the Edgeworth family, especially of that very remarkable personage Mr. Richard Lovell Edgeworth, his complicated marriage arrangements, his relations with his daughter Maria, her submissiveness to his views of literature, and the further question of how far that submissiveness has, or has not, injured her own position as an author,—all this has formed the theme of a good many capable pens”.

¹³³ EDGEWORTH, EDGEWORTH & SNEYD, 1802.

¹³⁴ EDGEWORTH, 1809, p. iii. Tradução minha de: “My daughter asks me for a Preface to the following volumes; from a pardonable weakness she calls upon me for parental protection: but, in fact, the public should judge of every work, not from the sex, but from the merit of the author”.

responsabilidade de diversos ‘defeitos’ da escrita de ambas podem traçadas aos direcionamentos de seus pais”.¹³⁵

Richard Edgeworth teve 22 filhos. Como morou na propriedade do pai até sua morte, Maria Edgeworth lidou com a educação de seus irmãos mais novos por boa parte da vida. Ela nunca se casou e nem teve filhos. Seu primeiro livro ficcional, *Parent's Assistant* (1795), reúne contos que costumava ler para seus irmãos. Escrever para eles foi uma grande inspiração – afinal, todos os seus livros infantis foram aproveitados por sua própria família: *Early Lessons* (1800), *Moral Tales for Young People* (1801), *Rosamond: A Sequel to Early Lessons* (1821) e *Frank: A Sequel to Frank in Early Lessons* (1822). Todos os seus livros revelam uma preocupação com a formação intelectual e moral de seus leitores, e essa característica é mais saliente nas obras feitas para crianças, conforme discutirei no Capítulo 4.

Maria Edgeworth viajou com a família, entre 1800 e 1805, pelas seguintes cidades: Leicester e Londres (Inglaterra), Bruxelas (Bélgica), Chantilly, Paris e Calais (França), e Edimburgo (Escócia). Há uma série de cartas sobre os palácios e as personalidades que conheceram nessa viagem (muitos barões, madames e *monsieurs*).¹³⁶ Maria Edgeworth foi surpreendida com um pedido de casamento enquanto estava em Paris, feito pelo Monsieur Edelcrantz (que ela recusa por não se conhecerem há tempo suficiente para firmar um compromisso e porque a autora não queria se mudar para a Suécia, onde ele morava).¹³⁷ Em visitas às bibliotecas e livrarias, Edgeworth percebe que seu nome era conhecido internacionalmente: recebeu diversos convites para jantares e foi requisitada para conhecer outros autores, como vemos, por exemplo, na carta a seguir:

nós caminhamos (...) para uma biblioteca circulante. Meu pai pediu por “Belinda”, “Bulls”, etc., e descobriu que todos tinham boa reputação – “Castle Rackrent” considerado o melhor – os outros quase sempre emprestados, enquanto a maioria comprava “Castle Rackrent”. O livreiro, um homem de bom coração, nos implorou para adquirir um livro de poemas recentemente publicado pela senhorita Watts, de Leicester, e concordamos em conhece-la. (...) No momento em que a Sra. Edgeworth entrou [no salão], a Sra. Watts, confundindo-a com a autora, esticou seus longos braços magros e a envolveu em abraços, “Oh, que honra em conhece-la!”. (...) [Depois de explicar quem era realmente a autora dos livros] ela então moveu sua cadeira para perto

¹³⁵ SPENDER, 1987, posição 5701. Tradução minha de: “Both Fanny Burney and Maria Edgeworth were guided by their fathers who do not seem always to have given very good advice, and the responsibility for some of the ‘defects’ in the writing of these two women can be laid at the door of their father's directions”.

¹³⁶ Ver “Contents, 1802-1803” em HARE, 1894, p.v.

¹³⁷ Carta de Maria Edgeworth à Sophy Buxton, 3 de dezembro de 1802. In HARE, 1894, pp. 112-113.

de mim, e começou a despejar elogios “Oh, a Lady Delacour!”, “Oh, Letters for Literary Ladies!”.¹³⁸

Nesse momento, Maria Edgeworth percebeu algo que se tornaria evidente no decorrer do século XIX em diversos países: além de conhecer suas obras, o público leitor queria conhecer a mulher responsável pelos livros, chegando a situações em que o interesse pelo escritor superava aquele demonstrado pelas obras. A Sra Watts teve a oportunidade de conhecê-la pessoalmente, mas mesmo aqueles que não poderiam encontrá-la também queriam ter pelo menos alguma informação sobre a vida de Edgeworth. Como vemos no relato da carta acima, Edgeworth não parecia entusiasmada com a fama, e aparentemente não queria alimentar essa curiosidade; por isso se recusava a escrever biografias. Contudo, se essa era a tônica do período (um interesse crescente pela vida dos autores), não havia nada que Edgeworth pudesse fazer para evitar.

¹³⁸ Carta de Maria Edgeworth à Senhorita Sneyd, 27 de setembro de 1803. In HARE, 1894, pp. 87-88. Tradução minha de: “We (...) walked (...) to a circulating library. My father asked for ‘Belinda’, ‘Bulls’, etc., found they were in good repute — ‘Castle Rackrent’ in better — the others often borrowed, but ‘Castle Rackrent’ often bought. The bookseller, an open-hearted man, begged us to look at a book of poems just published by a Leicester lady, a Miss Watts, and we agree to meet her. (...) The moment Mrs. Edgeworth entered, Miss Watts, mistaking her for the authoress, darted forward with arms, long thin arms, outstretched to their utmost swing: ‘Oh, what an honor this is!’ (...) She now drew her chair close to me, and began to pour forth praises: ‘Lady Delacour, O! Letters for Literary Ladies, O!’”.

Capítulo 2

MARIA EDGEWORTH, A “FAVORITA DOS *LITERATI*” E “EXCELENTE MULHER!”¹³⁹

2.1. Os romances de Maria Edgeworth

Castle Rackrent,¹⁴⁰ marco da entrada de Maria Edgeworth como autora em prosa ficcional para adultos, considerado o melhor romance da escritora pelos críticos, foi publicado anonimamente e sem o conhecimento do pai em 1800. Não possui ensinamentos morais, como vemos em suas obras posteriores – mais um indício que corrobora a hipótese de que a moralidade era o resultado de uma influência paterna. O responsável pela publicação foi J. Johnson, com quem Edgeworth trabalhou por toda a vida. Foram lançadas edições em Londres e em Dublin simultaneamente; a segunda e a terceira edições londrinas vieram ainda em 1801, em Dublin, a segunda veio em 1801 e a terceira em 1802; a quarta edição em ambas as cidades em 1804; a quinta em 1810; e há pelo menos mais três edições até 1850. Em 1802, foi traduzida para o alemão. Chegou a Boston em 1814.¹⁴¹

O romance se passa em meados do século XVII e conta a história de quatro gerações dos irlandeses Rackrent, sendo narrada por Thady Quirk, criado da família. A linguagem de Quirk é baseada nas expressões típicas do país – de tão próxima a oralidade local, Edgeworth teve que adicionar, de última hora, um glossário no final do livro para que os moradores da Inglaterra e da Escócia conseguissem compreender o enredo.¹⁴² O narrador do romance é considerado inovador não só pela linguagem, mas também pelo fato de ser um observador dos fatos narrados, e não aquele que executa as ações descritas

¹³⁹ Uma versão preliminar, reduzida e alterada deste capítulo foi apresentada como comunicação no 13º Congresso Internacional Mundo de Mulheres e 11º Fazendo Gênero: Transformações, Conexões e Deslocamentos, realizado entre os dias 30 de julho e 4 de agosto, no Simpósio Temático “As experiências pessoais da crítica feminista: o campo literário”, sob o título “Maria Edgeworth, uma romancista britânica no Brasil (século XIX)”. Foi publicado um artigo baseado na comunicação – cf: FRANCISCON, 2017-b.

¹⁴⁰ EDGEWORTH, 1801.

¹⁴¹ Informação disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1801A026>> (acesso em 10/05/2017). Ver “further editions”.

¹⁴² IDEM, pp. I-III.

no livro, de modo que não se pode confiar em seus relatos – o próprio narrador coloca em dúvida e fornece indícios para interpretações diversas das histórias que conta. Quirk também se vale do recurso de se dirigir ao público leitor, imaginando as reações que público terá diante de sua narrativa (“to look at me, you would hardly think ‘poor Thady’”),¹⁴³ o que demonstra consciência de seu papel como narrador e de sua intenção de direcionar os leitores para que tenham as mesmas conclusões que ele.

Quanto aos personagens da família Rackrent, eles representavam tipos cômicos dos irlandeses, apesar de Quirk tentar conferir ares de nobreza a eles: o patriarca Sir Patrick era um alcoólatra; Sir Murtagh estava sempre envolvido em processos judiciais para tentar ganhar dinheiro fácil (ainda que sem sucesso); Sir Kitt resolveu se mudar da Irlanda para gerenciar as terras à distância (um problema que foi denunciado pela família Edgeworth ao longo de anos) e se tornou viciado em jogos de aposta em Londres; e sir Condy, que reuniu o vício em jogos de Kitt, a manipulação judicial mal-sucedida de Murtagh e o alcoolismo de Patrick. Por fim, o filho de Thady Quirk, Jason, consegue tomar conta das finanças da família Rackrent e toma a posse das terras, tornando-se ele mesmo o senhor. A intenção de Thady na narrativa é demonstrar que eles foram fiéis aos Rackrents e que a usurpação não poderia ser considerada uma traição, mas sim uma ação movida pelo interesse dos moradores da região. Edgeworth explica a sua intenção ao retratar esses estereótipos no prefácio do livro:

Os comportamentos retratados nas páginas seguintes não condizem com os tempos atuais; a raça da família Rackrent foi há muito tempo extinta da Irlanda. Existe um momento em que os indivíduos podem ser reunidos em suas loucuras e absurdos do passado sem serem feridos por isso, depois de terem adquirido novos hábitos e novas consciências. Tanto as nações quanto os indivíduos perdem gradualmente o apego por suas identidades, e a geração atual consegue se divertir, e não se ofender, com o ridículo que projetam em seus antepassados. Quando a Irlanda perder sua identidade por conta da união com a Grã-Bretanha, ela olhará para trás com um sorriso e com bondosa complacência para os Sir Kitts e Sir Condys de outrora.¹⁴⁴

¹⁴³ IBIDEM, p. 5.

¹⁴⁴ IBIDEM, pp. XII-XVI. Tradução minha de: “(...) The manners depicted in the following pages are not those of the present age; the race of the Rackrents has long since been extinct in Ireland (...). There is a time when individuals can bear to be rallied for their past follies and absurdities, after they have acquired new habits and a new consciousness. Nations as well as individuals gradually lose attachments to their identity, and the present generation is amused rather than offended by the ridicule that is thrown on their ancestors. When Ireland loses her identity by an Union with Great Britain, she will look back with a smile of good-natured complacency on the Sir Kitts and Sir Condys of her former existence”.

Maria Edgeworth contou em correspondências que teve a ideia de escrever o livro quando conheceu os camponeses da região de Edgeworthstown; os mais velhos possuíam vocabulários e maneiras de contar histórias totalmente diversos dos que ela estava acostumada a ouvir na Inglaterra.¹⁴⁵ Percebendo que esses aspectos da linguagem logo se perderiam com o tempo, resolveu tentar registrá-los em um romance – e passou a anotar os termos e os recursos narrativos que os anciões utilizavam.

A crítica literária Kathryn Kirkpatrick, responsável pelas edições dos livros de Edgeworth pela Oxford Press, afirma que *Castle Rackrent* é pioneiro em uma série de subgêneros que se tornariam populares ao longo do século XIX, como o romance histórico e o romance regional.¹⁴⁶ Margaret Drabble também defende, em *The Oxford Companion to English Literature*, que *Castle Rackrent* é o primeiro romance histórico,¹⁴⁷ e não *Waverley* (publicado apenas em 1814), de Walter Scott, como argumenta, por exemplo, György Lukács. Walter Scott era ele mesmo um fã da obra. Em um paratexto de *Waverley*, chamado “Um epílogo, que deveria ter sido um prólogo”, Scott admite que as obras de Edgeworth serviram de inspiração para a sua:

(...) Os cavalheiros escoceses das terras baixas e os personagens subordinados não são apresentados em retratos individuais, mas são extraídos dos costumes gerais do período, cujos restos eu testemunhei em meus dias mais novos, e outros recolhi da tradição.

Descrever essas pessoas tem sido o meu objetivo, não a partir da caricatura e do exagero na representação do dialeto nacional, mas por seu costumes, comportamentos e sentimentos – para em alguma medida emular os admiráveis retratos irlandeses pintados pela senhorita Edgeworth, tão diferentes dos “Teagues” e “dear joys” que outrora ocuparam o drama e o romance, com uma perfeita semelhança familiar entre si.¹⁴⁸

¹⁴⁵ Carta de Maria Edgeworth de 1834, apud LAWLESS, 1905, pp. 89-91. “The only character drawn from the life in *Castle Rackrent* is 'Thady' himself, the teller of the story. He was an old steward (not very old, though, at that time; I added to his age, to allow him time for the generations of the family). I heard him when I first came to Ireland, and his dialect struck me, and his character; and I became so acquainted with it, that I could think and speak in it without effort; so that when, for mere amusement, without any idea of publishing, I began to write a family history as Thady would tell it, he seemed to stand beside me and dictate; and I wrote as fast as my pen could go”.

¹⁴⁶ KIRKPATRICK. “Introduction to *Castle Rackrent*”. In EDGEWORTH, 1995.

¹⁴⁷ DRABBLE, 1985.

¹⁴⁸ SCOTT, 1850, p. 244. Tradução minha de: “The Lowland Scottish gentlemen and the subordinate characters are not given as individual portraits, but are drawn from the general habits of the period, of which I have witnessed some remnants in my younger days, and partly gathered from tradition. It has been my object to describe these persons, not by a caricatured and exaggerated use of the national dialect, but by their habits, manners, and feelings, so as in some distant degree to emulate the admirable Irish portraits drawn by Miss Edgeworth, so different from the ‘Teagues’ and ‘dear joys’ who so long, with the most perfect family resemblance to each other, occupied the drama and the novel.”

Nesse texto, Scott também comentou as mudanças pelas quais o Reino Unido passou no decorrer do século XVII ao XIX; e afirmou que a Inglaterra minava o crescimento dos países vizinhos para mantê-los em condições coloniais. Os dois autores trocaram diversas cartas ao longo da vida e se encontraram pessoalmente algumas vezes. A dedicatória do autor causou comoção na família Edgeworth, conforme relatado da carta abaixo, feito logo após a autora realizar algumas críticas à obra e comentar como foi a leitura em família (a mãe a que Maria Edgeworth se refere é Frances Ann Beaufort, a quarta madrastra):

Oh! Ilustre cavalheiro, quanto prazer meu pai, minha mãe, toda a minha família e eu mesma teríamos perdido se não tivéssemos lido as últimas páginas! E esse prazer nos veio de maneira tão inesperada. Nós estávamos tão absortos na leitura que qualquer pensamento sobre nós mesmos, de nossa autoria, estava muito, muito longe.

Nós agradecemos a honra que o senhor nos trouxe, e pelo prazer que você nos causou, tão grandiosa quanto a opinião que nós temos de seu trabalho, que acabamos de ler, e acredite em mim, todas as opiniões que expressei nessa carta foram formadas antes de qualquer indivíduo de minha família ter lido as últimas páginas, ou sequer saber do quanto nós devemos a você.¹⁴⁹

O segundo romance para adultos publicado por Maria Edgeworth, *Belinda*, lançado um ano depois de *Castle Rackrent*, escrito com o conhecimento e a revisão do pai, gerou polêmicas por conter personagens envolvidos em casamentos inter-raciais – polêmicas inclusive dentro da própria família. Segundo consta na introdução da edição de *Belinda* feita pela Oxford's World Classics, de 2009, ela teve que alterar o enredo da história por insistência de Richard Edgeworth, responsável pela edição da obra, porque, nas palavras de Maria, “meu pai tem grandes objeções e escrúpulos de consciência em incentivar tais casamentos”.¹⁵⁰ Mais uma vez, a primeira edição foi lançada simultaneamente em Londres e Dublin. A segunda edição veio em ambas as cidades no ano seguinte, 1802. A Terceira edição tardou um pouco mais para ser lançada, em 1810,

¹⁴⁹ Carta de Maria Edgeworth a Walter Scott, Edgeworthstown, 1815. In HARE, 1894, p. 244. Tradução minha de: “Oh! my dear sir, how much pleasure would my father, my mother, my whole family, as well as myself have lost, if we had not read to the last page! And the pleasure came upon us so unexpectedly; we had been so completely absorbed that every thought of our-selves, of 'our own authorship, was far, far away. Thank you for the honor you have done us, and for the pleasure you have given us, great in proportion to the opinion we had formed of the work we had just perused and believe me, every opinion I have in this letter expressed was formed before any individual in the family had peeped to the end of the book, or knew how much we owed you”.

¹⁵⁰ KIRKPATRICK, Kathryn, introdução a *Belinda*, p. xxvii. Tradução minha de: “because my father has great delicacies and scruples of conscience about encouraging such marriages”.

assim como a quarta, em 1821, havendo ao menos mais duas edições até o fim de 1850. Foi traduzido para o francês em 1802 e para o alemão em 1803.¹⁵¹

Nas primeiras edições de 1801 e 1802,¹⁵² Belinda Portman quase se casou com o misterioso e afortunado Sr. Vincent, descrito como um “West Indian Creole” (o Caribe era conhecido como as Índias Ocidentais no período). Havia também o casal formado por Lucy, uma camponesa inglesa, e Juba, um homem de origem africana que havia se mudado para o Reino Unido para trabalhar nas plantações de açúcar. A partir da terceira edição, de 1810,¹⁵³ Lucy era casada com James Jackson, um personagem que não foi descrito fisicamente e do qual não há informações sobre sua origem, e Juba foi apresentado apenas como um criado do Sr. Vincent. Outra mudança é que Belinda não chegou a aceitar a proposta de casamento do Sr. Vincent em um primeiro momento. Diante das mudanças, Maria Edgeworth achou sua obra tão diferente que disse a sua tia que era “um conto contado duas vezes diferentes”.¹⁵⁴

O casamento é o grande tema deste romance. Belinda, órfã que vivia com sua tia, Sra. Stanhope, era motivo de grande preocupação por ainda não ter se casado. Para que Belinda conhecesse alguns pretendentes, ela se mudou de sua pacata cidadela para a residência londrina de Lady Delacour, uma senhora elegante, inteligente e que adorava festas e aparições públicas. Logo a jovem percebe que Delacour era mais agradável na companhia de outras pessoas do que na vida privada porque estava doente. Depois de participarem de um baile de máscaras, a senhora londrina resolve confiar na inquilina seus maiores segredos, e mostrou a Belinda o seu seio ferido, cortado por uma enorme cicatriz: ela havia se ferido em um duelo armado quando era mais jovem. Naqueles tempos, a senhora, acompanhada de sua “amiga do coração”,¹⁵⁵ Harriet Freke, costumava sair escondida à noite vestida de homem, para frequentar locais que não admitiam a presença de mulheres, seja por regras expressas, seja por costume.

Ela e o Lord Delacour estavam em crise porque haviam perdido três filhos: o primeiro filho já estava morto no parto, a segunda filha morrera dentro de três meses por

¹⁵¹ Informação disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1801A026>> (acesso em 10/05/2017). Ver “further editions”.

¹⁵² EDGEWORTH, 2009 (resgate da edição de 1802).

¹⁵³ EDGEWORTH, 1810.

¹⁵⁴ KIRKPATRICK, Kathryn, introdução a *Belinda*, p. xxvii. Tradução minha de “twice-told tale”.

¹⁵⁵ Delacour sempre se refere a Mrs. Freke como sua “bosom friend”. A primeira vez que isso acontece é na página 41 (edição de 1810).

ter uma saúde muito fraca, de forma que, quando a terceira filha nascera, os familiares e amigos próximos de Delacour a convenceram de que ela era incapaz de gerar bons filhos por ser naturalmente inapta, e como o marido se recusava a ter uma primogênita mulher, decidiram deixá-la aos cuidados de uma “celebrada academia para meninas”.¹⁵⁶ Deprimida com sua incapacidade de ser uma boa mãe, Lady Delacour se tornou inseparável de Harriet Freke e começaram a sair à noite, passando-se por homens.

Os amigos do casal ficaram divididos, cada um tomando o partido ou do marido ou da mulher. A Sra. Luttridge se tornou próxima de Lord Delacour nessa situação; ela era descrita como “uma grande aficionada por política, já que ela gostava quase tanto do poder quanto gostava de dinheiro; ela falava em voz alta e com fluência, e tinha, de um modo ou de outro (...) conexão com os líderes do parlamento”,¹⁵⁷ e via com bons olhos a posição privilegiada que Lord Delacour tinha na sociedade. Lady Delacour, irritada com tal posicionamento, desenhou caricaturas e criou versinhos para constrangê-la, que logo circularam por toda a cidade. Quando descobriu quem era a responsável por aquelas humilhações, a Sra. Luttridge a desafiou a participar de um duelo de pistolas; as mulheres eram proibidas de duelar, mas Luttridge era uma entusiasta deste direito feminino, sendo autora de um tratado chamado “Sobre a propriedade e a necessidade do duelo feminino”.¹⁵⁸

Assim, ambas foram com trajes masculinos duelar. Elas erraram a mira dos primeiros tiros, e como Lady Delacour não sabia como manusear a arma, deu dois tiros seguidos sem engatilhar direito, de forma que a arma ficou sobrecarregada e o tiro saiu pela culatra, ferindo seu seio severamente.¹⁵⁹ Enquanto elas se preparavam para o duelo, a notícia de que havia duas mulheres com trajes masculinos participando de um duelo repercutiu por toda a cidade, e uma multidão se formou em torno das duas, gritando “Vergonha!” e “Peguem-nas!”, prontos para linchá-las. Elas foram salvas por Clarence Harvey, um jovem rapaz muito “liberal” e próximo de Lady Delacour, com quem Belinda se casou no fim da história. As rivais pistoleiras se tornaram amigas nesse processo, e Delacour não só se arrependeu de sua ousadia, como também resolveu levar uma vida

¹⁵⁶ EDGEWORTH, 1810, pp. 40-41. Tradução minha de: “celebrated academy for young women”.

¹⁵⁷ IDEM, p. 51. Tradução minha de: “was a great dabbler in politics; for she was almost as fond of power as for money; she talked loud and fluently, and had, somehow or another, (...) connected herself with some of the leading men in parliament”.

¹⁵⁸ IBIDEM, p. 53. Tradução minha de: “Upon the Propriety and Necessity of Female Duelling”.

¹⁵⁹ IBIDEM, p. 56.

mais tranquila depois do incidente – ela teve uma filha, Helena, e convenceu seu marido a dar uma segunda chance as suas habilidades como mãe. Ela foi capaz de criar uma menina saudável, mas não conseguiu desenvolver um relacionamento muito próximo com ela.

Ao longo da história, Harriet Freke se tornou uma vilã; sempre colocava os personagens uns contra os outros. Ela inclusive tentou colocar Lady Delacour contra Belinda, dizendo que o marido provavelmente estava apaixonado pela jovem e bela hóspede, e que era um risco mantê-la tão próxima à privacidade do casal. Desconfortável com a situação, Belinda se mudou para a casa de Lady Anne Percival nesse ínterim: uma mulher maternal, gentil, recatada. Lady Percival também era amiga e confidente de Helena Delacour e do Sr. Vincent, e queria muito que Belinda se casasse com ele. Lady Delacour resolve ser sincera com Belinda, que a tranquiliza ao contar que estava apaixonada por Clarence Harvey – aproveitando o momento íntimo, a heroína aconselhou-a a ser mais honesta com o marido, que desconhecia tantos episódios significativos de sua vida. Lord Delacour ficou emocionado com os segredos e frustrações de sua esposa, e a levou para o melhor médico do país para realizar uma cirurgia – algo que não foi necessário, pois os médicos descobriram que Lady Delacour não estava doente, afinal.¹⁶⁰ Até o fim do livro, a senhora londrina passou a valorizar mais a sua família e se tornou mais gentil com seu marido e com sua filha. Harriet Freke, enquanto se aventurava vestida como homem, machucou sua perna em uma armadilha de urso e nunca mais pôde sair disfarçada.¹⁶¹

O terceiro romance para adultos de Maria Edgeworth, *Popular Tales*, de 1804, foi elaborado a partir da noção de que os ensinamentos morais são ligados às questões sociais. Convencida de que cada público necessitava de enredos e personagens com os quais os leitores pudessem se identificar, para daí extrair as instruções e os modelos de virtude, Maria Edgeworth retrata neste romance dilemas morais das classes baixas do Reino Unido – fórmula que se repetiu em *Tales of Fashionable Life*, que se volta às classes altas. O direcionamento moral e instrutivo de Edgeworth fez com que a autora apresentasse as desigualdades sociais existentes na população britânica oitocentista. A segunda edição do livro veio em 1805, a terceira em 1807, a quarta em 1811, a quinta em 1814, a sexta em 1817, e há pelo menos mais quatro edições até 1850. Chegou a Filadélfia no mesmo ano

¹⁶⁰ IBIDEM, p. 325.

¹⁶¹ IBIDEM, p. 321.

de lançamento, 1804. Foi traduzida para o alemão em 1807, como *Einfache Erzählungen*, e para o francês em 1814, como *Conseils à mon fils*.¹⁶²

Os personagens de *Popular Tales* são mineiros (“Lame Jervas”), escravos (“The Grateful Negro”), trabalhadores de fábricas (“The manufacturers”), e fornecem lições de como não se envolver em problemas de dívidas (“Out of debt, out of danger”), os perigos de se gastar grandes quantias de dinheiro de maneira inconsequente (“The lottery”), e como superar os preconceitos sofridos pelos trabalhadores irlandeses vivendo na Inglaterra (“The limerick gloves”). Atenta às questões de linguagem, os narradores-personagens dos contos usam vocabulários, expressões e formas de narrar diferentes entre si.

Considerando a circulação que esse livro teria em países escravocratas, como o Brasil, tecerei algumas considerações sobre o conto “The Grateful Negro”, que narra a trajetória de dois fazendeiros que se valem de mão de obra escrava: o cruel Sr. Jefferies e o bondoso Sr. Edwards. Enquanto Jefferies é violento e promove verdadeiras torturas, Edwards trata seus escravos “com toda humanidade e bondade possíveis”:

Ele desejava que nunca tivesse existido a escravidão no mundo, mas ele estava convencido, pelos argumentos de quem tem as melhores condições de conseguir se informar sobre o assunto, que a súbita emancipação dos negros iria aumentar suas misérias, e não as diminuir. Sua benevolência, por conta disso, estava confinada aos limites da razão. Ele adotou um plano que lhe pareceu melhorar a situação dos escravos sem produzir nenhuma agitação violenta ou revolução.¹⁶³

A história retrata a escravidão como uma situação insustentável: até seu final, os escravos de ambas as fazendas começaram uma revolta em nome de sua liberdade. Entretanto, Edwards foi capaz de negociar as condições de abolição com os insurgentes antes da rebelião se espalhar para todas as outras propriedades na ilha, e “a influência de seu caráter, e o efeito da sua eloquência sobre as mentes das pessoas, foram surpreendentes”.¹⁶⁴ Jefferies, sem conseguir reprimir a rebelião com violência, perdeu

¹⁶² Informação disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1801A026>> (acesso em 10/05/2017). Ver “further editions”.

¹⁶³ EDGEWORTH, 1804, p. 196. Tradução minha de: “He wished that there was no such thing as slavery in the world, but he was convinced, by the arguments of those who have the best means of obtaining information, that the sudden emancipation of the Negroes would rather increase than diminish their miseries. His benevolence, therefore, confined itself within the bounds of reason. He adopted those plans for amelioration of the state of the slaves which appeared to him most likely to succeed without producing any violent agitation or revolution”

¹⁶⁴ IDEM, p. 239. Tradução minha de: “The influence of his character, and the effect of his eloquence upon the minds of the people, were astonishing”.

“mais de cinquenta mil libras em uma noite”¹⁶⁵ e foi obrigado a se mudar para a Inglaterra, vivendo como indigente.

Apesar de ser explicitamente contrário à existência da escravidão, esse conto não retrata os homens e mulheres escravizados com dignidade e parece associar o tratamento minimamente humanizado à bondade de caráter – como se o simples fato de serem escravizados já não fosse o resultado de violências e houvesse possibilidade de se ter “patrões bondosos”, e não menos cruéis, na melhor das hipóteses. Por conta disso, o conto é mais próximo do modelo emancipacionista do que do abolicionista; enquanto o primeiro modelo era voltado a uma emancipação gradual, o segundo visava a imediata e completa abolição da escravidão. A narração da história também leva à interpretação de que as pessoas escravizadas não saberiam o que era melhor para eles, pois eles buscavam a abolição e o método defendido é o da emancipação. Ângela Maria Alonso, no artigo “O abolicionismo como movimento social”, demonstra que esse debate foi mais intenso na Inglaterra do que no Brasil, onde os termos eram usados sem tanto rigor:

Lá se distinguia clamor por abolição do tráfico negreiro ou por emancipação dos escravos; aqui, como toda a mobilização aconteceu após o fim do tráfico, a separação tem pouco sentido. Os ativistas equalizavam as categorias: “abolicionista e emancipador são sinônimos, e a diferença entre sinônimos é muito insignificante em política por maior importância que tenha em ideologia” (Nabuco, *Jornal do Comércio*, 18/6/1884). E até as invertiam: o livro de Nabuco, embora intitulado *O abolicionismo*, tinha proposta “emancipacionista”, fim gradual da escravidão, ao passo que o autodesignado “emancipacionista” Manuel de Souza Dantas propôs medida “radical”, acompanhar a abolição com a pequena propriedade.¹⁶⁶

No prefácio de *Popular Tales*, Richard Edgeworth afirmou que a obra tem “por um desejo de que eles circulem além dos círculos que por vezes é exclusivamente esclarecido”¹⁶⁷. Já no prefácio de *Tales of Fashionable Life*, ele disse que “os presentes volumes são direcionados a apontar alguns dos erros aos quais as classes altas da sociedade estão sujeitas”.¹⁶⁸ Apesar da intenção do pai de Maria Edgeworth, o público leitor dessas obras foi variado: *Tales of Fashionable Life* consta em bibliotecas circulantes

¹⁶⁵ IBIDEM, p. 240. Tradução minha de: “(...) lost this night upward of fifty thousand pounds”.

¹⁶⁶ ALONSO, 2014, nota de rodapé.

¹⁶⁷ EDGEWORTH, 1804, p. iii (prefácio). Tradução minha de: “(...) the wish that they may be current beyond circles which are sometimes exclusively considered as polite”.

¹⁶⁸ EDGEWORTH, 1832, p. iii (prefácio). Tradução minha de: “the present volumes are intended to point out some of those errors to which the higher classes of society are disposed”.

tanto quanto *Popular Tales*, de forma que o direcionamento moral às camadas sociais não era de interesse exclusivo de um ou outro grupo. Ao passar para o Brasil, há uma inversão das classes sociais que Edgeworth pretendia atingir com os livros: *Contes Populaires*, tradução para o francês de *Popular Tales*, está presente na biblioteca da Família Imperial Brasileira,¹⁶⁹ e *Scènes de la vie du grand mond*, tradução de *Tales of Fashionable Life*, figura na lista de romances de maior frequência em pedidos de licença à censura no Rio de Janeiro.¹⁷⁰

Antes de lançar *Tales of Fashionable Life* em 1809, Edgeworth publicou dois romances, *The Modern Griselda* e *Leonora*, ambos mais próximos do estilo e da temática de *Belinda*. Como o próprio título indica, *The Modern Griselda*, do mesmo ano que *Popular Tales*, tinha a proposta de ser uma releitura moderna da folclórica personagem Griselda, referenciada como uma esposa exemplar, dedicada à família, e sempre envolvida em tragédias. Na versão de Edgeworth, Griselda é uma esposa jovem e sagaz, que manipula as ações de marido ao ponto de cansá-lo das discussões – o que é tão insuportável para a esposa que ela pede o divórcio. A segunda edição do romance saiu no mesmo ano, em 1805; a terceira em 1813, a quarta em 1819, e chegou a Georgetown em 1810. Foi traduzida para o francês em 1813, como *Les Deux Griselidis*.¹⁷¹ Por ser um romance curto (de 170 páginas), ele foi incorporado às edições de *Tales of Fashionable Life*.

Em um período em que o gênero romanesco era tido como potencialmente perigoso, os livros de Edgeworth ganharam renome por serem considerados instrutivos, morais e didáticos, como vemos nas críticas – portanto, recomendáveis ao ávido público leitor, que se tornaria cada vez mais amplo com a industrialização e o desenvolvimento da imprensa. Os ensinamentos morais desses romances suavizavam os temas polêmicos abordados: o casamento inter-racial em *Belinda*; a crítica ao sistema escravocrata em *Popular Tales*; a denúncia dos proprietários de terra da Irlanda que administravam seus negócios à distância, na Inglaterra, em *Castle Rackrent*, *Tales of Fashionable Life* e *Patronage*; o pedido de divórcio por mulheres em *The Modern Griselda* e *Leonora*.

¹⁶⁹ ASSUMPÇÃO, 2014, p. 51.

¹⁷⁰ ABREU, 2003, pp. 26-27.

¹⁷¹ Informação disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1801A026>> (acesso em 10/05/2017). Ver “further editions”.

Apesar de ser publicado apenas em 1806, *Leonora* foi escrito enquanto a autora realizava as viagens internacionais citadas anteriormente, entre 1800 e 1805. Foi publicado em Nova York ainda no mesmo ano, mas a segunda edição só chegou em 1815. As traduções para o francês e para o alemão foram feitas no ano seguinte ao lançamento, em 1807. Trata-se de um romance epistolar que discutiu as diferenças dos estilos de vida vigentes nas classes altas do Reino Unido e da França.

Leonora decidira acolher Olivia em seu castelo na Inglaterra – a última passara alguns anos na França como exilada, depois de se envolver em escândalos sociais por se casar e se separar rapidamente. As duas partilhavam opiniões comuns sobre como a sociedade era injusta com as mulheres, mas possuíam personalidades muito diferentes. Contudo, a convidada e o marido de Leonora, o Sr. L., apaixonaram-se, e ele decidiu abandonar a esposa para morar em Richmond, determinado a aceitar um cargo de embaixador na Rússia por influência do novo amor. Ao descobrir esse envolvimento romântico, a heroína do romance ficou devastada, mas resolveu tratar o assunto com frieza e racionalidade – apenas escreveu uma carta a antiga amiga, avisando-a sobre os “perigos da ingratidão e falsidade”. Antes de chegar a Rússia, Sr. L. recebeu da antiga sogra as cartas que a filha escrevera sobre o abandono, e ressentido a decisão ao ver sua “grandeza de espírito”. Olivia exigira que o casal separado não tivesse nenhuma forma de contato e, percebendo que ele não aceitaria essa imposição, resolveu desfazer o acordo. Ele ficou doente depois da expulsão, e sua esposa, apesar de ressentida, viajou até o hospital onde ele estava e cuidou dele até ele estar recuperado. Eles se apaixonaram novamente um pelo outro neste processo, e ele renunciou ao cargo de embaixador na Rússia para voltar a viver no castelo. Olivia decidiu voltar para a França, pois considerava a sociedade inglesa puritana ultrapassada em seus valores.

Além dos três personagens do triângulo amoroso, há cartas de outros personagens: a mãe de Leonora, Duquesa de –, que alertava a filha dos perigos das “concepções morais da França”; General B–, confidente de Sr. L., que aconselhava o amigo o tempo todo a não abandonar sua esposa; Helen C–, amiga de Leonora, que visitou o castelo do casal na Inglaterra enquanto Olivia estava lá, e ficou indignada com o descarado flerte entre Sr. L. e Olivia; Margaret B–, correspondente de Helen C–, esposa do general, também amiga de Leonora, que se revoltou com a situação da heroína do romance; e Gabrielle de P–, amiga francesa de Olivia, que estimulava a amiga a conquistar Sr. L. (depois de saber da proposta de emprego na Rússia, pois estava interessada em se tornar amante do Czar). As

cartas de Olivia e Gabrielle foram descobertas pelo General B—, uma vez que foram interceptadas por soldados por acharem que as cartas poderiam revelar detalhes de uma possível conspiração – não havia conspiração, mas havia provas de que Gabrielle instigara Olivia a seduzir Sr. L. O general entregou as cartas ao amigo enquanto ele estava no hospital; algo que contribuiu para o término definitivo com Olivia e para ele voltar a se apaixonar por Leonora.

O papel da mulher na sociedade foi bastante discutido no livro, sendo abordado em todas as cartas do primeiro volume, principalmente nas cinco primeiras cartas: as duas primeiras de Olivia a Leonora, uma de Leonora à mãe, e duas da mãe de Leonora à filha. De fato, o livro começa com a seguinte reflexão de Olivia, em carta endereçada a Leonora:

Que desventura é ser uma mulher! Em vão, querida Leonora, você tentaria me reconciliar à minha perdição. Sou condenada incessantemente pela hipocrisia, pela miséria permanente; as mulheres são as escravas ou as párias da sociedade. Confiar em nossos semelhantes, ou em nós mesmas; de que adianta o conhecimento, se não podemos usá-los? Para que ter coração, se não podemos usá-lo? Para o nosso infeliz sexo, gênio e sensibilidade são certamente os presentes mais traiçoeiros dos céus.¹⁷²

Leonora concordou com as reflexões de Olivia, conforme relatou na carta para sua mãe. A duquesa, contudo, desconfiava que Olivia era apenas uma “sedutora”, e disse a filha que acreditava que as mulheres que recebiam educação deveriam ter cuidado dobrado com a reputação, pois facilmente os homens se convenceriam que dotar as mulheres de razão seria abrir caminhos para a promiscuidade, conforme vemos na carta seguinte:

Se, nessa era da razão, as mulheres fizerem mau uso do poder que elas obtiveram por meio do cultivo do entendimento, (...) elas irão reduzir o seu sexo a uma situação pior do que a experimentada nos anos de ignorância e superstição. Se os homens acharem que a virtude da mulher diminui em proporção ao aumento da intelectualidade, eles irão achar, fatalmente para a liberdade e a felicidade de nosso sexo, que a ignorância feminina gera a inocência feminina; eles passarão a achar que um é o efeito do outro. (...) A opinião pública está pela liberdade das mulheres; e pela opinião, poderemos ser escravizadas de novo.¹⁷³

¹⁷² EDGEWORTH, 1806, p. 1 e 2. Tradução minha de: “What a misfortune it is to be born a woman! In vain, dear Leonora, would you reconcile me to my doom. Condemned to incessant hypocrisy, or everlasting misery, woman is the slave or the outcast of society. Confidence in our fellow creatures, or in ourselves, alike forbidden us, to what purpose have we understandings, which we may not use? Hearts, which we may not trust? To our unhappy sex genius and sensibility sure the most treacherous gifts of Heaven”.

¹⁷³ IDEM. Tradução minha de: “If, in this age of reason, women make a bad use of that power which they have obtained by the cultivation of their understanding, (...) they will reduce their sex to a situation worse than it ever experienced even in the ages of ignorance and superstition. If men find that the virtue of women diminishes in proportion as intellectual cultivation increases, they will connect, fatally for the freedom and

Entretanto, Leonora lembrou à duquesa que a opinião pública era quase sempre injusta com as mulheres, afirmando que “a boa reputação não traz benefícios, e a má reputação é suficiente para condená-las”.¹⁷⁴ Leonora acreditava que a má fama de Olivia havia sido motivada por acusações infundadas, lembrando a mãe que “atualmente, a reputação das mulheres (...) pode ser destruída por um dedo apontado em malícia privada. Sussurrar um escândalo secreto não admite nenhuma defesa pública, e é suficiente para desonrar uma vida sem manchas”.¹⁷⁵ Como em *Belinda*, esta obra apresenta personagens femininos que representavam a “medida ideal” das mulheres (no caso, Leonora e a duquesa) que almejavam estudos e cultura (ambas citam muitos autores e obras em suas cartas, com frases da inglesa Anna Letitia Barbauld, do escocês James Beattie, do alemão Johann Gottfried von Herder, e da obra *Gil Blas*), mas não abdicavam dos deveres em relação à moral, ao lar e à família. Já Olivia representava o modelo nocivo da conduta feminina, aliando a falta de moralidade com uma identificação com a França.

No final do século XVIII e começo do XIX, havia no Reino Unido um forte movimento contrário à investida revolucionária da França, a que eles chamavam de movimento jacobino, em referência ao grupo que toma o poder na Revolução Francesa. Depois que as tropas de Napoleão tentaram desembarcar na Irlanda e Escócia em 1796, 1797 e 1798,¹⁷⁶ a possibilidade de ocorrer uma revolução como a francesa nos países periféricos do Reino Unido passou a ser encarado como um perigo iminente. No livro intitulado *Anti-Jacobin Novel: British Conservatism and the French Revolution*, Matthew Grenby demonstra que o movimento antijacobino foi fomentado tanto pela propaganda do Estado quanto pelas discussões da população, que viveu períodos de ansiedade em relação aos desdobramentos da Revolução Francesa, e que a literatura serviu de palco para a circulação de tais discursos. Jornais de crítica literária como o *The Anti-Jacobin Review and Magazine, or, Monthly Political and Literary Censor* (1798 – 1821) voltavam-se à divulgação de romances bem quistos por esse viés. De fato, há mais romances

happiness of our sex, the ideas of female ignorance and female innocence; they will decide that one is the effect of the other. (...) Public opinion obtained freedom for women; by opinion they may be again enslaved”.

¹⁷⁴ IBIDEM, p. 26.

¹⁷⁵ IBIDEM, p. 28. Tradução minha de: “In our days, female reputation, which is of a nature more delicate than the honour of any knight, may be destroyed by the finger of private malice. The whisper of secret scandal, which admits of no fair or public answer, is too often sufficient to dishonour a life of spotless fame”.

¹⁷⁶ GRENBY. 2001, p. 6.

antijacobinos do que jacobinos sendo produzidos no Reino Unido entre o final do século XVIII e o começo do XIX, segundo Grenby. Defender a Revolução Francesa se tornou sinônimo de falta de patriotismo e de lealdade e, com o acirramento do puritanismo no país, os defensores passaram a ser combatidos inclusive por motivos morais:

Sem dúvidas, o movimento antijacobino tem suas raízes no antigalicanismo e no anticatolicismo, que dominou a composição psico-ideológica da identidade britânica por muitas décadas. Mas também foi alimentada por propagandas de vários tipos, que encorajavam o público britânico a compreender os eventos sem precedentes da França como uma catástrofe de proporções quase bíblicas, não como uma série de incidentes políticos, mas como uma grande ofensa moral contra a virtude, a natureza e contra Deus.¹⁷⁷

A simpatia dos britânicos pelo movimento perdeu força após a divulgação das execuções e do regicídio, alimentando o que os historiadores chamaram de “Revolution debate” ou “war of ideas”.¹⁷⁸ Mesmo em obras que não havia enfoque em tratar essa questão, como *Leonora*, esse tipo de discurso permeia a narrativa. A mãe de Leonora afirmou que, “desde aquele tempo [o da destruição da monarquia na França], alguns autores sentimentais e filósofos falsos do nosso país e de outros tentam confundir a nossa ideia de moralidade”.¹⁷⁹ Quando Olivia começou a se cansar da amizade com Leonora, ela disse a amiga Gabrielle: “eu começo a achar que nunca vou poder amar essa amiga inglesa como eu queria. Ela é inglesa demais – inglesa demais para alguém que conhece os charmes da facilidade francesa, a vivacidade, o sentimento”.¹⁸⁰ Quando o general aconselhou Sr. L. a não escolher Olivia, ele pediu para que ele “não termine como o ingênuo de uma coquette afrancesada”.¹⁸¹ Apesar do clima de medo em relação à França, os romances deste país que não oferecessem interpretações revolucionárias continuaram

¹⁷⁷ IDEM, p. 12. Tradução minha de: “Undoubtedly it [the anti-jacobin movement] had its roots in the anti-Gallicanism and anti-Catholicism which had dominated the psycho-ideological composition of British identity for many decades. But it was also fed by a propaganda of various sorts which encouraged the British public to comprehend the wholly unprecedented events in France as a catastrophe of quasi-biblical proportions, not as a series of political incidents but as a great moral offence against virtue, nature and God”

¹⁷⁸ GRENBY. 2001, p. 5.

¹⁷⁹ EDGEWORTH, 1806, p. 21. Tradução minha de: “Since that time, some sentimental writers and pretended philosophers of our own and foreign countries, have endeavoured to confound all our ideas of morality”. A frase anterior diz: “A taste for the elegant profligacy of French gallantry was, I remember, introduced into this country before the destruction of the French monarchy”.

¹⁸⁰ IDEM, p. 68. Tradução minha de: “I begin to feel that I can never love this English friend as I ought. She is too English – far too English for one who has known the charms of French ease, vivacity, and sentiment”.

¹⁸¹ IBIDEM, p. 2 (segundo volume). Tradução minha de: “My dear L---, do not end by being the dupe of a Frenchified coquette”.

a ser bem quistos, sobretudo os romances com caráter moral do século XVII e XVIII (como *Gil Blas*, citado em *Leonora*).

Tales of Fashionable Life, de 1809, desenvolveu temas e personagens bem distintos dos de *Popular Tales*, já que a proposta era narrar histórias sobre membros das altas classes britânicas. As segundas e as terceiras edições foram lançadas ainda no mesmo ano, 1809, a quarta edição em 1813, a quinta em 1814, a sexta em 1815, a sétima em 1818, a oitava em 1824, e há pelo menos mais cinco edições até 1850. Chegou aos Estados Unidos no mesmo ano do lançamento. *Scènes de la vie du grand monde*, tradução francesa, foi lançada entre 1813 e 1814, e uma tradução do conto “Ennui” foi publicada de maneira avulsa em 1812. Já as traduções alemãs foram feitas a partir do conto “Manoeuvring” (*Schleichkünste*), de “Vivian” (*Vivian, oder der Mann ohne Charakter*), de “Emilie de Coulanges” (*Emilie, oder der Frauenzwist*), e “Ennui” (*Denkwürdigkeiten des Grafen von Glenthorn*), todas em 1814, e “Emilie de Coulanges” (*Emilie, oder der Frauenzwist*), em 1815.¹⁸²

“Ennui”, o conto mais longo, que ocupa todo o primeiro volume, revelou o tédio de um herdeiro que conquistou tudo na vida sem esforço, e como sua vida mudou ao perder suas posses. “The Absentee” e “Vivian” demonstrou os sérios problemas causados por proprietários de terras que administravam seus negócios à distância, sem vivenciar a situação em que os camponeses se encontravam. “Almeria” desmentiu o sonho do enriquecimento fácil, repentino, por meio de heranças, ao mostrar como é difícil manter as riquezas sem o conhecimento necessário. “The Dun” era sobre cobradores; como essa classe profissional deveria se manter a par da situação de seus credores, para não prejudica-los com suas cobranças. “Manoeuvring” retratou famílias que buscavam intrigas jurídicas e forjavam casamentos infelizes apenas para aumentar as riquezas de uma família. “Madam de Fleury”, situado na França Revolucionária, contou a história de uma mulher determinada a educar as crianças mais pobres.

Duas críticas específicas a *Tales of Fashionable Life* provocaram reflexões mais ousadas – e que permitem entender que a crítica literária não era um bloco homogêneo. Se Edgeworth era bem quista como autora de romances, ela não tinha o mesmo respeito dos críticos acostumados com obras de gêneros mais consagrados, como a poesia. O crítico do *Select Reviews*, valendo-se da ironia em seu texto, considera que a moralidade

¹⁸² Informação disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1801A026>> (acesso em 10/05/2017). Ver “further editions”.

nos contos de Edgeworth é excessiva e doutrinária, e que seu estilo seria mais respeitado se ela não fosse tão enfática nos direcionamentos morais. Já o crítico da *Quarterly Review*, em um longo texto, defende que o romance já não pode mais ser ignorado; apesar de ser um gênero inferior, ele argumenta que a crítica deveria prestar atenção nos romances porque eles eram amplamente lidos e que influenciavam a conduta de seus leitores. Ele apresenta Edgeworth como um dos nomes mais promissores do romance, mas também desgosta da ênfase moralista de suas histórias.

Depois de um longo intervalo que causou impaciência em seus amigos e admiradores, a mais divertida e valiosa autora retornou ao seu público, trazendo histórias de entretenimento para os meses de verão; e (se usadas adequadamente) para a instrução de suas vidas, de suas crianças e de seus netos. Pode parecer pouco gracioso receber uma visita há tanto tempo esperada com qualquer coisa que não seja sorriso da mais complacente aprovação, sem restrições. (...). No entanto, as belezas do estilo da senhorita Edgeworth, a moralidade pura das fábulas, a delineação precisa dos personagens e comportamentos, e sua prazerosa maneira inimitável de trazer a instrução mais sólida, são os temas dos discursos de qualquer pessoa. Acreditamos que descobrimos algumas imperfeições em sua obra, e nos apressamos em comunicar nossa descoberta, (...) porque acreditamos que o que temos a dizer é, em certa medida, importante, tendo em vista que constitui o valor mais estimado da escrita da senhorita Edgeworth: a tendência moral. “Como assim? Duvidar da tendência moral dos contos da senhorita Edgeworth?” – não, de modo algum. Apenas expressar a dúvida de que se não seria mais benéfico tratar determinados assuntos de modo menos moral. (...) ¹⁸³

A senhorita Edgeworth (...) tem recebido alcunha mais honorável da percepção da crítica, e ela não pode ser considerada uma manufatora de romances de classe ordinária. Apesar de não ser o que consideramos uma boa escritora, ela possui uma considerável dose de genialidade e originalidade; e demonstrou, em seu tratado sobre a educação, talentos que não são a altura do gênero, mas são muito superiores à missão de fabricar livros de puro entretenimento.

Como autora de contos e romances, ela possui uma marca peculiar. Ela tenta dispensar o senso-comum de seus leitores, e trazê-los para os arredores da vida real e dos sentimentos naturais. Ela não apresenta

¹⁸³ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Critical Review* (agosto de 1812): pp. 113–26. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/tale09-22.html>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “After a longer interval of absence than was suited to the impatience of her friends and admirers, this most amusing and valuable writer has at last returned to them, bringing with her stores of entertainment for the summer months; and (if properly used), of instruction for the whole lives of themselves, their children, and grand-children. It may seem ungracious to receive her long-wished for visit with any thing but smiles of the most complacent and unbounded approbation. (...). Yet, so it is—the beauties of Miss Edgeworth’s style, the pure morality of her fables, her accurate delineation of character and manners, and her inimitably pleasing manner of conveying the soundest instruction, are the theme of every body’s discourse. (...) We fancy, that we have discovered a few spots on his disk, and hasten to communicate our discovery, (...) because we think, what we have to say, is in some degree important, with a view to that which constitutes the highest value of Miss Edgeworth’s writings, their moral tendency. ‘What! doubt the moral tendency of Miss Edgeworth’s tales?’ By no means. The only doubt we would express, is, whether the tendency of some of them might not have been more beneficial, had it been less moral (...)”.

aventuras incríveis, nem sentimentos inconcebíveis, nem representações hiperbólicas de personagens incomuns, nem monstruosas exibições de paixões exageradas.

(...) É em vão tentar oferecer uma defesa, visto a esfera a que um romancista é confinado; em seus trabalhos frívolos, seria absurdo tentar estabelecer o alicerce da obrigação moral, ou inculcar o efeito de trabalhos mais relevantes. Essas observações, apesar de verdadeiras, não podem ser aplicadas a esse caso; porque não reclamamos que a senhorita Edgeworth confinou suas instruções a questões de menor importância, mas que ela está limitada a elas (...) ¹⁸⁴

Essa diferença na crítica ajuda a compreender porque, anos depois, Maria Edgeworth faz o seguinte comentário em uma carta ao seu editor: “Eu tenho sido difamada por fazer a moral das minhas histórias muito proeminentes. Eu percebo a inconveniência desse aspecto tanto para o leitor quanto para o escritor, e tenho me esforçado em evitá-lo em *Helen*”. ¹⁸⁵ Se a moralidade fazia com que seus romances fossem bem quistos em relação aos outros romances em circulação, essa mesma característica colocava suas obras como inferiores quando comparadas a outros gêneros.

O sétimo livro para adultos da autora, *Patronage*, de 1814, originalmente deveria compor o segundo volume de *Tales of Fashionable Life*, mas o editor, por conta da extensão do trabalho, achou melhor publicá-lo como um romance, parcialmente epistolar, com 1640 páginas divididas em quatro volumes. O editor também estava entusiasmado

¹⁸⁴ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *The Quarterly Review*, volume 2 (1809): 146-54. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.fashionlife.quarterlyrev.1>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “If the importance of a literary work is to be estimated by the number of readers which it attracts, and the effect which it produces upon character and moral taste, a novel or a tale cannot justly be deemed a trifling production. For it is not only that a novel even of the lowest order always finds more readers than a serious work, but that it finds readers of a more ductile cast whose feelings are more easily interested, and with whom every impression is deeper, because more new. Productions of this kind, therefore, are by no means beneath the notice of the reviewer, but fall very peculiarly within his province. The customers of the circulating library are so numerous, and so easily imposed upon, that it is of the utmost importance to the public, that its weights and measures should be subject to the inspection of a strict literary police (...). Miss Edgeworth, however, has more honourable [sic] claims to critical notice, and such as cannot be allowed to the ordinary class of manufacturers of novels. Though not perhaps what is called a fine writer, she possesses a considerable share of genius and originality; and has shewn, in her *Treatise on Education*, talents, which if not equal to that subject, are at the same time much superior to the task of fabricating books of mere amusement. As a writer of tales and novels, she has a very marked peculiarity. It is that of venturing to dispense common sense to her readers, and to bring them within the precincts of real life and natural feeling. She presents them with no incredible adventures, or inconceivable sentiments, no hyperbolical representations of uncommon character, or monstrous exhibitions of exaggerated passion. It is in vain to offer by way of defense, that the sphere of a novelist is confined; that in works of a trifling kind, it would be absurd to attempt to establish the foundations of moral obligation, or to inculcate with effect the more important duties. Such observations, though we should admit them to be true, are not applicable to the case in question; for our complaint is not that Miss Edgeworth has confined her instruction to matters of small importance, but that so limiting it (...)”.

¹⁸⁵ MCCORMACK, s/d. Tradução minha de: “I have been reproached for making my moral in some stories too prominent. I am sensible of the inconvenience of this both to reader and writer and have taken much pains to avoid it in *Helen*”.

com retorno financeiro que *Tales of Fashionable Life* havia tido, e estava certo que *Patronage* também seria um sucesso de vendas. Contudo, o livro não foi tão bem sucedido quanto *Tales of Fashionable Life*: a segunda edição saiu em 1814, a terceira em 1815 e não se tem notícias de edições posteriores. Há uma tradução francesa de 1816, *Les Protecteurs et les protégés*, e uma alemã de 1828, *Die Gönnerschaft*.¹⁸⁶

Patronage é centrado nas trajetórias das famílias Percy e Falconer, ambas compostas por três filhos e duas filhas; o patriarca da primeira família buscava instruir seus filhos e estimulava o crescimento pessoal e financeiro com base no mérito, enquanto o patriarca da segunda praticava o nepotismo e almejava aumentar a riqueza com casamentos planejados e esquemas políticos que os beneficiavam de maneira injusta.

Depois de *Patronage*, Maria Edgeworth lançou outros romances, que não obtiveram tanta atenção quanto os sete livros anteriores: *Harrington* e *Ormond*, publicados em uma mesma edição em 1817, *Tomorrow* em 1823, *Helen* em 1834, e *Orlandino* em 1848, lançado alguns meses antes da autora falecer, aos 81 anos. *Harrington* e *Ormond* possuem prefácio assinado por Richard Edgeworth, mas o patriarca da família morreu alguns dias depois de escrevê-lo, antes do livro ser publicado.¹⁸⁷

A autora conquistou uma renda bem considerável com a venda de seus romances: ela é citada como uma das autoras mais bem-sucedida financeiramente por Jacqueline M. Labbe em *The History of British Women's Writing*. De acordo com a autora, Edgeworth recebeu £1050 pela segunda parte de *Tales of Fashionable Life* em 1812 e £2100 por *Patronage*, apesar de o último ter tido menos vendas do que o primeiro. Ao todo, Edgeworth ganhou mais de £11,000 por seus livros – para fins de comparação, Jane Austen conquistou apenas £600 com seus romances.¹⁸⁸

¹⁸⁶ Informação disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/titleDetails.asp?title=1801A026>> (acesso em 10/05/2017). Ver “further editions”.

¹⁸⁷ Infelizmente, não pude acessar críticas oitocentistas nem de *Helen*, nem de *Orlandino*, pois o British Fiction Database só cobre o período de 1800 a 1829, e o Women Writers Review vai de 1770 a 1830. Por motivos desconhecidos, o British Fiction Database não possui nenhum cadastro do romance *Tomorrow* (1823).

¹⁸⁸ LABBE, 2010, p. 35.

2. 2. Análise das críticas literárias britânicas das obras de Maria Edgeworth via DLNotes2: avaliação dos críticos

O DLNotes2, como expliquei brevemente na Introdução, é uma ferramenta digital desenvolvida por um grupo de pesquisa da UFSC. Em colaboração com os pesquisadores do projeto “A circulação transatlântica de impressos – a globalização da cultura no século XIX”, foram desenvolvidas novas ferramentas que permitem analisar grandes quantidades de textos críticos.

Essa ferramenta é organizada a partir de uma *ontologia computacional*, na qual estão dispostos todos os dados pertinentes às análises da crítica, bem como as correlações entre esses dados.¹⁸⁹ Nessa ontologia, são agrupadas as informações sobre as críticas literárias, chamadas de atributos, e que são referentes ao local em que a crítica foi publicada (como jornais e livros), constando o nome, a data e o local da publicação; à obra criticada (ano de lançamento, idioma, gênero textual, número de edições); ao autor da obra criticada (ano de nascimento e morte, nacionalidade, gênero); e, se houver essa informação, o autor da crítica em questão (no caso das críticas britânicas aqui analisadas, nenhuma tem autoria indicada).

A ontologia também é dividida em classes e subclasses que formam os elementos de ordem textual (descrição, diálogo, enredo, humor, etc.), extratextual (autoria, efeito de leitura, nacionalidade, etc.) ou apenas recursos discursivos (citações, menções a outros autores ou outras obras, identificação de escolas literárias, etc.), conforme indicado na Introdução. Esses elementos pré-definidos são relacionados a determinados trechos das críticas. Para tanto, os pesquisadores fazem marcações manuais no corpo da crítica, relacionando determinado trecho do texto com alguma dessas classes. Além de identificar as classes, o pesquisador também relaciona qual foi o julgamento do crítico quanto àquela classe (se foi positiva, negativa ou neutra).

O funcionamento da ferramenta é mais fácil de ser compreendida a partir das telas do computador. Na Figura 4, vemos ícones que representam se a avaliação do crítico foi positiva (rosto verde sorridente), negativa (rosto vermelho triste) ou neutra (rosto amarelo indiferente). A lombada de três livros indica se o julgamento da obra como um todo foi

¹⁸⁹ Para uma apresentação detalhada do DLNotes e suas potencialidades para a análise de críticas literárias, cf. ABREU & MITTMAN, 2017.

positiva (verde, como na Figura 5), predominantemente positiva (verde e amarelo), neutra (amarelo, como na Figura 4), predominantemente negativa (vermelho e amarelo), ou negativa (vermelho). Os trechos da crítica são demarcados com colchetes cinzas. Se você clicar em algum trecho, ele ficará destacado na cor verde e os colchetes tornam-se vermelhos.

Crítica: Belinda (ID 3975)

 [The name of Miss Edgeworth, had perhaps raised our expectations too highly:]  [we certainly experienced some little disappointment in the perusal of her Belinda:]  [a work, which she chooses to denominate, a "moral tale," the author, with a little superciliousness,   [acnot wishing to acknowledge a novelâ.]

Figura 4: Marcações feitas por meio do DLNotes2 em uma crítica a obra *Belinda* publicada no *The Monthly Magazine* em 1802.

A primeira marcação da crítica da Figura 4, “The name of Miss Edgeworth, had perhaps raised our expectations too highly”, é da classe “Autoria”, subclasse “Reputação” (extratextual) e é positiva. A segunda marcação diz respeito ao julgamento da obra como um todo, neutra. A terceira, “(...) a work, which she chooses to denominate, a ‘moral tale’, the author, with a little superciliousness”, é da classe “Comentários sobre o gênero romanesco”, subclasse “Nomenclatura da obra” (extratextual), e é negativa. O último trecho, “not wishing to acknowledge a novel”, possui duas marcações: na classe “Citação”, subclasse “Citação da obra criticada” (extratextual), negativa; e na classe “Paratexto”, subclasse “Prefácio”, neutra. Ou seja, nessa crítica literária não foram mobilizados critérios referentes ao romance em si; o crítico optou por abordar a boa reputação da autora e as afirmações feitas no prefácio para dar seu parecer sobre a obra (neutro, ou seja, nem positivo, nem negativo).

Crítica: Popular Tales (ID 3996)

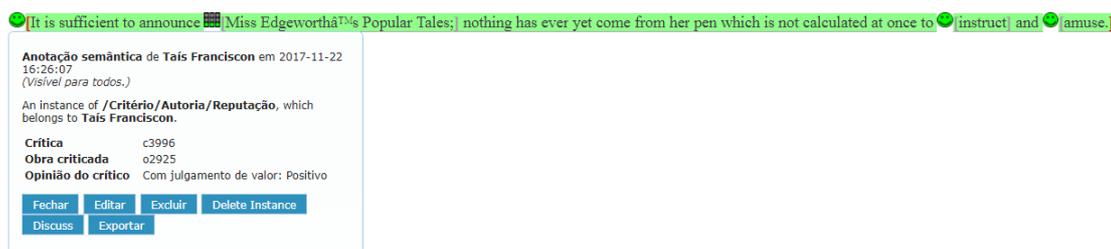


Figura 5: Marcações feitas por meio do DLNotes2 em uma crítica a obra *Popular Tales* publicada no *The Monthly Magazine* em 1805. Há zoom na tela (125%) para facilitar a leitura nesta página.

Na Figura 5, há uma marcação em destaque que percorre todo o texto da crítica: mais uma vez, pertence à classe “Autoria”, subclasse “Reputação” (extratextual), positiva. Depois dela, há o julgamento da obra como um todo, positivo. A marcação seguinte, “instruct”, pertence à classe “Efeito de leitura”, subclasse “Instrução” (extratextual), positiva. A última, “amuse”, pertence à mesma classe anterior, mas na subclasse “Deleite”, positiva. Vê-se, assim, que é possível fazer marcações dentro de marcações; isoladamente, de forma que uma não interfere na outra. Escolhi como exemplos as críticas mais curtas da seleção, mas há textos com mais de dez páginas e que receberam mais de 100 marcações no corpo. Mais uma vez, vemos uma crítica que se vale apenas de elementos extratextuais: o crítico enfatizou os efeitos de leitura positivos que o livro possivelmente despertará, e elogiou a produção da autora.

Enfatizo que as marcações são feitas manualmente pelo pesquisador após a leitura da crítica como um todo. Essa é uma característica importante da ferramenta, pois revela que ela está sujeita a interpretações dos pesquisadores. Não se trata de um trabalho de anotação automática, feita pelo computador, e sim de uma ferramenta que permite a realização de análises de centenas de textos, depois de feitas as anotações. Apesar de ser sujeita a divergências nas interpretações, essa forma de marcação tem mostrado muitas vantagens; dificilmente uma máquina poderia captar ironias e jogos de sentido no texto. Por exemplo, em uma crítica de *Tales of Fashionable Life*, publicada no *Monthly Review* em maio de 1810, o crítico em determinado momento afirma: “ao fechar o livro, nós não pudemos evitar ecoar as palavras do discurso de Mr. Palmer no desfecho da história: ‘Graças aos céus! Terminamos com manoeuvring!’”. No caso, o personagem do livro comemorou o fim de seus planos mirabolantes para conseguir ter vantagem na vida (planos esses chamados de *manoeuvring*), mas o nome do conto em questão era

justamente “Manoeuvring”, e o crítico aproveitou para conferir um duplo sentido à frase. Uma crítica automática possivelmente iria apenas identificar a citação do livro, e consideraria de julgamento positivo.

Para este trabalho, consideramos 39 críticas das obras ficcionais para adultos de Maria Edgeworth disponíveis nos sites British Fiction Database e Women Writers Review, sendo uma de *Castle Rackrent*, cinco de *Belinda*, cinco de *Popular Tales*, seis de *Leonora*, quatorze de *Tales of Fashionable Life* e oito de *Patronage*. Quanto ao resultado geral da crítica, 17 críticas foram positivas (43%), 10 predominantemente positivas (26%), 7 neutras (18%), 4 predominantemente negativas (10%), e apenas 1 negativa (2%).¹⁹⁰ O resultado pode ser melhor observado no Gráfico 1:

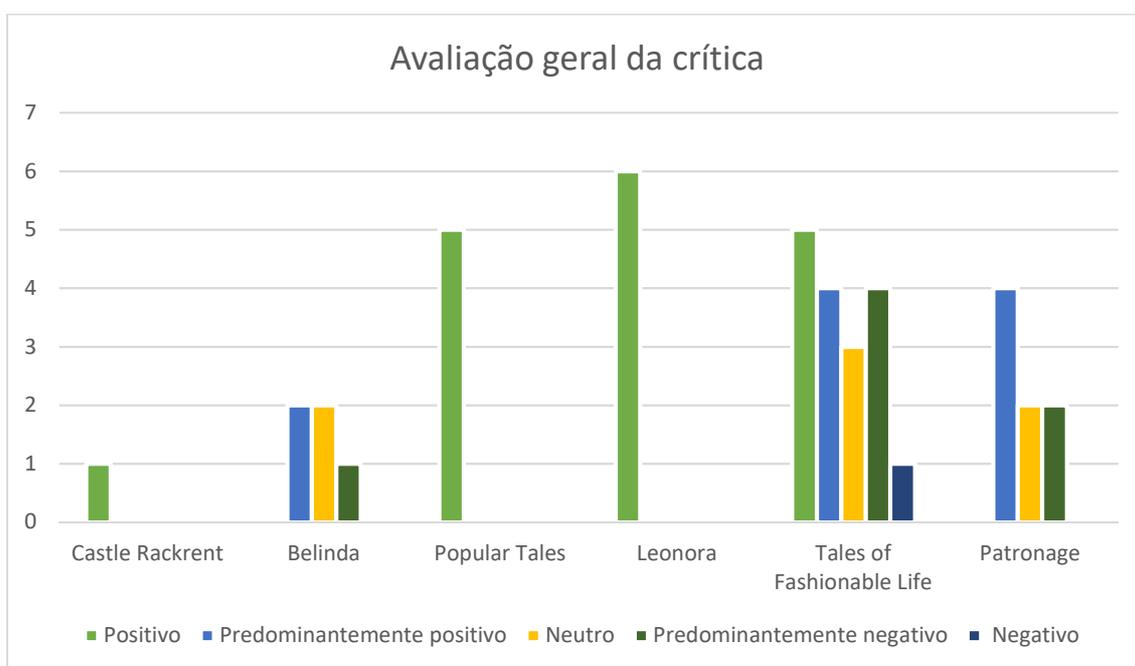


Gráfico 1: Avaliação geral das críticas das obras ficcionais para adultos de Maria Edgeworth, segundo 39 críticas analisadas pelo DLNotes 2.

Castle Rackrent, obra de estreia literária de Maria Edgeworth para os adultos, possui apenas uma crítica disponível nas plataformas online, apesar de ser considerado

¹⁹⁰ Conforme dito na Introdução, o Women Writers Review também cataloga as críticas literárias conforme a avaliação geral da crítica (muito positivo, um pouco positivo, neutro ou sem avaliação, um pouco negativo, muito negativo), o que auxiliou a comparação dos resultados com os obtidos por meio do DLNotes2 – e os resultados foram os mesmos.

seu *Magnum opus* – uma crítica relativamente curta, mas muito elogiosa. “Nós oferecemos de coração o nosso grande agradecimento para o autor desconhecido responsável por essas páginas inusitadamente prazerosas, que nós fechamos com muita tristeza”, começa o crítico do *Monthly Review*, que prossegue com um comentário sobre o gênero romanesco: “Elas são escritas com humor e espírito singulares; e raramente nós nos encontramos com tais flores em nossas caminhadas pelos caminhos toscos e espinhosos da literatura, onde com frequência somos obrigados a explorar em nossos percursos cansativos”.¹⁹¹

Belinda teve uma recepção mais neutra e equilibrada. *The British Critic* considerou os incidentes e desastres da história “ridículos”, especialmente em relação a Virginia, uma personagem secundária que era o interesse amoroso de Clarence Harvey, mas que de súbito se apaixonou pelo Capitão Sunderland, um homem que não conhecia pessoalmente, mas que admirava pelas histórias, deixando Harvey livre para se casar com Belinda. No prefácio desta obra, a autora explicou sua preferência pelo termo *Tales* ao invés de *Novels*, conforme mencionado no capítulo anterior – algo que já foi suficiente para causar uma má impressão da crítica. No total, 2 críticas foram predominantemente positivas, 2 neutras, e uma predominantemente negativa. Quase todas as críticas mencionam que Maria Edgeworth é uma autora talentosa, mas que este romance não está à altura de sua reputação:

A autora desta produção obteve uma boa reputação por seus tratados sobre educação e por seu livro *Castle Rackrent*, a ponto de nós esperarmos que encontraríamos aqui a sua habilidade de representar tão bem a vida e os costumes. Nós admitimos que estamos, em alguma medida, decepcionados; apesar de considerarmos essa obra superior aos outros trabalhos do mesmo tipo, ainda assim, não aparecem a vivacidade de descrição, a delineação bem-feita dos costumes, o artifício com respeito ao enredo, ou o a engenhosidade em relação à catástrofe, que esperávamos do nome prefixado. (...) ¹⁹²

¹⁹¹ Crítica de *Castle Rackrent*, em *Monthly Review*, 2nd ser. 32 (maio de 1800): pp. 91–92. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/cast00-30.html>> (acesso em 07/05/2017). Positiva. Tradução minha de: “We most heartily offer our best thanks to the unknown author of these unusually pleasing pages, which we have closed with much regret. They are written with singular humour and spirit; and it is seldom indeed that we meet with such flowers in our walks in the rugged and thorny paths of literature, through which we are often obliged to explore our weary way”.

¹⁹² Crítica de *Belinda*, em *The British Critic*, volume 18 (1801): p. 85. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.belinda.britishcritic.1>> (acesso em 07/10/2016). Neutra. Tradução minha de: “The author of this production has obtained some degree of reputation from her *Treatise on Education*, and from the tale of *Castle Rackrent*, so much, that we expected to see her powers exercised with effect in a general representation of life and manners. We confess that we have, in some degree, been disappointed; for although we readily allow this to be superior to the common run of works of this kind, yet there does not appear to be the vivacity of description, the successful

O nome da senhorita Edgeworth talvez tenha elevado demais as nossas expectativas; nós certamente estamos um pouco decepcionados com a leitura de *Belinda*; um trabalho que ela escolhe denominar como ‘conto moral’, pois a autora, com um pouco de arrogância, ‘prefere não reconhecê-lo como um romance’”.¹⁹³

O nome da senhorita Edgeworth não requer nenhuma introdução aos nossos leitores; a descrição que fizemos de seu elaborado tratado sobre educação terá produzido um considerável respeito ao seu talento. Nós aqui analisaremos uma produção de natureza diversa, mas que pode ser considerada, na realidade, como destinada a atender propósitos semelhantes, já que a autora apresenta a obra como um “conto moral”. O espírito e a vivacidade presentes na primeira parte, e a coloração intensa e os contornos fortes com que desenha alguns de seus personagens no desenvolver das ações, estão em sintonia à reputação que a senhorita Edgeworth adquiriu; já que marcam que o trabalho não é fruto de uma pena comum, mas a evidência de poderes capazes de produções superiores. Nós temos que reconhecer, porém, que a imaginação da boa autora parece fatigada e exausta pelo vigor dos seus primeiros esforços; ou, por ter excitado os sentimentos dos leitores com o esplendor de seus primeiros brilhos, prevaleceu o efeito de mansidão e monotonia em seus esforços subsequentes. (...) ¹⁹⁴

(...) De modo geral, a boa fama literária da senhorita Edgeworth não será beneficiada com a aparição de *Belinda*. Escrever romances parece não ser o seu forte; pois, apesar de ela dizer ou desejar o contrário, o mundo vai considerar *Belinda* um romance, e o colocará no mesmo patamar que as produções de romancistas cujos nomes não aparecem em seu prefácio.¹⁹⁵

delineation of living manners, the contrivance with respect to plot, or the ingenuity with respect to the catastrophe, which the name prefixed appear to promise”.

¹⁹³ Crítica de *Belinda*, em *The Monthly Magazine*, volume 13 (1802-1807): p. 659. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.belinda.monthlymagreview.1>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “The name of Miss Edgeworth, had perhaps raised our expectations too highly: we certainly experienced some little disappointment in the perusal of her *Belinda*; a work, which she chooses to denominate, a ‘moral tale’, the author, with a little superciliousness, ‘not wishing to acknowledge a novel’”

¹⁹⁴ Crítica de *Belinda*, em *The Monthly Review; or Literary Journal*, série segunda, volume 37 (abril de 1802): pp. 368-374. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.belinda.monthlymagreview.1>> (acesso em 07/10/2016). Predominantemente positiva. Tradução minha de: “The name of Miss Edgeworth does not now require any introduction to our readers; and the account which we gave of her elaborate treatise on Education will, in particular, have produced considerable respect for her talents. We are here called to notice a production apparently of a different nature, but which may in reality be considered as designed to answer purposes somewhat similar, since the author offers it as ‘a Moral Tale’. The spirit and vivacity conspicuous in the first part of it, and the high colouring and boldness of outline which it exhibits in the drawing of some of its characters at the commencement of their action, are in unison with the reputation which Miss E. has already acquired; since they mark this work as the production of no common pen, and evince powers capable of superior productions. We must acknowledge, however, that the imagination of the fair writer seems to have been fatigued and exhausted by the vigour of its first exertions; or, having too highly excited the feelings of the reader by the brilliancy of its first flashes, a tameness and insipidity of effect are hence conceived to prevail in its subsequent efforts (...)”.

¹⁹⁵ Crítica de *Belinda*, em *Critical Review*, segunda série, n. 34 (fevereiro de 1802): pp. 235–37. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.belinda.monthlymagreview.1>> (acesso em 07/10/2016). Predominantemente negativa. Tradução minha de: “(...) Upon the whole, miss Edgeworth’s literary fame is not benefited by the appearance of *Belinda*. Novel-writing does not seem to us to be her fort; for after all that she can say or wish to the contrary, the world will call *Belinda* a very

As críticas de *Popular Tales* são as mais sucintas; quatro delas não possuem mais do que duas linhas, como vemos na crítica a seguir: “*Popular Tales*, da senhorita Edgeworth, une instrução e diversão”.¹⁹⁶ Ainda assim, a escolha de personagens e temas situados em contextos sociais diversos foi bem recebida pela crítica, que volta a tecer elogios à autora (todas as críticas foram positivas):

É suficiente anunciar que *Popular Tales* é da senhorita Edgeworth; nada que vem de sua pena não é calculado para instruir e deleitar ao mesmo tempo.¹⁹⁷

Esta dama, já conhecida por suas publicações morais, vai adquirir mais fama com essa produção atual, que é mais acessível à classe ampla dos leitores.¹⁹⁸

O objetivo desses contos é apresentar os efeitos positivos da virtude nas classes mais humildes da sociedade, a adesão à verdade, honestidade, indústria, prudência, economia, união entre famílias, etc., são representados em encontros de vantagens peculiares; e as narrativas são chamadas de Populares, “por um desejo de que eles circulem além dos círculos que por vezes é exclusivamente esclarecido”.¹⁹⁹

Como *Popular Tales*, *Leonora* apenas recebeu críticas positivas – mas agora substanciais. A boa recepção se deve ao fato de que Maria Edgeworth teria feito restrições aos valores modernos, ou “escola moderna”/“filosofia moderna”, nas palavras de algumas críticas listadas abaixo:

novel, and will rank it with the productions of many a writer whose name does not appear in her advertisement”.

¹⁹⁶ Crítica de *Popular Tales*, em *Monthly Magazine*, vol 17, 1804: p. 667. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.populartales.monthlymagreview.2>> (acesso em 07/10/2016). Positiva. Tradução minha de: “Miss Edgeworth’s *Popular Tales* unite instruction and amusement”

¹⁹⁷ Crítica de *Popular Tales*, em *The Monthly Magazine*, volume 18 (1809): p. 595. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.populartales.monthlymagreview.1>> (acesso em 07/05/2017). Positiva. Tradução minha de: “It is sufficient to announce Miss Edgeworth’s *Popular Tales*; nothing has ever yet come from her pen which is not calculated at once to instruct and amuse”

¹⁹⁸ Crítica de *Popular Tales*, em *Flowers of Literature* (1804): p. 461. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/popu04-17.html>> (acesso em 07/05/2017). Positiva. Tradução minha de: “This lady, already well known by her moral publications, will acquire additional fame by her present production, which is more accessible to the middling class of readers”.

¹⁹⁹ Crítica de *Popular Tales*, em *The Monthly Review; or Literary Journal*, volume 53 (1807): p. 435. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/popu04-17.html>> (acesso em 07/05/2017). Positiva. Tradução minha de: “The object of these tales being to shew the good effects of virtue in the humbler stations of life, a strict adherence to truth, honesty, industry, prudence, economy, unity among families, &c. are represented as meeting with peculiar advantages; and the narratives are intitled Popular, ‘from a wish that they may be current beyond circles which are sometimes exclusively considered as polite”.

Leonora, da senhorita Edgeworth, contém uma escrita excelente, e é extremamente bem sucedido em expor o absurdo, a tendência perniciosa, da filosofia moderna.²⁰⁰

(...) Lady Olivia (...), que se separou de seu marido, e que foi exilada do mundo por consequência de sua má reputação, é digna de piedade, sendo protegida pela amável e virtuosa Leonora; mas a Lady Olivia retribui essa gentileza roubando o parceiro de sua protetora, induzindo-o a fugir com ela. Ele é, porém, convencido posteriormente da improbidade de sua conduta, e retorna a sua esposa com maior afeição; e Lady Olivia parte para o Continente, que recebe melhor as suas disposições e sentimentos do que a Inglaterra. A linguagem desse trabalho é animada e interessante.²⁰¹

O romance que realmente agitou a crítica literária foi *Tales of Fashionable Life*. Se os textos críticos de *Popular Tales* eram escassos (aparece em apenas 5 publicações especializadas) e não ultrapassavam poucas linhas, os de *Tales of Fashionable Life* são muitos (recebeu críticas em 14 revistas literárias) e mais longos (ocupam dez páginas do *Critical Review* e do *The Quarterly Review*), mas são mais polêmicos: 5 delas são positivas, 4 são predominantemente positivas, 3 são neutras, 4 predominantemente negativas e recebeu a única crítica negativa. Abaixo, os contrastes – o primeiro trecho é positivo, o segundo neutro e o terceiro negativo:

Nós sempre estamos predispostos a nos colocar a favor dos escritos da senhorita Edgeworth; e essa posição não pode ser considerada injusta, já que ela advém do mérito de suas produções anteriores. Não podemos afirmar, entretanto, que esses contos se equiparam ao melhor do que já saiu da pena de Voltaire, e não são superiores às outras performances da senhorita Edgeworth, pois como diria o Lord Bacon, “o excesso de elogios de um homem ou assunto causa irritação às contradições, e causa inveja e desprezo”, mas acreditamos que eles são excelentes na discriminação e na descrição dos personagens, original em seu

²⁰⁰ Crítica a *Leonora*, em *Flowers of Literature* (1806): p. lxxv. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/leon06-29.html>> (acesso em 05/08/2017). Positiva. Tradução minha de: “*Leonora* by Miss Edgeworth, contains some excellent writing, and is extremely well adapted to expose the absurdity, and pernicious tendency, of modern philosophy”.

²⁰¹ Crítica a *Leonora*, em *Monthly Review*, série segunda, n. 53 (agosto de 1807): pp. 435–36. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/leon06-29.html>> (acesso em 05/08/2017). Positiva. Tradução minha de: “(...) Lady Olivia (...), who was separated from her husband, and who was shunned by the world in consequence of her wounded reputation, is, from motives of pity, protected by the amiable and virtuous Leonora: but Lady Olivia requites this kindness by robbing her protectress of the partner of her affections, and inducing him to elope with her. He is, however, at length convinced of the impropriety of his conduct, and returns to his wife with increased regard; and Lady Olivia is supposed to be going to the Continent, as more congenial than England to her disposition and sentiments. The language of this work is animated and interesting”

propósito, divertido em seus incidentes, e impressionante em seus avisos. (...) ²⁰²

O exemplo de Vivian fornece um aviso útil para a maioria; e a sabedoria do Sr. Russel será compreendida como sabedoria por todos. Mas vamos nos lembrar, que ‘o medo do Senhor é o começo da sabedoria’, e que a não ser que uma fundação seja construída, todo o resto não será nada além de pedras soltas, sem sustento, e sem completude. A primeira introdução dos defeitos da personalidade de Vivian, na extravagância da construção de castelos, varia, um pouco injustamente, do modo usual da Senhorita Edgeworth, e parece como se “estivéssemos adentrando a modéstia da Natureza” de súbito. É necessário se tornar gradualmente familiar com as características para que as expressões mais fortes sejam satisfeitas; e apesar de que Vivian tenha sido previamente apresentado, ainda assim, os leitores precisam ver e ouvir por eles mesmos, e confiar pouco nas certezas da autora; essa revelação é muito súbita para parecer natural. ²⁰³

(...) Ele [o livro] ensina a virtude dos princípios pela virtude em si mesma, algo que não seria aprovado pelo Governador Supremo; e ele encoraja descaradamente algumas disposições, e diretamente ou por consequência tolera outras disposições, que seriam consideradas absolutamente viciosas pelo julgamento do Governador. (...) Outro defeito repulsivo (supondo, ainda, que a ausência de religiosidade seja apenas uma moda passageira) é a tolerância dessa autora ao profano. ²⁰⁴

²⁰² Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Monthly Review* (May 1810): pp. 96–97. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/tale09-22.html>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “We are always predisposed in favour [sic] of Miss Edgeworth’s writings; and this prepossession cannot be deemed unjust, since it arises from the merit of her former productions. We will not, however, assert that these tales are equal to the best of those which have flowed from the pen of Voltaire, and superior to all Miss Edgeworth’s other performances, because we recollect that Lord Bacon has said, ‘too much magnifying of man or matter doth irritate contradiction, and procure envy and scorn:’ but we think that they are excellent in discrimination and description of character, original in their plan, amusing in their incidents, and impressive in their warnings. (...)”.

²⁰³ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Eclectic Review*, vol. 12 (1812): pp. 979-10000. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.fashionlife.eclecticrev.2>> (acesso em 07/10/2016). Neutra. Tradução minha de: “The example of Vivian affords an useful warning to many; and the wisdom of Mr. Russel must be felt as wisdom by all. But let it be remembered, that ‘the fear of the Lord is the beginning of wisdom’ and that unless this foundation be laid, every thing else will be but as loose stones, without stability, and without completeness. The first introduction of Vivian’s characteristic weakness in the extravagance of castle-building, varies, a little injudiciously, from Miss Edgeworth’s usual mode; and appears, for a time, as if ‘we were stepping the modesty of Nature’ It is necessary to become gradually familiar with character for its stronger expressions to please; and although that of Vivian is previously announced, yet, as readers require to see and hear for themselves, and yield very little to an author’s assurances, the exhibition is too sudden to appear natural”.

²⁰⁴ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Eclectic Review*, n. 67 (1810): pp. 879-888. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.fashionlife.eclecticrev.1>> (acesso em 07/10/2016). Negativa. Tradução minha de: “For it teaches virtue on principles on which virtue itself will not be approved by the Supreme Governor; and it avowedly encourages some dispositions, and directly or by implication tolerates others, which in the judgement of that Governor are absolutely vicious. (...) Another gross fault, (on the supposition, still, that religion may chance to be more than an idle fancy) is our author’s tolerance of profaneness”.

Patronage, por outro lado, teve uma recepção mais amena: quatro críticas predominantemente positivas, duas neutras e duas predominantemente negativas. As críticas predominantemente positivas iniciam-se com elogios efusivos, para então comentar os defeitos – quase sempre, comenta-se que o excesso de política tornou o enredo enfadonho. Adiante, uma crítica predominantemente positiva, uma neutra e uma predominantemente negativa:

A senhorita Egeworth, tão conhecida como a favorita dos literari, não precisa de elogios das nossas páginas: o mérito dessa autora está indelevelmente estampado nas mentes daqueles que passam por suas páginas interessantes, e ninguém, nós garantimos, tem talento igual ao dela em desenhar personagens, ou pintar, com tamanha precisão, as cenas domésticas da vida moderna. Abreviar o presente trabalho que agora está sob nossa consideração dificilmente traria justiça à senhorita Egeworth; a maior parte desta obra é abundante em belezas e elegâncias peculiares, pertencentes a esta autora (...).²⁰⁵

Nós parabenizamos o público por outra efusão de genialidade da elegante pena da senhorita Egeworth; as produções anteriores desta dama já passaram pela aprovação da crítica, e a confere uma posição muito distinta entre os romancistas britânicos. O presente romance não é inferior aos que o procederam (...).²⁰⁶

(...) *Patronage* é muito inferior às suas produções anteriores, isso pode ser afirmado, decididamente. Ele parece ter sido terminado às pressas, sem nunca ter recebido a necessária revisão, tão justamente bem-feita em seus trabalhos anteriores. (...) Nós nos agarramos a senhora com a observação de que o nosso desapontamento quando autores são inferiores a eles mesmos é um óbvio, ainda que indireto, elogio de suas habilidades, que são muito aguardadas.²⁰⁷

²⁰⁵ Crítica a *Patronage*. *La Belle Assemblée*, n.s. 9 (Mar 1814): 139–41. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/patr14-20.html>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “Miss Egeworth, so well known as a favourite with the *literati*, needs no *eulogium* from our pages; her merit as an author is indelibly stamped upon the minds of all who peruse her interesting pages, and no one, we will venture to affirm, ever had the talent equal with her of drawing characters, or painting, with such just precision, the scenes of domestic and fashionable life. To abridge the present work which now comes under our consideration, would be hardly doing justice to Miss Egeworth; the greater part of it abounding in those beauties and peculiar elegance belonging to this author (...).”

²⁰⁶ Crítica a *Patronage*. *Critical Review*, série quarta (1814): 39–48. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/patr14-20.html>> (acesso em 07/10/2016). Neutra. Tradução minha de: “We congratulate the public upon another effusion of genius from the elegant pen of Miss Egeworth; the former productions of this lady have already passed the ordeal of criticism, and entitle her to a very distinguished rank amongst the British Novellists. The present Novel is not a great deal inferior to those which have preceded it; a similar mode of expression, vivacity of description, and discriminative delineation of character, with the other writings of this lady, would designate the authoress of *Patronage* to be Miss Egeworth, if her name were not attached to its title.

²⁰⁷ Crítica a *Patronage* em *The Critical Review; or, Annals of Literature*, volume 5: pp. 39-48. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/egeworth.patronage.criticalreview.1>> (acesso em 07/10/2016). Predominantemente negativa. Tradução minha de: “(...) *Patronage* is very inferior to most of her former productions, may be affirmed decidedly. It appears to have been finished in haste, and never to have undergone the salutary revision, so judiciously bestowed on her prior labours. (...) We take our leave of this lady, with observing, that an expression of disappointment when authors are inferior to themselves, is an obvious, if indirect compliment to the abilities, from which so much is expected.

Além do resultado geral da crítica, o DLNotes2 permite observar quais elementos, textuais ou não-textuais, são mais mobilizados pelas críticas às obras de Maria Edgeworth. Os textuais estão no Gráfico 2 e os não-textuais, no Gráfico 3:

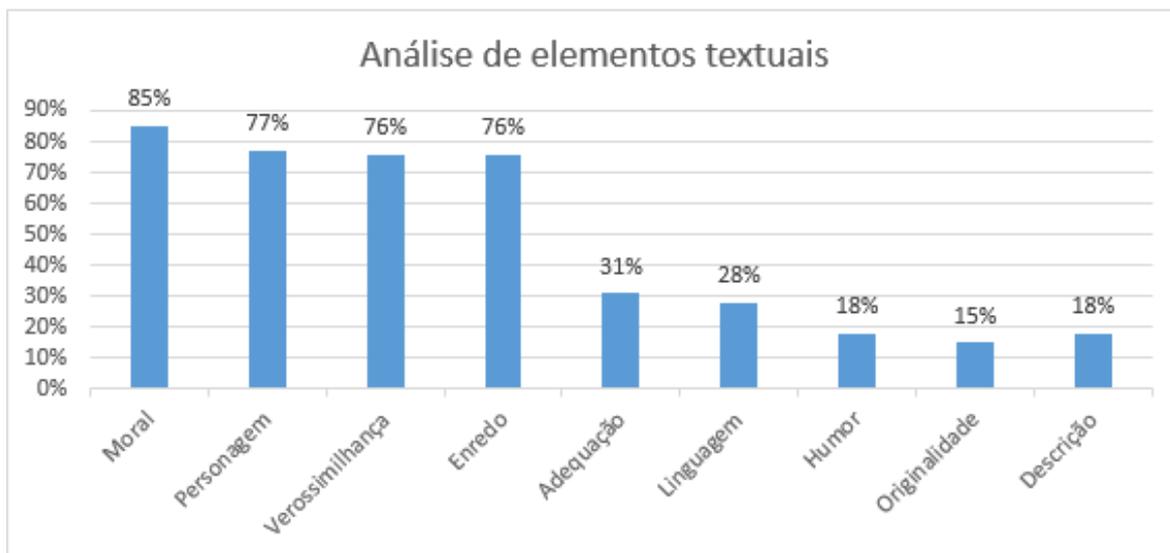


Gráfico 2: Análise de elementos textuais nas críticas de Maria Edgeworth cadastradas no DLNotes2.

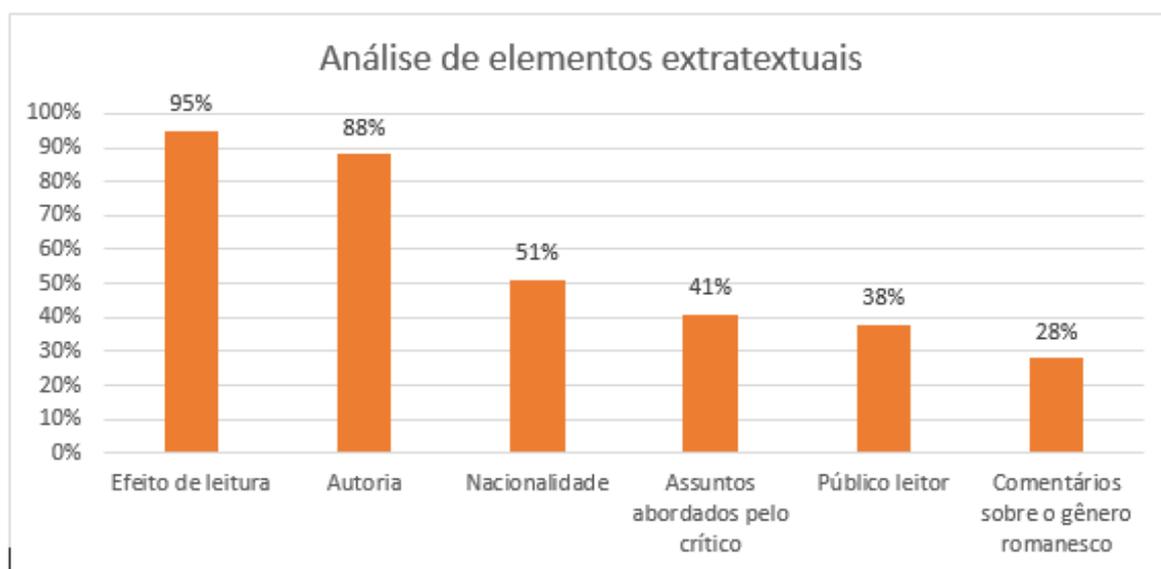


Gráfico 3: Análise de elementos extratextuais nas críticas de Maria Edgeworth cadastradas no DLNotes2.

Os críticos estavam convencidos de que os romances de Edgeworth surtiriam efeitos de leitura, sendo um elemento extratextual presente em 95% das críticas. 50% acreditavam que as obras eram capazes de direcionar a conduta dos leitores; 31%

consideraram que ela poderia gerar entretenimento e/ou instrução; 10% apostaram na identificação do leitor com a personagem ou a situação; 7% associaram a obra ao deleite, e 7% comentaram sua capacidade de emocionar. Mesmo as críticas breves de *Popular Tales* comentam os efeitos de leitura: “*Popular Tales*, de Maria Edgeworth, em 3 volumes em 12º, é desenvolvido para a instrução e a edificação das pessoas jovens”.²⁰⁸ Alguns críticos comentaram detalhadamente os efeitos de leitura positivos que a leitura do romance pode causar:

Contemplando neste trabalho um assunto muito mais importante do que a mera diversão do leitor, a senhorita Edgeworth tenta demonstrar a má tendência de alguns princípios da escola moderna; e particularmente àquele que se relaciona à conduta das damas. Excesso de sensibilidade; maior atenção aos *direitos* do que aos *deveres*; chamar o matrimônio de uma *instituição bárbara* – prudência, *frieza*, força moral, *insensibilidade* – e modéstia, *hipocrisia*; a preferência pelas graças do que pelas virtudes; e o confisco da inocência e da reputação, como se fosse a emancipação da tirania dos costumes; esses e outros sentimentos de naturezas similares são fortemente reprovados, e as fêmeas insuspeitas são direcionadas a pensar em seu próprio favor.²⁰⁹

Como vemos na crítica acima, o efeito alterar a conduta do leitor é relacionado a um elemento textual, a moralidade, que é outro elemento presente na maioria das críticas. 53% comentam a moralidade relativa ao enredo, 42%, a moralidade relativa às personagens, 18%, relativa às reflexões do narrador e 7% relativa à linguagem. A moralidade é elogiada na crítica a seguir:

A história de Vivian fornece uma excelente lição para aqueles espíritos escandalosos que ousam não ter fidelidade as suas próprias convicções. (...) Para corrigir esses erros que são compatíveis às boas intenções é uma tarefa mais útil do que demonstrar os efeitos ou as punições dos

²⁰⁸ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Monthly Anthology*, n. 10 (1804): pp. 470-471. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.populartales.monthlyanth.1>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “Popular Tales, by Maria Edgeworth, in 3vols 12mo. intended for the instruction and edification of young persons”.

²⁰⁹ Crítica a *Leonora*, em *Monthly Review*, série segunda, n. 53 (agosto de 1807): pp. 435–36. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/leon06-29.html>> (acesso em 05/08/2017). Positiva. Tradução minha de: “Contemplating in this work a much more important object than merely the *amusement* of the reader, Miss Edgeworth endeavours to shew the bad tendency of some of the principles of the modern school; and particularly those which relate to the conduct of the ladies. Excess of sensibility; a greater attention to *rights* than *duties*; the calling matrimony a *barbarous institution*, — prudence, *coldness*, fortitude, *insensibility*, —and modesty, *hypocrisy*; a preference of the *graces* to the virtues; and the forfeiture of innocence and reputation glossed over as an emancipation from the tyranny of custom; these and other sentiments of a similar nature are strongly reprobated, and the unsuspecting female is cautioned against thinking favourably of them (...).”

vícios; e oferece um grande alcance para a perspicácia e observação que distinguem eminentemente os escritos da Senhorita Edgeworth.²¹⁰

Contudo, nem sempre a menção à moralidade é positiva. Sempre que os críticos encontram alguma situação inadequada, eles chamam a atenção do leitor. Por exemplo, a crítica do *Annual Review* de *Leonora* lembra o quão errado é interceptar e ler cartas de outras pessoas (um crime que não é concebido como tal no enredo); e que a devoção de Leonora deveria ser suficiente para inspirar o amor de Sr. L.²¹¹ O fato de a heroína de Belinda se envolver romanticamente com dois personagens (Sr. Vincent e Clarence Harvey) desagradou alguns críticos:

Nós temos que confessar, também, que há uma circunstância na conduta da heroína, Belinda Portman, que não é de nossa aprovação. Velhos como somos, talvez frios demais, e críticos como devemos ser, ainda temos romance demais dentro de nós a ponto de considerarmos o amor virginal como o laço mais sagrado; e guardamos com reverência e respeito a inviolável constância a esse laço; e nós sentimos uma espécie de repugnância em admitir uma segunda relação.²¹²

Além de comentar as obras criticadas em questão, há muitas referências à autoria nas críticas: está presente em 88% das críticas. 52% menciona a boa reputação de Maria Edgeworth, 10% menciona a vida pessoal da autora, 7% faz comentários sobre a autoria

²¹⁰ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Monthly Review* (Julho de 1813): pp. 320–21.. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/tale09-22.html>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “The story of Vivian affords an excellent lesson to those yielding spirits who dare not be faithful to their own convictions. (...) To correct those errors which are compatible with good intentions is a task more useful than that of displaying the effects or punishments of vice; and it affords great scope for the acumen and observation which eminently distinguish Miss Edgeworth’s writings”.

²¹¹ Crítica a *Leonora*, em *Annual Review*, volume 5: pp. 539-42. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.leonora.annualreview.1>> (acesso em 05/08/2017). “But in the midst of all the gratitude, compunction, love, and admiration, that her conduct excites in him, Mr. L. oppressed by the idea that the promise made to his abandoned mistress, for whom he now feels nothing but contempt and aversion is still binding, and it is only by means of a packet of her letters, accidentally intercepted, from which he learns how little her posted passion for him was either delicate or sincere, that he is at length brought to concede this false point of honour. This is surely wrong, Leonora had steadily refused to call in to her assistance in reconquering the heart of her husband, and means but such as virtue and discretion could supply; her triumph therefore, should have been obtained by these, and these alone.”

²¹² Crítica de *Belinda*, em *The Monthly Review; or Literary Journal*, série segunda, volume 37 (abril de 1802): pp. 368-374. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.belinda.monthlymagreview.1>> (acesso em 07/10/2016). Predominantemente positiva. Tradução minha de: “We must confess, also, that there is one circumstance in the conduct of the intended heroine, Belinda Portman, which does not altogether meet with our approbation. Old as we are, and cold too, perhaps, as critics ought to be, we have still so much romance within us, as to deem the virginâ€™s first love an almost sacred bond; to regard with reverence and respect an inviolable constancy to its object; and to feel a kind of repugnance at the admission of a second attachment.”

feminina, 4% comentam a produção abundante e 4% as posições políticas da autora. A primeira crítica abaixo, positiva, elogia a autora e comenta sua boa reputação:

Tales of Fashionable Life, da senhorita Edgeworth, é um trabalho de mérito incomum. Para aqueles que podem ser satisfeitos com um senso esterlino, sem a ajuda do brilho do romance bombástico, as produções desta senhora nunca deixarão de encantar. Excelente mulher! em quem está unido a realização de uma instrutora com a ternura de uma matrona! cujo maior objeto parece ser o progresso de seus leitores, e a felicidade da sociedade. O presente trabalho é digno de seu nome (...).²¹³

11% identificaram situações na obra que remetem à vida da autora; quase sempre, “casando” esse elemento com as posições políticas de Edgeworth ou com a ausência de religiosidade da autora. A religiosidade era ainda mais cobrada pelo fato de Edgeworth ser uma mulher, como o crítico abaixo deixa explícito:

Para uma mulher permanecer sem constrangimento, quando assim encarregada, exige mais coragem masculina do que com o bom senso de Miss Edgeworth poderia confessar desejar. Para uma mulher, a quem a religião deve ser uma graça necessária, se não fosse mais nada, cujas provações exigem consolo, e cujos personagens exigem a posse desse princípio, que é seu trabalho principal inculcar e nos render com sua “conversa casta”, ganhadora e adorável, “para uma mulher atrair os olhares públicos, e ser alvo de censura por não ser irreligiosa, não pode ser senão dolorosa, deve ser sentida como derogatória da principal qualidade que ela tem que sustentar”, a qualidade de sexo, para as propriedades das quais o talento não pode oferecer indulgência.²¹⁴

²¹³ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Flowers of Literature* (1808–09): pp. lxxii. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/tale09-22.html>> (acesso em 07/10/2016). Positiva. Tradução minha de: “Miss Edgeworth’s [sic] *Tales of Fashionable Life* is a work of uncommon merit. To those who can be pleased with sterling sense, unaided by the glare of romantic bombast, the productions of this lady will never cease to charm. Excellent woman! in whom is united the accomplishment of an instructress with the tenderness of a matron! whose greatest object seems to be the improvement [sic] of her readers, and the happiness of society. The present work is worthy of her name (...)”.

²¹⁴ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *The Eclectic Review*, volume 8: pp. 979-1000. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.fashionlife.eclecticrev.2>> (acesso em 07/10/2016). Neutra. Tradução minha de: “(...) for a woman to stand unembarrassed, when thus arraigned, requires more masculine courage, than with Miss Edgeworth’s good sense, she could wish to avow. For a woman, to whom religion appears a necessary grace, if it were nothing more, whose trials demand it for consolation, and whose characters require the possession of that principle which it is her office first to instil, and to render, by her “chaste conversation”, winning and lovely, “for a woman, to strike the public eye, and incur public censure, as irreligious, cannot be otherwise than painful, must be felt as derogating from the first character she has to sustain”, the character of sex, to the proprieties of which, talent can offer no indulgence.

Na crítica abaixo, neutra, afirma-se que Edgeworth acabou por exagerar no enredo do conto “The Absentee” (*Tales of Fashionable Life*) para defender os interesses da Irlanda:

É para este mal que a moral da história de Miss Edgeworth se aplica, e esperamos sinceramente que ela possa produzir um efeito salutar sobre a mente de muitos desses grandes proprietários que estão sacrificando suas fortunas, seu tempo e todas as respeitabilidade e utilidade de suas pessoas e personagens, vivendo em um estado de banimento voluntário de suas casas nativas, em positivas, ou (pelo menos), insignificância comparativa neste país. Mas, enquanto o design e a tendência da fábula de Miss Edgeworth não podem ser suficientemente aprovados e aplicados por todas as classes de leitores, a quem os interesses da Irlanda, os verdadeiros interesses do Império Britânico, são preciosos e valiosos, achamos que isso é desagradável para a acusação de colorir com excesso a sua foto e caricaturizar seu assunto em uma medida que, possivelmente, tememos, essencialmente prejudica a utilidade de seus trabalhos. A imaginação dela parece, para nós, que está desordenada nos pontos que conectam suas visões e seus objetos favoritos.²¹⁵

Ainda no que diz respeito à reputação de Edgeworth, 35% das críticas identificaram características específicas da escrita de Edgeworth, que permitiriam reconhecer determinadas obras como sendo “típicas” da autora. Uma das críticas afirma que seus romances são providos de “um modo de expressão similiar, a vivacidade das descrições, e a delineação descritiva dos personagens”, de forma que “seriam reconhecíveis como sendo da senhorita Edgeworth mesmo se seu nome não estivesse escrito na capa”.²¹⁶ As tais características típicas de Edgeworth seriam, segundo um crítico do *Critical Review*: “as belezas do estilo da senhorita Edgeworth: a pura moralidade de suas fábulas, sua delineação certa das pessoas e dos costumes, e seu

²¹⁵ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Critical Review* (agosto de 1812): pp. 113–26. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/tale09-22.html>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “It is to this last evil, that the moral of Miss Edgeworth’s tale applies, and we sincerely hope, that it may produce a salutary effect on the minds of many of those great landed proprietors who are sacrificing their fortunes, their time, and all the respectability and usefulness of their persons and characters, by living in a state of voluntary banishment from their native homes, in positive, or (at least), comparative insignificance in this country. But, while the design and tendency of Miss Edgeworth’s fable cannot be sufficiently approved and enforced by all classes of readers, to whom the interests of Ireland, the real interests of the British empire, are dear and valuable, we think her obnoxious to the charge of over-colouring her picture and caricaturing her subject to an extent which may, we fear, essentially detract from the utility of her labours. Her imagination appears to us to be almost disordered in some points connected with her favourite views and objects”.

²¹⁶ Crítica a *Patronage*, em *Critical Review*, série quarta (1814): 39–48. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/patr14-20.html>> (acesso em 07/10/2016). Neutra. Tradução minha de: “(...) a similar mode of expression, vivacity of description, and discriminative delineation of character, with the other writings of this lady, would designate the authoress of *Patronage* to be Miss Edgeworth, if her name were not attached to its title”.

maneira inimitável e agradável de trazer a instrução mais sólida”.²¹⁷ As mesmas características aparecem em diversas resenhas, o que sugere que os críticos liam os trabalhos uns dos outros. Mesmo quando o crítico afirmava estar decepcionado quanto a determinada leitura, ele deixa claro que esperava encontrar as mesmas características: “ainda assim, não parece ter a vivacidade da descrição, a bem-sucedida delineação dos costumes vigentes, o artifício com respeito ao enredo, ou a inventividade em relação à catástrofe, esperados por conta do nome prefixado”.²¹⁸

A análise de personagens também se faz presente muitas críticas: está em 77% delas. 61% comentam a construção de personagens; 36%, os personagens virtuosos; 15%, os viciosos; e 15% os tipos/estereótipos. Dois casos curiosos de análise de personagens ocorrem em *Belinda* e *Leonora*; as heroínas desses romances não causaram tanta comoção quanto as personagens secundárias. Lady Delacour cativou a admiração não só de Belinda, que a considerava “a pessoa mais agradável – não, essa é uma expressão muito débil – a pessoa mais fascinante que ela já conhecera”,²¹⁹ mas dos críticos literários, que afirmavam que o livro deveria homenageá-la no título, e não a Belinda – “nós achamos, pensando com razão, que Lady Delacour é o personagem mais proeminente deste trabalho. (...) ela [Lady Delacour] é o planeta central, e Belinda apenas um satélite”, segundo *Critical Review*,²²⁰ “a heroína gera tão pouco interesse, que ela parece ter usurpado o direito superior de nomear a obra de Lady Delacour”, segundo *Monthly Review*.²²¹ Já a construção da personagem de Olivia é a mais elogiada em *Leonora*; tanto que a crítica do *Monthly Review* (abaixo) revela um receio de que ela ganhe a simpatia

²¹⁷ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Critical Review* (agosto de 1812): pp. 113–26. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/tale09-22.html>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “(...) the beauties of Miss Edgeworth's style, the pure morality of her fables, her accurate delineation of character and manners, and her inimitably pleasing manner of conveying the soundest instruction”.

²¹⁸ Crítica a *Belinda*, em *The British Critic*, volume 18 (1801): 85. Disponível em: <<http://www.wwp-test.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.belinda.britishcritic.1>> (acesso em 07/10/2016). Neutra. Tradução minha de: “(...) yet there does not appear to be the vivacity of description, the successful delineation of living manners, the contrivance with respect to plot, or the ingenuity with respect to the catastrophe, which the name prefixed appear to promise”.

²¹⁹ EDGEWORTH, Maria, 1896, p. 4. Tradução minha de: “(...) the most agreeable—no, that is too feeble an expression—the most fascinating person she had ever beheld”.

²²⁰ Crítica de *Belinda*, em *Critical Review*, segunda série, n. 34 (fevereiro de 1802): pp. 235–37. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/beli01-24.html>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “(...) we have, we think with reason, denominated lady Delacour the most prominent character in the work. (...) She is the primary planet, and Belinda but a satellite”.

²²¹ Crítica de *Belinda*, em *The Monthly Review; or Literary Journal*, série segunda, volume 37 (abril de 1802): pp. 368-374. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/beli01-24.html>> (acesso em 10/08/2017). Tradução minha de: “(...) the heroine herself creates so little interest, that she appears to have usurped the superior right of Lady Delacour to give the title to the work”.

dos leitores mais jovens, principalmente porque ela parece mais interessante do que Leonora, que demonstrava muita frieza, na opinião do crítico.

(...) os personagens são bem construídos, em particular o de Lady Olivia; mas os leitores sentimentais terão mais disposição a achar que o retrato de Leonora frio demais para ser natural, e conseqüentemente o interesse por ela, que seria muito merecido, será muito menor – enquanto um moralista estrito, por causa da maneira familiar com que se menciona as intrigas do mundo feliz, poderá temer os efeitos que esses volumes poderão provocar nas mãos de mentes jovens.²²²

Olivia é uma professora da filosofia moderna, e não possui nenhuma concepção das regras do certo e do errado, o que pode ser vantajoso no jogo da vida, mas que pode ser quebrado ou complicado em qualquer emergência. Ela arranca da França toda a determinação do inimigo às restrições que confinam as fêmeas de sangue fraco à virtude e ao decoro e, como era esperado, demonstra sua gratidão a Leonora com a tentativa de seduzir o marido dela. (...) O personagem de Olivia é escrito com uma pena densa, e a novela toda é escrita com grandeza de espírito. A sexta carta é um excelente espécime da razão moral.²²³

76% das críticas abordaram a verossimilhança e a observação do real por parte da autora. 52% consideraram que havia observação do real na obra; 22% discutiram a verossimilhança; 15% consideraram que não havia observação do real; e 4% comentaram a fidelidade histórica. Alguns críticos desconfiavam que determinados personagens dos romances, como os de *Patronage*, eram inspirados em pessoas reais: “O Marquês de Twickenham e o Duque de Greenwich parecem designados para pessoas reais; e nós suspeitamos que muitos dos personagens desse romance não são meramente ficcionais, mas podem ser encontrados, nesse momento, na existência real”.²²⁴

²²² Crítica a *Leonora*, em *Monthly Review*, série segunda, n. 53 (agosto de 1807): pp. 435–36. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/leon06-29.html>> (acesso em 05/08/2017). Positiva. Tradução minha de: “(...) the characters are very ably supported, particularly that of Lady Olivia: but the sentimental reader will be disposed to think that the portrait of Leonora is too cold to be natural, and consequently the interest in her favour, which she really deserves, will be much lessened: —while the strict moralist, on account of the familiar way in which the intrigues of the gay world are mentioned, will perhaps fear for the effects of these volumes in the hands of young persons”

²²³ Crítica a *Leonora*, em *Critical Review*, volume 3, número 7 (fevereiro de 1806): pp. 215–16. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/leon06-29.html>> (acesso em 05/08/2017). Positiva. Tradução minha de: “Olivia is a professor of the modern philosophy, and has no other conceptions of the rules of right and wrong, than of rules for the game of whist, which may be very useful in the game of life, but which may be broken through or complied with in any particular emergency. She comes ripe from France, a determined foe to all those restraints which confine tide-less blooded females within the pale of virtue and decorum, and, as might naturally be expected, she shews her gratitude to Leonora by seducing the affections of her husband. Olivia’s character is portrayed with a strong pencil, and the whole novel is written with great spirit. The sixth letter is an excellent specimen of moral reasoning”.

²²⁴ Crítica a *Patronage*. *Critical Review*, série quarta (1814): 39–48. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/patr14-20.html>> (acesso em 07/10/2016). Neutra. Tradução minha de: “The Marquis of Twickenham and the Duke of Greenwich seem designed for living characters; and we shrewdly

Os críticos desse período não faziam muitas distinções entre observação da realidade e verossimilhança; quase sempre, exigiam que as obras ficcionais de Edgeworth representem o mundo tal como ele. Uma mesma crítica poderia elogiar a observação do real em um momento – “Ela dificilmente usa uma única tinta que seja mais quente do que a da vida real. Nenhum outro autor recorre tão raramente, com o propósito de criar interesse, aos sentimentos mais fortes e mais arrebatador do que o da natureza” – e depois criticar esse mesmo aspecto:

(...) o que nós temos de reclamação quanto a sua representação da sociedade não é tanto a falta de precisão em alguns esboços, mas sim o efeito geral de todo o grupo. Ela produz uma impressão errônea não por descrever um personagem de alguma classe particular que não poderia ser encontrado ali, mas por exibir proporções erradas do bem e do mal em cada um deles, diferente daquilo que existe na vida real; ao desenhar muitos espécimes positivos de uma classe, e muitos espécimes negativos de outra. Essa é a mais bem-sucedida, quando intencional, e a mais insidiosa maneira de deturpação, porque não é confiável e leva diretamente a uma falsidade.²²⁵

76% das críticas discutiram o enredo. 45% apresentaram um resumo do enredo, 41% voltaram-se à distribuição/estruturação do mesmo, 7% forneceram o tema e 5% comentaram a quantidade de episódios. Para elaborar essa porcentagem, não considerei as repetições de um mesmo elemento em uma mesma crítica; mas vale lembrar que, quando a análise é sobre um livro de contos, há vários resumos de enredos. Os enredos de Edgeworth não são muito elogiados; alguns críticos consideram que a autora maneja melhor os personagens do que os episódios. No caso de *Patronage*, muitos afirmam que o livro seria melhor se fosse mais curto: “A história é bem sustentada no todo, mas algumas partes teriam mais força de fossem mais breves”.²²⁶

suspect that many of the characters in this novel are not merely fictitious, but that they may be found, at this period, really in existence”.

²²⁵ Crítica a *Patronage*, em *The Quarterly Review*. volume 10 (1814): pp. 301-22. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.patronage.quarterlyrev.1>> (acesso em 05/08/2017). Tradução minha de: “She scarcely makes use of a single tint that is warmer than real life. No writer recurs so rarely, for the purpose of creating an interest, to the stronger and more impetuous feelings of our nature. (...) what we have to complain of in her representation of society, is not so much the inaccuracy of any particular sketches, as the general effect of the whole group. She produces an erroneous impression, not by describing a character in any particular class that is not really to be found in it, but by exhibiting proportions of good and ill in each, different from those that exist in real life; by drawing too many favourable specimens from some classes, and too many unfavourable ones from others. This is a most successful, and when it is intentional, a most insidious mode of misrepresentation, because it is not liable to a direct charge of falsehood”

²²⁶ Crítica a *Patronage*. *New Annual Register*, vol. 35 (1814): 365. Disponível em: <<http://www.wwp-test.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.patronage.annualregister.1>> (acesso em 07/10/2016).

Comentários sobre a nacionalidade do romance aparecem em 51% das críticas, principalmente nas que abordam *Tales of Fashionable Life* (por conta, principalmente, do conto “Ennui”, que se passa na Irlanda). Mesmo ao abordar *Patronage*, romance ambientado na Inglaterra, um crítico lamentou a ausência da “cor local” da Irlanda: “não há personagens irlandeses em *Patronage* (O’Brien é apenas uma exceção), talvez a Senhorita Edgeworth tenha considerado o assunto como esgotado. Nós lamentamos essa escolha. Alguns de seus esforços mais bem-sucedidos foram na descrição deles”.²²⁷

Uma crítica escocesa do *Edinburgh Review*, que elogia os “espíritos calmos do Sul” em contraste à “tez saturnina do Norte”, proclama que Edgeworth havia prestado grande contribuição para o desenvolvimento da literatura nacional:

Nenhum dos nossos leitores recorrentes, nós acreditamos, será surpreendido na ânsia com que nos voltamos a cada nova produção da pena da senhorita Edgeworth. O gosto e a galanteria da época podem ter, por fim, ter sancionado a ardente admiração com que cumprimentamos esta senhora desde os primeiros passos de sua carreira literária. Mas os espíritos calmos do Sul mal conseguem compreender o efeito estimulante que seu reaparecimento produz de modo uniforme sobre a tez saturnina de seus críticos do Norte. Felizmente, um longo curso de boas obras justificou nosso primeiro augúrio sanguíneo pelo sucesso da senhorita Edgeworth, e o elogio honesto que pronunciamos por seus esforços na causa do bom senso e da virtude (...).²²⁸

Nem sempre os comentários sobre a nacionalidade dizem respeito ao local onde as ações do romance se passam. Em *Leonora*, a nacionalidade é evocada quando os críticos alertam ao perigo dos sentimentalismos das escolas alemã e francesa,

Neutra. Tradução minha de: “The story is upon the whole well supported, but in some parts would derive strength from abbreviation”.

²²⁷ Crítica a *Patronage*, em *The Quarterly Review*, volume 10 (1814): pp. 301-22. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.patronage.quarterlyrev.1>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “There are no Irish characters in *Patronage* (O’Brien is scarcely an exception,) perhaps Miss Edgeworth thought the subject was exhausted. We are sorry for it. Some of her happiest efforts have been employed upon the description of them”

²²⁸ Crítica a *Patronage* publicada em *The Edinburgh Review, or Critical Journal*, volume 22 (1814): 416-34. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.patronage.edinburghreview.1>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “None of our regular readers, we are persuaded, will be surprised at the eagerness with which we turn to every new production of Miss Edgeworth’s pen. The taste and gallantry of the age may have at last pretty generally sanctioned the ardent admiration with which we greeted the first steps of this distinguished lady in her literary career; but the calmer spirits of the South can hardly yet comprehend the exhilarating effect which her reappearance uniformly produces upon the saturnine complexion of their Northern Reviewers. Fortunately, a long course of good works has justified our first sanguine augury of Miss Edgeworth’s success, and the honest eulogy we pronounced upon her efforts in the cause of good sense and virtue (...)”.

mencionadas nas críticas do *Annual Review*,²²⁹ do *New Annual Register*²³⁰ e do *The Universal Magazine*,²³¹ sendo que a última ainda termina com um elogio à grandeza da nação inglesa.

40% faz comentários sobre o público leitor a que as obras foram destinadas – principalmente quanto a *Popular Tales* e *Tales of Fashionable Life*, por conta dos prefácios em que se determinam as classes sociais que a autora gostaria de atingir. Uma das críticas de *Popular Tales* já indica que o livro pode ser bem aproveitado por públicos variados: “O trabalho é certamente calculado para o benefício daqueles para quem ele foi designado, mas, por outro lado, mesmo um leitor mais refinado terá grande prazer em atender essas representações de simplicidade”.²³² *Belinda* e *Leonora* são colocados como boas leituras para mulheres.

A adequação é mencionada em 32% das críticas: 19% sobre a adequação entre situação/personagem; 11% sobre fala/personagem; e 5% sobre tema/gênero. “Ao descrever os modos dos que vivem de maneira elegante, a Senhorita Edgeworth totalmente possui talento”, diz um crítico sobre *Tales of Fashionable Life*.²³³

30% das críticas comentaram a linguagem utilizada pela autora e 5% a ortografia/gramática. Os entusiastas da linguagem de Edgeworth elogiam a escrita da

²²⁹ Crítica a *Leonora*, em *Annual Review*, volume 5: pp. 539-42. “(...) lady Olivia, a metaphysical sentimentalist of the French and German schools, returns from Paris to London, where, being separated from her husband, and having been suspected of a criminal attachment, she is avoided by most of her female acquaintance (...)”.

²³⁰ Crítica a *Leonora*, em *New Annual Register*, volume 27: p. 372. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.leonora.universalmag.1>> (acesso em 05/08/2017). “(...) lady Olivia, an artful sentimentalist of the French and German schools of cosmopolitanism, who, with the cant of purity and sensibility for ever on her lips, is perpetually endeavoring to undermine the foundation of private happiness and domestic virtue. (...)”

²³¹ Crítica a *Leonora*, em *The Universal Magazine*, volume 5: pp. 241-45. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.leonora.universalmag.1>> (acesso em 05/08/2017). “(...) The Review cannot close better than with the concluding sentiment of *Leonora*, respecting our country”.

²³² Crítica de *Popular Tales*, em *The Monthly Review; or Literary Journal*, volume 53 (1807): p. 435. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/popu04-17.html>> (acesso em 07/05/2017). Positiva. Tradução minha de: “The work is certainly calculated to be of great benefit to those for whom it is more particularly designed; while, on the other hand, the more polished reader, when satiated with the intricacy and high-colouring of elaborate fiction, will experience pleasure in attending to these simple representations”.

²³³ Crítica a *Patronage*. *Critical Review*, série quarta (1814): 39–48. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/patr14-20.html>> (acesso em 07/10/2016). Neutra. Tradução minha de: “In describing the manners of fashionable life, Miss E. seems completely to possess the ‘tact’”

autora por ser “animada e interessante”,²³⁴ ou simplesmente “boa escrita”.²³⁵ Já os críticos costumam desgostar do uso de expressões coloquiais e o uso da língua não-culta.

Qualquer pessoa familiarizada com a escrita da Senhorita Edgeworth sabe que ela é distinta por suas grandes demonstrações de bom senso e raras demonstrações de boa linguagem; Quando afirmamos isso, queremos dizer que sua dicção, exceto quando se trata de uma cena dramática (então geralmente é apropriado), é desfigurada por barbáries e coloquialismos.²³⁶

Comentários sobre o gênero romanesco aparecem em 24% das críticas. Esses comentários sempre partem do pressuposto que os romances podem ser perigosos meios de propagação de má conduta, ainda que o crítico queira apaziguar os ânimos, como nesse caso: “Que muitos erros e insensatez foram divulgados em romances é uma verdade indiscutível; mas nós duvidamos que o vício tem sido disseminado de forma igualmente tão clara, pelo menos intencionalmente”.²³⁷ 14% das vezes, os críticos aproveitavam o espaço para discorrer sobre as funções e as dificuldades da própria crítica literária baseando-se nos mesmos pressupostos – referem-se à atividade crítica com termos como “inspeção”, e até termos mais severos, como “extermínio”:

Se a importância dos trabalhos literários hoje é estimada pelo número de leitores que atraem, e os efeitos que eles produzem no caráter e na moralidade dos leitores, um romance ou um conto não podem ser apenas tachados como produções triviais. Pois um romance é capaz de não só atrair mais leitores do que um trabalho sério, mas também porque encontram leitores maleáveis, cujos sentimentos são mais facilmente interessados e aprofundados, por se tratar de obras mais recentes. Produções desse tipo, portanto, não são de maneira alguma indignos da atenção dos críticos, e deveriam estar sob suas observações. Os usuários das bibliotecas circulante são tão numerosos, e tão facilmente influenciáveis, e de tamanha importância ao seu público, que os pesos e as medidas ali apresentados devem estar sujeitos à dura inspeção dos literatos (...).²³⁸

²³⁴ Crítica a *Leonora*, em *Monthly Review*, série segunda, n. 53 (agosto de 1807): pp. 435–36. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/leon06-29.html>> (acesso em 05/08/2017).

²³⁵

²³⁶ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Universal Magazine*, n. 12 (1809): pp. 214-217. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.fashionlife.universalmag.1>> (acesso em 07/10/2016). Neutra. Tradução minha de: “Whoever is acquainted with the writings of Miss Edgeworth, knows that they are distinguished by a great display of good sense and a small display of good language. When we say this, we mean that her diction, except when it is dramatic, (and then it is in general very appropriate) is disfigured by barbarisms and colloquial meanness”.

²³⁷ Crítica de *Belinda*, em *Critical Review*, 2nd ser. 34 (Feb 1802): 235–37. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/beli01-24.html>> (acesso em 07/10/2016). Tradução minha de: “That much error and folly have been disseminated in novels, is an indisputable truth; but we doubt if it will appear so clearly that vice has been equally disseminated, at least intentionally”.

²³⁸ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *The Quarterly Review*, volume 2 (1809): 146-54. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.fashionlife.quarterlyrev.1>> (acesso em

Os professores da filosofia moderna já foram caçados pelos escritores morais com tanto vigor que nós confiamos que restam poucos dessa raça; mas, enquanto existir um único animal dessa descrição, os esforços por seu extermínio não podem ser relaxados.²³⁹

Eles também discorriam sobre a sociedade como um todo (19%), sobre política (16%), sobre relacionamentos familiares ou casamentos em 7%. A ausência de religiosidade nos personagens (e até na própria vida da autora) é comentada em 19% das críticas. Entre os elementos menos recorrentes, temos o humor em 19% das críticas, e a originalidade e a descrição em 16% das críticas.

O uso do DLNotes2 esclareceu que as críticas às obras de Maria Edgeworth estavam em sintonia com a avaliação oitocentista que se fazia dos romances em geral, de acordo com Márcia Abreu & Adiel Mittman no artigo “Ler o passado com ferramentas do futuro: uma análise digital de textos críticos do início do século XIX”. Neste texto, os autores se valeram de um conjunto de 150 críticas, 50 delas portuguesas, 50 francesas e 50 inglesas e concluíram que não havia “diferença significativa entre as línguas ou entre as finalidades da crítica no que tange à seleção dos critérios a serem empregados”.²⁴⁰ Os elementos mais utilizados nessas críticas foram enredo, personagem, moral, verossimilhança e linguagem, havendo poucos comentários sobre descrição, diálogo e originalidade – assim como nas críticas de Maria Edgeworth.²⁴¹

A ferramenta DLNotes2 me permitiu perceber tendências que não seriam facilmente reconhecíveis apenas com a leitura desse conjunto de críticas: é difícil conseguir observar quais características são mobilizadas no conjunto das críticas como

07/10/2016). Tradução minha de: “If the importance of a literary work is to be estimated by the number of readers which it attracts, and the effect which it produces upon character and moral taste, a novel or a tale cannot justly be deemed a trifling production. For it is not only that a novel even of the lowest order always finds more readers than a serious work, but that it finds readers of a more ductile cast whose feelings are more easily interested, and with whom every impression is deeper, because more new. Productions of this kind, therefore, are by no means beneath the notice of the reviewer, but fall very peculiarly within his province. The customers of the circulating library are so numerous, and so easily imposed upon, that it is of the utmost importance to the public, that its weights and measures should be subject to the inspection of a strict literary police”.

²³⁹ Crítica a *Leonora*, em *Critical Review*, volume 3, número 7 (fevereiro de 1806): pp. 215–16. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/leon06-29.html>> (acesso em 05/08/2017). Tradução minha de: “The professors of modern philosophy have been already hunted down by moral writers with such vigour that we trust very few of the race remain; but while a single animal of this description exists, the efforts towards a complete extermination must not be relaxed”.

²⁴⁰ ABREU & MITTMAN, 2017, p. 660.

²⁴¹ IDEM, pp. 660-661.

um todo e quais se sobressaem em críticas isoladas. E, a partir de outras análises desenvolvidas pelos pesquisadores do mesmo projeto, é possível atestar as semelhanças e as diferenças do uso de critérios por parte da crítica especializada.

Capítulo 3

UMA ROMANCISTA BRITÂNICA NOS TRÓPICOS: CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS E LIVROS DE MARIA EDGEWORTH NO BRASIL

3.1. Presença de romances de Maria Edgeworth no Brasil

A imprensa chega ao Brasil oficialmente em 1808, como acompanhante indispensável da Família Real Portuguesa, que embarcou para o Brasil no ano anterior por conta da ameaça de invasão feita por Napoleão Bonaparte às terras da metrópole. Assim que a corte chegou ao Brasil, foi decretada a abertura dos portos “para as nações amigas”.²⁴² D. João chega escoltado com grande parte da Corte portuguesa e de maquinarias; entre elas, os equipamentos de uma tipografia, encomendados pela Inglaterra. Em seguida, iniciou-se um processo legal para que os serviços da realza pudessem ser continuados a partir da colônia brasileira – entre eles, foi decretada a legalidade do funcionamento da Impressão Régia do Rio de Janeiro, no dia 13 de maio de 1808.²⁴³

Até esse momento, quando é instalado no Brasil o aparato necessário para a edição e impressão dos livros, materiais impressos só poderiam chegar ao Brasil por meio da importação via Portugal. Para conseguir realizar a importação, era necessário pedir permissão à censura portuguesa, visto que havia um intenso controle da divulgação de ideias no país desde 1768, quando a Real Mesa Censória Portuguesa foi criada. Apesar de já existirem três instituições responsáveis pela censura no país – o Santo Ofício, o Ordinário e o Desembargo do Paço –, o Rei D. José acreditava que o controle era insuficiente e que a melhor solução seria reunir as repartições em uma só:²⁴⁴

...sendo o Direito da proibição, ou permissão dos Livros, de importância tão grande, (...) ficou o arbítrio delas residindo nos ditos Censores

²⁴² MANÇANO, 2010, p. 72 e 73.

²⁴³ O decreto está disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/memoria/base_temporal/Historia/index.htm> (acesso em 02/10/2016).

²⁴⁴ ABREU, 2002, p. 21.

externos, e na maior parte destituídos das letras necessárias para conhecerem, e julgarem as Obras, que censuram; (os jesuítas) ... proibirem-se os Livros que se deviam permitir, ou permitirem-se os outros, que se deviam proibir, por serem somente próprios para se iludirem, e corromperem os Povos, como tem sucedido na sobredita forma.²⁴⁵

Apesar de ser inquestionavelmente lamentável a submissão colonial, essas burocracias impostas permitem aos historiadores da literatura o acesso às listas de pedidos de livros para importação, um indício bastante fundamentado para conhecer quais livros eram demandados pelo público leitor do Brasil. Esses documentos de importação e submissão à censura foram objetos de pesquisa de Márcia Abreu em *Caminhos dos Livros*, desde a criação da Mesa até a extinção do Santo Ofício em Portugal em 1821. “O movimento de livros em direção ao Brasil era muito mais intenso do que entre cidades portuguesas e extraordinariamente superior ao registrado em relação às outras colônias”, atesta Abreu: foram mencionadas 18903 obras diferentes nos pedidos de licença ao Brasil.²⁴⁶ A chegada da Família Real ao Brasil faz com que os pedidos aumentem de maneira significativa: o já alto número de 1328 livros de belas-letas, referentes a 519 títulos diferentes, feitos de 1769 a 1807, salta para 3003 livros relativos a 851 títulos diferentes no curto período de 1808 a 1823 (sendo que não houve nenhum pedido remetido nos anos de 1809, 1810, 1811, 1812, 1814, 1818, 1822, 1823).²⁴⁷

Encontramos os primeiros indícios da presença de romances de Maria Edgeworth no Brasil por meio desses pedidos encaminhados às mesas censórias. Entre os romances de maior frequência em pedidos de licença submetidos à censura no Rio de Janeiro entre 1808 e 1821, está *Scènes de la vie du grand mond*, de Maria Edgeworth, que ocupa a nona posição, precedida por *Aventuras de Telêmaco*, Fénelon; *História de Gil Blas*, Lesage; *Voyage du Jeune Anacharsis en Grèce*, Barthélemy; *Dom Quixote*, Cervantes; *Robinson Crusoe*, Defoe; *Oeuvres*, Lesage; *Paulo e Virgínia*, B. Saint-Pierre; e *Oeuvres*, Prevost. Com isso, Maria Edgeworth entra na lista das obras de sucesso elencadas por Abreu. Como o intuito desta pesquisa é analisar a presença de romances de Maria Edgeworth como uma autora relevante para a circulação de obras do Reino Unido ao Brasil, é interessante comparar a proporção de livros de origem britânica nesta lista, em relação às

²⁴⁵ “Excertos de documento de 1768 que cria a Real Mesa Censória em Portugal”, apud ABREU, 2002, p. 22. Documento disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/crono/acervo/tx27.html>> (acesso em 10/08/2017).

²⁴⁶ ABREU, 2002, p. 27.

²⁴⁷ IDEM, pp. 26-27.

outras origens. Apenas três romances não são franceses nessa lista: *Dom Quixote*, de Cervantes, da Espanha, e *Robinson Crusoe*, de Defoe, e *Scènes de la vie du grand mond*, de Maria Edgeworth, ambos do Reino Unido (apesar de o pedido do romance de Edgeworth constar em língua francesa). Expandindo a lista para a categoria belas-lettras, a França continua em destaque: 75% obras eram francesas, 10% inglesas, 5% italianas, 5% espanholas, 5% latinas.

Daniela Montenegro de Souza, em seu trabalho *Osurgimento do comércio de romances ingleses nas lojas do Rio de Janeiro: dos requerimentos à Vossa Majestade aos armazéns de “commodo preço”*, desenvolveu uma prosopografia dos requerentes de romances ingleses na Mesa do Desembargo do Paço.²⁴⁸ Assim, podemos saber quem foram alguns dos responsáveis pelos pedidos das obras de Maria Edgeworth. Segundo Souza, Ambrozio Bourdon foi um negociante francês que se estabeleceu no Brasil em meados de 1808, cujo nome figura com certa frequência nos reclames de mercadorias da Gazeta do Rio de Janeiro. Ele também realizava leilões de produtos que trazia da França. Os empreendimentos eram feitos numa casa de negócios na Rua Direita do Rio de Janeiro.²⁴⁹ Firmou uma associação com Edward Winne Fry, inglês que veio ao Brasil em 1810, e vendiam produtos vindos de Londres. No estabelecimento, os interessados também podiam “comprar passagens para a Europa, bem como enviar produtos ou cartas”.²⁵⁰ Bourdon declarou uma lista de aproximadamente 400 livros à Mesa do Desembargo do Paço; entre Defoe, Fielding, Goldsmith e outros, havia obras de Maria Edgeworth.²⁵¹

Outro negociante, Joze de La Brosse, declarou em 1818 quatro caixas de livros a serem despachados – entre os títulos ingleses, há *Robinson Crusoe*, Defoe, *Glovina*, de Lady Morgan, e *Emilie de Coulanges* (um conto que integra *Tales of Fashionable Life* que provavelmente foi comercializado como romance).²⁵² Por fim, os livros de Edgeworth foram transportados do Rio de Janeiro a São Paulo por Joze Bernardino de Sena, um funcionário da secretaria da tesouraria que precisou mudar de estado em 1919 “por causa das suas moléstias”. Ele levou consigo *Moral Tales*, *Popular Tales*, *The Modern Griselda*, *Leonora*, *Essay on Irish Bulls*, *Comic Dramas*, *Leonora*, *Emilie de*

²⁴⁸ SOUZA, 2014, pp. 31-52.

²⁴⁹ IDEM, p. 33

²⁵⁰ IBIDEM, p. 34.

²⁵¹ IBIDEM, p. 35.

²⁵² IBIDEM, p. 50.

Coulanges e dois exemplares de *Harrington*. Souza cita que há na caixa 168 da Mesa do Desembargo do Paço os pedidos de Bto Swenhbergh, em maio de 1818, de *Vivian, The Absentee, Sidney, Vivian, Scenes de la vie du grand monde, Madame de Fleury* – contudo, não havia informações suficientes para elaborar uma biografia do sujeito.²⁵³

Os indícios da presença de romances de Maria Edgeworth no Brasil não estão circunscritos aos pedidos da Mesa do Desembargo do Paço; as obras da autora anglo-irlandesa também aparecem em catálogos diversos de bibliotecas, gabinetes e livraria. Assim como a *Columbell's circulating library*, citada por Moretti no “Matadouro da Literatura” (2001), existiam bibliotecas e gabinetes semelhantes no Brasil oitocentista. A *Rio de Janeiro Subscription Library*, por exemplo, não é apenas similar à *Columbell's* no funcionamento (disponibiliza livros para assinantes por uma taxa de subscrição), mas também no catálogo: todas as obras são em inglês, feitas a partir de edições oriundas, na maioria, do Reino Unido. Essa biblioteca é uma fonte valiosa para analisar a presença de autores britânicos no Brasil, apesar de termos poucos vestígios além de seus catálogos – não por acaso, Nelson Schapochnik a nomeou “uma biblioteca desaparecida”.²⁵⁴ Das poucas informações que temos sobre ela, sabemos que foi fundada em 1826 por 150 cidadãos britânicos residentes no Rio de Janeiro que gostariam de ampliar a oferta de materiais de leitura em língua inglesa.²⁵⁵ Em meio a tantos romances franceses, a *Rio de Janeiro Subscription Library* funcionava como um refúgio dos impressos britânicos – não apenas na origem, mas também na língua de publicação; afinal, romances de origem britânica com frequência chegavam ao Brasil por meio de traduções francesas, basta lembrar que os pedidos do romance de Maria Edgeworth à censura só foram feitos em francês. Por conta disso, o catálogo da “biblioteca desaparecida” foi analisado por Sandra Guardini T. Vasconcelos no estudo “Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)”, no site *Caminhos do Romance*.²⁵⁶

Havia uma homogeneidade na proporção de homens e mulheres britânicos no catálogo da *Rio de Janeiro Subscription Library*, em 1842²⁵⁷ – para retornarmos a um

²⁵³ SOUZA, 2014, p. 118.

²⁵⁴ SCHAPOCHNIK, s/d.

²⁵⁵ *Minute Book*, v. 1, da Sociedade Cultura Inglesa do Brasil/RJ. Estatuto do British Subscription Library, apud SCHAPOCHNIK, s/d, p. 4.

²⁵⁶ VASCONCELOS, s/d.

²⁵⁷ *Catalogue of the Rio de Janeiro Subscription Library*. London, Smith, Elder & Co., 1842 e 14 suplementos (fevereiro 1842-dezembro 1848).

tema já explorado nesta pesquisa, o das “internacionais romancesas” britânicas, nas palavras de Meyer.²⁵⁸ Dos 41 autores britânicos identificados no catálogo dessa versão nacional de uma *circulating library*, 19 eram mulheres e 22 eram homens. Vale lembrar que há um grupo de romances cuja autoria não foi identificada; e há dois casos de autores identificados dos quais não sabemos o gênero (por conta de utilizarem siglas em seus nomes). A maioria dos autores tem apenas uma obra disponível na *Rio de Janeiro Subscription Library*, mas alguns autores tinham presença mais expressiva: Walter Scott, com 13 romances;²⁵⁹ Maria Edgeworth, com 12;²⁶⁰ Edward Bulwer Lytton (E. B. Lytton), com 12;²⁶¹ Charles Dickens, com 10;²⁶² e Amelia Opie, com 8.²⁶³

Há outros autores relevante cujas obras foram disponibilizadas pela *Rio de Janeiro Subscription Library*, apesar de não terem tanto destaque quanto os mencionados anteriormente: *Jane Eyre, an Autobiography*, de Charlotte Brönte, ainda com o pseudônimo Currer Bell; *Joseph Andrews* e *Tom Jones*, de Henry Fielding; *Caleb Williams* e *St. Leon*, de Willian Godwin; *Clarissa Harlowe* e *Sir Charles Grandison*, de Samuel Richardson; *Frankenstein*, de Mary Shelley, *The Mysteries of Udolpho* e *The Romance of the Forest*, de Ann Radcliffe, *The Old English Baron*, de Clara Reeve e *The Castle of Otranto*, de Horace Walpole. As reflexões sobre a presença de autores canônicos ou não servem para ilustrar que, entre os autores britânicos em circulação no Brasil, Maria Edgeworth não era um nome pouco expressivo (muito pelo contrário), ainda que hoje não seja familiar ao público leitor brasileiro.

A pesquisa das vertentes inglesas do romance no Brasil feita por Vasconcelos é extensa; além do catálogo da *Rio de Janeiro Subscription Library*, ela também verificou

²⁵⁸ MEYER, 2001, p. 49.

²⁵⁹ Obras de Walter Scott publicadas na *Rio de Janeiro Subscription Library*: *The Abbot*, *Anne of Grierstein* (sic), *The Antiquary*, *Guy Mannering*, *Ivanhoe*, *Kenilworth*, *Peveiril of the Peak*, *Quentin Durward*, *Redgauntlet*, *Rob Roy*, *Waverley*, *Woodstock*.

²⁶⁰ Obras de Maria Edgeworth publicadas na *Rio de Janeiro Subscription Library*: *Belinda*; *Castle Rackrent*; *Irish Bulls*; *Harrington's Thoughts on Boxes*; *Helen, a tale*; *Leonora – Letters*; *The Modern Griselda*; *Moral Tales for young people*; *Ormond*; *Patronage*; *Popular Tales*; *Tales of Fashionable Life*.

²⁶¹ Obras de Edward Bulwer Lytton publicadas na *Rio de Janeiro Subscription Library*: *Alice*, *Devereux*, *Disowned*, *Eugene Aram*, *Falkland*, *Godolphin*, *The Last Days of Pompeii*, *Paul Clifford*, *Pelham*, *Rienzi*, *The Student*, *Zanoni*.

²⁶² Obras de Charles Dickens publicadas na *Rio de Janeiro Subscription Library*: *Barnaby Rudge*, *The Battle of Life*, *The Chimes: a goblin story of some bells that rang an old year out and a new year in*, *Martin Chuzzlewit*, *Nicholas Nickleby*, *Old Curiosity Shop*, *Oliver Twist*, *The Pic-Nic Papers* (sic), *Pickwick Club*, *Sketches by “Boz”*.

²⁶³ Obras de Amelia Opie publicadas na *Rio de Janeiro Subscription Library*: *Father and Daughter*, *Illustrations of Lying*, *Madaline*, *New Tales*, *Tales of the Heart*, *Tales of Real Life*, *Temper*, *Valentine's Eve*.

quais obras eram de origem britânica em outros 38 catálogos brasileiros; entre eles, os catálogos da Bazar Fluminense (Rio de Janeiro: s/d); da Livraria B. Garnier (Rio de Janeiro: n. 52, fevereiro de 1865); da Biblioteca da Associação dos Empregados no Commercio de Porto Alegre (Porto Alegre: 1909); da Biblioteca Municipal (Rio de Janeiro: 1878); da Biblioteca Popular (Rio de Janeiro, 1911); da Casa Editora Davi Corazzi (Rio de Janeiro: s/d); da Livraria B. L. Garnier (Rio de Janeiro: n. 2, s/d; n. 19, s/d; n. 23, s/d); da Livraria B. X. Pinto de Souza (Rio de Janeiro: s/d); da Livraria Laemmert (Rio de Janeiro: n. 1, s/d); entre muitos outros.²⁶⁴

Se somarmos os dados deste vasto material aos da *Rio de Janeiro Subscription Library*, o número sobe para 44 autoras e 52 autores britânicos em circulação no Brasil. Enquanto os títulos de romances presentes no catálogo da *Rio de Janeiro Subscription Library* dizem respeito a apenas uma edição, os dados provenientes de outros catálogos levam em consideração diversas edições dos romances em circulação. Por exemplo, a obra *Christmas Carols*, de Charles Dickens, possui seis edições em circulação no Brasil: *Cânticos do Natal* (1837), *A Christmas carol in prose* (1843), *Christmas stories* (s/d), *Les Contes de Noël* (1848), *Scenas da vida inglesa e uma Loa de Natal em prosa* (1864) e *Contes de Noël* (1872).²⁶⁵ Como não havia nenhum caso de mais uma edição de romance presente na *Rio de Janeiro Subscription Library*, essa contagem não seria necessária.

Walter Scott e Charles Dickens disparam com o número de edições de romances em circulação no Brasil: são respectivamente 52 edições de 26 títulos²⁶⁶ e 42 edições de

²⁶⁴ VASCONCELOS, s/d.

²⁶⁵ 1. DICKENS, Charles. *Cânticos do Natal*. Tradução de Eugenio de Castilho. Lisboa, Tip. Luso-Britannica de W.T. Wood, 1873. Presente nos catálogos: Gabinete Português de Leitura de RJ, Bertrand, B.L. Garnier. 2. DICKENS, Charles. *A Christmas carol in prose*, being a ghost story of Christmas. Leipzig, Bernhard Tauchnitz, 1843. Presente no catálogo do Gabinete Português de Leitura de RJ. 3. DICKENS, Charles. *Christmas stories*. Philadelphia, T.B. Peterson and brothers, s.d. Presente no catálogo do Gabinete Português de Leitura de RJ. 4. DICKENS, Charles. *Les Contes de Noël*. Le grillon du foyer et La voix des cloches traduits de l'anglais de Dickens. Paris, 1846; nouvelle édition: Paris, Perisse frères, 1848. Presente no catálogo do Gabinete Português de Leitura de RJ. 5. DICKENS, Charles. *Scenas da vida inglesa e uma Loa de Natal em prosa*. Vertido do inglês por A.C.***. Porto, Cruz Coutinho, 1864. 6. DICKENS, Charles. *Contes de Noël* par Charles Dickens. Traduit par Amédée Pichot. Nouvelle édition. Paris, Michel Lévy frères, 1872. Presente no catálogo do Gabinete Português de Leitura de RJ.

²⁶⁶ Os títulos originais de Scott são: *The Abbot*; *Allan Caméron*; *Anne of Geierstein*, or *The Maiden of the Mist*; *The Antiquary*; *Castle Dangerous*; *Chronicles of the Canongate*; *The Bride of Lammermoor*; *The Betrothed*; *St. Valentine's Day*, or, *The Fair Maid of Perth*; *Guy Mannering* or, *The Astrologer*; *Ivanhoe*; *Kenilworth*; *A Legend of Montrose*; *The Lord of the Isles*; *The Monastery*; *The Black Dwarf*; *Quentin Durward*; *Redgauntlet, a tale of the 18th century*; *Rob Roy, tales of a grand father, being stories taken from Scottish history*; *The Talisman*; *Waverley*, or *'Tis sixty years since*; *Woodstock, or, the cavalier*; *Old Mortality*; *The Heart of Midlothian*; *Works of Walter Scott*. As edições podem ser consultadas em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/inglesa.htm>> (acesso em 10/08/2017).

22 títulos.²⁶⁷ Em seguida, temos Edward Bulwer Lytton com 19 edições de 13 títulos;²⁶⁸ Ann Radcliffe, com 18 edições de 8 títulos (sendo que 3 destes títulos são erroneamente atribuídos a autora);²⁶⁹ Maria Edgeworth, 18 edições de 13 títulos;²⁷⁰ Mary Elizabeth Braddon, 16 edições de 15 títulos;²⁷¹ e William M. Thackeray, 12 edições de 8 títulos.²⁷² Para ilustrar os contrastes, autores mais conhecidos tiveram número bem mais baixo nas edições disponíveis em catálogos brasileiros: Charlotte Brönte (Currer Bell), com 8 edições; Henry Fielding, com 7; Samuel Richardson, também com 7; Willian Godwin, com 3. Jane Austen, outra autora canônica, foi publicada anonimamente no Brasil; não se sabia, até pouco tempo, que *A Família Eliot* era uma tradução de *Persuasion*.

Além dos onze romances disponíveis na *Rio de Janeiro Subscription Library*, há mais obras de Maria Edgeworth disponíveis nos catálogos verificados no levantamento de Vasconcelos. No catálogo do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, constam as seguintes obras: *Contes Populaires de Miss Edgeworth*, traduits par E. Garnier (Paris: Didier, 1841); *Éducation familière, ou série de lectures pour les enfants, depuis le*

²⁶⁷ Os títulos originais de Dickens são: *Barnaby Rudge; The Battle of Life, A Love Story; Bleak House; Christmas Carols; The Chimes: a goblin story of some bells that rang an old year out and a new year in; The Cricket on the hearth, a fairy tale of home; David Copperfield; Dombey and Son; Great Expectations; Hard Times; The Haunted Man; The Old Curiosity Shop; Martin Chuzzlewit; The Life and Adventures of Nicholas Nickleby; No Thoroughfare; Oliver Twist; Our Mutual Friend; The Pickwick Papers; Little Dorrit; The Haunted Man and The Ghost's Bargain; Sketches by "Boz", illustrative of everyday-life and every-day people; Works of Charles Dickens*. As edições podem ser consultadas em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/inglesa.htm>> (acesso em 10/08/2017).

²⁶⁸ Os títulos originais de Lytton são: *Alice; The Last Days of Pompeii; Disowned; Eugene Aram; Falkland; The Caxtons; Godolphin; Lucretia, or the children of night; Paul Clifford; Pelham; Rienzi; The Student; Zanoni*. As edições podem ser consultadas em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/inglesa.htm>> (acesso em 10/08/2017).

²⁶⁹ Os títulos originais de Radcliffe são: *The Romance of the Forest; Gaston de Blondville, or The court of Henry III; The Italian, or the confessional of the black penitents; A Sicilian Romance; The Mysteries of Udolpho*. Há também os romances *Les Visions du Chateau des Pyrénées, Le Tombeau e L'Ermite de la Tombe Mystérieuse, ou le Fantôme du vieux château*, falsamente atribuídos a Anne Radcliffe. As edições podem ser consultadas em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/inglesa.htm>> (acesso em 10/08/2017).

²⁷⁰ Os títulos originais de Edgeworth são: *Belinda; Castle Rackrent; Irish Bulls; Popular Tales; Parent's Assistant; Tales of Fashionable Lives; Harrington's Thoughts of Boxes; Helen; Leonora; The Modern Griselda; Moral Tales of Young People; Ormond; Patronage*. As edições podem ser consultadas em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/inglesa.htm>> (acesso em 10/08/2017).

²⁷¹ Os títulos originais de Braddon são: *The Lady's Mile; Aurora Floyd; The Captain of the Vulture; Dead-sea fruit; The Doctor's Wife; Henry Dunbar: The Story of an Outcast; Ralph the Bailiff and Other Tales; The Lady Lisle; Sir Jasper's Tenant; Rupert Godwin; Lady Audley's Secret; Sir Jasper's Tenant; John Marchmont's Legacy; The Trail of the Serpent; Eleanor's Victory*. As edições podem ser consultadas em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/inglesa.htm>> (acesso em 10/08/2017).

²⁷² Os títulos originais de Thackeray são: *The Book of Snobs; Vanity Fair; The History of Pendennis; The History of Henry Esmond; Barry Lyndon; Mrs. Perkins' Ball; The Newcomes, memoirs of a most respectable family; Roundabout papers*. As edições podem ser consultadas em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/inglesa.htm>> (acesso em 10/08/2017).

premier age jusq'a l'adolescence, par miss Edgeworth, traduit de l'anglais par Louise Sw.-Belloc et par Mlle. A. Sobry. (Bruxelles: J.P. Meline, 1832-1837); *The Parent's Assistant; or stories for children* (London: J. Johnson, 1800). No catálogo da Biblioteca Fluminense, encontram-se as seguintes obras: *Les Protecteurs et les Protégées*, traduit librement de l'anglais par Jean Cohen (Bruxelles: 1837) e *Hélène*, traduit de l'anglais par Louise Sw.-Belloc (Bruxelles: 1837).

Das quatro obras em francês disponíveis no Gabinete Português do Rio de Janeiro e na Biblioteca Fluminense, apenas uma edição é de Paris, França, sendo as outras três provenientes de Bruxelas, Bélgica. A indústria editorial belga, que teve grande sucesso internacional, foi motivo de diversos estudos que atestam que as práticas comerciais, no período de 1830 a 1845, eram de contrafação; ou seja, as edições ali produzidas eram piratas.²⁷³ Como Shapochnik observa no texto “Pirataria e mercado livreiro no Rio de Janeiro: Desiré-Dujardin e a Livraria Belgofrancesa, 1843-1851”, a conjuntura neste período foi positiva para a Bélgica e negativa para a França: enquanto a primeira gozava da liberdade de imprensa após a independência, equipamentos gráficos, produção própria de papel, subsídios do governo para exportação e o não-recolhimento dos direitos autorais, a segunda encontrava-se com uma severa censura vigente e uma carga tributária elevada.²⁷⁴ Todas as edições belgas dos livros de Edgeworth foram feitas na “fase de ouro” da contrafação belga.

Além dos pedidos de censura, do “contrabando” literário e das bibliotecas circulantes de estrangeiros britânicos, os livros de Maria Edgeworth constam no acervo da elite do Brasil: a Família Imperial. A pesquisa de monografia *O lugar do romance em bibliotecas oitocentistas: a presença de obras ficcionais em livros sobre a formação de bibliotecas e nos catálogos da Biblioteca Fluminense e da Biblioteca Imperial*, de Larissa Assumpção (2015), demonstra que, na Biblioteca Imperial localizada Palácio de São Cristóvão, havia romances de Edgeworth.²⁷⁵ Com cerca de 24.270 livros, o acervo possui obras publicadas ao longo de todo o século XIX, o que demonstra que os ilustres frequentadores da biblioteca continuamente incrementavam as prateleiras.²⁷⁶

²⁷³ SCHAPOCHNIK, 2016, p. 301.

²⁷⁴ IDEM, p. 303-304.

²⁷⁵ ASSUMPÇÃO, 2015, pp. 58-59.

²⁷⁶ IDEM, p. 4.

Além de livros de história, ciências, filosofia e outros, há 680 romances presentes nessa biblioteca, constituindo aproximadamente 2% do acervo. Apesar de haver romances publicados em períodos recuados, desde 1773 (*Les Aventures de Télémaque*), a maior parte das edições de romances é de 1810 a 1880.²⁷⁷ Os romances franceses, mais uma vez, são maioria: “402 (59%) estão em língua francesa, seguidos por 85 (12,5%) em língua alemã, 70 (10,2%) em língua italiana, 50 (7,3%) em língua portuguesa, 47 (6,9%) em língua inglesa e 25 (3,6%) em língua espanhola”, segundo Assumpção.²⁷⁸ O número de obras de Edgeworth é notável, considerando que a minoria do acervo de romances é britânica: há uma edição do *Contes Populaires* (tradução francesa de *Popular Tales*), duas edições de *Demain* (tradução francesa de *Tomorrow*), uma de *Leonora*, e contos infantis em língua original: *Frank, a tale*; *Rosamonde, a tale*; e *Harry and Lucy*. Na Coleção Teresa Cristina Maria, em que foram arrolados os livros que pertencem à imperatriz, repetem-se *Demian*, *Frank, a tale*; *Rosamonde, a tale*; e *Harry and Lucy*.²⁷⁹ Como vemos pelos títulos, novamente constam traduções para o francês de Edgeworth: apenas 3 dos 7 romances dela estão em língua original.

As aventuras dessas quatro crianças, Harry, Lucy Frank e Rosamond, fizeram sucesso no Reino Unido e foram difundidos internacionalmente. Além de o público brasileiro conhecer Franco e Rosamunda graças à tradução *Educação Familiar*, as aventuras dessas duas crianças foram acompanhadas pela Família Imperial Brasileira. No Reino Unido, a família real também acompanhava as histórias infantis de Maria Edgeworth: nos diários da futura Rainha Vitória do Reino Unido, a mesma conta que estava lendo *The Parent's Assistant* in 1837, três meses antes de sua coroação.²⁸⁰

Os romances de Maria Edgeworth também conquistaram outra leitora da realeza: consta na biblioteca da D. Carlota Joaquina uma tradução francesa de *Leonora*, de 1807. Segundo Moizeis Sobreira, em seu artigo “Vendus à sa majesté la Reine: Romans acquis par Carlota Joaquina au Brésil (1808-1821)”, esse livro foi adquirido pela rainha em 1817 enquanto ela estava no Rio de Janeiro – foi comprado no Chaumont l’ainé de Roen.²⁸¹

²⁷⁷ IBIDEM, p. 46.

²⁷⁸ IBIDEM, p. 47.

²⁷⁹ IBIDEM, p. 51.

²⁸⁰ Informação disponível na página da *Wikipedia*: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_Parent%27s_Assistant> (acesso em 10/01/2017). É possível verificar a informação no acervo online dos diários da Rainha Vitória do Reino Unido, em: <<http://qvj.chadwyck.com/marketing.do>> (acesso em 10/01/2017).

²⁸¹ SOBREIRA, 2017.

Com esses dados provenientes de bibliotecas, gabinetes e livrarias, vemos que as traduções francesas das obras de Maria Edgeworth contribuíram para o seu sucesso internacional. *Contes Populaires* circulou das bibliotecas privadas da realeza aos gabinetes destinados a um público amplo, constando também no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Lá também estão as traduções *Éducation familière* e os originais *The Parent's Assistant; or stories for children* e *Practical Education*. Na Biblioteca Fluminense, só havia traduções para o francês de suas obras: *Hélène* e *Les Protecteurs et les Protégés*.

3.2. Menções a Maria Edgeworth nos periódicos brasileiros

O nome Maria Edgeworth aparece pela primeira vez nos periódicos nacionais nos anúncios de *Educação Familiar*, que aparecem com certa frequência em diversos jornais. O primeiro anúncio foi divulgado no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 31 de julho de 1837, indicando que o livro em breve sairia à luz:

Educação Familiar, ou serie de leituras para os meninos, desde a primeira idade até a adolescencia, por Miss Edgeworth, traduzida por Francisco de Paula Araujo e Almeida. Esta obra é sem dúvida a melhor que existe neste gênero; a primeira série, composta de 2 volumes, brevemente sairá à luz. Subscreve-se em casa do Sr. J. P. da Veiga, rua da Quitanda, canto de S. Pedro. Preço da primeira série para os subscritores 2\$réis, pagos ao receber o primeiro volume.²⁸²

A obra, que em breve seria vendida em livrarias de pelo menos três estados brasileiros, foi primeiro oferecida como subscrição, provavelmente para auxiliar com os custos de produção. A tipografia responsável pela impressão foi a Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Companhia, localizada na rua do Ouvidor, n. 65, do Rio de Janeiro. J. Villeneuve também era responsável pela impressão do *Jornal do Comércio*, de forma que o jornal era um espaço privilegiado para a divulgação dos livros que saíam com a rubrica deste editor. O mesmo jornal divulgaria a publicação de *Educação Familiar* no dia 17 de outubro daquele ano, repetindo o mesmo anúncio pelo menos mais quatro vezes até o mês de novembro.

²⁸² *Jornal do Comércio*, 31 de julho de 1837, p. 3.

Saio à luz a primeira série de *Educação Familiar, ou série de leituras para os meninos, desde a primeira idade até a adolescência*, por Miss Edgeworth, traduzida pelo Dr. Francisco de Paula Araujo e Almeida. Esta obra é, sem dúvida, a melhor que existe neste gênero, e a mais apropriada às escolas de educação primária. Ao mesmo tempo que dá aos meninos grande número de conhecimentos úteis, inspira-lhes o espírito da ordem, e a moral mais pura. Além destas vantagens, torna-se também mui recomendável: 1º, porque excitando constante e grandemente a atenção dos meninos, faz que com gosto se deem à leitura; 2º, porque está ao alcance da inteligência de todas as crianças desde a idade de cinco anos. Estas qualidades, que de certo nenhuma outra obra reúne, e que tem merecido à *Educação Familiar* o maior acolhimento em toda a Europa culta, a tornam recomendável aos pais de família e professores de educação primária. Vende-se na loja de livros de Agostinho de Freitas Guimarães, na rua do Sabão, n. 26, 2 volumes, sendo broxados por 2\$rs, e encadernados por 5\$.²⁸³

De fato, conforme é observado neste anúncio, o livro possui um forte didatismo, com as características típicas das produções para crianças feitas por Edgeworth: deleite e instrução, a valorização do conhecimento aliado à prática, o incentivo ao gosto pela ciência e pela leitura e a rejeição à fantasia. O reclame também avisa que o livro foi feito com base no desenvolvimento das crianças; alguns contos são propícios para as primeiras leituras, outros para quem já está mais acostumado a ler longos textos.

No ano seguinte, *Educação Familiar* passa dos periódicos cariocas aos periódicos mineiros; de fevereiro a outubro de 1838, há pelo menos 16 anúncios deste livro no jornal *O Universal*, editado na Praça n. 2 de Ouro Preto, Minas Gerais. Disponível para compra na Tipografia Universal, mais uma vez temos um editor de jornal empenhado em vender os volumes disponíveis em sua casa tipográfica:

Acham-se à venda nesta tipografia as seguintes obras:

Educação familiar, ou série de leituras para os meninos por M. Edgemorth [sic] traduzida em vulgar pelo Dr. Francisco de Paula Araujo. Esta obra é recomendada pela clareza das ideias que nela se encerram, e pela tradução assaz correta.²⁸⁴

²⁸³ *Jornal do Comércio*, 17 de outubro de 1837, p. 4; *Jornal do Comércio*, 19 de outubro de 1837, p. 4; *Jornal do Comércio*, 25 de outubro de 1837, p. 4; *Jornal do Comércio*, 27 de outubro de 1837, p. 4; *Jornal do Comércio*, 2 de novembro de 1837, p. 4.

²⁸⁴ *O Universal*, 17 de fevereiro de 1838, p. 4. *O Universal*, 3 de março de 1838, p. 4. *O Universal*, 4 de abril de 1838, p. 4. *O Universal*, 18 de maio de 1838, p. 4. *O Universal*, 23 de maio de 1838, p. 4. *O Universal*, 28 de maio de 1838, p. 4. *O Universal*, 8 de junho de 1838, p. 4. *O Universal*, 18 de julho de 1838, p. 4. *O Universal*, 30 de julho de 1838, p. 4. *O Universal*, 24 de agosto de 1838, p. 4. *O Universal*, 29 de agosto de 1838, p. 4. *O Universal*, 5 de setembro de 1838, p. 4. *O Universal*, 20 de setembro de 1838, p. 4. *O Universal*, 5 de outubro de 1838, p. 4. *O Universal*, 19 de outubro de 1838, p. 4. *O Universal*, 25 de outubro de 1838, p. 4.

Desta vez, destacam a “clareza das ideias” do livro e a qualidade da tradução feita por Francisco de Paula Araújo. Curioso notar que em todos os 16 anúncios há um erro no nome da autora, M. “Edgemorth”. Neste mesmo ano, o livro ainda chegaria a jornais de estados mais distantes; há seis anúncios no *Correio Mercantil: Jornal Político, Comercial e Literário* de Salvador, Bahia, de abril a maio.

Saio à luz a *Educação Familiar, ou série de leituras para os meninos, desde a primeira idade até a adolescência*, por Miss Edgeworth, traduzida pelo Dr. Francisco de Paula Araujo e Almeida. Esta obra é a melhor que existe neste gênero, e a mais própria para os meninos de ambos os sexos, vende-se na Loja de Livros do Pelourinho. Preço da 1ª série, composta por 2 volumes, 1\$600 rs.²⁸⁵

O anúncio baiano reforça que a “obra é a melhor que existe neste gênero”, e é o primeiro a dar ênfase no fato de que o livro é próprio para crianças de ambos os gêneros – incluir as mulheres no meio literário, oferecer uma educação igualitária e permitir que meninas sejam estimuladas ao conhecimento é de fato uma preocupação que Maria Edgeworth nutria desde sua primeira publicação, de forma que é positivo que o livreiro brasileiro responsável pelo anúncio tenha dado atenção a este aspecto. Quase dez anos depois, o *Correio Mercantil de Salvador* voltaria a trazer *Educação Familiar* as suas páginas, com pelo menos quatro anúncios extensos nos meses de fevereiro e março de 1847:

Educação familiar, ou série de leituras para os meninos, por Miss Edgeworth, traduzida por Francisco de Paula Araújo e Almeida, natural da Bahia, a vol. Encad. 3 mil contos de réis.

Parece sem dúvida que foi às mulheres reservado o privilégio de dirigir aquela primeira educação moral filha das circunstâncias, e que tamanha influência exerce sobre o nosso futuro. Inseparável de seu filho, uma mãe lê em seus olhos suas primeiras impressões de tristeza ou alegria, conhece o que ele sente, e o que ele vai dizer, principia, por assim dizer, a existir nele; conhece todas feições que compõe o caráter desses frágeis seres e quem ainda nada se ensinou, e que por si mesmos aprenderão tanto, e que a cada momento fazem novas descobertas e acham novos prazeres, cujas observações sempre vivas divagam sobre uma infinidade de objetos, dos quais conservam uma lembrança distinta; que em uma palavra tomam posse da vida como de um laço encantado onde descobrem novas maravilhas a cada passo. Esta curiosidade, esta vivacidade de inteligência, esta sede de aprender habilmente dirigidos, se tornarão um manancial de prazeres inocentes.

²⁸⁵ *Correio Mercantil* 26 de abril de 1838, p. 4. *Correio Mercantil* 30 de abril de 1838, p. 4. *Correio Mercantil* 2 de maio de 1838, p. 4. *Correio Mercantil* 5 de maio de 1838, p. 3. *Correio Mercantil* 9 de maio de 1838, p. 3. *Correio Mercantil* 10 de maio de 1838, p. 4.

Para animar estas felizes disposições naturais, a Sra. Edgeworth escreveu a *Educação Familiar*, e o Dr. F. de P. Araujo e Almeida passou para o nosso idioma esta inimitável obra, conservando-lhe toda a sua primitiva simplicidade, e ajustando-lhe o que era necessário para se conformar aos usos e costumes deste país.

Vende-se na livraria de Carlos Poggetti, onde se acha um completo sortimento de obras elementares e clássicas em português, latim, francês e inglês.²⁸⁶

Nestes longos anúncios, o livro deixa de ser associado às escolas, aos pais e aos leitores mirins para se voltar à figura materna. A moralidade aparece como o principal ensinamento que as mães fornecem aos filhos, já nas primeiras linhas da crítica. O autor desta crítica não tece muitos comentários sobre a obra em si; ele parece mais preocupado em destacar as qualidades “naturais” das mulheres para a instrução de seus filhos – algo que, como Ariès explicita, não é fruto de “disposições naturais”, mas da sociedade moderna. As mães são os alvos do anúncio, por isso talvez haja mais enfoque na importância de seu papel do que nos filhos em si, projetando nas mães uma série de cobranças: são inseparáveis de seus filhos e devem conhecer o que eles sentem pelo olhar. Quanto às qualidades que as mães deveriam estimular em seus filhos, que seriam animadas com a leitura do livro de Edgeworth, o autor destaca a curiosidade, a vivacidade, a inteligência e a sede de aprendizado, mas fazendo um adendo que essas qualidades devem ser habilmente dirigidas apenas para os prazeres inocentes.

Depois de uma década, a tradução de Araújo também reaparece no jornal responsável por sua primeira divulgação, o *Jornal do Comércio*. No entanto, não é um retorno de destaque como o do *Correio Mercantil*; ele reaparece em duas longas listas de obras em português à venda na Casa do Livro Azul, em agosto de 1848:

Livros em português encadernados

Os Natchez, 4 vols. 6\$; Quintino Durward, 4 vols. 6\$; Choupana Índia, 1\$280; Educação familiar, 2 vols, 3\$; O Talismã, 3 vols, 4\$500; Recreio, Jornal das Famílias, 4 vols. com numerosas estampas, 16\$; O Ramalhete, jornal de instrução e recreio, 6 vols. com mais de 300 estampas finas, 30\$ e 36\$; O Panorama com ditos, 8 vols, 36\$ e 44\$; A Amaldiçoada e outras novelas, 1\$280; Nobre Veneziana, 1\$600; Numa Pompilio, 2 vols, com estampas 3\$200; Cartas de dois amantes ou Emília e Frontino, 3\$; João Sbogar, 2 vols. 3\$; Paulo e Virginia com estampas, 3\$; História galante, 3 vols, 4\$500; O Solitário, 2 vols. com estampas, 3\$; Robinson Crousoé, 6 vols, com ditos 8\$; Dote de Suzaninha, 2 vols, 3\$; Joaninha, 2 vols, 3\$; Armazem dos meninos,

²⁸⁶ *Correio Mercantil*, 19 de fevereiro de 1847, p. 4. *Correio Mercantil*, 20 de fevereiro de 1847, p. 4. *Correio Mercantil*, 21 de fevereiro de 1847, p. 4. *Correio Mercantil*, 3 de março de 1847, p. 3.

com estampas, 2 vols, 3\$; D. Raymundo de Aguiar com ditas, 2 vols. 3\$; Viagens de Tristão da Cunha, 1\$600; Ivanhoé, 4 vols, 6\$; História de D. Ignez de Castro, 2\$000; Acidentes da infância, com estampas, 1\$600; Amelia, 1\$600; Instruções inocentes, br. 480 rs; vendem-se na rua do Ouvidor, n. 121, casa do Livro Azul.²⁸⁷

Livros em português encadernados:

Educação Familiar, 2 v., 2\$; Feliz naufrágio, 2\$; Nova Eloísa, 4 vols 5\$120; Misantropia e arrependimento, 1 vol. 1\$; Carlos e Maria, 1 vol. 1\$280; Amigos rivais, 1 vol. 1 \$; Eva de Isabel Caelly, 3 vols. 4\$; Hist. de Inglaterra, 4 vols. 2\$500; Dita da Grécia, por Goldsmith, 2 vol., 4\$; Amaldiçoada e outras novelas, 1 vol. 1\$; Caracteres de amizade, 1\$280; Contos morais, 1 vol., 1\$280; Vida do Barão de [ilegível], 2 vols. 2\$560; [Ilegível] ou o Sinhazinho, 4 vols, 6\$; Han d'Islandia, 3 vols. 4\$500; Victor, ou o menino da selva, 7 vols. [ilegível]\$; Solitário, com estampas, 2 vols. 2\$560; Novelas escolhidas, 2 vols. 3\$; [ilegível] de Ambrose, 2 vols. 2\$560; Boa Lavradora, 1 vol. 4\$; Carolina de Lichfield, 2 vols. 2\$560; Izauri de [ilegível], 4 vols. 5\$100; Mais rivais, 2 vols. 2\$; Condessa com dois maridos, 4 vols., 1\$500; Ernesto de Sainclair, 1 vol. 1\$280; Naufrágio de Brisson, 1 vol. [ilegível]\$; Corvos e outras novelas, 1 vol. 1\$600; Mania de jogo e outras novelas, 1 vol. 1\$600; Zadig ou o destino, 1 vol. 1\$; Simples história, 2 vols. 2\$; Wilholme e Aurora, 2 vols. 2\$; Aventuras de Telêmaco, com estampas, 2 vols. 4\$; Dito em 1 vol., com ditas, 3\$; Talismã, 1 vol., 3\$; Contos a meus meninos, com estampas, 1 vol. 2\$; Expositor português, 1 vol. 1\$; Puritanos, 4 vol. 6\$; Quintino Darward, 4 vols. 6\$; Ivanhoé ou o regresso dos cruzados, 4 vols. 6\$; Atala ou os amantes, com estampas, 1 vol. 1\$; Nobre veneziana, 1 vol. 1\$; Primeiros acontecimentos, com estampas, 1 vol. 1\$500; Belizário, 1 vol. 1\$500; Aventuras de Robinson Crusoé, com estampas, 6 vols. 6\$; Numa Pompillo, com estampas, 2 vols 2\$; D. Raymundo de Aguiar, com estampas, 2 vols 2\$560; vendem-se na rua do Ouvidor, n. 121, entre a rua dos Ourives e dos Latoeiros, casa do Livro Azul.²⁸⁸

Por fim, *Educação Familiar* consta nas indicações de leitura da *Folhinha civil e eclesiástica para o ano de 1849, seguida de notícias variadas e interessantes*, da *Folhinha civil e eclesiástica para o ano de 1849, seguida de notícias variadas e interessantes* e na *Folhinha civil e eclesiástica para o ano de 1862*. Com isso, o livro completa 25 anos de presença em periódicos brasileiros.

Curiosamente, em 1829 a *Gazeta de Lisboa* publicou um longo texto em que *Educação Familiar* é abordado. Não consta nos registros da Biblioteca Nacional a

²⁸⁷ *Jornal do Comércio*, 9 de agosto de 1848.

²⁸⁸ *Jornal do Comércio*, 14 de agosto de 1848.

existência de uma edição portuguesa deste livro, e nem a importação da edição brasileira. Provavelmente, o autor do texto teve acesso à edição francesa e traduziu o título.

Um dos mais graves inconvenientes que acompanham os métodos do nosso moderno ensino é a sua mesma rapidez, que faz com que as crianças aprendam muitas palavras e compreendam poucas. A prodigiosa despesa de memória não produz forçosamente a aquisição de muitas ideias; a impetuosidade é tanto na política quanto na educação, origem da desordem. Sempre notei que as crianças cujo vocabulário era abundante e cuja memória era uma verdadeira enciclopédia apenas tinham mui superficial percepção dos tesouros intelectuais com que as haviam imprudentemente sobrecarregado. Rousseau no seu *Emílio* caiu em um inconveniente diametralmente oposto; além do que naquele romance da educação, escrito como tudo quanto ele escrevia para se dirigir unicamente aos superiores entendimentos, poucas pessoas, quero dizer, poucos pais de família, e especialmente os de certa classe, poderão beber noções fixas e aplicáveis teorias; caminha sempre entre nuvens, e o seu Emílio se acha em uma posição totalmente isolada como a de Robinson na sua Ilha.

Se fosse com efeito necessário estar alerta à espera da ocasião, e deixar vir a experiência por si mesma, sem a acelerar nem a prevenir, os alunos que se pudessem conduzir ao porto a salvamento seriam tão poucos como o são os mestres excelentes e desvelados. Não só seriam necessários dez a vinte anos para a educação de qualquer indivíduo, mas trinta a quarenta segundo a índole da pessoa, e talvez mesmo que relativamente a alguns com dificuldade se pudesse saber na véspera do seu falecimento em que podiam ter sido uteis durante a sua vida.

Fenelon disse no seu *Telêmaco*: “Felizes os que aprendem divertindo-se. Entendo que os que fecundaram este pensamento melhor compreenderão a natural incapacidade e veemente inclinação da mocidade para o divertimento.

Não obstante na série imensa de livros elementares que a minha memória neste momento me recorda, apenas conheço mui escasso número em que o entretenimento e a instrução se achem tão artificialmente combinados, que possam merecer este elogio e esta epígrafe; ao fim, depois de maduro e profundo exame, apenas apostaria poucas folhas que reunissem estas essenciais condições.

O livro cujo título se acha à testa deste artigo é, no meu sentir, senão o termo definitivo dos esforços que se o devem fazer para realizar o axioma de Fenelon, ao menos um grande progresso donde se poderá partir para chegar ao fim; e é coisa notável que haja tantos políticos fanfarrões que se persuadem que o mundo é fácil de governar, ao passo que mesmo hoje em dia se procede tão vagarosamente a respeito dos meios de reger a inteligência e a vontade das crianças.

Enquanto certos alunos dos liceus que apenas sacudirão o pó da escola, políticos imberbes vão tentar em toda a parte nas folhas publicas seu estro adolescente e fazer a paráfrase de Utopias furtivamente extraídas de obscuras regras do Contrato social, é consolador ver uma mulher de talento como Miss Edgworth curvar o joelho diante do berço da infância, e narrar-lhe com tocante bondade as aventuras, vida e feitos de algumas crianças da mesma idade; narração atrativa que a um só tempo grava no seu entendimento risonhas imagens e úteis preceitos.

Nessas narrações cheias de um vivo e puro interesse, despercebidamente, e por tanto com maior eficácia, se insinua a instrução. Não é possível formar ideia do contraste das sensações que se experimentam passando da leitura das violentas invectivas dos nossos Jornais, à das moralidades da infância e das lições dadas pela cordialidade a corações novos e puros das paixões da idade varonil.²⁸⁹

Em 1858, na *Revista Popular* do Rio de Janeiro, foram divulgados todos os volumes que formam a obra *Education Familière* na “Relação mensal dos livros adquiridos pela Livraria Garnier, rua do Ouvidor, 69”, do primeiro ao décimo e segundo volume, sob a inscrição *L'education familière a l'usage des enfants, forme une véritable bibliothèque divisée en 6 séries comprenant 12 volumes*, de Miss Edgeworth.²⁹⁰

“Mary” Edgeworth aparece como educadora e seu pai como filantropo quando são mencionados no enredo do folhetim “O romance religioso de Roselly de Lorgues”²⁹¹, publicado em 1874 no Rio de Janeiro, no qual há uma recapitulação da origem das escolas comunitárias desenvolvidas na Europa do começo do século XIX:

Um célebre filantropo, Sir Richard Sydney, veio visitar a nossa capital em companhia de sua filha miss Mary Edgeworth. Todas as notabilidades científicas da época frequentavam os salões de Pastoret. Sir Edgeworth desejou ser-lhe apresentado.

Sua filha, dotada de gênio sério e observador, toda entregue ao bom da humanidade e à propagação de quanto fosse útil, e cujos escritos sobre educação vieram depois a ter tanta voga, possuiu-se de sincera admiração pela marquesa.

Estudou assídua e cuidadosamente a sua instituição protetora da infância, o protótipo de todos os *asylums* que de futuro se fundaram.

Quando miss Edgeworth voltou à Inglaterra, toda entusiasmada por esta invenção caritativa, que naquela época era a descoberta mais recente de economia social, comunicou-se aos que se ocupavam da educação, administração geral e melhoramentos públicos. E pondo em ação simultaneamente o espírito religioso, o proselitismo e a filantropia, então muito em moda, tentou reproduzir em Londres o estabelecimento que havia estudado em Paris. Coadjuvaram-na, cotizaram-se, promoveram-se subscrições, e abriu-se um *asylum*. Porém a quebra da paz: o estridor das armas, que tanto assustou a Europa até a segunda queda do império; depois os abalos da América espanhola; as conspirações da Itália no Piemonte; as facções na Península, etc., absorvendo as atenções todas, desviaram-nas destes estabelecimentos.

²⁸⁹ “Literatura: Educação Familiar, de Miss Edgeworth, em 4 volumes”. In *Gazeta de Lisboa*, 13 de outubro de 1829, p. 996.

²⁹⁰ “Relação mensal dos livros adquiridos pela Livraria Garnier, rua do Ouvidor, 69”. In *Revista Popular*, junho de 1858, Rio de Janeiro, pp. 4-5.

²⁹¹ “O romance religioso de Roselly de Lorgues”. In *A Instrução Pública*, dia 22 de março de 1874, Rio de Janeiro, p. 7.

(...) Só depois do regresso de miss Mary Edgeworth à Inglaterra é que ali se começou a falar em *Asyluns* e *Dame's-school*. Estes fatos são bem notórios.

(...) Miss Mary Edgeworth tomada de respeito e admiração pela fundadora dos estabelecimentos, que tanto tinha a peito vulgarizar no se país, já antes disso havia confessado a prioridade daquele invento, que tivera por autora a senhora de Pastoret.

Prova-se com um dos seus livros de educação elementar (nota: designou a senhora de Pastoret com o nome de seu castelo de Fleury, e intitulou o livro “A senhora de Fleury”).²⁹²

O autor, Antoine-François-Félix Roselly de Lorgues (1805–1895), foi um historiador francês conhecido por seus estudos americanistas, especialmente sobre Cristóvão Colombo e suas viagens.²⁹³ O folhetim em questão é uma tradução para o português da obra *Le livre des communes, ou Régénération de la France par le presbytère*,²⁹⁴ editado por uma associação católica francesa. Como o título já indica, trata-se de um romance que denuncia a ação dos revolucionários em 1775 e defende que o cristianismo foi responsável pela restauração da ordem na França.

Maria Edgeworth é mencionada no enredo desse “romance religioso” por conta de “Madame de Fleury”, um conto de *Tales of Fashionable Life*, que possui características antijacobinas – e um dos poucos contos de sua autoria que possui um personagem católico de destaque. Madame de Fleury é uma aristocrata sensível aos sofrimentos das crianças vulneráveis de Paris – já na primeira cena, Fleury ordena que parem sua carruagem no bairro mais pobre da cidade para socorrer uma menina que estava chorando. Convencida de que precisava fazer alguma coisa para efetivamente mudar a situação daquelas crianças, Madame de Fleury resolve abrir uma escola comunitária com a ajuda de Irmã Frances, uma freira. Raramente os personagens de Edgeworth são devotos de uma religião específica; tanto que há algumas passagens em que Irmã Frances é descrita como uma religiosa moderada, que se preocupava em fornecer valores morais sem impor sua fé, como vemos abaixo:

As opiniões religiosas da Irmã Frances eram estritamente unidas às justas regras da moralidade, reforçando com firmeza, com recursos essenciais para obter felicidade no presente e no futuro, a prática das virtudes sociais, para que nenhuma pessoa boa ou sábia, por mais que discordasse dela em questões de fé, pudesse duvidar da influência

²⁹² “O romance religioso de Roselly de Lorgues”. In *A Instrução Pública*, dia 22 de março de 1874, Rio de Janeiro, pp. 7-8.

²⁹³ LORGUES, 1887 (3ª edição).

²⁹⁴ IDEM, pp. 421-425.

benéfica de seus princípios, ou desaprovar o modo que tais valores eram cultivados.²⁹⁵

O conto acompanha o progresso de crianças como Victoire (a menina que é socorrida por Fleury no começo do livro), Maurice (irmão de Victoire) e Babet, que aprendem aritmética, leitura e escrita, desenhos e costura. Conforme cresciam, aprendiam habilidades específicas acompanhando trabalhadores, como cozinheiros, sapateiros, ferreiros, cabelereiros e lavadeiras. Apenas uma menina, Manon, prima de Victoire, é expulsa da escola por roubar. Contudo, a irrupção dos “terríveis dias da revolução”²⁹⁶ forçou as duas professoras a encerrar as atividades da escola, depois de sete anos de trabalho. A segunda metade do conto é praticamente feita de descrições de violência e de ignorância por parte dos revolucionários.

Os alunos da escola estavam “chocados com as terríveis ações”, “ao invés de serem seduzidos pelo mau exemplo”²⁹⁷ – mas Manon comemorou o fato: “freiras, professoras, e escolas, todo esse tipo de coisa, estão fora de moda agora – nós abolimos isso tudo!”²⁹⁸ e ficou entusiasmada com a possibilidade de Monsier de Fleury ser guilhotinado.²⁹⁹ Madame de Fleury consegue fugir de um cerco com a ajuda da família de Victoire, e se exila com seu marido em Londres. Irmã Frances é condenada à prisão, mas graças aos discursos eloquentes de seus ex-alunos, consegue ser liberada, embora estivesse com a saúde prejudicada por conta da perseguição. Ela passa seus últimos dias de vida sendo cuidada por Victoire na Château de Fleury, onde os antigos empregados ainda viviam. O filho do mordomo da família, Basile, recebera uma ótima educação, e consegue empregos no Diretório de Paris. Alcançando postos mais avançados, ele lentamente consegue convencer os superiores da bondade da família Fleury, pela qual ele nutria um forte sentimento de gratidão. No final do conto, Madame de Fleury retornara do exílio a tempo de ver o casamento entre Basile e Victoire.

²⁹⁵ EDGEWORTH, 1813, p. 202. Tradução minha de: “The religious opinions of Sister Frances were strictly united with just rules of morality, strongly enforcing, as the essential means of obtaining present and future happiness, the practice of the social virtues, so that no good or wise persons, however they might differ from her in modes of faith, could doubt the beneficial influence of her general principles, or disapprove of the manner in which they were inculcated” .

²⁹⁶ IDEM, p. 245. Tradução minha de: “terrible days of the revolution”.

²⁹⁷ IBIDEM, p. 248. Tradução minha de: “these children were shocked by the horrible actions they saw” e “Instead of being seduced by bad example”.

²⁹⁸ IBIDEM, p. 249. Tradução minha de: “(...) nuns, and school-mistresses, and schools, and all that sort of thing, are out of fashion now--we have abolished all that”

²⁹⁹ IBIDEM, p. 250.

Como mencionado anteriormente, a família Edgeworth fez uma longa viagem internacional em 1802, indo para Paris, França, onde eles conheceram os salões e a residência da Sra. Pastoret – nas cartas para sua tia, Edgeworth a descreve como “uma senhora literária e elegante, com algo do (...) melhor estilo de conversa”.³⁰⁰ Nas notas de rodapé destas cartas, há indicação de que a Sra. Pastoret serviu de inspiração para a personagem do conto “Madame de Fleury”, presente em *Tales of Fashionable Life*,³⁰¹ sendo Fleury realmente uma referência ao Château de Fleury.³⁰² No entanto, é errônea a afirmação de que Maria Edgeworth, dotada de “espírito religioso, proselitismo e filantropia”, teria tentado abrir as mesmas escolas comunitárias no Reino Unido. Esse fato não é mencionado nem nas biografias e nem nas correspondências da autora; e, levando em consideração as memórias de Richard Edgeworth, escritas pela filha, é possível afirmar que os Edgeworths não eram inclinados à filantropia, e nem à religião. Contudo, faz sentido associar o nome dos dois à educação, levando em conta o conteúdo de obras como *Practical Education*.

No mesmo ano de 1874, a produção de Maria Edgeworth aparece no enredo de outro folhetim, “Memórias d'uma Cosaca”,³⁰³ narrado em primeira pessoa pela Princesa Olga de Elanina. Os livros de Edgeworth são indicados à princesa em um período de convulsões sociais, mas a princesa fica revoltada com o material de leitura e se livra duas vezes dos livros da biblioteca, jogando-os na água:

Foram terríveis os três anos que decorreram. Eu sofria, e fazia sofrer. Eram lutas e batalhas contínuas. Porém minha força de vontade aumentava.
Minhas predileções e instintos continuavam a ser contrariados.
Sendo preciso ocupar meu tempo, compuseram-me uma biblioteca de diversas obras históricas de Lamé Fleury, do *Vigário de Wakefield*, e dos *Contos* da Sra. Edgeworth. Joguei tudo no tanque.
Foram substituídos. Afoguei-os pela segunda vez.³⁰⁴

O folhetim em questão é uma tradução do romance *Souvenirs d'une cosaque*, escrito por Robert Franz. Não há muitas informações disponíveis sobre o autor, apenas a

³⁰⁰ EDGEWORTH, apud HARE, 1894, p. 102. Tradução minha de: “literary and fashionable lady, with something of (...) the best style of conversation”.

³⁰¹ EDGEWORTH, apud HARE, 1894, p. 102.

³⁰² EDGEWORTH, apud HARE, 1894, p. 126.

³⁰³ “Memórias d'uma Cosaca, pela Princesa Olga de Elanina”. In *O Espirito-Santense*, dia 17 de dezembro de 1874, Vitória, p. 1.

³⁰⁴ “Memórias d'uma Cosaca, pela Princesa Olga de Elanina”. In *O Espirito-Santense*, dia 17 de dezembro de 1874, Vitória, p. 1.

provável data de nascimento, 1849. Na edição francesa de 1874 deste livro, consta no prefácio que Franz conhecera uma bela moça na Itália, que tornou a encontrar na França, e que o livro é apenas o relato das histórias que ela lhe contara³⁰⁵ – provavelmente não é verdade, mas pareceu verdadeiro o suficiente para que o editores do jornal *O Espirito-Santense* publicasse o folhetim como se tivesse sido escrito pela própria princesa. Os contos de Edgeworth foram oferecidos à Olga de Elanina ao lado de obras de Jules Raymond Lamé-Fleury (1797–1878), autor conhecido por suas obras para jovens leitores, como *L'histoire ancienne, racontée aux enfants* (1840)³⁰⁶ e *La mythologie racontée aux enfants* (1872),³⁰⁷ e do livro *Vigário de Wakefield* (1766), de Oliver Goldsmith.

Apesar de terem datas variadas, os livros são apresentados como “obras históricas” à jovem leitora, talvez para reforçar a importância que tinham: os de Lamé-Fleury e Maria Edgeworth foram publicados apenas algumas décadas antes da primeira publicação de *Souvenirs d'une Cosaque*, ao passo que *Vigário de Wakefield* já tinha mais de um século à época. E não apenas as datas fazem com que esse conjunto de romances pareça inusitado, pois eles não possuem temáticas e nem estilos afins: *O Vigário de Wakefield* é frequentemente descrito ou como um romance sentimental moralista ou como uma sátira dos romances populares do final do século XVIII; os contos de Maria Edgeworth podem tanto ser *Tales of Fashionable Life* ou *Popular Tales*, caso sejam as obras adultas, ou os contos infantis de *Parent's Assistant* e *Early Lessons*, caso sejam os infantis; e os livros de Lamé-Fleury são didáticos, abordando a história antiga e a mitologia greco-romana. O traço comum que possuem é o reforço da moralidade e o caráter instrutivo, o que condiz com o fato de servirem de leitura obrigatória para uma princesa.

Se os contos de Edgeworth provocaram desgosto na personagem de Olga de Elanina, eles já aparecem de maneira elogiosa nos “Estudos Críticos” de Sylvio Dinarth,³⁰⁸ no qual Edgeworth alcança o posto de um dos fundadores do romance inglês: Walter Scott (1771–1832), Samuel Richardson (1689– 1761), Jonathan Swift (1667–1745),

³⁰⁵ FRANZ, 1874, pp. i-ii

³⁰⁶ LAMÉ-FLEURY, 1844 (7ª edição).

³⁰⁷ IDEM, 1872.

³⁰⁸ “Estudos críticos: Os Reis no Exílio por Affonso Daudet”, de Sylvio Dinarth. In *Gazeta de Notícias*, 30 de junho de 1880, p. 1.

Henry Fielding (1707–1754), Oliver Goldsmith (1728–1744), e Elizabeth Inchbald (1753–1821).

Os seus romancistas se desviaram um tanto da maravilhosa fenda aberta pelo gênio plácido e luminoso do imortal Walter Scott, não caíram em charneças e mefíticos paúes. Voltaram-se para Richardson, Swift, Fielding, Goldsmith, Edgeworth e Inchbald, e produzem coisas lindíssimas cheias de palpitante interesse, de delicado sentimento e vivacidade de ação, explorando e por vezes aprofundando todos os assuntos sem as torpezas e infâmias dos intitulados estudos da escola francesa, com aplicação a todos os povos da história.³⁰⁹

Os “Estudos críticos” foram escritos sob o pseudônimo Sylvio Dinarth por Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay (1843 – 1899), o Visconde de Taunay. Depois de ser publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, de 1879 a 1880, foi lançado como livro em dois volumes: *Estudos Criticos (Volume 1): História da Guerra do Pacífico* (1881)³¹⁰ e *Estudos Criticos (Volume 2): Litteratura e Philologia* (1882),³¹¹ pela tipografia de G. Leuzinger & Filhos. Esta crítica de Taunay, embora trate do romance *Os Reis no Exílio* (*Les rois en Exile*, 1879),³¹² de Alphonse Daudet (1840 – 1897), aborda as produções novelísticas da França, Inglaterra e Alemanha.

No início, Taunay afirma que *Os Reis no Exílio* e *Naná*, de Emílio Zola (1840 – 1902) foram os livros que mais “colheram aplausos” dos parisienses em 1880, e lamenta que “hoje em dia é bom o livro que se vende e chama compradores”.³¹³ Ele considera que Zola seria um dos principais responsáveis por essa nova tendência, por conta dos artigos publicados pelo jornal *Le Figaro* em que se valorizava mais o número de edições de um romance do que o seu conteúdo (“Tal livro, dizia o chefe da escola naturalista, não teve senão uma edição — tire-se a conclusão; pouco vale”).³¹⁴ A crítica de Taunay a esses romances franceses é mordaz; ao comentar o livro *Les soirées de Médan*,³¹⁵ ele descreve uma das personagens como “uma formidável diarreia de sangue”.³¹⁶ As obras naturalistas,

³⁰⁹ “Estudos críticos: Os Reis no Exílio por Affonso Daudet”, de Sylvio Dinarth. In *Gazeta de Notícias*, 30 de junho de 1880, p. 1.

³¹⁰ TAUNAY, 1881.

³¹¹ TAUNAY, 1882.

³¹² DAUDET, 1879.

³¹³ TAUNAY, 1881, p. 22.

³¹⁴ IDEM, p. 21.

³¹⁵ *Les Soirées de Médan*, livro que reúne seis contos naturalistas, escritos por Émile Zola, Guy de Maupassant, J.-K. Huysmans, Henry Céard, Léon Hennique e Paul Alexis, 1880.

³¹⁶ TAUNAY, 1881, p. 23.

“sujas e indecorosas”, teriam vantagem no mercado por apelarem à luxúria, e os editores franceses, como G. Charpentier e E. Dentu, seriam os responsáveis por:

(...) inundar o mundo que lê e a emporcalhar a imaginação da mocidade, aquele luxo de descrições de todas as misérias que assaltam a triste humanidade e sobre as quais paira sempre e obrigadamente, como irresistível engodo, o sopro letal da mais infrene lubricidade.³¹⁷

Ao passar para os comentários sobre os romances britânicos, afirma que, no assunto da luxúria, “guardou a Inglaterra admirável e nunca assaz louvada independência”.³¹⁸ É neste momento que cita os autores de *Ivanhoé* (1820), *Pamela* (1740), *As Viagens de Gulliver* (1726), *Tom Jones* (1749), *O Vigário de Wakefield*, todos celebrados pelas histórias literárias, e Elizabeth Inchbald e Maria Edgeworth. Em comentários como esse, percebemos que no século XIX o nome de Maria Edgeworth era associado às melhores produções romanescas britânicas do período. Estes autores seriam superiores aos da “escola francesa” pelo “palpitante interesse”, “delicado sentimento” e “vivacidade de ação”, além de fornecerem assuntos que teriam “aplicação a todos os povos da terra” – ou seja, Taunay considera que as obras inglesas despertavam mais atenção dos leitores, eram mais universais em seus valores, e menos enfáticas e imorais do que as francesas. Interessante notar que Taunay dava destaque para o fato de que a França e a Inglaterra formavam dois grupos de forte formação literária, mas que os dois países seguiam estilos narrativos diferentes.

Para Taunay, portanto, a “Grande Bretanha” fornece uma resistência literária “à influência deletéria que irradia de Paris, (...) [o que] impede a invasão dos produtos inferiores que a França atira todos os anos ao mundo civilizado”.³¹⁹ Mais adiante, Taunay ainda cita “o inimitável Dickens, o humorístico Thackeray, o aristocrático Bulwer Lytton”³²⁰ – são os autores britânicos que constam com o maior número de romances disponíveis em catálogos de livreiros e de bibliotecas do século XIX. Outra autora da lista, Mary Elizabeth Braddon, aparece adiante: “contam-se ainda penas como a do ilustre Disraeli, do imaginoso Wilkie Kollins, de Melville, Grenville Murray, Gaskell, Lawrence, Bronte, Braddon, Trollope, Smith, Fullerton, Lever, Kingsley, Mr. Oliphant, da polemista Ouida, sobretudo de Jorge Elliot”.³²¹ Três pseudônimos masculinos de

³¹⁷ TAUNAY, 1881, p. 23.

³¹⁸ IDEM, p. 26.

³¹⁹ IBIDEM, p. 27.

³²⁰ IBIDEM, p. 26.

³²¹ IBIDEM, p. 27.

autoras constam nesta lista: Mr. Oliphant (Margaret Oliphant Wilson, 1828–1897), Ouida (Maria Louise Ramé, 1839–1908) e George Eliot (Mary Ann Evans, 1819–1880). Apesar de Taunay acusar os editores franceses de interesse pecuniário, a maioria dos autores ingleses mencionados foi muito popular nas vendas de romances, e receberiam os mesmos ataques em seus próprios países. Ele lamenta que, apesar da suposta superioridade do romance inglês, a presença dos romances franceses no Brasil era inegavelmente mais ampla:

É, pois, incontestável que, por meio dos seus romances, a França dominou e domina sem rival as nações de procedência latina; e nós no Brasil constituímos um dos centros vantajosos à extração dos livros que de lá saem a fazer a volta do globo.³²²

Quanto ao romance alemão, há apenas um curto parágrafo, em que cita os autores “Bertholdo Auerbach, Freitag, Gerstacker, Hacklsender, Theodoro Mundt e sua mulher Clara Mundt, Gutzkow, Mügge, (...) Hauff, os judeus Sachermasock e Kompert, Immermann”, mas que, apesar de serem “dignos de nota da especialidade”, eram escassos – isso porque a Alemanha teria um ambiente mais propício ao desenvolvimento de outros gêneros literários que não o romance, principalmente por conta de sua “índole pensante”.³²³

Retornando aos jornais brasileiros, uma anedota atribuída a Edgeworth foi citada no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, em 1880, mas não encontrei essa frase em seus escritos: “O império da moda torna imbecis todos aqueles que a ela se curvam”.³²⁴ Também não é verídico o suposto diálogo travado entre Maria Edgeworth e seu pai, publicado no jornal *A Província de Minas*, em 1882:

Quando Ricardo Lovell Edgeworth tornou-se popular no fim da sua vida, disse um dia a sua filha: “Maria, estou-me tornando muito popular; brevemente não hei de servir para nada, porque o homem popular não tem préstimo algum”. Provavelmente tinha na ideia o tempo em que o Evangelho amaldiçoava o homem popular: “Maldito sejas tu se todos os homens falarem bem se ti, porque assim fizeram nossos pais com os falsos profetas”.³²⁵

Por fim, uma breve biografia de Maria Edgeworth foi publicada no Mercantil de Petrópolis, apresentando-a como uma “célebre romancista inglesa”, destacando seus

³²² IBIDEM, p. 28.

³²³ IBIDEM, p. 27.

³²⁴ *Jornal da Tarde* (São Paulo), 22 de dezembro de 1880, p. 2

³²⁵ *A Província de Minas* (órgão do partido conservador), 8 de abril de 1886, p. 2.

atributos “suave entre as mais suaves fisionomias que na literatura feminina da Inglaterra encontrar possamos”.

Edgeworth (Maria). Nasceu em Oxford no ano de 1767 esta celebre romancista inglesa, filha do insigne engenheiro e publicista Ricardo Lowel Edgeworth [sic]. Suave entre as mais suaves fisionomias que na literatura feminina da Inglaterra encontrar possamos, Maria Edgeworth repartiu os anos de sua vida entre a cultura das belas-letas, o auxílio que prestou a seu pai, coadjuvando-o em seus importantíssimos trabalhos, a parte que tomou na educação de seus irmãos mais novos, e igualmente a caridade com que se deliciava em socorrer as crianças pobres. As suas deliciosas novelas, inspiradas no estado consciencioso da vida irlandesa, constituem quadros apetitosos, comparáveis à doçura transparente de uma aquarela finíssima, e tais como só a escola inglesa sabe debuxar. Entre os seus volumes de romances figura uma adorável coleção de *Contos Populares* e outra de *Contos da Vida Elegante*. Maria Edgeworth faleceu em 1849.³²⁶

Esta pequena biografia comenta suas obras de maneira similar às críticas britânicas citadas no capítulo anterior: comparam romances à “quadros apetitosos, comparáveis à doçura transparente de uma aquarela finíssima, e tais como só a escola inglesa sabe debuxar”, e afirmam que foram “inspirados no estado consciencioso da vida irlandesa”. O aspecto familiar e doméstico de sua trajetória é reforçado, dando ênfase mais uma vez ao relacionamento pai e filha, que de fato é muito marcante em sua biografia, inclusive na função de educadora que exerceu com seus irmãos mais novos.

Como no folhetim “Romance Religioso de Roselly Lorgues”, é mencionada uma suposta devoção à caridade. Apesar de Maria e Richard Edgeworth prestarem serviços à comunidade de Edgeworthstown – a ponto de dedicarem parte de sua renda para o fundo dos famintos no período irlandês da Grande Fome –, não é correto descrever essas ações como caridade, visto que eles eram responsáveis pela organização daquela cidade. Portanto, essas “boas ações” são mais ligadas às obrigações que tinham do que à filantropia propriamente dita.

Edgeworth aparece de maneira idealizada: uma mulher a quem foi “reservado o privilégio de dirigir aquela primeira educação moral filha das circunstâncias”,³²⁷ uma escritora “dotada de gênio sério e observador, toda entregue ao bom da humanidade e à

³²⁶ *Mercantil* (Petrópolis), 12 de novembro de 1887, p. 2

³²⁷ *Correio Mercantil* dia 20 de fevereiro de 1847, Rio de Janeiro, p. 4.

propagação de quanto fosse útil”,³²⁸ que repartiu sua vida “entre a cultura das belas-letas, o auxílio que prestou a seu pai, (...) a parte que tomou na educação de seus irmãos mais novos, e igualmente a caridade com que se deliciava em socorrer as crianças pobres”.³²⁹ Frequentemente associada à imagem da boa filha que sabe como educar os pequenos, os discursos sobre a vida, a conduta e os princípios de Maria Edgeworth estão permeadas de ideias sobre como uma mulher oitocentista deveria agir, viver, se portar.

Com isso, vemos o alcance da circulação das obras de Maria Edgeworth: aparece como instrutora moral de crianças irlandesas, inglesas, francesas e brasileiras; está nas prateleiras de bibliotecas da realeza do Brasil e nos pedidos de licença para a mesa censória portuguesa; podia ser lida em inglês na *Rio de Janeiro Subscription Library*, em francês na Biblioteca Fluminense, e em português na tradução *Educação Familiar*; episódios da vida da autora são contadas em periódicos brasileiros, às vezes com alguma precisão (no folhetim “O romance religioso de Roselly de Lorgues”), às vezes fantasiosos (no diálogo com seu pai descrito n’ *A Província de Minas*); serve como exemplo de leitura de personagens nos enredos dos folhetins, às vezes lida com desgosto (“*Memórias d’uma Cosaca*”), às vezes tida como autora exemplar (nos “*Estudos Críticos*” de Visconde de Taunay). Romances, discursos sobre mulheres, relatos sobre escritores: a circulação transatlântica de impressos envolve a circulação de ideias.

³²⁸ “O romance religioso de Roselly de Lorgues”. In *A Instrução Pública*, dia 22 de março de 1874, Rio de Janeiro, p. 7.

³²⁹ *Mercantil* (Petrópolis), 12 de novembro de 1887, p. 2.

Capítulo 4

A EDUCAÇÃO PELO ROMANCE: A CIRCULAÇÃO TRANSNACIONAL DA LITERATURA INFANTIL BRITÂNICA ³³⁰

4.1. A literatura infantil e a noção moderna da infância: ideias transnacionais

Quando Maria Edgeworth publicou seu primeiro livro de ficção, *Parent's Assistant*, em 1796, as ideias sobre livros destinados às crianças começavam a ser debatidas e elaboradas com mais afinco. *Parent's Assistant* se destaca no período como um dos primeiros livros elaborado inteiramente para as crianças a partir de uma preocupação com o desenvolvimento intelectual e moral, sem envolver aspectos religiosos ou elementos mágicos no enredo.³³¹ Essas características, conforme explicitarei melhor adiante, divergem das produções até então relacionadas ao público infantil, aquecendo uma calorosa discussão sobre como a leitura poderia trazer benefícios para as crianças.

Matthew Grenby, em *The Child Reader*, aponta que a literatura infantil surge em meados do século XVIII como um nicho promissor do mercado editorial; até então, não havia livros direcionados especificamente às crianças e eles não eram desenvolvidos com a intenção de se adequar a um universo simbólico infantil.³³² Contudo, ainda na primeira metade do século XVIII, algumas obras passaram a ser consideradas mais adequadas para jovens leitores e se tornaram leituras associadas à infância, sobretudo os contos de fadas e as fábulas, mas também é o caso de algumas narrativas, como *Aventures de Télémaque fils d'Ulysse*, de Fénelon.³³³

Conforme demonstra o estudo de Phillipe Ariès, *A História Social da Criança e da Família*, é apenas na modernidade, a partir do século XVII, que uma noção mais

³³⁰ Uma versão alterada e preliminar deste item foi submetida como artigo para a revista *Scripta* no dia 10/01/2018 e aguarda avaliação.

³³¹ GRENBY, 2011, p. 90.

³³² IDEM, pp. 93-94.

³³³ IBIDEM, p. 93.

particular da infância se estabelece. O conceito da infância foi construído historicamente: desde a ausência da infância na Antiguidade até a ideia de “adultos em miniatura” da Idade Média,³³⁴ a forma de entender a juventude varia muito com o passar dos séculos. No século XVIII, elementos primordiais para o conceito moderno de infância estavam bem estabelecidos, como a família nuclear, o espaço privado e a escola – não é de se estranhar que uma literatura própria às crianças tenha surgido nesse mesmo período:

Essa consciência da infância e da família – no sentido em que falamos de consciência de classe – postulava zonas de intimidade física e moral que não existiam antes. (...) A conjugação de uma sociabilidade tradicional e de uma consciência nova da família seria encontrada apenas em algumas famílias, famílias abastadas rurais ou urbanas, nobres ou plebeias, camponesas ou artesãs. (...) No século XVIII, a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular. A organização da casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo.³³⁵

Em um artigo para a *British Library*, “Moral and instructive children’s literature”,³³⁶ Grenby demonstra que os primeiros livros infantis dos anos 1740 demonstram preocupação em enfatizar o bom comportamento; e também reforçam a importância do papel da família, especialmente as mães, na transmissão dos valores morais. “É um gênero associado às mulheres, o que provavelmente explica, em parte, o seu baixo estatuto literário”, reflete Grenby. As mães passam a desempenhar um papel primordial na educação das crianças – as últimas deixam de ser vistas como membros de uma sociedade (sendo, portanto, responsabilidade de todos) e passam a ser encaradas como o fruto de um casamento, cuja responsabilidade é principalmente materna.

Essas obras identificadas como mais proveitosas às crianças conquistaram grandes tiragens e forte apelo público, mostrando-se um nicho promissor para as editoras. Até hoje, os livros infanto-juvenis britânicos são os grandes sucessos de vendas do país. As *Aventuras de Telêmaco* foi um sucesso editorial transnacional: além de ser popular na França e no Reino Unido, ele foi disparadamente o romance mais solicitado a Real Mesa Censória para ser remetido ao Brasil, segundo o levantamento de Márcia Abreu em

³³⁴ ARIÈS, 1981, pp. 39-42.

³³⁵ IDEM, p. 36.

³³⁶ Disponível em: <https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/moral-and-instructive-childrens-literature> (acesso em 10/01/2017).

Caminhos dos Livros (2003).³³⁷ A importância desse romance aparece em pesquisas diversas, tanto no contexto europeu quanto no brasileiro, como anúncios de jornais, presença em gabinetes de leitura e bibliotecas, e suscita comentários da crítica literária – Hipólito da Costa, em 1812, diz que a obra de Fénelon estava entre as leituras romanescas “fundadas em princípios da verdadeira moral, e tendentes a inspirar no leitor as máximas de prudência, e as regras de conducta, que se incluem nas paridades, e emblemas, que divertindo o espírito, formam o entendimento, e regem o coração”.³³⁸

As Aventuras de Telêmaco possui diversas características do conto moral, que é, para Grenby, o protótipo do que seriam os contos infantis do final do século XVIII. Além disso, Fénelon o escreveu enquanto era preceptor do Duque de Borgonha, neto de Luís XIV e aspirante ao trono, com o intuito de educa-lo em retórica e em moralidade política.³³⁹ Mesmo no Brasil, *As Aventuras de Telêmaco* aparece nos anúncios de jornais com fins educacionais: para o aprendizado de língua francesa e da cultura grega antiga.³⁴⁰ No artigo “História e Romance: a ideia de história em ‘As Aventuras de Telêmaco’ e as relações entre o texto histórico e a prosa ficcional na passagem dos séculos XVII-XVIII”, José Paulo Martins aborda os aspectos pedagógicos e moralizantes do romance:

O método pedagógico da obra de Fénelon (...) valia-se também do uso de exemplos e situações vividos pelos personagens, uma forma de se colocar em ação a moral ou os preceitos que pretendia que fossem apreendidos. Para esse objetivo, o romance parecia (...) mais efetivo que a história, pois permitiria que fossem abordadas várias situações da vida do personagem, tanto as virtuosas como as viciosas, enquanto a história narraria apenas os fatos maiores e gerais (...).

“Ação moral”, “situações da vida”, “virtuosas” e “viciosas”: o método pedagógico de Fénelon tem muito a ver com a moralidade dos contos de Maria Edgeworth, uma autora que se preocupa em retratar situações com que seus leitores possam se identificar, apresentando diferentes classes sociais e faixas etárias, além de demarcar a questão dos papéis reservados aos homens e às mulheres na sociedade. Seus contos infantis seguem os mesmos preceitos que seus contos morais para adultos. Os supostos perigos acarretados pela leitura de romances e a crescente preocupação com a formação moral e

³³⁷ Já apresentei esses resultados de Márcia Abreu em *Caminhos dos Livros* anteriormente, no terceiro capítulo da dissertação.

³³⁸ *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, 10-1812, apud MANÇANO, 2010, p. 43 (nota de rodapé).

³³⁹ CIPRIANO, 2003.

³⁴⁰ Para saber mais sobre os anúncios de *Aventuras de Telêmaco* nos jornais do Rio de Janeiro do século XIX, ver: MANÇANO, 2010.

intelectual de seus leitores, aspectos abordados no capítulo anterior, fomentam a ideia de que é necessário ter vigilância quanto aos livros que caem nas mãos de leitores despreparados.

No já mencionado artigo “Moral and instructive children’s literature”, Grenby defende que Maria Edgeworth foi uma das autoras mais habilidosas em desenvolver a complexidade psicológica em seus personagens infantis e a apresentar verdadeiros dilemas morais, e não situações em que a escolha pela virtude ou pelo vício é evidente. Para ele, aí reside o potencial literário dos contos morais: “narrativas bem escritas permitem que os personagens, e os leitores que com eles se identificam, aprendam com os seus erros, e não se submetam diretamente à advertência das autoridades”.³⁴¹

Grenby afirma que, no final do século XVIII e começo do XIX, três modelos de literatura para crianças concorriam entre si: os contos de fadas, os contos religiosos protestantes e os contos iluministas, em seus termos.³⁴² O primeiro tipo de literatura a fazer sucesso entre as crianças são os contos de fada; até meados do século XVIII, foi esse tipo de narrativa principalmente indicada às crianças. Entretanto, nesse mesmo período surge uma forte oposição entre natureza (característica dos romances mais realistas) e imaginação (abundante em romances góticos, subgênero então malquisto) na crítica literária especializada, em que se valoriza mais o primeiro e se condena o segundo.³⁴³

A correspondência com o real passa a ser um dos atributos mais positivos que um romance poderia ter, mais do que a verossimilhança em si. A descrição de cenários “naturais”, as personagens e as situações “críveis” são atributos positivos na análise crítica. Os romances góticos, fantasiosos e até mesmo os sentimentais (por exagerar as reações e os sentimentos dos personagens perante os conflitos do enredo) passam a ser vistos como responsáveis por problemas de percepção do real. Nesse sentido, fornecer às crianças apenas materiais de leitura em que há muita imaginação e pouco realismo (ou natureza, nos termos da crítica do período) passa a ser algo negativo, pois faria com que as jovens mentes não tivessem condições de perceber a realidade. A crítica de Andrew Beckett abaixo, publicada em 1788, revela tais características nesse momento:

³⁴¹ GRENBY, s/d. Tradução minha de: “(...) carefully designed narratives could allow characters, and through them the readers, to learn by their own mistakes, rather than by direct authorial admonition”.

³⁴² GRENBY, 2011, pp. 279-281.

³⁴³ IDEM.

Antigamente, os contos de fadas eram pensados como os mais propícios e quase únicos materiais de leitura para crianças. É com muita satisfação, contudo, que esses contos gradualmente cedem espaço para publicações muito mais interessantes, em que a instrução e o entretenimento estão discretamente fundidos, sem a mistura do maravilhoso, do absurdo, das coisas totalmente incoerentes à natureza.³⁴⁴

As histórias “maravilhosas, absurdas, totalmente incoerentes à natureza” voltariam a ser defendidas com afinco no século XIX, principalmente por meio da crítica aos romances morais. Em 1823, Walter Scott afirma que as crianças que leem contos morais têm as mentes enfraquecidas, e que “a moralidade sempre se consiste nas boas condutas premiadas com o sucesso na vida”. Ele ainda afirmaria que “não derramaria uma lágrima sequer pelas milhares de histórias de ‘Jemmy Goodchild’”, modo irônico de se referir aos personagens infantis que só fazem o bem.³⁴⁵ Charles Dickens, fã dos contos de fada de Hans Christian Andersen, também se engajaria na defesa das histórias fantasiosas às crianças em seu texto “Frauds on the Fairies”, publicado no jornal *Household Words* em 1853.³⁴⁶

Combinando a revitalização do protestantismo no Reino Unido, o crescente puritanismo na sociedade britânica e as críticas aos contos de fadas, os contos religiosos para crianças surgem em meados do século XVIII como a solução para a educação dos filhos: forneciam valores morais, cultivavam a fé, disseminavam os princípios religiosos e condenavam os pecados. No artigo “Be good, Dear Child... or else”, Siobhan Lam revela que essas publicações já existiam desde o século XVII.³⁴⁷ Segundo os princípios protestantes, a criança que morresse em pecado poderia ser condenada ao inferno, de forma que era primordial que crianças à beira da morte confessassem seus pecados – com as altas taxas de mortalidade infantil, era fundamental que os protestantes difundissem essa prática. Tanto que um dos primeiros livros que se declaram como voltados às crianças no próprio título, *A token for children: Being and exact account of the*

³⁴⁴ BECKET, Andrew. *Monthly Review*, 1788, p. 531. Tradução minha de: “Fairy Tales were formerly thought to be the proper and almost the only reading for children; It is with much satisfaction, however, that we find them gradually giving way to publications of a far more interesting kind, in which instruction and entertainment are judiciously blended, without the intermixture of the marvelous, the absurd, and things totally out of nature”.

³⁴⁵ SCOTT, 1823, apud GRENBY, “Moral and instructive children’s literature”, s/d. Tradução minha de: “the moral always consists in good conduct being crowned with success” e “I would not give one tear (...) for all the benefit to be derived from a hundred histories of Jemmy Goodchild”.

³⁴⁶ DICKENS, 1853.

³⁴⁷ LAM, 2004.

conversion, holy and exemplary lives and joyful deaths of several young children, de James Janeway,³⁴⁸ é uma obra em que todas as crianças são moribundas e precisam confessar para falecer em paz.³⁴⁹ Ao longo dos séculos XVIII e XIX os livros religiosos infantis se tornam menos macabros. Lam cita um livro do 1775, *The History of Little Goody Two-Shoes*,³⁵⁰ de autoria desconhecida, e *The History of the Fairchild Family*, de Mary Martha Sherwood, publicado entre 1818 e 1849,³⁵¹ como exemplos de contos morais protestantes em que não há morte das crianças em questão.

Os contos morais, denominados “iluministas” por Grenby e outros autores,³⁵² surgem como uma alternativa não-religiosa dos contos morais protestantes.³⁵³ Neles, defende-se que ensinar às crianças o bom comportamento por conta da punição do inferno ou a premiação dos céus distorceria as noções de boa convivência, ética e virtude. Privilegiando a boa convivência social e valores como a honestidade e o trabalho, esses contos contam com a moralidade e a ciência como os principais pilares da educação de crianças, e não a religião. Além disso, defendem a razão, a experiência e os estudos como valores primordiais a serem passados às crianças. Maria Edgeworth é, para Grenby, a grande autora deste tipo de literatura infantil.³⁵⁴ Os Edgeworths não são favoráveis às educações religiosas: “Em religião e em política nós mantemos o silêncio, porque não temos ambição em satisfazer partidarismos, e nem em fazer proselitismo, e porque nós não nos definimos exclusivamente a uma fé ou a um partido político”.³⁵⁵ A ausência de religiosidade em seus livros infantis levou à rejeição do livro por parte de algumas críticas literárias, como a do *British Critic*:

Aqui, leitores, está a educação da moda, no verdadeiro estilo da Filosofia moderna; quase 800 páginas sobre educação prática, e nenhuma palavra sobre Deus, Religião, Cristianismo, e nenhuma indicação de que esses tópicos seriam abordados. Para compensar, há muitas menções ao Dr. Darwin, e à Zoonomia, e ao Dr. Beddoes, e outros escritores da nossa escola Inglesa, que ensinam doutrinas similares. Mas que vantagem deve ser ter filhos criados assim, para

³⁴⁸ JANEWAY, 1777. Primeira edição de 1671.

³⁴⁹ Janeway, 1700, apud LAM, 2004.

³⁵⁰ *The History of Little Goody Two-Shoes; Otherwise called Mrs. Margery Two-Shoes*, 1775, apud LAM, 2004.

³⁵¹ Mary Martha Sherwood, *The History of the Fairchild Family*, 1818-1849, apud LAM, 2004.

³⁵² Ver, por exemplo: BAGGERMAN, 2009; SHEFRIN & HILTON, 2009.

³⁵³ GRENBY, 2011, pp. 89-91.

³⁵⁴ IDEM, pp. 84-85.

³⁵⁵ EDGEWORTH, 1798, p. vii-viii. Tradução minha de: “On religion and politics we have been silent, because we have no ambition to gain partizans, or to make proselytes, and because we do not address ourselves exclusively to any faith or to any party”.

serem despojados de todos os preconceitos que encadearam as mentes rastejantes de Bacon, Hooker, Locke, Boyle, Newton; e prejudicados apenas em favor às descobertas e aos descobridores dos últimos 30 anos! A maneira frágil e dispersa com que esses volumes foram escritos servem bem ao sistema que pretendem endossar; mas nós desejamos e esperamos que poucos pais ingleses serão tão avançados em Filosofia a ponto de querer fornecer aos seus filhos as “vantagens” deste tipo de educação.³⁵⁶

O fato de os Edgeworth privilegiarem as descobertas científicas de autores como Darwin em detrimento de “Deus, Religião e Cristianismo” causou algum incômodo por se tratar de um modelo novo de proposta educacional. Além do *British Critic*, sabe-se que o periódico *The Guardian of Education*, editado por Sarah Trimmer de junho de 1802 a setembro de 1806, também demonstrou profunda resistência em aceitar os princípios de Edgeworth; este foi o primeiro periódico dedicado a críticas literárias de obras infantis.³⁵⁷ Sarah Trimmer era uma educadora responsável por diversas *Sundays Schools* do Reino Unido, escolas cristãs que ensinam os princípios da religião a qualquer jovem que queira frequentá-la.

Contudo, Trimmer e Edgeworth compartilhavam algumas opiniões. Por exemplo, ambas achavam que os contos de fadas não eram os materiais de leitura mais indicados às crianças. Trimmer considerava nocivo incitar crianças a acreditar em fadas e seres mágicos que se aproximam de religiões pagãs, e não condizem com os aprendizados cristãos. Já os Edgeworths declaravam que o gosto pelos contos de fadas poderia atrapalhar a distinção de fantasia e realidade das crianças:

(...) Uma criança educada por contos de fadas, que aprende que às vezes as criaturas mágicas podem ajudá-la com magia a realizar suas tarefas, necessariamente se tornará mal-humorada ao descobrir que às vezes as fadas são surdas aos seus pedidos.

³⁵⁶ Crítica de *Practical Education* em *The British Critic*, vol. XV, p. 210 (Jan-Jun de 1800). Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Ie3QAAAAMAAJ&lpg=PA210&dq=the%20parent's%20assistant%20edgeworth%20British%20Critic&hl=pt-BR&pg=PA210#v=onepage&q&f=false>> (acesso em 10/09/2017). Tradução minha de: “Here, readers, is education à-la-mode, in the true style of modern Philosophy; nearly 800 quarto pages on practical Education, and not a word on God, Religion, Christianity, or a hint that such topics are ever to be mentioned. To make amends there is a great deal about Dr. Darwin, and Zoonomia, and Dr. Beddoes, and other writers of our English school, who teach similar doctrines. What an advantage it must be to have children so brought up, as to be divested of all the prejudices which fettered the groveling minds of Bacon, Hooker, Locke, Boyle, Newton; and prejudiced only in favour of the discoveries and discoverers of the last 30 years! The rambling, flimsy manner in which these volumes are written is well worthy of the system they are intended to support; but we are willing to hope that few English parents are far enough advanced in Philosophy, to wish to give their children the 'advantages' of such an education”

³⁵⁷ Infelizmente, o periódico não foi digitalizado e não pude acessar seus volumes.

Além da atenção ao cristianismo, Grenby considera a principal característica da crítica de Trimmer a condenação de ideais revolucionários franceses: “*The Guardian of Education* compartilhava a maioria das ardentes opiniões políticas e religiosas do *Anti-Jacobin Review*”³⁵⁸ – e Maria Edgeworth possui alguns contos, como “*Madame de Fleury*”, que são dedicados a demonstrar as mazelas da Revolução.

4.2. Os livros infantis de Maria Edgeworth

A primeira edição de *Parent’s Assistant*, de 1796, é composta pelos contos: “*The little dog Trusty; or, the liar and boy of truth*”, “*The orange man; or, the honest boy and the thief*”, “*Tarlton*”, “*Lazy Lawrence*” e “*Simple Susan*”. Na segunda edição, lançada no mesmo ano, foi acrescentado o conto “*Barring Out*”. Os contos “*The little dog Trusty*” e “*The orange man*” aparecem também em *Early Lessons* (1800). Ao longo do século, as coleções de contos infantis de Maria Edgeworth se tornam cada vez mais extensas, de forma que não haveria diferenças claras entre as edições de *Parent’s Assistant*, *Early Lessons* e *Moral Tales For Young People*. A edição americana de *Parent’s Assistant* de 1865, por exemplo, contém 18 contos, sendo formada pelos 6 contos da primeira edição britânica acrescidos outros onze contos que originalmente constavam em *Early Lessons* (1800) e em *Moral Tales for Young People* (1801).³⁵⁹

Maria Edgeworth, frequentemente reverenciada pelo seu gosto pelo realismo e pela verossimilhança, valoriza a moralidade, o aprendizado e a boa convivência em suas narrativas infantis. Suas personagens, ainda que sejam crianças, encontram-se em situações bem distantes da magia. Impasses econômicos são frequentes em suas histórias; a maioria de suas crianças trabalha ou se envolve em problemas financeiros. Como diz Butler, “normalmente é possível identificar a exata quantia de dinheiro nos bolsos dos

³⁵⁸ GRENBY, 2011, p. 188. Tradução minha de: “*The Guardian of Education* shared most of the ardent political and religious views of the *Anti-Jacobin Review*”.

³⁵⁹ Os contos da edição de 1865 contém, além dos 6 contos mencionados anteriormente: “*The Birthday Present*”, “*The False Key*”, “*The Bracelets*”, “*The Little Merchants*”, “*Old Poz*”, “*The Mimic*”, “*Mademoiselle Panache*”, “*The Basket Woman*”, “*The White Pigeon*”, “*The Orphans*”, “*Waste Not, Want Not*”, “*Forgive and Forget*”, “*Eton Montem*”.

personagens de 12 anos de idade de Maria Edgeworth”.³⁶⁰ Citarei o caso de dois contos presentes em *Parent’s Assistant* que ilustram bem essa situação.

Jem, de “Lazy Lawrence”, precisa ganhar uma quantia de dinheiro para salvar seu cavalo, Lightfoot, uma vez que sua mãe está em apuros financeiros por ter adoecido e não ter dinheiro suficiente para pagar o aluguel – algo que, além de prejudicar seu rendimento na plantação de morangos, também culminou em gastos altos com remédios. Vendendo fósseis, trabalhando como jardineiro, fazendo 18 tapetes em apenas um dia; todas as aventuras de Jem consistem-se em tentar aumentar os xelins em seu bolso. Quando o vilão da história, o Lawrence preguiçoso, um pobre menino que trabalha no estábulo, rouba o dinheiro conquistado por Jem, seu castigo é bastante severo: ele é preso, julgado e é levado a cumprir pena em Bridewell, uma prisão em Londres. O final é feliz para Jem: ele consegue salvar o cavalo Lightfoot e pagar o aluguel.

Susan, de “Simple Susan”, é a heroína exemplar de Edgeworth; querida por todos na vila, é sempre eleita a Rainha de Maio, uma comemoração feita anualmente. Contudo, a família de Susan está em apuros: seu pai precisa pagar uma quantia exorbitante para não ser convocado pela milícia. As únicas pessoas próximas que possuíam dinheiro suficiente para poder ajudá-los é Attorney Case – o vilão da história, assim como sua filha Barbara. Essas famílias trabalhavam em terras cujos proprietários administravam os negócios de longe (ou seja, não moravam naquelas terras); contudo, com a morte do proprietário, o sucessor, Sir Arthur, resolve se mudar para o local, a fim de gerenciar de maneira mais produtiva. Case, que trabalhava como agente próximo do antigo proprietário, revela a Sir Arthur seu interesse em usurpar uma parte do terreno que é destinada ao uso público. A boa Susan logo cai nas graças de Sir Arthur e sua esposa, que se emocionam em descobrir que Susan abraça a ideia de ser a Rainha de Maio para cuidar de sua mãe doente. Quando Sir Arthur ganha de presente um cordeiro e uma galinha da angola de Case, reconhece que os animais pertenciam à família de Susan. O cordeiro de estimação de Susan tinha sido adquirido com a promessa de que assim seu pai não seria convocado pela milícia, e a galinha da angola havia sido roubada por Barbara pelo simples fato de ter entrado em seu terreno. Isso é suficiente para Sir Arthur dispensar Case e expulsá-lo da freguesia, empregar o pai de Susan como seu agente e promover uma festa de aniversário para Susan. A família Case perde a propriedade.

³⁶⁰ BUTLER, 1972, p. 163.

Depois do sucesso de *Parent's Assistant* (contou com duas edições no mesmo ano em que foi publicado), Maria Edgeworth e seu pai lançaram *Practical Education* em 1798, um ensaio que utiliza conceitos de John Locke para embasar suas teorias da importância da leitura para crianças – um autor-pilar para a compreensão moderna da infância, segundo Ariès. Dividido em 24 capítulos, que abrangem desde a importância dos brinquedos ao ensino de aritmética, geometria, química, mecânica e geografia, os autores abordam questões como o envolvimento de crianças com criados, as vantagens e desvantagens do ensino público e privado, e até mesmo maneiras de se apresentar valores morais às crianças, como obediência, temperança e verdade. E, como vimos no capítulo anterior, o livro também defende que mulheres tenham acesso a uma educação mais vasta do que os ‘accomplishments’. Apesar da má recepção do *British Critic* e do *Guardian of Education*, *The Monthly Review* recebeu o livro com entusiasmo em uma longa crítica de 13 páginas:

Aqueles que estão convencidos da extensão da influência da educação na formação individual e nacional das pessoas receberão todo esforço em elucidar esse assunto tão importante com complacência e atenção. A presente publicação merece atenção e irá presentear quem a ler. O pai cuja solicitude é direcionada aos detalhes da educação irão examiná-la com satisfação e benefício; pois ele encontrará tantos julgamentos razoáveis quantos princípios racionais, em tudo o que diz respeito à educação da criança desde o berçário até a emancipação da autoridade paterna. (...) ³⁶¹

Early Lessons, de 1801, apresenta em quatro volumes os personagens que se tornariam os mais conhecidos das histórias infantis de Edgeworth: Harry e Lucy, irmãos, Rosamond e Frank. O livro fez bastante sucesso, recebendo elogios até mesmo do *British Critic*, que além de parabenizar Maria Edgeworth, reforça a importância da literatura infantil para o bom desenvolvimento das crianças:

Se nos perguntassem qual é a espécie de composição mais útil para a qual um autor de talento possa dedicar suas horas mais leves de ócio literário, nós responderíamos sem hesitação: a instrução e a melhoria da infância e da juventude, através de meios judiciosamente calculados para atrair e consertar sua atenção durante esses momentos importantes, quando o coração está aberto a todas as impressões e pode ser moldado por todas as mãos (...). É de fato lamentável que os escritores de maior

³⁶¹ Crítica de *Practical Education* em *The Monthly Review*, vol. XXX, 1799, pp. 72-85. Tradução minha de: “They who are convinced of the extensive influence of education in forming the individual and national character, will receive every effort to elucidate so important a subject with complacency and attention. The present publication deserves and will reward both. The parent whose solicitude is directed to the detail of education, will peruse it with satisfaction and with profit; for he will find in it much sound judgment and rational principle, in all that relates to educating the child from its first entrance into the nursery to its emancipation from parental authority (...)”

habilidade não são induzidos com mais frequência a fazer um sacrifício ocasional da gratificação pessoal atendendo a produções de maior brilho e a contentar-se com uma tentativa silenciosa de fazer o bem. Se esse fosse o caso, não teríamos a impressão de que qualquer um e todo mundo é capaz de escrever livros às crianças, e nem os nossos berçários seriam inundados por inúmeras ficções ociosas (...). Com esses sentimentos, não podemos duvidar que nós conhecemos o diferencial de uma autora de tantas publicações de aspiração, que cada vez mais ganha o respeito e admiração, como a autora de “Early Lessons”. Ela com certeza é a mais peculiarmente adequada ao serviço que empreendeu; as facilidades com as quais ela acomodou a linguagem e os incidentes dos primeiros contos para o gosto e a compreensão de crianças mais novas, podem ser estimadas adequadamente por aqueles que tiveram a oportunidade de ver a poderosa impressão que produzem; e a maneira pela qual as poucas histórias gradualmente aumentam o interesse e a importância, à medida que os filhos para quem eles pretendem aumentar em anos e inteligência, é inventado com destreza admirável e evidencia um profundo conhecimento da natureza de suas mentes ardentes e voláteis.³⁶²

No total, são 17 contos em que Rosamond é a protagonista em *Early Lessons*, nos quais a personagem tem 9 anos: “The Purple Jar”, “The Two Plums”, “The Injured Ass”, “Rosamond's Day of Misfortunes”, “Rivuletta”, “The Thorn”, “The Hyacinths”, “The Rabbit”, “The Wager”, “The Party of Pleasure”, “The Black Bonnet”, “The India Cabinet”, “The Silver Cup”, “The Bee and the Cow”, “The Happy Party”, “Wonders” e “The Microscope”. Destes contos, nove constam na tradução brasileira *Educação Familiar*. Já as histórias de Frank, menino de 7 anos, não são divididas em contos, mas em duas partes subdivididas por travessões ao final de cada história; ainda assim, eles ocupam uma grande parte de *Early Lessons*. A mesma coisa ocorre com Harry e Lucy:

³⁶² Crítica de *Early Lessons* em *The British Critic*, vol. XV, 1821. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=deBKAQAAMAAJ&lpg=PA427&dq=m%C3%A1ria%20edgeworth%20early%20lessons%20british%20critic&hl=pt-BR&pg=PP7#v=onepage&q&f=false>> (acesso em 10/09/2017). Tradução minha de: “If we were asked to decide upon the most useful species of composition to which an author of talent could devote his lighter hours of literary leisure, we should reply without hesitation, the instruction and improvement of childhood and youth, through some medium judiciously calculated to attract and fix their attention during those momentous years when the heart is open to every impression, and may be moulded by every hand (...). It is indeed to be lamented that writers of higher ability are not more frequently induced to make an occasional sacrifice of personal gratification attendant upon productions of greater brilliancy, and to content themselves with a quiet attempt to do good. If such were the case, it would not be so generally imagined that any and every one is clever enough to write books for children, nor would our nurseries be inundated by numberless idle fictions (...) With these sentiments it cannot be doubted that we meet the distinguished authoress of so many more aspiring publications with increased respect and admiration as the writer of "Early Lessons." She is certainly most peculiarly suited to the task she has undertaken; the facility with which she has accommodated the language and incidents of the first tales to the taste and comprehension of very young children, can alone be properly estimated by those who have had opportunities of seeing the powerful impression they produce; and the manner in which the little histories gradually swell into greater interest and importance, as the children for who they are intended increase in years and intelligence, is contrived with admirable dexterity, and evinces a thorough acquaintance with the nature of their ardent and volatile minds”.

são dois contos, “Harry and Lucy, part 1” e “Harry and Lucy, part 2”, subdivididos por travessões. Anos depois, Rosamond e Frank a ganharam livros dedicados só as suas aventuras: *Rosamond: A Sequel to Early Lessons* (1821) e *Frank: A Sequel to Frank in Early Lessons* (1822). Neles, acompanhamos Rosamond dos 10 aos 13 anos e Frank dos 8 anos 11 anos.

Antes das sequências de Rosamond e Frank, Maria Edgeworth lançou mais um livro infantil, *Moral Tales for Young People* (1801), também em quatro volumes, composto pelos contos: “Forester”, “Angelina”, “Miss Burrage”, “Bad governess”, “Prussian Vase”, “Good Governess” e “Good Aunt”. Estes contos dialogam mais diretamente com as ideias de *Practical Education*: por exemplo, “Bad governess” retrata os perigos de garotas serem ensinadas a apenas adquirir “accomplishments”; “Angelina” demonstra como é nocivo estimular o sentimentalismo e a afetação às meninas; “Good aunt” defende a educação de crianças desde o berçário, revelando as vantagens do ensino infantil. Mais uma vez, o livro possui uma boa recepção:

(...) Eles [os contos] são muito morais, divertidos e instrutivos; e nós particularmente os recomendamos para serem colocados nas mãos das jovens pessoas do sexo feminino, para aqueles que são responsáveis por sua educação. Nós não queremos dizer que eles não sejam calculados aos jovens de ambos os sexos, mas eles são de uma maneira peculiar adaptados às jovens mulheres, mostrando muita delicadeza de sentimento, bem como perspicácia e simplicidade de linguagem.³⁶³

Esses contos para pessoas jovens podem ser lidos com benefícios por pessoas de todas as idades. São lições de julgamento razoável e adaptados para vários eventos da vida real, interessando a mente e fixando a atenção, sem inflamar a imaginação. (...) Em poucas palavras, esses contos foram escritos para ilustrar as opiniões desenvolvidas em um trabalho recentemente publicado pela autora e seu pai, intitulado “Practical Education”.³⁶⁴

³⁶³ Crítica de *Moral Tales For Young People* em *British Critic*, vol. XXII, 1803, p. 195. Disponível em: <<http://www.wwp.northeastern.edu/review/reviews/edgeworth.talesforyoung.britishcritic.1>> (acesso em 10/09/2017). Tradução minha de: “They are very moral, entertaining, and instructive; and we particularly advise them to be put into the hands of young persons of the female sex, by those who have the superintendence of their education. We do not mean to say that they are not well calculated for young persons of both sexes; but they are in a peculiar manner adapted to young women, having much delicacy of sentiment, as well as perspicuity and simplicity of language”

³⁶⁴ Crítica de *Moral Tales For Young People* em *Monthly Review*, segunda série, n. 39 (Novembro de 1802), pp. 334–35. Disponível em: <<http://www.british-fiction.cf.ac.uk/reviews/mora01-25.html>> (acesso em 10/09/2017). Tradução minha de: These tales for young people may be perused with benefit by people of all ages. They are lessons of sound judgment adapted to the various events of real life, interesting the mind and fixing the attention without inflaming the imagination. (...) In short, these tales are written with the design of illustrating the opinions delivered in the elaborate work formerly published by this author and her father, intitled, ‘Practical Education.

A crítica do *Monthly Review* percebe a proximidade das ideias de *Moral Tales for Young People* e *Practical Education*; ao passo que o *The British Critic*, mais uma vez, rende-se a opinião favorável do livro, apesar de criticarem *Practical Education*.

4.3. Análise de *Educação Familiar*

Lançado em 1837, a tradução *Educação familiar, ou série de leituras para os meninos, desde a primeira idade até a adolescência* foi feita por Francisco de Paula Araújo e Almeida a partir da edição *Éducation familiale: ou séries de lectures pour les enfants, depuis le premier âge jusqu'à l'adolescence*, organizada por Louise Swanton Belloc,³⁶⁵ conforme consta na capa. Os contos são exatamente os mesmos dos dois primeiros volumes da edição francesa: “Henrique e Lúcia”, “Franco, primeira parte”, “As laranjas, ou o menino honrado e o ladrão”, “Franco (continuação)”, “Rosamunda: a redoma rosa”, “As duas ameixas”, “O burro maltratado”, “As bolhas de sabão”, “Um dia aziago”, “Vocabulário”, “Henrique e Lúcia, parte 2”, “Rosamunda: o botão da rosa”, “Rivuletta”, “O espinho”, “Os jacintos” e “O coelho”.

É possível perceber que a tradução foi feita a partir da edição de Louise Swanton Belloc: o aviso às crianças em “Vocabulário” só existe nessa tradução francesa, e não consta em nenhuma edição inglesa; e no conto “A Redoma Rosa”, o narrador diz que Rosamunda e sua mãe estão a caminhar pelas ruas de Paris, e não de Londres. Além disso, não pude localizar em nenhuma edição inglesa, nem mesmo a de 1825, considerada a mais completa, os contos “As bolhas de sabão”, “O vaso todo de verdura” e “Os cogumelos”; eles só existem na tradução francesa. O conto anterior ao “As bolhas de sabão”, “O burro maltratado” (“The injured ass” no original, “L’ane maltraité” na tradução francesa), menciona que Rosamunda estava ansiosa para fazer bolhas de sabão com seus irmãos, mas não conta como foi a brincadeira. “Les Bulles de Savon”, “Les champignons” e “Le vase massif de verdure” são provavelmente produzidas pela própria Louise Swanton Belloc.

Ao contrário do que o anúncio afirma, “o Dr. F. de P. Araujo e Almeida passou para o nosso idioma esta inimitável obra (...) ajustando-lhe o que era necessário para se

³⁶⁵ *Éducation familiale*, 1832-37.

conformar aos usos e costumes deste país”³⁶⁶ (um comentário interessante, pois demonstra que o público sabia das diferenças dos usos e costumes da Inglaterra em relação ao Brasil), não há ajustes para se adaptar à realidade brasileira. A tradução é, inclusive, bem literal – ele nem sequer altera o nome da cidade em que Rosamunda e sua mãe passeavam, Paris. Até mesmo o capítulo “Vocabulário”, quando citam os dicionários do latim e do francês, é idêntico ao texto francês.

A única alteração que pude notar em relação ao original é que no conto “Rosamond's Day of Misfortunes” o narrador menciona que o quarto da mãe de Rosamunda era mais quente por conta da lareira, e que Laura, irmã de Rosamunda, queria terminar logo de se vestir para aproveitar o fogo do quarto. Já em “O dia aziago”, não há lareiras, apesar de Laura dizer a Rosamunda que o quarto da mãe estava mais quente do que o das meninas, aparentemente sem motivo. No mais, os animais e plantas citados, o nome das peças de roupas, tudo é bem próximo à tradução francesa, que é bem próxima ao original. Por exemplo, na primeira parte do conto “Henrique e Lúcia”, Lúcia é picada por uma abelha e sua mãe passa um remédio chamado “ponta de veado” para amenizar a dor – tradução literal de *hartshorn*, um tipo de planta comum na Inglaterra.

Comparando as páginas da edição francesa, inglesa e brasileira, vemos como são parecidas, como na Figura 6 (na página a seguir). Há uma diferença apenas: a ordem dos contos de *Éducation familière* e *Educação Familiar* não é a mesma das edições inglesas (por isso “Harry and Lucy” começa na página 168, ao passo que em “Henri et Lucie” e “Henrique e Lucia” começam na página 1).

Os contos de Maria Edgeworth não são descritivos: ela não descreve o interior dos ambientes, as paisagens, os aspectos físicos dos personagens (não cita a cor dos olhos ou cabelos de seus meninos), suas vestimentas (apesar de comentar quais peças de roupas usavam, principalmente em “Um dia aziago”). Esse recurso facilita a circulação dos livros de Edgeworth em países distintos; por exemplo, uma pessoa que morava no Brasil não precisava entender como era uma casa britânica para acompanhar a história – cada leitor imaginará as casas, as roupas e as personagens como quiser. Evidentemente, este não é o principal motivo do sucesso das obras de Edgeworth em outros países, mas contribui para a circulação internacional. A autora só é mais descritiva ao comentar o processo de fazer jardinagem ou exercícios de aritmética, além dos procedimentos para produzir tijolos,

³⁶⁶ *Correio Mercantil*, dia 20 de fevereiro de 1847, Rio de Janeiro, p. 4

queijos, pães, etc. – por conta do caráter pedagógico de suas obras, que efetivamente ensinam conhecimentos práticos às crianças.

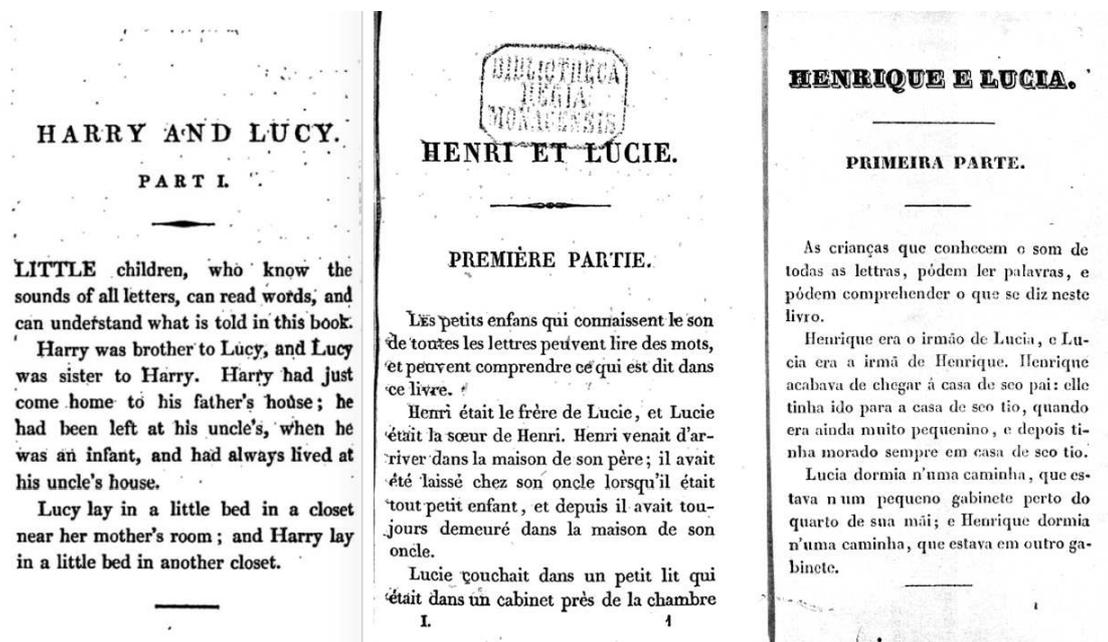


Figura 6: Comparação entre as primeiras páginas do conto “Harry and Lucy” das edições inglesa, francesa e brasileira. Fonte: *Early Lessons* (1824, p. 168), *Éducation familière* (1832, p. 1), *Educação Familiar* (1837, p.1).

Franco é o retrato idealizado de um bom menino: está sempre atento aos pedidos dos pais, cumpre com prontidão ao que requisitam, nunca desobedece suas ordens e não os importuna quando estão ocupados. Em seus contos, o garoto sempre faz o que é certo porque sempre sabe o que é certo: ao entrar no jardim do vizinho, logo percebe que tem que andar com cuidado para não acidentalmente machucar alguma planta – sem que ninguém dissesse isso, ele intuitivamente já sabe. Quando quebra a janela por acidente, imediatamente conta para a sua mãe o ocorrido e obedece a ordem de jogar fora suas adoradas sementes de castanheira. No prefácio de *Frank, a sequel to Early Lessons*, Maria Edgeworth comenta:

Aqueles que já conhecem Frank, e têm a bondade de manter lembranças de suas histórias anteriores, poderão observar que o menino passou a apreciar mais o louvor, para não dizer que ele se tornou pretensioso, que é uma palavra dura. Em sua tendência em ser vaidoso, ele provavelmente se assemelhará aos garotos vivazes de sua idade. (...) Alguns outros defeitos se manifestaram

em sua personalidade, que provavelmente foram causados pela educação privada e ansiosa que ele recebera.³⁶⁷

Na sequência de *Early Lessons*, Edgeworth parece ter tentado conferir mais individualidade a Frank – o que significa revelar defeitos, medos e inseguranças, para que o personagem se torne mais completo. Edgeworth escolhe a vaidade como o defeito do menino; parece-me uma boa saída, pois Franco é sempre recompensado por sua gentileza e atenção (ganha cerejas do jardineiro por ajudá-lo, ganha péllas (bolas) depois de jogar fora as sementes de castanheira). Quem conhece Franco apenas por *Early Lessons* ou *Parent's Assistant* tem a impressão de que ele não parece ter ideias próprias. Quase sempre, as suas frases têm nitidamente a intenção de reforçar o bom comportamento, como quando o jardineiro pergunta se ele não gostaria de passar perto dos craveiros para ver as flores melhor, e o menino responde “Eu estimaria bem passar, (...) mas não me atrevo, porque receio que as abas da minha casaca machuquem as flores; ainda agora vi a aba do vosso gibão roçar por uma flor, e quebrá-la”.³⁶⁸

Henrique e Lúcia têm uma boa dinâmica: os diálogos entre eles são bem construídos, apesar de várias vezes suas conversas terem um propósito educativo marcado, o que confere um ar de artificialidade (como quando vão recolher morangos, e combinam que vão dividir todas as somatórias possíveis que resultem em dez morangos). Enquanto Rosamunda e Franco interagem apenas com outros adultos (ou com a irmã mais velha, Laura, no caso de Rosamunda), os dois irmãos apresentam a relação de crianças umas com as outras. Uma das interações mais interessantes deles é quando Lúcia avisa que Henrique terá que arrumar sua cama, o garoto não acredita e insiste que, independentemente disso, não ficaria sem almoço; uma leve rivalidade típica de irmãos, Lúcia observando o irmão frustrado tendo que cumprir a tarefa.

Henrique é desastrado, não faz nada com facilidade: precisa se esforçar para aprender a plantar, a fazer tijolos, a desenhar. Por conta disso, às vezes se machuca e estraga algumas coisas – quando visita o ferreiro, o menino estraga alguns tijolos ao pressionar o dedo enquanto ainda estavam moles, e queima a mão inteira na bigorna por

³⁶⁷ EDGEWORTH, 1822, pp. 11-12. Tradução minha de: “It will be observed, by those who were formerly acquainted with Frank, and who are kind enough to retain any recollection of his early history, that he becomes, we will not say more conceited, that is a harsh word, but more fond of praise, than when we parted from him last. In this tendency to vanity he will be found, probably, to resemble most vivacious boys of his age. (...) Some other faults have likewise broken out in him, which are likely to be the result of an anxious private education”.

³⁶⁸ EDGEWORTH, 1837, p. 54.

descuido. Mas como é perseverante e observador, consegue aprender. Lúcia já parece mais habilidosa: sabe costurar bem, aprende a ler rápido, é observadora, tem jeito com desenho e muitos interesses nos estudos (como botânica). Quando contam um ao outro as tarefas do dia, descrevem as ações de maneira diferente da narração, demonstrando o seu ponto de vista dos ocorridos. Outro recurso pertinente na narrativa da história é a forma com que se interessam pelas atividades um do outro; Lúcia quase sempre pede ao seu pai que a leve para fazer o mesmo que Henrique, e às vezes até a mãe resolve acompanhá-los (como quando vão ver como se queima tijolos).

Rosamunda, por outro lado, é de fato uma menina de personalidade; conseguimos acompanhar seu raciocínio e perceber suas frustrações – isso porque ela é uma personagem melhor construída do que as outras crianças das histórias de Edgeworth, que “naturalmente” sabem fazer apenas o que é certo e não parecem divididas diante de dilemas morais. Tanto que, com frequência, Rosamunda não toma as decisões certas, e nem sempre parece satisfeita em tomar as decisões mais ideais. Em “A redoma rosa”, por exemplo, ela faz a decisão errada; passeando com sua mãe nas ruas de Paris, Rosamunda teve a chance de escolher algum presente. A mãe perguntou se ela não gostaria de comprar um sapato novo, visto que os seus estavam gastos; mas a menina estava deslumbrada com um vaso cor-de-rosa que vira numa vitrine. No fim do conto, sua família vai visitar uma estufa de plantas e Rosamunda não pôde ir porque seus sapatos estavam totalmente desfeitos. Já no “As duas ameixas”, ela toma a decisão certa, mas deixando claro sua frustração: a mãe disse para a menina escolher entre uma caixinha para guardar agulhas, que a menina sempre perdia, e uma ameixa falsa, que era muito divertida e permitiria pregar peças em seus irmãos. A garota reflete muito com a ajuda da sua mãe, e escolhe a caixinha afinal; mas deixa claro que foi uma escolha dura, já que ela realmente preferia a ameixa falsa.

Ela é distraída, ansiosa, sonhadora, esquecida, preguiçosa; mas essas características lhe conferem personalidade. Ela tem um jeito de se comportar, falar e pensar muito próprios: quando acorda de mau humor e faz drama para se levantar e trocar em “Um dia aziago”; quando não segura a ansiedade e sai correndo pelo campo para apanhar as rosas de sua mãe, em “O espinho”; quando fala sobre o coelho invasor do jardim como se fosse uma besta feroz, para logo depois estar com pena no animal, em “O coelho”. Em *Rosamond, a sequel to Early Lessons*, Edgeworth descreve a identificação que sua personagem causava em jovens leitores:

Os jovens leitores vão continuar a ver na mente de Rosamunda (menos infantil, mas sempre oscilante) uma imagem de si mesmos. Talvez poucos terão a variedade de erros, falhas e fraquezas; mas provavelmente compartilharão alguns de seus erros infantis, e algumas semelhanças passageiras serão continuamente apreendidas pelos jovens, ou atribuída pelo laço de anos. Que todos aqueles que de tempos em tempos percebem-se parecidos com Rosamunda ou se identifiquem com ela, imitem também sua constante candura, e sigam seu exemplo no desejo ardente e ativo de melhorar, que caracterizou sua infância, e toda sua juventude, que faz dela uma querida para sua família, e que irá, esperamos, influenciar generosos desconhecidos a seu favor.³⁶⁹

É instigante notar os mecanismos que sua família utiliza para tentar direcionar suas decisões, principalmente por parte de sua mãe, e como Rosamunda sempre resiste a esses direcionamentos, pois pensa de maneira muito própria. Sua mãe sugere que ela verifique o vaso cor-de-rosa antes de compra-la – tarde demais, Rosamunda já está absorva em desejo pelo objeto, imaginando-o na sala da casa. Sua mãe pergunta se ela preferiria a ameixa verdadeira à falsa, para que a filha compreendesse que a ameixa real era mais proveitos – mas Rosamunda se convence com o argumento de que a ameixa falsa seria eterna, e a verdadeira desapareceria assim que terminasse de comer. Sua irmã Laura se apressa para levantar e ficar pronta – mas a menina responde que “já é tarde demais para levantar cedo”, e essa ideia a diverte e conforta.

Ela e seus irmãos não têm muitos diálogos como Henrique e Lúcia, mas no conto “O coelho” há uma discussão de Rosamunda com Orlando e Jorge sobre o que é ou não crueldade com animais que é particularmente engenhosa. Neste conto, Rosamunda e seus irmãos estavam empenhados em desenvolver seus jardins; a menina não tinha a mesma habilidade com jardinagem que Orlando e Jorge, mas com afínco foi capaz de cultivar algumas plantas. Contudo, suas plantas passam a ser destruídas por um coelho. Quando os meninos conseguiram capturar o coelho em uma caixa, Rosamunda decide que vai cuidar do invasor muito bem, para que ele vivesse feliz dentro da caixa. Os irmãos discordam, mostrando que o coelho estava assustado – e que por maior que a caixa fosse, os coelhos deveriam viver em espaços abertos, e não confinados. Eles então começam a

³⁶⁹ EDGEWORTH, 1821, pp. IV-V. Tradução minha de: “The young readers will still see in Rosamond’s less childish, but ever fluctuating mind, an image of their own. Few may have her infinite variety of faults, follies, and foibles; but some of her youthful errors will probably fall to the share of easily, and some passing likeness will be continually caught by the young, or imputed by the old. May all, who are “at all time conscious of resembling Rosamond or reproached with being like her, imitate her constant candor, and follow her example in that ardent, active desire to improve, by which she was characterized in childhood, still more in youth, which made, her the darling of her own family, and which will, we hope, influence generous strangers in her favor”.

discutir o que é considerado crueldade com os animais: confinar o coelho àquela caixa era errado, mas eles tantas vezes não comiam coelhos nas refeições? Confinar seria errado, mas matar não? Jorge chega a propor que eles nunca mais deveriam comer carne de nenhum tipo de animal, mas Orlando lembra que, dessa forma, não poderiam controlar a quantidade de animais e eles comeriam todas as plantações, deixando homens e animais sem alimento. Com esse argumento de Jorge, concluem que não há problemas em comer animais.

“A redoma rosa” é a tradução do conto mais conhecido de Maria Edgeworth. Ele recebeu diversas interpretações, desde a leitura de Dennis Denisoff e McGillis Roderick, que consideram o conto uma parábola da sociedade de consumo, até a leitura de Hollis Robbins, que vê no conto uma metáfora para a chegada da menstruação (o vaso roxo cheio de um líquido indesejado, que causa frustração na menina).³⁷⁰ De toda forma, o conto possui um ambiente marcado pelo capitalismo e o consumismo: o hábito de desejar os produtos dispostos nas vitrines, em geral abarrotadas de manufaturados, é uma realidade dos centros urbanos do século XIX, mas que não era tão comum ainda no começo do século XVIII. Phillipe Ariès comenta que o desejo de adornar a propriedade privada, com itens específicos para cada cômodo da casa (Rosamunda queria colocar sua redoma na sala), é algo sintomático do novo entendimento do espaço privado e da família:

É certo que não se conhece a destinação dos cômodos de habitação, se é que já tinham. Talvez o *studiolo*, ancestral do gabinete francês, tenha sido, nessa sociedade humanista, a primeira forma de especialização do espaço privado. E no entanto, nessa mesma época, começou-se a ornamentar com pequenos objetos, semelhantes aos bibelôs franceses, esses cômodos sem função precisa, mas destinados a vida privada.³⁷¹

O ambiente retratado nos contos de Maria Edgeworth não é urbano: as personagens vivem em vilarejos (ou, nas palavras de Grenby, em “well-to-do villages and cities”)³⁷² onde há criação de animais e campos floridos, mas não grandes comércios ou fábricas e indústrias (tanto que, quando Rosamunda e sua mãe estão olhando as vitrines,

³⁷⁰ Informação disponível na página da *Wikipedia*: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_Purple_Jar> (acesso em 10/01/2017). DENISOFF, Dennis. *The Nineteenth-Century Child and Consumer Culture*. Farnham, Inglaterra: Ashgate Publishing, Ltd., 2008. RODERICK, McGillis. “‘Captain Underpants is My Hero’: Things Have Changed--or Have They?”, In *ChLA Quarterly* 27, 2002. Pp. 62-70. ROBBINS, Hollis Robbins. “A Menstrual Lesson for Girls: Maria Edgeworth's 'The Purple Jar'”, in *Menstruation: A Cultural History*, 2005.

³⁷¹ ARIÈS, 1981, p. 17.

³⁷² GRENBY, s/d.

elas estão visitando a cidade de Londres, ou de Paris, na tração francesa e brasileira). Não há menção aos empregos dos pais de Henrique Lúcia, mas é de se supor que sejam trabalhadores ou proprietários de terras (diariamente verificam como está a queijaria, os animais, e as dependências de uma fazenda). De toda forma, não são nem da elite e nem são pobres, vivem em casas confortáveis (tanto Henrique e Lúcia quanto Rosamunda possuem quartos próprios) e valorizam o trabalho. São diferentes, por exemplo, dos pais de Jem e Susan, do livro *Parent's Assistant*, que estão em apuros financeiros.

Os pais das crianças dos contos têm um comportamento similar: eles se esforçam em demonstrar para os filhos as consequências práticas de suas ações. Quase nunca apelam à autoridade, e quando dão ordens aos seus filhos, sempre buscam justificar seus motivos. A mãe de Franco não pede que o filho pare de balançar a mesa “porque sim”: ela demonstra que o balanço poderia derrubar o tampo solto da mesa. Os pais de Henrique e Lúcia também valoriza a demonstração prática, como quando a mãe explica a diferença entre a fumaça e o vapor, e o pai os leva para ver como se queima tijolo. O pai de Rosamunda, vendo que os filhos estão brincando com bolhas de sabão, aproveita a oportunidade para ensinar alguns conceitos de Newton. Essa valorização da prática é reforçada na advertência do “Vocabulário”:

Todo o objecto perceptível aos sentidos deve ser, quando for possível, ser submettido ao exame do menino, quando elle o dezeja. As qualidades, os nomes, as partes de cada cousa, devem se lhe tornar familiares. A vista de um objecto, a faculdade de o apalpar, de o examinar, lhe ensinaráo mais, do que descripção a mais bem feita. Elle poderá comparar o que leu com o que vio, e rectificar por si mesmo os seos erros.³⁷³

Os pais também não direcionam as escolhas apelando à autoridade paterna/materna, uma vez que valorizam a capacidade de os filhos tomarem decisões sozinhos – por vezes, sabendo que as crianças errarão em suas escolhas, mas que será melhor aprender a partir dos erros (assim como os leitores dos contos). Isso é evidente nas histórias de Rosamunda: a menina quase sempre pede para que a mãe aponte qual o melhor caminho, mas ela sempre insiste que a filha tome as próprias decisões – mesmo sabendo que isso poderá frustrá-la no futuro, como no caso da “Redoma rosa”. Eles dialogam bastante com as crianças, não empregam um tom paternalista e nem infantilizam

³⁷³ EDGEWORTH, 1837, p. 49.

seus filhos – de fato, o único momento em que esse tipo de linguagem aparece no livro é no glossário (“meus amiguinhos”), que não consta originalmente na obra de Edgeworth.

Outra característica dos pais dos contos de Maria Edgeworth é a valorização da leitura: eles fornecem materiais de leitura cuidadosamente selecionados aos filhos e recomendam que leiam em diversas situações. O recurso do “livro dentro do livro”, do “conto dentro do conto” é utilizado com frequência. Eles leem em voz alta para toda a família ou para membros específicos (Rosamunda e Laura leem juntas “Rivuletta”), como era um hábito comum entre familiares ainda no século XIX – tanto no Reino Unido, quanto no Brasil.³⁷⁴ Nem sempre os contos eram publicações de editoras: “O burro maltratado” foi escrito pelo irmão da mãe de Rosamunda, como descrito no livro, e menciona-se que a autora de “Rivuletta” morrera aos 15 anos, mas não deixa claro se foi alguém de sua família. “Rivuletta”, inclusive, estava escrito em letra cursiva, conforme Rosamunda comenta com Laura. Maria Edgeworth também lera os manuscritos de todos os seus livros infantis aos seus 22 irmãos antes de publicá-los: *Parent’s Assistant* nasce justamente do sucesso que suas histórias fizeram com seus irmãos.

Às vezes a leitura é sugerida com propósitos morais, como quando Franco lê “As laranjas, ou o menino honrado e o ladrão” para entender que roubar, seja dinheiro ou laranjas, é errado. A mãe de Franco também inventa histórias para ensinar o menino, com a história sobre a civilização antiga que queria descobrir as vantagens e se plantar castanheiras-da-índia. Em “As laranjas”, Edgeworth representa o conto moral para as crianças, demonstrando suas vantagens educativas e morais. Mas às vezes a leitura é indicada apenas para o lazer e para o aprendizado literário em geral, como os contos que Rosamunda lê, “Rivuletta” e “O burro maltratado”. Em “Rivuletta”, Edgeworth representa as histórias fantásticas e fantasiosas, mostrando como elas são queridas entre crianças sonhadoras como Rosamunda – porém, nem a história fantástica de Edgeworth está livre da racionalidade da autora, que deixa claro que a fada Rivuletta era apenas fruto de um sonho de uma menina. Henrique e Lúcia também leem a história do limpador de chaminés acompanhados pela mãe, que pergunta qual dos dois personagens teve a conduta mais admirável – mas ela não comenta as respostas dos filhos, no sentido de explicar qual personagem é de fato o mais virtuoso, aceitando suas ideias sem direcioná-las.

³⁷⁴ José de Alencar também lia em voz alta para seus familiares, como relata em “Como e por que sou romancista”, 1893.

Nesse livro, é possível identificar as características dos contos infantis de Maria Edgeworth: valores como honestidade, trabalho, solicitude, obediência, polidez e racionalidade são enfatizados nas histórias. Os contos infantis que escreve são morais, mas não explicitamente; são desprovidos de situações ou personagens fantásticas e não abordam religião; algo pouco usual nos livros infantis de então. Apesar de ter uma intenção pedagógica explícita, o livro é eficiente em elaborar enredos interessantes e personagens empáticos e bem construídos. Os elogios de Grenby em “Moral and instructive children’s literature” são pertinentes: a autora desenvolve situações cujos impasses morais são menos óbvios do que poderia se supor.³⁷⁵ Personagens como Rosamunda nos permitem acompanhar o raciocínio de uma criança que busca fazer o bem, mas que nem sempre toma boas decisões; Franco mostra-se solícito e generoso, e com isso consegue desenvolver uma boa convivência com sua família e com as pessoas ao redor; Henrique e Lúcia contribuem um para o desenvolvimento do outro e, com isso, aprendem juntos.

O fato de esses contos específicos se passarem um cenário mais rural do que urbano provavelmente contribuiu para a identificação de leitores brasileiros, dado o alto número de concentração rural que havia no país no século XIX. As visitas aos diversos locais de uma fazenda, como a queijaria e o estábulo, e as informações de como os adultos cuidam destas dependências, são bastante proveitosas aos leitores acostumados a essas dinâmicas. Aprendizados práticos, como o trabalho de um ferreiro e a queima de tijolos, poderiam facilmente ser compreendidas por crianças de diferentes partes do mundo já globalizado do século XIX. A ausência de descrições também auxilia a identificação de crianças em contextos distintos; o que contribuiu para o sucesso das histórias de Frank, Rosamond, Henry e Lucy, ou Franco, Rosamunda, Henrique e Lúcia. Com isso, jovens leitores provenientes de contextos muito distintos, como os da França, da Inglaterra e do Brasil, puderam compartilhar um mesmo repertório literário, e desenvolver gostos por livros semelhantes.

³⁷⁵ GRENBY, s/d.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos que analisam a presença de romances britânicos no Brasil costumam se focar em nomes como Walter Scott, na primeira metade do século, e Charles Dickens, na segunda metade. É claro que a forte presença desses autores em diversos países é indiscutível; no entanto, há uma série de autores pouco celebrados pelas histórias literárias brasileiras que tiveram relevância. Acompanhando a presença de romances escritos por Maria Edgeworth no Brasil e as menções à autora em periódicos brasileiros, a presente pesquisa teve como intuito demonstrar que o grupo de autores britânicos que tiveram importância neste país era mais amplo.

No século XIX, nos dois lados do Atlântico, Maria Edgeworth foi considerada uma autora de peso segundo os critérios da crítica literária de então, mas mudanças nos juízos de valor minaram as possibilidades de sobrevivência literária da autora. Uma abordagem anacrônica da história literária imagina que uma autora moralizante não possui méritos suficientes em seus trabalhos para serem dignos de nota, mas à época as ideias sobre os romances eram distintas. Além de pesquisar a circulação das obras e da imagem da autora de Maria Edgeworth no Brasil, também me interessei em compreender os critérios empregados pela crítica literária oitocentista.

O sucesso de Edgeworth não ocorreu apenas na Inglaterra, Irlanda e Escócia; ele atingiu a França e Alemanha (onde traduções de suas obras foram feitas contemporaneamente), Portugal e Brasil. É provável que os indícios da presença da Edgeworth nesses países, recolhidos nesta pesquisa, sejam apenas a ponta de um iceberg; certamente, há outras menções a autora em catálogos de livreiros ou de bibliotecas que não foram conservados, ou mesmo em jornais brasileiros que não foram ainda digitalizados pela iniciativa da Hemeroteca Digital. E tudo leva a crer que a autora teve presença em muitos outros países, passando pelo Equador, onde há um colégio chamado “Unidad Educativa María Edgeworth”, pela Austrália, uma vez que é possível atestar a

existência de diversos reclames de suas obras no banco de dados AustLit,³⁷⁶ e pela Rússia, visto que *Rosamonde, a tale* consta no catálogo da Biblioteca Pública de Odessa.³⁷⁷

Nas palavras da própria Edgeworth, sua vida não interessava ao público por ser inteiramente doméstica, como a das outras mulheres do período. Mas, levando em consideração as análises críticas que suas obras receberam e as notas biográficas publicadas no outro lado do Atlântico, eu diria que sua vida foi tão atrativa quanto seu trabalho literário. Alguns estudiosos apontam que esse interesse pela vida privada dos autores está diretamente relacionado ao estabelecimento da autoria moderna.

Como analisa Martha Woodmansee e Peter Jaszi, em *The Construction of Authorship*, o surgimento da autoria moderna ocorreu num jogo entre o judiciário e o literário. Até o século XVIII, os autores não dependiam da venda dos livros e nem da recepção pública; a escrita era financiada pelo sistema do patronato. Paulatinamente, o aperfeiçoamento da impressão tipográfica, o surgimento do mercado livreiro e a possibilidade de autores pedirem subscrição prévia de suas obras foi transformando a forma da produção de livros.

Ao longo deste processo, os próprios escritores se converteram nos responsáveis judiciais pelo conteúdo dos livros – algo que se torna explícito em países como o Brasil, que por anos dependeram de uma autorização da censura para realizar importação e produção de livros. Nesse processo, os autores podiam ser punidos pelas ideias contidas nas obras, mas não recebiam os benefícios financeiros das obras aprovadas. Eles também passaram a ser reconhecidos como os gênios por trás das grandes obras (bem como os agentes dos defeitos literários).

Antes da apoteose da autoria, as palavras e os textos circulavam mais livremente. Não que a vigilância fosse relaxada, mas porque prevaleciam as formas de escrita corporativas e colaborativas. (...) As práticas da escrita pública e colaborativa não desapareceram com a ascensão do originário gênio-proprietário. Elas persistiram não apenas na escrita técnica e cotidiana, mas também entre os próprios escritores que contribuíram substancialmente para a reconceptualização dessa atividade no romantismo.³⁷⁸

³⁷⁶ O AustLit foi mencionado na Introdução. Pode ser consultado em: <<https://www.austlit.edu.au>> (acesso em 20/01/2018).

³⁷⁷ Agradeço à Larissa Assumpção por me confirmar essa informação. Uma análise do catálogo dessa biblioteca será feita na dissertação de mestrado da pesquisadora em questão.

³⁷⁸ WOODMANSEE & JASZI, 1994, p. 3. Tradução minha de: “Pior to this aptheosis of autorship words and texts circulates more freely (...). This is not because surbeillance was lax, but because more corporate and collaborative norms of writing prevailed. (...) It is not as if such communal and collaborative writing

Como exemplo, Woodmansee e Jaszi citam o caso de William Wordsworth; apesar de o poeta ter desenvolvido suas obras em parceria com Samuel Taylor Coleridge e com sua irmã Dorothy, a imagem que ele projetava publicamente de si mesmo era a de “um profeta secular com o privilégio de acessar a experiência transcendental e uma habilidade única de traduzir essa experiência para as massas e os consumidores menos iluminados”.³⁷⁹ Além de se promover como um gênio solitário, ele também se tornou um dos mais ferrenhos defensores dos direitos autorais, escrevendo ensaios em que defende que as obras não deveriam entrar em domínio público.³⁸⁰

Olivier Driessens, no ensaio “The celebritization of society and culture: understanding the structural dynamics of celebrity culture”, recorda que esse processo ocorreu em meio à expansão transnacional de impressos. O autor enfatiza a diferença entre “celebratização” (“celebritization”) e “celebrificação” (“celebrification”); enquanto o segundo diz respeito ao processo que converte indivíduos em gênios e em celebridades, o primeiro diz respeito às mudanças culturais e sociais que levaram ao surgimento das celebridades, tais como “a globalização, a criminalização judiciária, e a colonização”.³⁸¹

A cultura dos impressos como um todo contribui para a constituição de processos de autoria: as matérias de jornais, as críticas literárias, os anúncios de jornais, e até mesmos os catálogos de livreiros começaram a separar as obras por seus autores, e a incluir notas biográficas sobre os mesmos.

Frank Donoghue, em *The Fame Machine*, explicita o importante papel que o mercado livreiro e as críticas literárias desempenharam na criação de celebridades literárias a partir do século XVIII. O mercado livreiro foi o responsável por “gradativamente transformar os leitores num grupo social capaz de conferir fama aos autores”.³⁸² O período de publicação das obras de Maria Edgeworth, finais do século XVIII e começo do século XIX, é considerado um momento de definição e transição: o patronato já havia perdido a importância no Reino Unido no que diz respeito à literatura,

practices disappeared with the ascent of the ordinary genius-proprietor. They persisted not only in everyday and technical writing, but among the very writers who contributed most substantially to the Romantic reconceptualization of this activity”.

³⁷⁹ IDEM, p. 4. Tradução minha de: “(...) that of the secular prophet with privileged access to experience of the numinous and a unique ability to translate that experience for the masses and less gifted consumers”.

³⁸⁰ IBIDEM.

³⁸¹ DRIESSENS, 2010, pp. 642-643.

³⁸² DONOGUE, 1996, p. 1. Tradução minha de: “(...) the book trade increasingly transformed readers into the social group capable of conferring fame upon authors”.

mas ainda não havia atingido a fase de ouro do mercado de impressos, a segunda metade do século XX, quando surgem revistas de fofoca, jornais ilustrados e outros tipos de publicação que alimentavam a curiosidade do público leitor.

Nesse ínterim, “a expansão do público leitor tornou muito difícil para os autores determinarem se eles eram ou não bem-sucedidos, exceto pelo sentido puramente material”.³⁸³ O sucesso “material” de Maria Edgeworth foi significativo: seus livros logo esgotavam as edições e ela foi a autora mais bem paga de sua geração, acumulando uma renda superior a £11,000 por seus livros.³⁸⁴ Para fins de comparação, o romance *Castle Rackrent* era vendido por 4s.;³⁸⁵ portanto, com a renda que Edgeworth conquistou com a venda de livros, era possível comprar 55 mil exemplares deste livro.³⁸⁶

Ao longo de *The Fame Machine*, Donoghue argumenta que “a autoria foi sendo definida cada vez mais pela crítica popular, e de 1750 em diante, as carreiras literárias eram principalmente traçadas por críticos, se não feitas inteiramente às custas deles”.³⁸⁷ Para Donoghue, as críticas literárias mais relevantes foram feitas pelo *Monthly Review* e pelo *Critical Review*, uma vez que esses jornais “projetavam-se como os únicos árbitros da produção literária” e “reivindicavam a representação do interesse da elite do público leitor inglês e que articulava esses interesses em seus artigos críticos”.³⁸⁸ Ainda assim, ele ressalta que todos os periódicos tinham sua importância, visto que “cada um tem sua própria voz”³⁸⁹ ao tentar atingir nichos diferentes.

Se levarmos em conta os julgamentos destes árbitros, a produção de Edgeworth foi bem aceita; mesmo por críticos de vozes diferentes, como *Flowers of Literature*, *La Belle Assemblée*, *The Gentleman’s Magazine*, *Edinburgh Review*, *The British Critic*, *Annual Register*, *Quarterly Review*, entre outros. Das 39 críticas analisadas, 70% foram

³⁸³ IDEM, p. 2. Tradução minha de : “The expansion of the reading public made it very difficult for authors to determine whether they were successful, except in a purely material sense”.

³⁸⁴ LABBE, 2010, p. 35.

³⁸⁵ Informação disponível nos anúncios de venda de *Castle Rackrent*. Disponível em: <<https://www.austlit.edu.au>> (acesso em 20/01/2018)

³⁸⁶ 1 libra representava o valor de 20 xelins na época. Informação disponível no site Project Britain: <<http://projectbritain.com/moneyold.htm>> (acesso em 20/01/2018).

³⁸⁷ DONOGHUE, 1996, p. 3. Tradução minha de: “(...) authorship became increasingly defined in popular criticism, and that from 1750 onward, literary careers were chiefly described, and indeed made possible, by reviewers”.

³⁸⁸ IDEM. Tradução minha de: “projected themselves as sole arbiters of the literary production. They claimed to represent the interest of the elite among the English reading public and to articulate those interests in their review articles”.

³⁸⁹ IBIDEM.

positivas ou predominantemente positivas. E a boa reputação da autora não foi apenas no contexto britânico: ela ecoou internacionalmente, a ponto de ser considerada, para um crítico literário brasileiro, Visconde de Taunay, como um dos maiores nomes da literatura britânica, digno de estar, sem distinções, ao lado de Scott, Richardson, Swift, Fielding e Goldsmith.

Mesmo as críticas negativas e neutras foram determinantes para o sucesso Edgeworth, assim como as ressalvas que eram feitas em meio a críticas positivas. Donoghue atesta que uma das grandes dificuldades encontradas pelas mulheres escritoras do século XVIII era obter reconhecimento por parte da crítica. Não que os críticos fossem mais exigentes com mulheres do que com homens, mas justamente o contrário: “as críticas relevantes simplesmente avaliavam a escrita das mulheres com um parâmetro diferente, menos exigente, o que privou as autoras de terem a mesma fama conferida aos autores”.³⁹⁰

Contudo, apesar de Edgeworth ser julgada com mais firmeza do que seria caso fosse considerada uma autora irrelevante, suas obras não eram analisadas da mesma maneira que as escritas por homens. A cobrança da religiosidade pelo fato de se tratar de uma mulher escritora fica explícito nas críticas do *The Eclectic Review*, um periódico cristão, que não perdoava que uma mulher atraísse olhares públicos e se declarasse irreligiosa, visto que “para uma mulher, a (...) religião deve ser uma graça necessária”.³⁹¹ A ênfase na análise da moralidade nos romances de Edgeworth também é um indicativo desse duplo parâmetro; pressupondo que uma mulher deveria ser virtuosa, os críticos ficavam atentos a esse aspecto nas análises das obras dela.

As críticas a *Tales of Fashionable Life* publicadas no *Critical Review*³⁹² e *Quarterly Review*,³⁹³ que condenam o excesso de moralidade nos romances de Edgeworth, revelam um momento em que os críticos demonstram ter ciência de que o julgamento feito para

³⁹⁰ IBIDEM, p. 6. Tradução minha de: “The major reviews simply evaluated women's writing by a different, less demanding standard, and they thereby deprived female authors of the same fame they purported to confer upon men”.

³⁹¹ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *The Eclectic Review*, volume 8: pp. 979-1000. Tradução minha de: “For a woman, to whom religion appears a necessary grace, (...) for a woman, to strike the public eye, and incur public censure, as irreligious, cannot be otherwise than painful, must be felt as derogating from the first character she has to sustain, the character of sex, to the proprieties of which, talent can offer no indulgence”.

³⁹² Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *Critical Review* (agosto de 1812): pp. 113–26. Tradução minha disponível no Capítulo 2.

³⁹³ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *The Quarterly Review*, volume 2 (1809): 146-54. Tradução minha disponível no Capítulo 2.

romances escritos por mulheres é diferente do feito para outros gêneros, tanto literários quanto o masculino. Contudo, eles enfatizam que deram o voto de confiança a Edgeworth por ela ser bem quista pelos colegas críticos entre os autores de romances.³⁹⁴

No trecho acima, fica explícito que, além das dificuldades encontradas por ser uma mulher no campo literário, havia também os impedimentos de se considerar o romance como um gênero literário respeitável. Como Donoghue bem observa, uma estratégia recorrente entre as escritoras era ressaltar a aprovação que outros homens sancionaram às suas obras para evitar os julgamentos por conta de seu gênero – “a mulher poderia apresentar suas escritas ao público leitor geral como um trabalho endossado e mediado por um ‘padrinho literário’, visando assim compartilhar a legitimidade de que um homem estava no comando”.³⁹⁵ No caso de Edgeworth, seu pai serviu como padrinho literário, e, sob alguns aspectos, ele esteve de fato no comando da produção da filha.

Seja alterando partes do enredo para adequar os romances as suas convicções (como retirar o casamento inter-racial de *Belinda*), seja destacando a moralidade da obra da filha e os usos que esperava de seus romances nos prefácios, Edgeworth-pai ao mesmo tempo tornou a carreira possível e cerceou o desenvolvimento da autora. *Castle Rackrent*, a única obra que Edgeworth-filha lançou sem o conhecimento do pai, possui uma ênfase moral bem menos enfática do que nas obras posteriores; o mesmo acontece com *Helen*, lançado depois da morte de seu pai. E, se por um lado a moralidade foi bem recebida pelos críticos que viam Edgeworth como uma mulher que escrevia para outras mulheres (e, portanto, deveriam estar sob vigilância moral), por outro prejudicou a recepção de suas obras pela crítica mais séria, como as críticas do *Critical Review* e *Quarterly Review* supracitadas atestam.

Maria Edgeworth é associada a Richard Lovell Edgeworth mesmo nas menções nos jornais brasileiros. O folhetim “O romance religioso de Roselly de Lorgues”, apesar de apresentar Edgeworth como personagem no enredo, inicia sua narrativa lembrando do

³⁹⁴ Crítica a *Tales of Fashionable Life*, em *The Quarterly Review*, volume 2 (1809): 146-54. Tradução minha de: “Miss Edgeworth, however, has more honourable [sic] claims to critical notice, and such as cannot be allowed to the ordinary class of manufacturers of novels. Though not perhaps what is called a fine writer, she possesses a considerable share of genius and originality; and has shewn, in her *Treatise on Education*, talents, which if not equal to that subject, are at the same time much superior to the task of fabricating books of mere amusement”.

³⁹⁵ DONOGHUE, 1996, p. 162. Tradução minha de: “A woman could present her writing to the general reading public as work endorsed and mediated by a male literary sponsor, thus aiming to share in the legitimacy that the man might command”.

pai: “Um célebre filantropo, Sir Richard Sydney, veio visitar a nossa capital em companhia de sua filha miss Mary Edgeworth”.³⁹⁶ Em 1886, *A Província de Minas* publicou uma nota de um diálogo possivelmente fictício do pai com a filha: “Maria, estou-me tornando muito popular; brevemente não hei de servir para nada, porque o homem popular não tem préstimo algum”.³⁹⁷ E a nota biográfica de Maria Edgeworth publicada no *Mercantil* ressalta o “insigne engenheiro e publicista Ricardo Lowel Edgeworth”.³⁹⁸

A vida de Edgeworth provavelmente não foi muito diferente da vida de outros autores consagrados do período: tinham família, trocavam cartas com outros escritores, entravam em contato com as casas editoriais, discutiam detalhes das publicações com os editores, recebiam pagamentos, acompanhavam as atividades dos críticos literários. Mas, nas narrativas de sua história, por se tratar de uma mulher, há marcas de sua vida que são ressaltadas (a ênfase na criação dos irmãos) e episódios que são ocultos (a ajuda que prestou a população irlandesa durante a Grande Fome) – ainda que ambos tenham peso na sua produção, considerando tanto seu gosto pela literatura infantil (que eram lidas para seus irmãos de geração em geração) quanto sua vontade de retratar as dificuldades enfrentadas pela Irlanda em relação à Inglaterra. É também na narrativa da própria existência enquanto escritora que as diferenças entre homens e mulheres surgem, como indica Donoghue:

Impedimentos às conquistas profissionais das mulheres foram agravados no meio literário, no qual mulheres autoras tinham que defender constantemente a decisão nada feminina de escrever e publicar. (...) Eu gostaria de (...) destacar a dificuldade específica que as mulheres experimentaram não só na escrita profissional, mas em ter uma história de vida profissional análoga a dos escritores homens bem-sucedidos.³⁹⁹

Ainda que a crítica, os periódicos e o mercado livreiro desempenhem uma função primordial neste processo, ser bem recebido pela crítica literária e ter um bom número de vendas não é suficiente para que um autor seja considerado uma celebridade literária.

³⁹⁶ “O romance religioso de Roselly de Lorgues”. In *A Instrução Pública*, dia 22 de março de 1874, Rio de Janeiro, pp. 7-8.

³⁹⁷ *A Província de Minas* (órgão do partido conservador), 8 de abril de 1886, p. 2.

³⁹⁸ *Mercantil* (Petrópolis), 12 de novembro de 1887, p. 2.

³⁹⁹ DONOGHUE, 1996, p. 6. Tradução minha de: “Impediments to women's professional achievement were compounded in the literary world, where women authors had to defend constantly the unladylike decision to write for publication. (...) I wish (...) to underscore the particular difficulty women experienced not only in writing professionally, but in having a professional life story analogous to those of successful male writers”.

Ghislaine McDayter, em *Byromania and the birth of celebrity culture*, utiliza Lord Byron como o exemplo mais emblemático de celebridade literária no século XIX, com o intuito de compreender melhor os mecanismos que tornam leitores fascinados pelos autores. McDayter, vale lembrar, não parte do pressuposto de que Byron tenha inaugurado essa categoria; “o que esse livro argumenta não é que Byron criou a celebridade, mas sim que sua fama fornece um teste ideal para examinar a complexa matriz de forças que levou ao que nós chamamos atualmente de celebridade”.⁴⁰⁰

Não pretendo concluir que Maria Edgeworth teria sido uma celebridade literária do alcance de Lord Byron; apenas gostaria de demonstrar que a tal “complexa matriz de forças” que tonaram a vida dele tão hipnótica para o público britânico já era capaz de tornar a vida de Edgeworth atrativa. É evidente que Maria Edgeworth não causava desmaios e alvoroços como Byron – mas, ainda assim, de maneira mais tímida, sua presença na Escócia foi suficiente para garantir os entusiasmados gritos de “Oh, a Lady Delacour!”, “Oh, Letters for Literary Ladies!”.⁴⁰¹

A verdadeira provação para um escritor ser considerado uma celebridade é, para McDayter, o fato de a figura do autor despertar a curiosidade dos leitores por si só, sem necessariamente envolver interesse pelas obras literárias por ela produzida – ou seja, quando o indivíduo por trás dos livros se torna descolado dos livros em si. O interesse extraliterário seria o principal motor do fascínio dos britânicos pela figura de Lord Byron:

A fama de Byron é portanto explicada pelo chauvinismo britânico, pela curiosidade autobiográfica, e por seu sex appeal muito divulgado. Era (e é) dificilmente considerado um resultado de sua escrita per se. Discussões da fama de Byron não são geralmente celebradas pelo tipo literário de seu trabalho como poeta; para a maioria dos críticos, a *Byromania* é um evento extraliterário que não podia mais ser explicado pelos termos usuais da fama aristocrática. O que Londres estava testemunhando com o frenesi da *Byromania* era um sintoma do nascimento de um fenômeno muito maior, conhecido atualmente como a cultura de celebridade.⁴⁰²

⁴⁰⁰ MCDAYTER, 2009, pp. 4-5. Tradução minha de: "What this book will argue is not that Byron created celebrity but rather that his fame provides an ideal test case for examining the complex matrix of forces that lead to what we now think of as celebrity".

⁴⁰¹ Carta de Maria Edgeworth à Senhorita Sneyd, 27 de setembro de 1803. In HARE, 1894, pp. 87-88. Tradução minha de: "The moment Mrs. Edgeworth entered, Miss Watts, mistaking her for the authoress, darted forward with arms, long thin arms, outstretched to their utmost swing: 'Oh, what an honor this is!' (...) She now drew her chair close to me, and began to pour forth praises: 'Lady Delacour, O! Letters for Literary Ladies, O!'".

⁴⁰² MCDAYTER, 2009, pp. 3-4. Tradução minha de: "Byron's fame is thus explained by British chauvinism, autobiographical curiosity, and by his much-advertised sex appeal. It was (and is) rarely considered to be result of his writing per se. Discussions of Byron's fame are not generally of the literary

Enquanto parte da crítica literária se debruçava sobre as obras de Maria Edgeworth propriamente ditas, a vida da autora começava a ser algo digno de curiosidade. Mesmo nas críticas dedicadas aos romances, muitas vezes há mais comentários extratextuais sobre a autora do que análises de elementos como enredo, personagem, linguagem, etc. 88% das críticas fazem comentários sobre a autoria. As críticas de *Belinda*⁴⁰³ e de *Popular Tales*⁴⁰⁴, que ilustram o funcionamento do DLNotes2 no Capítulo 2, são exemplares nesse sentido: em ambos, os críticos não se valem de nenhum elemento textual, eles se limitam a comentar a boa reputação de Edgeworth, os possíveis efeitos de leitura e tecem observações sobre o gênero romanesco como um todo. Mais da metade das críticas enfatizam que o fato de a autora ser irlandesa a tornava qualificada para retratar as paisagens, a linguagem e os costumes do país; e 41% delas encontravam paralelos entre a vida da autora e os conteúdos dos romances.

No mesmo sentido, o jornal brasileiro *Mercantil* preferiu trazer uma nota biográfica da “célebre romancista inglesa”, destacando que ela “repartiu os anos de sua vida entre a cultura das belas-letas, o auxílio que prestou a seu pai, (...) a parte que tomou na educação de seus irmãos mais novos, e igualmente a caridade com que se deliciava em socorrer as crianças pobres”⁴⁰⁵ – ou seja, uma atenção para os aspectos privados da vida de Edgeworth. Nesse mesmo jornal, citam como obras escritas por ela *Contos Populares* e *Contos da Vida Elegante*, traduções que nunca foram feitas para o português, o que permite concluir que não estavam interessados em discorrer sobre um trabalho específico de Edgeworth. No mesmo sentido, o folhetim “O romance religioso de Roselly de Lorgues”⁴⁰⁶ apresenta Maria Edgeworth como uma personagem.

Com a proliferação de novas mídias – cadernos de viagens, guias de conduta, jornais de massas, periódicos ilustrados, e colunas de fofoca – veio a correspondente obsessão com as vidas, as casas e os corpos das celebridades literárias. Em meio à expansão das redes da representação, os autores foram vistos como homens e mulheres exemplares que incorporavam as ansiedades e os ideais da vida moderna. Ao mesmo tempo, eles eram vistos como as engrenagens da cultura impressa

sort in which the work of the poet is celebrated; for most critics, Byromania was an extraliterary event that could no longer be contained by usual terms of artistic 'fame'. What London was witnessing in the frenzy of Byromania was instead a symptom of the birth of the larger phenomenon now known as celebrity culture"

⁴⁰³ Crítica a *Belinda* publicada no *The Monthly Magazine* em 1802.

⁴⁰⁴ Crítica a *Popular Tales* publicada no *The Monthly Magazine* em 1805.

⁴⁰⁵ *Mercantil* (Petrópolis), 12 de novembro de 1887, p. 2.

⁴⁰⁶ “O romance religioso de Roselly de Lorgues”. In *A Instrução Pública*, dia 22 de março de 1874, Rio de Janeiro, p. 7.

popular, cujos trabalhos se ligavam às demandas burguesas dos commodities literários.⁴⁰⁷

Apesar de a pesquisa de Alexis Easley se situar em período posterior à análise deste trabalho, *Literary celebrity, gender, and victorian authorship, 1850-1891*, suas reflexões sobre as expectativas dos leitores quanto à vida dos autores são válidas para Edgeworth. E ali vemos a construção da imagem que a autora angloirlandesa encarnou para seus leitores oitocentistas: a autora irlandesa engajada na defesa de seu país, a filha exemplar que se dedicou à família, a escritora “feminil” que não perdeu a graça por se dedicar à escrita.

A questão das celebridades literárias na passagem do século XVIII ao XIX abrange diversos temas que foram importantes para este trabalho: a circulação transatlântica de impressos e de ideias (visto que nomes de autores se tornavam conhecidos em países diversos a partir de referências comuns); as dificuldades que as mulheres enfrentavam ao tentar se estabelecer como autoras; o peso da crítica literária e do mercado livreiro na formação de públicos leitores; os impactos da globalização da cultura no período, que resultou em conexões literárias entre países de contextos diferentes. Com sua vida supostamente pacata e seus livros moralizantes, Edgeworth pode ser considerada uma celebridade literária oitocentista, por ter conquistado públicos diversos e por se inserir em culturas distintas – de folhetins brasileiros às bibliotecas da realeza; passando pelos pedidos de remessas de livros submetidos à censura e pelos textos críticos publicados no Reino Unido.

⁴⁰⁷ EASLEY, 2009, p. 11. Tradução minha de: “With the proliferation of new media - travel, guidebooks, mass-market newspapers, illustrated periodicals, and gossip columns - came a corresponding obsession with the lives, homes and bodies of literary celebrities. Located within expanding networks of representation, authors came to be viewed as exemplary men and women who embodied the anxieties and ideals of modern life. At the same time, they were viewed as the engines of popular print culture whose works met the burgeoning demand for literary commodities” p. 11

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia (org.). *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- _____. *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2000.
- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, Brasil: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2003.
- _____. *Cultura letrada - literatura e leitura*. São Paulo, Brasil: Editora Unesp, 2006.
- _____. (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 2008.
- _____. “Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil”. In *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 22, n. 1. Belo Horizonte: 2013. Pp. 15-39.
- _____. “Problemas de história literária e interpretação de romances”. In *Todas as Letras X*, v. 16, n. 2. São Paulo, 2014-b. Pp. 39-52.
- _____. & DEACTO, Marisa Midori. (org.). *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014-b. Disponível em: https://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre (acesso em 06/09/2016).
- _____. & MITTMAN, Adiel. "Ler o passado com ferramentas do futuro: uma análise digital de textos críticos do início do século XIX". In *Alea*, vol.19, n.3. 2017. Pp.651-667.
- ALONSO, Ângela Maria. “O abolicionismo como movimento social”. In *Novos estudos – CEBRAP*, n. 100, novembro. São Paulo, Brasil: 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002014000300115#fn06 (acesso em 06/09/2016).
- ARIÈS, Philippe. *A História Social da Criança e da Família*. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro, Brasil: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347615/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia,%20Aries.pdf (acesso em 06/09/2016).

ASSUMPTÃO, Larissa. “A presença de obras ficcionais na biblioteca da Família Imperial Brasileira”. In *VII Simpósio Nacional de História Cultural: Escritas, Circulação, Leituras e Recepções*. São Paulo: USP, 2014. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Larissa%20de%20Assumpcao%20&%20Marcia%20Abreu.pdf>> (acesso em 06/09/2016).

_____. *O lugar do romance em bibliotecas oitocentistas: a presença de obras ficcionais em livros sobre a formação de bibliotecas e nos catálogos da Biblioteca Fluminense e da Biblioteca Imperial*. Orientação: Profa. Dra. Márcia Abreu. Monografia apresentada ao IEL-Unicamp, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários: Campinas, Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=64580>> (acesso em 06/09/2016).

AUGUSTI, Valéria. *O Romance como Guia de Conduta: A Moreninha E Os Dois Amores*. Orientação: Profa. Dra. Márcia Abreu. Dissertação apresentada ao IEL/Unicamp, como requisito para obtenção do título de Mestre: Campinas, 1998. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270276>> (acesso em 06/09/2016).

BAGGERMAN, Arianne. *Child of the Enlightenment*. Boston, Estados Unidos: Brill, 2009.

BILGER, Audrey. *Laughing Feminisms*. Detroit, Estados Unidos: Wayne State University Press, 2002.

BODE, Katherine. “Chapter 1: Literary Studies in the digital era”. In *Reading by Numbers*, 2012, pp. 7-21. Disponível em: <<http://www.austlit.edu.au/austlit/static/new/files/newsitefiles/Chapter-1-RbN.pdf>> (acesso em 02/10/2016).

_____. “Graphically Gendered: A Quantitative Study of the Relationships between Australian Novels and Gender from the 1830s to the 1930s”. In *Australian Feminist Studies* 23.58 (2008). pp. 435-450. Disponível em: <https://openresearch-repository.anu.edu.au/handle/1885/8559> (acesso em 02/10/2016).

BUTLER, Marilyn. *Maria Edgeworth: A Literary Biography*. Londres, Reino Unido: Oxford University Press, 1972.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CIPRIANO, Fernando. “Télémaque roman pédagogique. Quelques nouvelles orientations des études”. In *Les Aventures de Télémaque. Trois siècles d'enseignement du*

français, vol I. (2003). Disponível em: <<https://dhfiles.revues.org/1525>> (acesso em 05/05/2017).

DARNTON, Robert. "The forbidden books of Pre-revolutionary France". In *Rewriting the French Revolution*, Harvard University, 1991. Pp. 1-32. Disponível em: <<http://www.robertdarnton.org/sites/default/files/The%20Forbidden%20Books%20of%20Pre-revolutionary%20France.pdf>> (acesso em 30/09/2016).

_____. *The case for books: past, present and future*. New York: Public Affairs, 2009.

DAUDET, Alphonse. *Les rois en Exile*. Paris, França: E. Dentu, 1879. Disponível em: <<https://archive.org/details/lesroisenexiler00daudgoog>> (acesso em 10/09/2017).

DICKENS, Charles. "Frauds on Fairies". In *Household Words*, 1º de outubro de 1853. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/dickens/pva/pva239.html>> (acesso em 04/01/2017).

DONOGHUE, Frank. *The Fame Machine: Book Reviewing and Eighteenth-Century Literary Careers*. Palo Alto, EUA: Stanford University Press, 1996.

DRIESSENS, Oliver. "The celebritization of society and culture: understanding the structural dynamics of celebrity culture". In *International Journal of Cultural Studies*, vol. 16, n. 6, 2010.

EASLEY, Alexis. *Literary celebrity, gender, and victorian autorship, 1850-1891*. Newark, EUA: University of Delaware Press, 2009.

ESTIMA, Andrea & FLORES, Rosana. "O perfil de leitura dos folhetins em periódicos rio-grandinos". In *Anais IV Enapel - Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários: percursos e propostos*. Feira de Santa, Bahia: 15, 16 e 17 de setembro de 2010. pp. 74-84. Disponível em: <http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p74-84.pdf> (acesso em 30/09/2016).

EDGEWORTH, Maria. EDGEWORTH, Richard Lovell. *Practical Education*. Londres, Inglaterra: J. Johnson, 1798. Disponível em: <<https://archive.org/details/practicaleducati00edge>> (acesso em 07/10/2016).

EDGEWORTH, Maria. *Letters for Literary Ladies*. Londres, Inglaterra: J. Johnson, 1795. Disponível em: <<https://archive.org/details/lettersforliter02edgegoog>> (acesso em 08/10/2016).

_____. *Castle Rackrent*. Londres, Inglaterra: J. Johnson, 1801. Disponível em: <<https://archive.org/details/castlerackrentb01edgegoog>> (acesso em 05/05/2017).

_____. *Popular Tales*. Londres, Inglaterra: J. Johnson, 1804. Disponível em: <https://archive.org/stream/populartales03edge/populartales03edge_djvu.txt> (acesso em 20/10/2016).

_____. *Leonora*. Londres, Inglaterra: J. Johnson, 1806. Disponível em: <<https://archive.org/details/leonora01edgegoog>> (acesso em 05/05/2017).

_____. *Belinda*. Londres, Inglaterra: J. Johnson, 1810. Disponível em: <<http://digital.library.upenn.edu/women/edgeworth/belinda/belinda.html>> (acesso em 05/05/2017).

_____. *Memoirs of Richard Lovell Edgeworth*. Londres, Inglaterra: Baldwin & Cradock, 1820. Disponível em: <<https://archive.org/details/memoirsrichardl03edgegoog>> (acesso em 05/05/2017).

_____. *Rosamond: A Sequel To Early Lessons*. Londres, Inglaterra: R. Hunter & Baldwin, Cradock, and Joy, 1821. Disponível em: <<https://archive.org/details/rosamondasequel01edgegoog>> (acesso em 30/09/2016).

_____. *Frank: A Sequel To Early Lessons*. Cambridge, Inglaterra: Hilliard and Metcalf, 1822. Disponível em: <<https://archive.org/details/franksequeltofra01edge>> (acesso em 30/09/2016).

_____. *Early Lessons*. 4 volumes. 9ª edição. Londres, Inglaterra: R. Hunter; Baldwin, Cradock, and Joy; Simpkin and Marshall; and Hamilton and Adams, 1824. Disponível em: <<https://archive.org/details/earlylessons01edgegoog>> (acesso em 30/09/2016).

_____. *Éducation familière: ou séries de lectures pour les enfants, depuis le premier âge jusqu'à l'adolescence*. Volume 1. Tradução: Louise Swanton Belloc. Bruxelas, Bélgica: Librairie Polymathique, 1832. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=8UIQAAAACAAJ&hl=pt-BR&pg=PP11#v=onepage&q&f=false>> (acesso em 30/09/2016).

_____. *Tales of Fashionable Life*. Londres, Inglaterra: Baldwin & Cradock, 1832. Disponível em: <<https://archive.org/details/talesfashionabl00edgegoog>> (acesso em 02/10/2016).

_____. *Tales of Fashionable Life*. Londres, Inglaterra: Baldwin & Cradock, 1832. Disponível em: <<https://archive.org/details/talesfashionabl05edgegoog>> (acesso em 18/09/2017).

_____. *Life and Letters from Maria Edgeworth*. Londres, Inglaterra: Baldwin & Cradock, 1895. Disponível em: <<https://archive.org/stream/lifeandlettersm02haregoog>> (acesso em 20/10/2016).

_____. *Castle Rackrent*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 1995.

FRANCISCON, Tais. “Mulheres e romances, gêneros perigosos: ideias oitocentistas sobre leitoras e autoras de romances no Reino Unido”. In *Caderno Espaço Feminino*, vol. 30, n. 1, 2017-a. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/36632/pdf>> (acesso em 30/08/2016).

_____. “Maria Edgeworth: uma romancista britânica no Brasil”. In *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, vol. 1, n. 1. Florianópolis, 2017-b. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500071571_ARQUIVO_FRANCISCON,Tais.MariaEdgeworth,umaromancistabritanicoBrasil.pdf> (acesso em 10/01/2018).

_____. *Presença romances nos jornais The Times e Gazeta do Rio de Janeiro: comércio livreiro, imprensa e circulação de livros de 1800 a 1820*. M Orientação: Profa. Dra. Márcia Abreu. onografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamo) como requisito para obtenção de título de Licenciado em Letras – Português, 2014.

FRANZ, Robert. *Souvenirs d'une cosaque*. Paris, França : A. Lacroix, 1874. Disponível em: <<https://archive.org/details/souvenirsduocos00fran>> (acesso em 10/09/2017).

GRENBY, Matthew O. *The Anti-Jacobin Novel: British Conservatism and the French Revolution*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2001.

_____. *The Child Reader: 1700-1840*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2011.

_____. “Moral and instructive children’s literature”. In *British Library: Romantics and Victorians*, s/d. Disponível em: <<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/moral-and-instructive-childrens-literature>> (acesso em 30/08/2016).

HALL, S. C. *A book of memories of great men and women of the age, from personal acquaintance*. Londres: View, 1877. Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924104003144>> (acesso em 02/10/2016).

HARE, Augustus J. C. *The life and letters of Maria Edgeworth*. Boston & New York, Estados Unidos: Houghton, Mifflin And Company, 1894. Disponível em: <https://archive.org/stream/lifelettersofmar01edgeiala/lifelettersofmar01edgeiala_djvu.txt> (acesso em 02/10/2016).

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Impérios (1875-1914)*. Tradução: Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009-a.

_____. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. Tradução: Marcos Penchel e Maria L. Teixeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009-b.

_____. *A Era do Capital (1848-1875)*. Tradução: Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009-c.

HOLLINGWORTH, Brian. *Maria Edgeworth's Irish writing: language, history, politics*. Nova York, Estados Unidos: St. Martin's Press, 1997

HUGHES, Kathryn. "Gender roles in the 19th century". In *British Library*, website. Disponível em: <<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/gender-roles-in-the-19th-century>> (acesso em 03/10/2016).

JANEWAY, James. *A token for children: Being and exact account of the conversion, holy and exemplary lives and joyful deaths of several young children*. Boston, Estados Unidos: Z. Fowle, 1777. Disponível em: <<https://archive.org/details/tokenforchildren00janeiala>> (acesso em 04/01/2017).

LABBE, Jacqueline M. *The History of British Women's Writing, 1750-1839*. Volume 5. Hampshire, Inglaterra: 2010.

LAM, Siobhan. "Be good dear child... Or else". In *Victorian Web*, website. 2004. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/genre/childlit/moraltales.html>> (acesso em 04/01/2017).

LAMÉ-FLEURY, Jules Raymond. *L'histoire ancienne, racontée aux enfants*. Paris, França: Lausanne, 1844 (7ª edição). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k63021264>> (acesso em 10/09/2017).

_____. *La mythologie racontée aux enfants*. Paris, França: C. Borbani, 1872. Disponível em: <<https://archive.org/details/JulesRaymondLameFleury-LaMythologieRaconteeAuxEnfants-LaMythologie>> (acesso em 10/09/2017).

LAWLESS, Emily. *English Men of Letters: Maria Edgeworth*. Londres, Inglaterra: Macmillan and Co., 1905. Disponível em: <<http://digital.library.upenn.edu/women/lawless/edgeworth/edgeworth.html>> (acesso em 30/06/2017).

LITTLEWOOD, Ian. *Jane Austen: critical assessments*. Londres, Inglaterra: Helm Information Ltd, 1998. p. 198.

LORGUES, Antoine-François-Félix Roselly de. *Christophe Colomb*. Paris: Société Générale de Librairie Catholique, 1887 (3ª edição). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9323815>> (acesso em 11/09/2017).

_____. *Le livre des communes, ou Régénération de la France par le presbytère*. Paris: L. T. Hivert, 1842 (3ª edição). O trecho presente no folhetim estão nas páginas 421-425. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=j-pu6fG6dW0C&lpg=PA425&ots=pnG->

[lqN1F6&dq=Roselly%20de%20Lorgues%20mary%20edgeworth&hl=pt-BR&pg=PA3#v=onepage&q&f=false](#)> (acesso em 11/09/2017).

LYONS, Martyn. "New Readers in the 19th Century: Women, Children, Workers". In *Readers and Society in Nineteenth-Century France: Workers, Women, Peasants*. Basingstoke, Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2001. pp. 313-469. Disponível em: <<http://cooper.library.illinois.edu/spx/readcult/Blog/Lyons.pdf>> (acesso em 02/10/2016).

MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. Tese de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2010.

MCCORMACK, W. J. "Edgeworth, Maria (1768–1849), novelist and educationist". In *Oxford Dictionary of National Biography* (online edition), s/d. Disponível em: <<http://www.oxfordscholarlyeditions.com/view/10.1093/oseo/person.00000251?rskey=uXyvbr&result=89>> (acesso em 02/10/2016).

MCDAYTER, Ghislaine. *Byromania and the birth of celebrity culture*. Nova Iorque, EUA: State University of New York Press, 2009.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo, Brasil: Edusp, 2001.

MORETTI, Franco. "The Slaughterhouse of Literature". In *MLQ: Modern Language Quarterly*, Volume 61, Number 1. Durham, EUA: Duke University Press, 2000. Pp. 207-227. Disponível em: <<https://msu.edu/course/eng/487/johnsen/61.1moretti.pdf>> (acesso em 02/10/2016).

_____. *Atlas do Romance Europeu: 1800-1900*. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo, Brasil: Boitempo Editorial, 2003.

NASH, Julie. *New essays on Maria Edgeworth*. Londres, Inglaterra: Ashgate Publishing, Ltd., 2006

PEARSON, Jacqueline. *Women's Reading in Britain, 1750-1835: a dangerous recreation*. Nova Iorque, EUA: Cambridge University Press, 1999. Disponível parcialmente em: <https://books.google.com.br/books?id=4BaREJtu3c0C&lpg=PP1&ots=kfh_H0EN7F&

[dq=J.%20Pearson%3A%20Women%E2%80%99s%20Reading%20in%20Britain%20\(1999\)&lr&hl=pt-BR&pg=PR4#v=onepage&q&f=false](#)> (acesso em 02/10/2016).

RAVEN, James. “British publishing and bookselling: constraints and developments”. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris, França: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001.

ROGERS, Pat. “Review: *Mothers of the novel*”. In *London Review of Books*, Vol. 8, No. 14, 7 de Agosto de 1986, pp. 11-13. Disponível em: <<http://www.lrb.co.uk/v08/n14/pat-rogers/puellilia>> (acesso em 04/10/2016).

SCHAPOCHNIK, Nelson. “Uma biblioteca desaparecida: *The Rio de Janeiro Subscription Library*”. In *Caminhos do Romance*, website. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/bibliotecadesaparecida.pdf>> (acesso em 06/10/2016).

_____. “Piratária e mercado livreiro no Rio de Janeiro: Desiré-Dujardin e a Livraria Belgofrancesa, 1843-1851”. In *Revista História (São Paulo)*, n. 174, jan.-jun., 2016. Pp. 299-325. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2016.115465>> (acesso em 06/10/2016).

SCOTT, Walter. “A Postscript, which should have been a Preface”. In *Waverley*. Boston, Estados Unidos: Bazin & Ellsworth, 1850, p. 244. Disponível em: <https://archive.org/details/waverley00scot_2> (acesso em 07/05/2017).

SHEFRIN, Jill & HILTON, Mary. *Educating the Child in Enlightenment Britain*. Chicago, Estados Unidos: Chicago University Press, 2009

SOBREIRA, Moizeis. “Vendus à sa majesté la Reine: Romans acquis par Carlota Joaquina au Brésil (1808-1821)”. In *Colloque International Histoire de la Littérature*. Dijon, França: Université de Bourgogne, 2017.

SOUZA, Daniela Montenegro de. *O surgimento do comércio de romances ingleses nas lojas do Rio de Janeiro: dos requerimentos à Vossa Majestade aos armazéns de “commodo preço”*. Orientação: Profa. Dra. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Modernas da FFLCH, USP. São Paulo, 2014.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2007.

3A%2F%2Fhrcaak.srce.hr%2Ffile%2F49661&usg=AFQjCNG9qxGza6HvmF1hve3z_Y8A9X1H5A> (acesso em 30/09/2016).

WOODMANSEE, Martha & JASZI, Peter. *The Construction of Authorship: Textual Appropriation in Law and Literature*. Durham, EUA: Duke University Press, 1994.

ZILBERMAN, Regina LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, SP: Ática, 1996.

ZOLA, Émile. MAUPASSANT, Guy de. HUYSMANS, J.-K. CÉARD, Henry Céard. HENRIQUE, Léon. ALEXIS, Paul. *Les Soirées de Médan*. Paris, França: Georges Charpentier, 1880.